

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO DE HISTÓRIA SOCIAL DAS RELAÇÕES POLÍTICAS

Claudio Marcio Coelho

**Gilberto Freyre: indiciarismo, emoção e política na
casa-grande e na senzala**

Vitória
2007

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO DE HISTÓRIA SOCIAL DAS RELAÇÕES POLÍTICAS

Claudio Marcio Coelho

Gilberto Freyre: indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração em História Social das Relações Políticas, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Márcia Barros Ferreira Rodrigues.

Vitória
2007

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

C672g Coelho, Claudio Marcio, 1967 -
Gilberto Freyre : indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na
senzala / Claudio Marcio Coelho. – 2007.
230 f. : il.

Orientador: Márcia Barros Ferreira Rodrigues.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo,
Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Freyre, Gilberto, 1900-1987. 2. Ciências sociais – Metodologia.
3. Autoritarismo. 4. Pátrio poder. 5. Brasil – História – 1920-1930. I.
Rodrigues, Márcia Barros Ferreira. II. Universidade Federal do Espírito
Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 93/99

CLAUDIO MARCIO COELHO

Gilberto Freyre: indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História, na área de concentração em História Social das Relações Políticas, elaborada sob a orientação da Professora Doutora Márcia Barros Ferreira Rodrigues.

Aprovada em de de 2007

COMISSÃO EXAMINADORA

Professora Doutora Márcia Barros Ferreira Rodrigues
Universidade Federal do Espírito Santo
Presidente da Comissão

Professor Doutor Gisálio Cerqueira Filho
Universidade Federal Fluminense
Membro Titular

Professora Doutora Celeste Ciccarone
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Titular

Professora Doutora Adriana Pereira Campos
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Titular

Professor Doutor Carlos Vinícius Costa de Mendonça
Universidade Federal do Espírito Santo
Membro Suplente

À minha mãe Irene (meu maior amor), ao meu carinhoso pai José Ferreira (in memorian), aos meus amados irmãos Paulinho (in memorian), Soninha (in memorian), Marquinhos e Luizinho, a João Luiz (companheiro de todos os dias), a minha sobrinha Rildiane (grande admiradora e incentivadora).

Agradecimentos

Agradeço aos amigos carinhosos e atenciosos que me auxiliaram na realização deste ensaio poético, indiciário e científico. Agradeço em especial a minha orientadora Márcia Barros por acreditar em meu potencial e por me incentivar nos desafios acadêmicos e profissionais, ao meu assistente Matusalém Florindo (escudeiro fiel, dedicado, confidente), aos amigos pacientes e altruístas: Francisco Albernaz e Mauro Petersem (pela co-orientação informal e atenciosa), Iran (pelos materiais de pesquisa e pelas discussões esclarecedoras e instigantes), Fernando César, Paulo Fabris, Mário Hélio, Lourdes Araújo e Adriana Campos (pelos materiais de pesquisa e indicações bibliográficas), Átala Garcia, Paulo Rogério, Ana Lúcia, Isaias Alves, Robson Rangel, Karideny Nardi, Rafaela Cavalcanti, Lohaine Barbosa, Rachel Fukuda, Lucas, Bruno, Maikon, Rita, Priscilla, Iljorvânio (pelo carinho e pela motivação), Stefania Christo, Madelon Christo e Louis (amigos especiais que o tempo poetizou), Marcelo Amaro (amigo-irmão, pelo carinho e pelo perdão), Celeste Ciccarone, Cíntia Ávila, Sônia Missagia, Antônia Colbari e Sandra Vicentin (professoras atenciosas, dedicadas e orientadoras nos primeiros passos de minha formação científica), Adélio Júnior, Christiane e Ana Maria (meus ex-alunos, carinhosos e incentivadores), ao querido Rodolpho (pelos momentos de sensibilidade e razão), ao querido Gleydson (amigo, confidente, incentivador). Aos professores Geraldo Soares e Carlos Vinícius, membros de minha banca de qualificação (pela orientação, pelo carinho e pelo incentivo). À Sonia Freyre e a Gilberto Freyre Neto (pela atenção e orientação durante minha pesquisa documental em Recife-PE). Por fim, agradeço a todos que me auxiliaram e me incentivaram na desafiadora tarefa de decifrar os “enigmas viscerais” do grande teórico da intimidade: Gilberto Freyre.

*“Se depender de mim, nunca ficarei plenamente
maduro nem nas idéias nem no estilo,
mas sempre verde,
incompleto,
experimental”*

Gilberto Freyre, 1926

Sumário

Resumo	10
Abstract	11
Introdução	12

Capítulo 1

Indiciarismo, razão e emoção na formação intelectual de Gilberto Freyre - parte I

1.1. As primeiras influências na infância e na adolescência em Recife (PE)	25
1.2. Os sinais de uma formação intelectual precoce: a recusa dos sectarismos e das rígidas ortodoxias, e as preocupações com o “problema do conhecimento”	36
1.3. A conjugação dos quixotismos corrigidos saudavelmente pelos sanchismos: a influência de Oliveira Lima	38
1.4. O amadurecimento intelectual de Gilberto Freyre: as experiências e influências na primeira mocidade	42
1.4.1. A literatura de romance policial de Arthur Conan Doyle e a teoria poética de Edgar Allan Poe	44
1.4.2. A conciliação dos antagonismos e a relatividade do conhecimento: a influência de Herbert Spencer	49
1.4.3. O amor pelos ensaístas ingleses: a influência de Walter Pater, Lafcadio Hearn e G.K. Chesterton	52
1.4.4. A influência de mestres espanhóis: Cervantes, Vives, Unamuno, Baroja e Ortega y Gasset	63

Capítulo 2

Indiciarismo, razão e emoção na formação intelectual de Gilberto Freyre - parte II

2.1. A influência de escritores franceses: a história íntima dos irmãos Goncourt e a introspecção meticulosa do passado de Marcel Proust	73
2.2. A formação antropológica: a influência de Franz Boas e Bronislaw Malinowski	83

2.3. Gilberto Freyre e os pioneiros das ciências sociais no Brasil de 1920	96
2.4. O modernismo brasileiro e o regionalismo de Gilberto Freyre	112

Capítulo 3

Indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala

3.1. O contexto brasileiro no início da década de 30 e o lançamento da obra <i>Casa-Grande & Senzala</i> (1933)	127
3.2. Acerca da relação entre indiciarismo, emoção e política na obra de Gilberto Freyre:	
3.2.1. <i>Rastreando prefácios, capítulos, notas e referências bibliográficas</i>	132
3.2.2. <i>Violência, autoritarismo, amor e ódio na intimidade da família patriarcal brasileira</i>	145
3.2.3. <i>Uma análise compreensiva da obra germinal de Gilberto Freyre</i>	156
3.3. O esboço de uma nova análise: indiciarismo, autoritarismo afetivo e política na história da infância do Brasil	161
Considerações Finais	183
Referências	188
Apêndice	196
Anexos	215

Resumo

Este ensaio propõe a investigação da relação interdependente entre *indiciarismo*, *emoção* e *política* no pensamento de Gilberto Freyre, no período que vai de sua infância (1906) até o lançamento de sua obra germinal *Casa-Grande & Senzala* (1933). O autor lançou mão de parâmetros científicos da *análise compreensiva* – valorizando o caráter subjetivo do conhecimento –, da *micro-análise social* – analisando as particularidades dos fenômenos estudados –, e da *análise detetivesca* – investigando os pormenores reveladores – no estudo histórico-sociológico da infância do Brasil. Seu pluralismo teórico e metodológico estava alicerçado em princípios e procedimentos do *Paradigma Indiciário*. Realizamos um rastreamento minucioso da vida e da obra do autor a partir de métodos complementares: a história da leitura (*Biografia intelectual*), a pesquisa de campo detalhada e exaustiva (*Etnografia*) e a análise detetivesca (*Indiciarismo*). O apreço de Freyre pelas minúcias do cotidiano e da intimidade e sua narrativa emocionada e poética dos acontecimentos influenciaram decisivamente na elaboração de uma visão política original: a relação de violência, amor e ódio entre brancos e negros, senhores e escravos, sadistas e masoquistas gerou sentimentos e emoções que explicam a continuidade do mandonismo, do autoritarismo e da subserviência na história política brasileira.

Abstract

This essay proposes an investigation on the interdependent relationship between the *evidential paradigm theory*, *emotion* and *politics* in Gilberto Freyre's thinking, in the period that goes from his childhood (1906) to the publication of his germinal work *Casa-Grande & Senzala* (1933). The author used scientific parameters of the *comprehensive analysis* – by valuing the subjective character of knowledge –, the *social microanalysis* – by analyzing the peculiarities of the phenomena studied –, and the *clues analysis* – by investigating revealing details – in the historical and sociological study of childhood in Brazil. His theoretical and methodological pluralism was based on principles and procedures of the *Evidential Paradigm Theory*. A detailed search of the life and work of the author was carried out by means of complementary methods: the history of the reading (*Intellectual Biography*), the detailed and exhaustible field research (*Ethnography*), and clues analysis (*Evidential Paradigm Theory*). Freyre's preference for the details of everyday life and intimacy, as well as his emotional and poetic narrative of the events, have definitely influenced the elaboration of an original political view: the relationship of violence, love and hatred between the white and the black, the master and the servant, the sadistic and the masochistic has generated feelings and emotions that explain the continuity of the abuse of power, authoritarianism, and subservience in the Brazilian political history.

Introdução

*“Se me perguntarem quem sou direi que não sei classificar-me, não sei definir-me.
Sei que sou um ‘eu’ muito consciente de si próprio.
Mas esse ‘eu’ não é um só. Esse ‘eu’ é um conjunto de ‘eus’.
Uns que se harmonizam, outros que se contradizem.
Por exemplo: eu sou numa coisa muito conservador e noutras muito revolucionário.
Eu sou um sensual e sou um místico.
Eu sou um indivíduo muito voltado para o passado, muito interessado no presente
e muito preocupado com o futuro.
Não sei qual dessas preocupações é maior em mim.
Mas todas elas coexistem, e elas me levaram até a conceber uma idéia de tempo
porventura nova: a do tempo tríplice.
A de que o tempo nunca é só passado nem só presente nem só futuro,
mas os três simultaneamente.
Vivo nestes três tempos simultaneamente.
Sou um brasileiro de Pernambuco.
Gosto de minha província.
Sou sedentário e ao mesmo tempo nômade.
Gosto da rotina e gosto da aventura.
Gosto dos meus chinelos e gosto de viajar.
Meu nome é Gilberto Freyre...”¹*

Gilberto Freyre não quis classificar-se. Preferiu a conjugação de possibilidades e a conciliação de “eus”. Propôs também a conjugação de significados e significantes acerca de si mesmo: um pensador enigmático, uma charada sensual e mística ou como escreveu Roberto Ventura, uma *‘Xerazade Tropical’*². Em Freyre revelou-se a sugestão-provocação desafiadora: decifra-me ou... Freyre sempre recusou qualquer teoria conclusiva acerca de seu pensamento, de suas obras e da realidade social. A incerteza permeou sua racionalidade e sua sensibilidade³.

¹ Estrato da entrevista de Gilberto Freyre intitulada *‘Das palavras ao desenho das palavras’*, concedida à TV Cultura de São Paulo em 1972. In: Biblioteca Virtual Gilberto Freyre. Coleções Especiais. Audiovisual: Vídeo. Disponível em <http://www.fgf.org.br>. Acesso em: 22/10/2005.

² VENTURA, 2000: 16-7b.

³ Em 1927, o físico alemão Werner Karl Heisenberg, contemporâneo de Freyre, destacou-se na *Física Teórica e Atômica* com a elaboração de um intrigante conceito baseado na incerteza: o *‘princípio da indeterminação’*.

Quem porventura aceitar o desafio de investigar o pensamento de Freyre – seja para a pesquisa acadêmica, para refutar suas proposições ou até mesmo para a leitura descomprometida – deverá resistir à tentação dos incautos, pois o mestre de Apipucos ⁴ sempre recusou os sectarismos e as rígidas ortodoxias; detestava os esquemas prontos e fechados; valorizava a *conciliação* e a *relatividade* do conhecimento. Mas outros elementos desta charada ainda não foram revelados, pois a *incompletude* também acompanhou seu *perspectivismo multifacetado*.

Nas expressões do autor vemos desfigurar-se outro princípio estruturante de seu pensamento. As categorias de sua auto-proposição apresentam-se como o *yng* e o *yang*: a conjugação de duas forças opostas que se complementam. Freyre reconheceu em si mesmo à conciliação e a contradição: *conservador* e *revolucionário*; *sensual* e *místico*; *sedentário* e *nômade*... Confessou seu apreço pela rotina e pela aventura, e concluiu: “gosto dos meus chinelos e gosto de viajar”. O “e” entre os termos significa interpenetração (Bastos, 2000: 18). Este princípio confere interdependência e complementaridade aos pares opostos e confraternizantes da singularidade freyreana, e está presente na estruturação de suas obras clássicas: *Casa-Grande & Senzala* (1933) ⁵, *Sobrados & Mucambos* (1936) e *Ordem & Progresso* (1959). Esta conjugação de forças opostas e complementares foi classificada por seus intérpretes como um intrigante ‘*equilíbrio de antagonismos*’.

⁴ Gilberto Freyre passou a ser carinhosamente chamado de “Mestre de Apipucos” em alusão ao bairro onde viveu no Recife (PE), desde 1941, quando comprou a casa-grande do engenho Dois Irmãos em Apipucos e mandou restaurá-la. A casa e seu entorno tornou-se a sede da *Fundação Gilberto Freyre* por ocasião de sua morte em 1987.

⁵ A partir deste ponto do texto citaremos a obra *Casa-Grande & Senzala* pela sigla CGS (sempre em itálico).

Como princípio norteador das proposições centrais de *CGS*, a conciliação aparece surpreendentemente mancomunada com outros conceitos germinais presentes em sua obra: *cotidianidade, intimidade, circularidade, continuidade*, entre outros.

Gilberto Freyre contribuiu decisivamente para o amadurecimento do pensamento social brasileiro. Seu ensaísmo surgiu concomitantemente com o processo de consolidação e institucionalização das ciências sociais brasileiras. Freyre revelou os brasileiros e suas emoções no cotidiano social, na intimidade da casa, nos comportamentos corriqueiros, e realizou uma introspecção minuciosa e emocionada de nosso passado colonial. Sua força está no ir além, mostrando como as estruturas econômicas, políticas e sociais foram vivenciadas no dia-a-dia. Freyre descreveu a formação do Brasil com um pé na cozinha da casa-grande e com um olhar que mirou o canavial do alpendre, apresentando uma perspectiva renovadora para os parâmetros teóricos e metodológicos discutidos pelos precursores das ciências sociais no Brasil de 1930.

CGS é o primeiro livro de sua grande obra intitulada *Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. Publicado em 1933, tornou-se um clássico da sociologia brasileira, destacando-se juntamente com *Evolução política do Brasil* (1934), de Caio Prado Júnior, e *Raízes do Brasil* (1936), de Sérgio Buarque de Holanda, obras marcantes na análise da formação da sociedade brasileira. Darcy Ribeiro destacou a importância de *CGS*, e comparou seu reconhecimento ao lado de *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha.

O livro tornou-se objeto de estudo de historiadores, sociólogos, antropólogos e filósofos. Muito se discutiu sobre sua contribuição para a compreensão do Brasil. Suas deficiências, distorções e limitações foram exaustivamente citadas, analisadas e discutidas. Apesar das divergências, os críticos concordam em um ponto importante: o autor apresentou uma perspectiva inovadora para a pesquisa histórica e social, fazendo uso de *fontes* desprezadas pela maioria dos cientistas sociais brasileiros na década de 30.

Gilberto Freyre inova nas análises sociais da época: sua sociologia incorpora a vida cotidiana. Não apenas a vida pública ou o exercício de funções sociais definidas (do senhor, do latifúndio, do escravo, do bacharel), mas a vida privada.

Hoje ninguém mais se espanta com a sociologia da vida privada. Há até histórias famosas sobre a vida cotidiana. Mas, nos anos 30, descrever a cozinha, os gostos alimentares, mesmo a arquitetura e, sobretudo, a vida sexual era inusitado. (Cardoso, 2003: 5).

Freyre propôs um método de pesquisa centrado na análise dos *dados marginais* na conjuntura histórica e social brasileira. Pesquisar a formação do Brasil em *cadernos ‘recolhedores de fatos’, cartas e arquivos de famílias, livros de etiqueta, cadernos de modinhas, livros de receitas de bolos e doces, livros de viagens, coleções de jornais, pinturas, mobiliário, vestuário e relatos de ex-escravos*, entre outros, é o mesmo que “não se basear, como normalmente se faz, em características mais vistosas” (Morelli apud Ginzburg: 1989: 144b).

Freyre valorizou *fontes* inusitadas para sua época e encarou as *minúcias* do cotidiano e da vida íntima como *indícios* reveladores da paisagem social. Com a sensibilidade dos grandes retratistas construiu um painel histórico-social vívido, racional e poético da formação do Brasil.

Nosso esforço teórico-investigativo consiste no estudo da metodologia de pesquisa freyreana e de sua relação com o pensamento político do autor. Defendemos a hipótese de que Freyre lançou mão de princípios e procedimentos da pesquisa indiciária. O uso desta ferramenta científica contribuiu decisivamente para o amadurecimento e a consolidação de sua análise social do homem situado nos trópicos. Pretendemos discutir a relação interdependente entre *indiciarismo*, *emoção* e *política* na obra *CGS*, demonstrando como a pesquisa baseada na investigação de indícios influenciou na elaboração de uma narrativa emocionada do passado e no desenvolvimento de uma perspectiva política original na década de 30.

Propomos uma pesquisa minuciosa acerca da formação intelectual de Freyre no período que vai de sua infância (1906) até o ano do lançamento de *CGS* (1933). Seguimos os parâmetros metodológicos do *Paradigma Indiciário* discutido pelo pensador italiano Carlo Ginzburg: um conjunto de princípios e procedimentos que contém a proposta de um método heurístico centrado nos detalhes, nos dados marginais, nos vestígios encarados como *indícios*, *pistas*, *sinais* ou *sintomas*, e que orientam a forma de interpretar os fenômenos estudados.

Ginzburg está empenhado na construção de um projeto intelectual ambicioso que consiste no esforço científico para a teorização e a sistematização do *Paradigma Indiciário* ⁶ nas ciências humanas e sociais, e que começou a adquirir contornos decisivos em sua obra a partir de 1980, com os ensaios *O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico* – reprodução, com algumas variantes, de uma

⁶ O cientista social Gisálio Cerqueira Filho, professor da Universidade Federal Fluminense, prefere o termo *Paradigma Estético Expressivo*, como refinamento do termo *Paradigma Indiciário* utilizado por C.Ginzburg. (CERQUEIRA FILHO: 2005: 32).

comunicação lida no congresso “*Le Annales e la storiografia italiana*”, realizado em Roma (1979) – e *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, do livro *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história* (1986).

No ensaio *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, o autor propõe uma procura inquietante pelas raízes de um método investigativo centrado na análise dos pormenores, das minúcias, dos detalhes reveladores: um modelo epistemológico que “emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas” por volta do final do século XIX. Para Ginzburg, este paradigma embora seja “amplamente operante de fato, ainda não foi teorizado explicitamente” (Ginzburg, 1989: 143b).

Sua análise começa pela contribuição de Giovanni Morelli (médico e especialista em arte), de Conan Doyle (médico e literato) e de Sigmund Freud (médico e psicanalista) no final do século XIX. A semiótica médica permeia toda análise e estabelece os parâmetros da investigação indiciária de Morelli, Doyle e Freud. Ginzburg faz uma análise detetivesca sobre a influência do ‘*método morelliano*’ na obra de Doyle e de Freud. O método consagrado por Morelli baseia-se na investigação e análise de pormenores considerados irrelevantes. Detalhes aparentemente de pouca importância, considerados secundários e marginais, assumem um papel fundamental na análise, tornam-se fundamentais e centrais na pesquisa. Neste método, as minúcias assumem a condição fundamental de *indícios*, *sinais* ou *pistas* na investigação do fenômeno estudado. Os estudos ginzburguianos sobre a perspectiva morfológica na obra de pesquisadores renomados como Morrelli, Longhi e Propp influenciou decisivamente seu método de análise da realidade. Da obra *Morfologia do conto* de Propp, o autor

absorveu a idéia de que a análise morfológica não é apenas mais uma alternativa para a pesquisa histórica, mas um instrumento útil e importante para a investigação histórica.

Num segundo momento, Ginzburg investiga as raízes do *Paradigma Indiciário* em momentos expressivos da história. Na sociedade dos caçadores-coletores do Neolítico identificou as origens do *Paradigma Venatório* (baseado na busca de pistas ou sinais deixados pelos animais que caçavam). Na prática mágica dos adivinhos da Mesopotâmia demonstrou como o *Paradigma Divinatório* (baseado em operações intelectuais como análises, comparações e classificações) permitiu a investigação de pormenores que podem ser associados para compreensão da realidade futura. Na antiguidade grega identificou o surgimento do *Paradigma Semiótico* (formulado a partir das contribuições da medicina hipocrática), cujo modelo investigativo baseava-se na observação minuciosa dos detalhes, na análise empírica e na valorização das particularidades dos casos estudados. A partir deste ponto, Ginzburg discute como a ciência galileana (no século XVII) consolidou um modelo científico centrado na valorização dos fatos gerais, no método experimental, na quantificação e mensuração. O *Paradigma Galileano* tornou-se hegemônico com o desenrolar de acontecimentos marcantes na Europa (o Renascimento, a Expansão Marítimo-Comercial, a Reforma Protestante, a decadência do Feudalismo e a consolidação do Capitalismo). Estes acontecimentos construíram novas relações com o conhecimento e a vida como um todo. A ciência galileana estava voltada para as aspirações do projeto racional-materialista consolidado pela emergência do capitalismo. Apesar desta hegemonia, alguns pesquisadores mantiveram viva a perspectiva semiótica (indiciária). No início do século XVII, o médico Giulio Mancini, contemporâneo de Galileu, defendia a

observação baseada na investigação dos casos clínicos particulares. Também estava interessado em pinturas, e escreveu sobre sua preocupação com “a elaboração de um método investigativo que permitisse distinguir entre os originais e os falsos, as obras dos mestres e as cópias”. Ginzburg propõe uma analogia interessante ao observar que “um personagem como Mancini expressava a união entre o paradigma divinatório (o Mancini diagnosticador e conhecedor) e o paradigma generalizante (o Mancini anatomista e naturalista)” (Ginzburg, 1989: 161, 4-5b).

No século XVII, o saber foi invadido pela argumentação cada vez mais racionalista (*Penso, logo existo* – René Descartes) e pela confiança no conhecimento (*Conhecimento é poder* – Francis Bacon). Neste contexto, Voltaire recuperou a importância do *Método Indiciário* ao reelaborar o conto oriental sobre a *‘Peregrinação dos três filhos do rei de Serendip’*. No terceiro capítulo da novela *Zadig e o destino*, o jovem-sábio Zadig demonstra sua admirável capacidade elucidativa ao fazer uso de um método de observação centrado nos detalhes para inferir o destino da cadela e do cavalo da rainha da Babilônia. Nos séculos XVIII e XIX, a ciência foi encarcerada num modelo científico rigoroso e normativo. Este modelo não deixou espaço para os paradigmas marginais. O controle sobre as forças da natureza, o desenvolvimento urbano-industrial-tecnológico, a consolidação do pensamento racional e as conquistas da ciência positivista conduziram a Europa a consagração do modelo galileano.

Ginzburg propõe aproximações e comparações entre os paradigmas analisados até a consolidação *Paradigma Indiciário* no século XIX. Desta forma, tecendo analogias surpreendentes elabora uma teia de inter-relações e interdependências entre modelos

diferentes – considerando o contexto histórico e as suas especificidades – baseados em parâmetros metodológicos estruturantes. Sua análise histórica dos paradigmas do conhecimento resultou na elaboração de sua própria metáfora sobre o *Paradigma Indiciário*.

Poderíamos comparar os fios que compõem esta pesquisa aos fios de um tapete. Chegados a este ponto, vemo-los a compor-se numa trama densa e homogênea. A coerência do desenho é verificável percorrendo o tapete como os olhos em várias direções [...] O tapete é o paradigma que chamamos a cada vez, conforme os contextos, de venatório, divinatório, indiciário ou semiótico. Trata-se, como é claro, de adjetivos não-sinônimos, que no entanto remetem a um modelo epistemológico comum, articulado em disciplinas diferentes, muitas vezes ligadas entre si pelo empréstimo de métodos ou termos-chave. (Ginzburg, 1989: 170b).

Entre os parâmetros fundamentais do *Paradigma Indiciário* identificamos: inferir as causas a partir dos efeitos; não hierarquizar as fontes; construir os procedimentos de investigação durante a pesquisa; a análise detetivesca; a micro-análise ou análise microscópica; o caráter subjetivo e indireto do conhecimento; o estudo das especificidades do objeto; o exercício da conjectura na análise; o pluralismo teórico e metodológico; a conciliação razão-sensibilidade; o estudo intensivo, minucioso e exaustivo do material pesquisado.

Considerando os parâmetros acima citados, propomos uma abordagem inovadora sobre a formação intelectual de G.Freyre: uma ***Biografia Intelectual Indiciária***. Inovadora por que investiga *indícios*, *pistas* e *sinais* da conciliação indiciarismo-emoção-política na formação e na obra do autor. Nossa pesquisa está alicerçada no pluralismo metodológico: a *Análise Compreensiva*, a *Etnografia Histórica*, a *História da Leitura* e a *Pesquisa Indiciária*.

Minhas atividades de pesquisa foram realizadas a partir de visitas periódicas ao acervo da *Biblioteca Central da Ufes*, para a consulta de fontes como *artigos, ensaios, obras* do autor e *bibliografias* de pesquisadores de G.Freyre. Também pesquisamos o acervo da *Biblioteca Virtual*, a *Casa-Museu Gilberto Freyre e Magdalena* e o *CEDOC - Centro de Documentação da FGF - Fundação Gilberto Freyre* em Apipucos – Recife (PE), o que possibilitou o acesso aos objetos pessoais e a intimidade do autor, bem como aos documentos do acervo da fundação: *biografia intelectual, documentos pessoais, artigos de imprensa, periódicos científicos, opúsculos, fotografias, desenhos, pinturas, poemas, vídeos e entrevistas*. Por fim, pesquisamos outros materiais importantes como *catálogos, revistas, coleções e cadernos especiais* de jornais sobre G.Freyre e sua obra.

As *fontes* próprias do autor – identificadas e selecionadas para a realização desta pesquisa – são obras referentes ao período pesquisado. Dentre as obras que nos apresentam algumas pistas importantes destacamos: o discurso de *Adeus ao Collegio* (de 1917); a tese de mestrado *Social life in Brazil in the middle of the 19th Century* (de 1922); os ensaios *Vida social no Nordeste, aspectos de um século de transição* e *A pintura no Nordeste*, publicados pela primeira vez no *Livro do Nordeste*, em 1925, e reeditados na obra *Região e tradição* (de 1941); *Casa-Grande & Senzala* (de 1933); obras que discutem o período pesquisado, e que foram publicadas posteriormente: *Um brasileiro em terras portuguesas* (de 1953), *Novos métodos para novas situações: uma antecipação brasileira nos modernos estudos sociais* (de 1966), *Como e porque sou e não sou sociólogo* (de 1968), *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930* (de 1975), *Tempo de aprendiz: artigos*

publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor, 1918-1926 (de 1979), *Um escritor brasileiro recorda seus contatos com a Espanha* (de 1980).

Em “*Nota Metodológica*” discutimos os embates teóricos entre os entusiastas de Gilberto Freyre (como Lucien Febvre, Fernand Braudel, Roger Bastide, Roland Barthes) e seus críticos (como Florestan Fernandes, Carlos G.Mota, Maria A. Medeiros, Mariza Corrêa), e demonstramos as limitações desta dicotomia discursiva, que isola as possibilidades e que ofusca a compreensão do autor e sua obra. Identificamos o esforço de alguns pesquisadores (Fernando H. Cardoso, Guillermo Giucci, Enrique Larreta, Jessé Souza, Edson N. da Fonseca) para superação desta polarização teórica.

No primeiro capítulo “*Indiciarismo, razão e emoção na formação intelectual de Gilberto Freyre – parte I*” apresentamos o contexto histórico-social da cidade natal de Freyre (Recife-PE) e do Brasil no início de 1900, e identificamos as influências que o menino Gilberto absorveu na infância e na adolescência em um país marcado pelo espírito da *Belle Époque*. Rastreamos as primeiras influências de seus estudos com preceptores na infância e dos pensadores estudados na adolescência. Identificamos suas primeiras preocupações com o *problema do conhecimento* e com sua *missão*, bem como os sinais de sua formação intelectual com a assimilação de pensadores e obras estudados na adolescência (Tolstói, Renan, Oliveira Lima etc.). Rastreamos as experiências e influências indiciárias em sua primeira mocidade: a literatura de *romance policial de enigma* de A.Conan Doyle; a *teoria poética* de E.Allan Poe; a *preocupação com o estilo na escrita* manifestada na leitura de escritores como Rabelais, Montaigne, Pascal, Goncourt, Malarmé etc.; a *influência de escritores ingleses* como H.Spencer, W.Pater,

L.Hearn e G.K.Chesterton; a *influência de escritores espanhóis* como M.de Cervantes, L.Vives, M.de Unamuno, P.Baroja e Ortega y Gasset ⁷.

No segundo capítulo “*Indiciarismo, razão e emoção na formação intelectual de Gilberto Freyre – parte II*” rastreamos a *influência de escritores franceses* como os irmãos Goncourt e Marcel Proust na formação de G.Freyre. Identificamos a *influência antropológica* marcante de Franz Boas e Bronislaw Malinowski para a identificação de Freyre com a *pesquisa de campo minuciosa, detalhada e exaustiva* da realidade. Discutimos o contexto histórico-intelectual dos pioneiros das ciências sociais no Brasil da década de 20 e a participação ativa de Gilberto Freyre nos embates e desafios intelectuais de sua época: *conhecer o país, forjar a identidade nacional e construir o Brasil moderno*. Identificamos a contribuição de Freyre para o desafio de conhecer o Brasil em sua tese de mestrado *Social life in Brazil in the middle of the 19th Century* (1922), bem como os traços marcantes da *pesquisa indiciária* neste trabalho acadêmico. Discutimos a participação de Freyre nos embates intelectuais entre o “Modernismo Brasileiro” do eixo Rio-São Paulo e o “Regionalismo” preponderante no Nordeste do Brasil, e identificamos as obras que prefaciaram seu livro *Casa-Grande & Senzala*: os ensaios *A pintura no Nordeste* e *Vida social no Nordeste, aspectos de um século de transição*, publicados no *Livro do Nordeste* (1925).

No terceiro capítulo “*Indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala*” submetemos o corpo teórico da obra *Casa-Grande & Senzala* a um rastreamento minucioso. Investigamos o prefácio da 1ª edição, a seleção de prefácios de outras

⁷ Para o rastreamento da influência dos escritores ingleses e espanhóis na formação intelectual e indiciária de Gilberto Freyre nos servimos dos estudos e pesquisas de Maria L.G. Pallares Burke, Elide Rugai Bastos e Regina Crespo, conforme citações e referências apresentadas neste trabalho.

edições, os capítulos, as notas, as fontes, a bibliografia, os índices remissivo e onomástico, as pinturas e as fotografias, os desenhos de casas-grandes coloniais e do Engenho Noruega (do artista Cícero Dias). Analisamos a narrativa descritiva, poética e intimista do autor acerca da casa-grande colonial e de seus personagens: um cenário de violência, autoritarismo, dissimulação, amor e ódio. Identificamos a discussão de pesquisadores como F.H.Cardoso, Peter Burke, Claude Lépine, Geraldo A. Soares e Roberto Ventura acerca dos parâmetros indiciários da obra de G.Freyre. Por fim, esboçamos uma nova análise do pensamento social do autor: uma análise compreensiva da relação interdependente entre *indiciarismo*, *autoritarismo afetivo* e *política* em sua obra, a partir das proposições de Jessé Souza, José Carlos Reis e Gisálio Cerqueira Filho.

Capítulo 1

Indiciarismo, razão e emoção na formação intelectual de Gilberto Freyre - parte I

Para entender como a mente de um autor se relaciona com o mundo [...] é necessário recuar para a teia de experiências formadoras que muito cedo compõem a “estrutura de suas idéias” e que se não explicam, de modo algum, *todo* o autor, sem dúvida indicam algumas de suas permanentes preocupações.⁸

Pallares-Burke (1997)

1.1. As primeiras influências na infância e na adolescência em Recife (PE).

...aos seis anos fugi de casa para conhecer o mundo, voltando à casa vencido pela saudade. Saudade da mãe, principalmente. Mas também do pai e dos irmãos, da casa e do próprio gato. Desde então venho repetindo essa fuga e repetindo esse regresso. Fugindo do Brasil pela atração de quanto seja diferente do Brasil e voltando ao Brasil pela sedução do familiar. De modo que minhas tentativas de estudo de temas sociais vêm alternando entre essas duas atrações. Tornei-me um tanto sociólogo, por um lado, pela curiosidade em torno do que é social no mundo, por outro, pelo interesse do que é social em mim próprio: na minha família, na minha casa, no meu passado.(Freyre, 1968: 43).

Não me esqueço nem do inglês, Mr. Williams, a me aconselhar a continuar desenhando como eu desenhava (isto quando eu tinha sete ou oito anos) nem das governantas alemãs do velho Pontual, em Boa Viagem, que me animaram a desenhar sempre, a desenhar cada vez mais.(Freyre, 1975: 3).

Tenho me valido, para tanto, de um gosto pelo desenho que ainda muito pequeno, nos meus primeiros anos de menino em idade escolar, foi bem maior do que meu quase nenhum entusiasmo por ler, escrever e contar; e também de lições recebidas do velho Telles Júnior e principalmente do inglês Mr. Williams. Enchi cadernos com garatuja das coisas que via antes de enchê-los com os meus primeiros escritos: aqueles em que, já aos onze anos, tentei descrever o que meus olhos iam descobrindo de novo. Já, pelo desenho, tentara fixar outros descobrimentos: o primeiro navio a vela, o primeiro engenho bangüê, a primeira jangada, o primeiro frade capuchinho, a primeira locomotiva, o primeiro carro de boi, o primeiro coche fúnebre, a primeira ponte sobre o rio Capibaribe, a primeira moça vestida de noiva, o primeiro morto enfeitado de flores, o primeiro “anjo” de procissão dos Passos, o primeiro inglês com raquete de tênis, o primeiro palhaço de circo de subúrbio, o primeiro avião. (Freyre, 1968: 69).

⁸ Segundo E. P. Thompson as idéias de um autor não se produzem de modo necessariamente acadêmico ou pelo encontro com grandes obras e grandes pensadores. Devemos reconhecer o entrecruzamento e choque de experiências pessoais e de tradições culturais grandes e pequenas, consagradas ou obscuras em sua formação intelectual. A advertência de Thompson não pode ser negligenciada. Recuando para a teia de experiências que muito cedo estruturou idéias e sentimentos, podemos identificar as *raízes* do pensamento freyreano. Investigamos as influências teóricas e metodológicas adquiridas por Gilberto Freyre até o lançamento de sua obra germinal *Casa-Grande & Senzala*, e rastreamos os pensadores que estudou sem hierarquizá-los. Privilegiamos os pensadores e as obras que exerceram influência decisiva em sua formação intelectual sem perder de vista a conjugação *Razão e Emoção* em seu pensamento. Também valorizamos as influências históricas, psico-afetivas e culturais adquiridas no convívio social com familiares, professores, amigos e intelectuais em cidades, regiões, universidades, bibliotecas, arquivos públicos, teatros, museus, capelas, centros de cultura popular, entre outros, no Brasil (Recife, Rio e São Paulo), nos Estados Unidos e na Europa.

O menino Gilberto ensaiava suas primeiras explorações do mundo. Mundo que se revelava nas experiências da infância e nas influências marcantes que despertaram a atração pelo “diferente” e a sedução pelo “familiar”. A paisagem social investigada pela sensibilidade da criança. Sensibilidade estimulada pelo empenho de professores especiais: mestres da infância que nunca esqueceram⁹. Quase nenhum entusiasmo por ler, escrever e contar. Mas pelo desenho era diferente. Enchia cadernos com seus desenhos e rabiscos. Desenhos que registravam descobrimentos importantes: o navio, o frade, o engenho, a jangada, a locomotiva, o carro de boi¹⁰. Descobrimientos incipientes da criança atenta aos aspectos da paisagem física e social. Atenta aos detalhes ínfimos da realidade: pormenores reveladores valorizados pela sensibilidade de menino.

Mas a paisagem social apreendida pelo pequeno desenhista apresentava outros aspectos importantes – históricos, sociais, políticos, econômicos, culturais – de caráter local e nacional. Nuances sociais dinâmicas. A cidade de seu nascimento (Recife) passava por mudanças estruturais em todas as áreas da vida. Transformações marcantes de um novo século: novas aspirações, novos projetos, grande euforia, realizações e decepções.

⁹ Na infância estudou com professores particulares: com o Pai (Dr. Alfredo) iniciou os estudos de Latim e Português. O artista-pintor pernambucano Telles Júnior foi seu professor de desenho. Com Mr. Williams foi alfabetizado primeiramente na língua inglesa. Mr. Williams manifestou admiração pelo menino. Incentivava-o a não parar de desenhar, e a encarar o desenho e a pintura como arte criadora. Elogiava seus desenhos. Certa vez afirmou: “São soluções, as que estes desenhos apresentam, que surpreendem”. Na adolescência foi iniciado pelo Pai na leitura de A.Comte, Taine e Pierre Lafitte. Com M^{me} Meunier estudou francês e leu Montaigne, Pascal e La Fontaine. Freyre sempre manifestou carinho e respeito por seus primeiros mestres. Aos dezenove anos escreveu em seu diário: “O querido inglês Mr. Williams: o melhor de quantos mestres já tive”. Já estava com vinte e dois anos, quando comentou a saudade de M^{me} Meunier: “Gostaria de revê-la na sua França que ela tornou um pouco minha”. E reiterou sua gratidão pelo professor inglês: “Só um inglês deu verdadeiramente valor a essas minhas garatuñas”. (FREYRE, 1975).

¹⁰ Cf. alguns *Desenhos e Caricaturas* de Gilberto Freyre no Apêndice 1B e 1C.

Recife começou a se desenvolver mais significativamente a partir do final de 1800 e início de 1900. O perímetro urbano que abrangia apenas a ilha de Santo Antônio e o bairro do Recife foi se estendendo para pequenos núcleos populacionais próximos: Torres, Madalena, Dois Irmãos, Casa Forte, Caxangá e para a região dos antigos engenhos da várzea do Capibaribe e do Beberibe. Era uma cidade de inúmeras igrejas barrocas, sobrados de inspiração holandesa e ruas estreitas. Ruas com nomes poéticos: Encantamento, Alecrim, Aurora, Encanta-Moça, da Saudade, das Ninfas, Chora-Menino, Beco do Cochilo. Cidade aberta para o mar, com rios e pontes: a “Veneza Americana”¹¹.

A rua Nova era o local do *footing* à tardinha. Na rua do Imperador, comia-se a melhor coalha da cidade. O Teatro Santa Isabel reunia as elites em noites de gala, desde o Século XIX. No Mercado São José ouviam-se os cantores de viola. Vendedores ambulantes passavam rápido, apregoando seus produtos: munguzá, cuscuz, mel-de-furo, tapioca, mangaba, rolete de cana. Recife, como Paris, “era uma festa”. Mas havia mocambos e lama, lá para os lados da estrada de Motocolombó.¹²

Ferrovias ligavam a capital pernambucana ao interior e aos Estados de Alagoas e Paraíba. A pobreza predominava entre as populações rurais de Pernambuco. As condições de mercado eram precárias, com uma industrialização incipiente que não acompanhava o crescimento demográfico do Estado. Neste contexto, prevalecia o poder dos coronéis e das oligarquias regionais.

¹¹ Para a pesquisa sobre o contexto histórico, político, econômico e cultural do Recife (PE) e do Brasil no início do século XX, confira obras de referência como: CARDOSO, Vicente Licínio (org.). *À margem da história da República* (1924); MICELLI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil, 1920-1945* (1979); BARROS, Sérgio Miceli Pessôa (supervisão), RAMOS, Ricardo e HOLANDA, Sérgio Buarque de (consultores de texto). *Nosso século: a memória fotográfica do Brasil no século XX* (1980); SOUZA BARROS. *A década de vinte em Pernambuco* (1985); MOTTA, Marly da. *A nação faz 100 anos: a questão nacional no centenário da independência* (1992); ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes* (1999).

¹² BARROS, Sérgio Miceli Pessôa (supervisão), RAMOS, Ricardo e HOLANDA, Sérgio Buarque de (consultores de texto). *Nosso século: a memória fotográfica do Brasil no século XX*. Fascículo nº 41. Período: 1910/30. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p.172.

Gilberto de Mello Freyre (1900-1987) nasceu em um país patriarcal e agrário que ingressava no século XX. A República “garota” tinha apenas onze anos, e ainda comemorava o fim da escravidão e do império. Os brasileiros desejavam a afirmação do país como integrante das nações modernas. O Rio de Janeiro – capital federal – cidade bela e insalubre, cenário de contradições, representava com propriedade o contexto urbano no Brasil do início de 1900: o povo sem instrução, indústria incipiente e desprotegida, serviços públicos precários, proliferação de doenças infecto-contagiosas, cidades formadas por sobrados centenários, remanescentes dos tempos coloniais, prédios velhos, acaçapados e desgastados nos rebocos, cidades com vielas sórdidas e cheirando mal.

Afora os bondes, o tráfego da cidade constitui-se de raros caleches e charretes, e mais freqüentes carroças puxadas por um ou dois cavalos. Mais comuns ainda são os carros puxados por braços humanos. As ruas estão cheias de vendedores; alguns puxam pela calçada carroças, com mercadorias: são os “burros-sem-rabo”. Nas carroças, no lombo dos animais, nas costas ou nos braços, homens e mulheres, antigos escravos, imigrantes portugueses, alemães, turcos vão trazendo suas mercadorias. Passa o leiteiro conduzindo atrás de si uma vaca tuberculosa e um bezerro faminto, e o vendedor de aves, as galinhas presas em cestos atados a um burro; cabo de vassoura às costas para equilibrar a carga, vêm o cesteiro, o ceboleiro, o paneleiro, o verdureiro; um oferece mocotó, o outro doces; o negro traz carvão, ou sorvete; as mulheres vedem doces ou miudezas. A cidade é uma imensa feira [...] As casas de tijolo e alvenaria são escassas, insuficientes para abrigar boa parte da população, obrigada a habitar as favelas ou os cortiços. Dos dois a pior é a favela: um conjunto de barracos toscos construídos pelos moradores nos morros ou em terrenos abandonados e íngremes. Não há esgoto, nem água (que o mais das vezes só se encontra muito distante). Seus habitantes masculinos são malandros (boêmios, ladrões, valentes) ou aqueles que a idade avançada ou as doenças (como a tuberculose) incapacitaram para o trabalho. As mulheres lavam e costuram “para fora”, e as crianças vendem pela cidade doces, balas, jornais [...] Um pouco melhor é a situação dos cortiços, galpões de madeira subdivididos internamente e alugados por seu proprietário, geralmente um português dono de armazém próximo ou até um membro da aristocracia [...] Além dos cortiços, a cidade dispõe de velhas casas, formando ruas estreitas. Mas o aluguel é caríssimo, e só pode ser pago por gente que “subiu na vida”.¹³

¹³ Op. cit., nota 4, fasc. nº 1, p. 20-4.

Nos primeiros anos do novo século o país se desenvolvia lentamente. O Brasil de G.Freyre ainda era um satélite intelectual da Europa, principalmente da França ¹⁴. A filosofia positivista de Auguste Comte foi aplicada na orientação política da jovem república. A literatura lida era preferencialmente francesa. Lia-se Anatole France, Zola, Julio Verne, Maupassant, Flaubert, Renan. Os simbolistas brasileiros escreviam seus versos em francês e os parnasianos – seus opositores – surgiram dos Cafés de Paris. Nossos poetas, escritores, políticos e bacharéis afluíam todos os anos à Cidade-Luz.

Da Inglaterra (também) chegavam influências: econômicas, técnicas, literárias e esportivas. O Brasil importava dos ingleses uma série de coisas como máquinas, teorias mercantis, esporte (o *football*) e até mesmo a moda de freqüentar o *Derby*. O ultraromantismo de autores como Álvares de Azevedo chegou ao Brasil a partir da influência do inglês Bayron.

O médico-sanitarista Oswaldo Cruz empenhava-se no combate a febre amarela e a varíola. Pereira Passos, por sua vez, promovia a reforma urbana da capital federal. A cidade de becos e ruelas imundas foi saneada. Rasgada por grandes avenidas – símbolo de civilização e progresso – que incorporavam ao cotidiano da cidade lojas e cafés requintados e publicações elegantes. O Brasil civilizava-se.

As novidades extraordinárias do século XX – verdadeiros milagres científicos – eram encaradas como sinais de um novo tempo e a garantia de um mundo melhor: um

¹⁴ Paulo Prado expressou com propriedade a vassalagem intelectual brasileira em relação à França no início do século XX: “Se o nosso sentimento era brasileiro, a imaginação era européia, como tão finamente disse Nabuco [...] Abandonávamos todas as paisagens do Novo Mundo, a floresta amazônica ou os pampas, por um trecho da via Appia, uma volta da estrada Salerno a Amalfi, ou um pedaço do cais do Sena, à sombra do velho Louvre”. (Op. cit., nota 4).

admirável mundo novo. Esse otimismo exacerbado justifica-se pelas grandes invenções que se concentram principalmente no período compreendido entre o final do século XIX e início do XX. Após milênios, o homem finalmente realizava engenhos inacreditáveis como:

...um carro que anda sem precisar ser puxado por cavalos, um fio que instantaneamente transmite mensagens de um continente a outro, uma lâmpada sem gás nem pavio, um aparelho para conversar com pessoas a longa distância, outro para tirar retratos perfeitos como um espelho, uma curiosa maquininha capaz de gravar e reproduzir todos os sons deste mundo, uma tela mágica onde são projetadas imagens de pessoas, bichos e coisas movendo-se animadamente, igualzinho à vida real... E para coroar esse festival de deslumbramento, vira realidade o mais caro sonho do ser humano: voar!¹⁵

Nos céus da capital francesa “um brasileiro inaugurava a era da aviação”¹⁶. Era o espírito da *‘Belle Époque’*. Crescia a confiança de que não haveria mais guerras. As pessoas estavam tomadas por uma fé cada vez maior no progresso, no desenvolvimento e na ciência. O Brasil foi tomado pela confiança nas promessas científicas e no progresso urbano-industrial. Neste contexto, a sociedade patriarcal – elite agrária – começou a modernizar-se e progressivamente deslocou-se do campo para as cidades.

A virada do século surpreendeu a família patriarcal em pleno processo de decomposição. O progresso urbano traduzia o inexorável deslocamento do eixo econômico do campo para a cidade. Em 1908 existiam já cerca de 3000 indústrias no país. Acompanhando o crescimento das cidades, uma parte das velhas famílias patriarcais abandona o campo, trocando a casa-grande de fazenda ou de engenho pelo sobrado. Sem abandonar completamente suas terras, muito fazendeiro faz-se industrial e comerciante. Em São Paulo, os Prado e os Álvares Penteado são o protótipo desse personagem híbrido. Wenceslau Braz e Francisco Salles, em Minas, combinam o exercício da advocacia como a administração de suas fazendas e a direção de suas fábricas. No Nordeste, barões do açúcar, como o Coronel Cornélio Padilha, transformam-se em usineiros. Quem não acompanha

¹⁵ Op. cit., nota 4, fasc. nº 2. p. 55.

¹⁶ Na infância, Santos-Dumont era apaixonado por máquinas, motores e engenhocas. As ‘impressões’ ou ‘devaneios’ de infância influenciaram decisivamente suas conquistas pioneiras na aviação. O próprio Dumont afirmou: “Eu me detinha horas e horas a contemplar o belo céu brasileiro e a admirar a facilidade com que as aves, com suas longas asas abertas, atingiam as grandes alturas. Assim meditando sobre a exploração do grande oceano celeste, por minha vez e criava aeronaves e inventava máquinas. Tais devaneios eu os guardava comigo”. (Op. cit., nota 4, fasc. nº 3. p. 63).

o processo arruína-se. Os velhos engenhos de açúcar tornam-se de “fogo-morto”. Novos personagens tendem a afirmar-se. É época dos Delmiro Gouveia, dos Matarazzo, dos Crespi, dos Lundgren.¹⁷

O bacharelato era encarado como um verdadeiro complemento ao Batismo. As famílias ricas e conservadoras aspiravam para os filhos homens o título de doutor em Direito, Engenharia e Medicina. A sociedade brasileira valorizava sobremaneira os símbolos associados à masculinidade: o domínio da oratória e o culto a elegância. Homem de verdade deveria ‘falar bem’ e estar atento aos usos em voga: fraque, chapéu-coco, bengala, pince-nez, gravata inglesa, bigode, monóculos, lenços, entre outros.

Correntes nacionalistas faziam apologia das “riquezas de nosso solo” em obras como *Por que me ufano de meu país* (1902), do Conde Afonso Celso¹⁸. A *Exposição Nacional* de 1908, no Rio de Janeiro, reforçava esse ufanismo que idealizava o Brasil. Mas o modelo europeu dominava as concepções que se tinha do homem brasileiro, de nosso desenvolvimento econômico e cultural. Negros e mulatos permaneciam excluídos do processo de modernização do país. A intelectualidade brasileira ainda estava tomada pelo pessimismo em relação aos brasileiros e ao Brasil¹⁹.

Desde o final do século XIX, pensadores como Oliveira Viana, Silvio Romero e Nina Rodrigues deploravam nosso atraso, nossa inferioridade racial. Louvavam a raça branca: a “raça superior”. Raça que construiu a Europa. Consideravam que o atraso brasileiro era resultado da mistura racial. Nossa “indolência” e “preguiça” vinham da degeneração

¹⁷ Op. cit., nota 4, fasc. nº 5, p. 133.

¹⁸ Cf. LEITE, Dante M. *A reação ingênua e patriótica*. In: O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

¹⁹ Cf. Idem. *Realismo e pessimismo*. In: O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

genética. As “deficiências físicas”, “racionais” e “morais” do brasileiro resultavam do contato do branco colonizador com as raças inferiores e atrasadas: o índio e o negro ²⁰.

Na política nacional Hermes da Fonseca venceu Rui Barbosa no pleito eleitoral de 1910, e abalou a “política do café com leite”. Oligarquias formadas por poderosos clãs de fazendeiros controlavam o poder político e econômico nos Estados. Configurou-se imediatamente o grande desafio do novo governo: como enfraquecer os “coronéis” e centralizar o poder? Os militares “hermistas” tentaram quebrar o monopólio regional das oligarquias e forçaram o governo a lançar a política de intervenção nos Estados – que ficou conhecida como política de “salvações nacionais” – para estabelecer governos militares. Um ano depois o Exército Brasileiro interveio em Pernambuco provocando choques armados. O povo apoiou os militares e Rosa e Silva – que dominava a política regional desde 1896 – foi deposto. Dantas Barreto, representante dos militares, tomou posse em dezembro do mesmo ano. No ano seguinte os militares alcançaram novas vitórias sobre as forças oligárquicas do Nordeste. Na Bahia, com a deposição de Aurélio Viana, o candidato dos militares J.J. Seabra foi eleito. No Ceará, com a deposição do governador, a aliança entre os militares e o povo levou o coronel Franco Rabelo ao poder. Euclides Malta foi deposto em Alagoas. O candidato dos militares – Coronel Clodoaldo da Fonseca (primo do marechal Hermes) – tomou posse.

Os setores “salvacionistas” encontraram apoio nas classes médias urbanas, mas poucos anos depois foram derrotados pelos setores tradicionais fortemente controlados pelas

²⁰ Cf. LEITE, Dante M. *As raças e os mitos*. In: O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983; ORTIZ, Renato. *Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX*. In: Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985.

poderosas oligarquias regionais. A “política do café com leite” retomou o poder. Paulistas e mineiros selaram um novo pacto no governo Venceslau Brás.

A criança deu lugar ao adolescente. O menino Gilberto cresceu em uma cidade que respirava miscigenação racial e cultural, e em um país marcado por contradições, conservadorismos e transformações. Aspectos que estruturavam experiências e influências. Mas nem tudo havia mudado, pois a influência européia nas artes, nas letras e na cultura ainda perdurava. Persistia a importância do bacharelato e do título de doutor para os filhos de famílias ricas: famílias conservadoras e poderosas que subsistiam diante das mudanças. Por outro lado, o espírito da *Belle Époque* impregnava aspectos da nova paisagem social: a euforia pelo desenvolvimento urbano-industrial; as idéias de progresso; as grandes realizações científicas; a confiança cada vez maior na racionalidade. Outras transformações foram paulatinamente acontecendo: a mudança das elites agrárias para as cidades; o enfraquecimento do poder dos coronéis; a primeira grande guerra mundial e a reação nacionalista contra a dominação intelectual e cultural européia.

Eis o cenário histórico-social de sua cidade natal e do Brasil de sua infância e adolescência com suas cores e nuances multifacetadas: contexto que influenciava a formação do menino-adolescente. No Brasil do início do século XX, a adolescência era o tempo de decidir o futuro do filho e de escolher sua profissão: médico, engenheiro, militar ou advogado. Muitos pais, sobretudo de famílias ricas, acalentavam sonhos ainda mais ambiciosos: um filho ministro de Estado; ou presidente do Banco do Brasil; ou, até mesmo, presidente da República. Poderá ser também um grande banqueiro,

industrial, comerciante ou fazendeiro. De qualquer forma, o desenlace do pequeno herdeiro deveria ser planejado. Não poderá se furtar do tão sonhado título de “doutor”. Para tal, o futuro bacharel deverá ter excelentes preceptores na idade tenra e estudar nos melhores colégios na idade escolar. O curso ginásial, com duração de seis anos, deveria proporcionar a cultura intelectual necessária para a matrícula do menino nos cursos de ensino colegial e para a obtenção do grau de bacharel em ciências e letras. Ensinava-se desenho, português, literatura, francês, inglês, alemão, latim, grego, história natural, física, química, lógica, história do Brasil, geografia, geometria e álgebra. Tudo com austera disciplina e castigos físicos se necessário. Desta forma, os rapazes de dezesseis e dezessete anos já estavam preparados para ingressar em qualquer curso de ensino superior. A maioria esmagadora preferia a Faculdade de Direito ²¹.

Gilberto já estava com quatorze anos, mas ainda continuava apegado aos brinquedos e brincadeiras de menino, apesar das críticas dos primos, tios e vizinhos. Por insistência da Mãe Dona Francisca concordou em distribuir seus “brinquedos amados”: o trem elétrico, a caixa de blocos de madeira – com os quais construiu “tantas casas, tantas igrejas, tantos castelos sem ser os de areia, das fantasias vãs”, os soldadinhos de chumbo – “desmilitarizados em simples e paisanos homens e mulheres e tornados a parte viva, humana” do seu mundo. O mundo encantado criado e recriado à sua imagem, “como se sozinho, em recantos quase secretos da casa” e do sótão, “brincasse de Deus”. Melancolicamente o adolescente aceitou sua nova fase: “Agora esse mundo se desfez” e o seu “novo mundo” só conservou “do velho” as suas garatujas: desenhos e

²¹ Op. cit., nota 4, fasc. n° 4. p.106; ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999. p.71-2.

versos, alguma coisa que desejava que fosse “literatura ou arte”. Gilberto Freyre só não se interessava pelas “tais matemáticas” (Freyre, 1975: 3).

De um dos meus professores norte-americanos no colégio ouvi um desses dias palavras quase bíblicas que (poderia ter ouvido do meu Pai): “Ai daquele que não dá para as matemáticas! Tudo Depende das matemáticas”. E no colégio são os alunos glorificados: os bons nas matemáticas. Eu não estou entre esses glorificados e dada dia acho menos graça nas tais matemáticas. (Ibid, 1975:3).

A primeira guerra mundial (1914-1918) já havia começado. Os países envolvidos estavam apreensivos com as conseqüências devastadoras da grande guerra, mas o jovem Freyre estava preocupado com coisas de outra ordem: as poesias e as literaturas sentimentais. Aos quinze anos registrou em seu diário a postura rude de seu Pai ²² (Dr. Alfredo Freyre) e de seu Tio (Tomás) para como os “poetas sentimentais” e as “pieguices literárias”. Pieguice como a de Fagundes Varela e de Casimiro de Abreu. E completou: “Senti-me atingido de certo modo, pois desconfio de que sou um tanto sentimental” (Freyre, 1975: 4). Freyre dedicava-se cada vez mais a leitura de biografias de poetas e escritores, livros de Camões, Garrett e Frei Luís de Sousa que pertenceram ao seu Avô Alfredo ²³. Avô “charadista” que colecionava velhos *Almanaques de*

²² Dr. Alfredo Freyre – juiz de direito, professor e diretor da Escola Normal do Recife. Filho da aristocracia rural de Pernambuco. Cultuava sua estirpe pernambucana de origem espanhola. Orgulhoso de suas origens trocou o “i” pelo “y” do nome Freyre. Na juventude usava fraque, chapéu côco e bengala, usos e modas apreciadas pelos homens de sua época como expressão de status social e masculinidade. Admirador da cultura inglesa comportava-se como um verdadeiro *gentleman* inglês. Filho de pai e mãe severos e moderados ao estilo britânico. Alfredo Freyre era admirador da monarquia britânica. Seu “liberalismo à inglesa” não via incompatibilidade entre os sistemas monárquico e democrático. Por outro lado, criticava as oligarquias. Era Latinista, mas admirava a cultura anglo-saxônica e os escritores ingleses. Também admirava os escritores portugueses e espanhóis. Dois livros marcaram sua infância: *Os Lusíadas*, de Luís de Camões e *Paraíso Perdido*, de Milton. Entusiasta de Camões sabia diversas passagens de suas obras de cor. O Dr. Freyre admirava, sobretudo, autores que escreviam um português irrepreensível, correto e elegante.

²³ O Avô Alfredo fora dono de engenhos e comissário de açúcar. Mas apreciava muito a leitura. Principalmente obras de História como as de Alexandre Herculano, seu historiador máximo. Também apreciava a leitura de obras de autores como Oliveira Martins, Latino Coelho, Garrett, Rebelo da Silva e Camões – que sabia grande parte de cor. O velho Alfredo tocava violino com verdadeira arte.

lembranças Luso-Brasileiros, poesias, crônicas e literaturas românticas de escritores portugueses.

Não me parece que a meu Pai tenha agradado o outro dia ver-me deliciado na leitura de velhos almanaques – os números dos primeiros anos da coleção do *Almanaque de lembranças luso-brasileiro*, que foi do meu Avô Alfredo – cheio de poesias e crônicas sentimentais e de biografias de poetas e escritores dos que ele, seco como é, parece considerar piegas. Meu Avô Alfredo deixou esses almanaques todos marcados a lápis: era charadista, diversão que me atraía. Mas também há dele marcas a lápis em biografia, crônicas e poemas nesses almanaques, como noutros livros que são hoje de meu Pai como as *Obras Completas* de Camões, de Garrett, de Frei Luís de Sousa que venho lendo com o maior interesse. (Freyre, 1975: 4-5).

1.2. Os sinais de uma formação intelectual precoce: a recusa dos sectarismos e das rígidas ortodoxias, e as preocupações com o “problema do conhecimento”.

Apesar da pouca idade, o adolescente travava conhecimento com jovens mais velhos. Discutia temas filosóficos e sociais com seu primo Mário Severo e com outros estudantes de direito ²⁴. Estes ficavam admirados que o menino de apenas quinze anos já lesse Nietzsche, Spencer, J.S.Mill, Augusto Comte e traduzisse trechos de autores ingleses e franceses. Freyre ensinava Latim para uma classe de rapazes mais velhos do que ele e arriscava algumas composições em Grego. Freyre lia vorazmente e devorava autores e obras de diversas áreas: poetas, escritores, historiadores, filósofos, sociólogos, biógrafos ²⁵. O “menino-homem” redator-chefe do jornal do colégio (*O Lábaro*) era considerado um *prodígio*.

²⁴ Recife era uma capital brasileira tradicional na área de Direito. Até a proclamação da República, o Brasil possuía apenas cinco faculdades. Direito (São Paulo e Recife), Medicina (Bahia e Rio de Janeiro) e Engenharia (Rio de Janeiro). A partir de 1890 começaram a surgir outras, mas as antigas faculdades eram as tradicionalmente mais procuradas. Jovens ricos de várias partes do país afluíam ao Rio, Recife, São Paulo e Bahia para cursar as faculdades. Moravam em “repúblicas” para aproveitar melhor a mesada paterna. (Cf. op. cit., nota 13).

²⁵ O jovem leitor já se considerava iniciado em Sócrates, Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, Spinoza, Descartes, Hume, Hobbes, Hegel, Comte, Schopenhauer, Nietzsche, W.James, Bergson,

Aos dezesseis anos o jovem Freyre registrou suas primeiras críticas aos sectarismos e as rígidas ortodoxias. Críticas enfáticas que foram reveladas por ocasião de seus comentários sobre autores e obras relacionadas à fé. Estava aparentemente preocupado com temas religiosos. A leitura de autores como o “admirável” Tolstói (de *Guerra e paz*) e de Renan despertou sua apreciação pelo “cristianismo fraternal” e a admiração pela religião Batista. Freyre converteu-se ao protestantismo. Mas esta admiração não ofuscou sua recusa dos sectarismos, nem as críticas as rígidas ortodoxias:

Estou lendo tudo que consigo obter sobre Tolstói. É por ele que desejo me guiar. O cristianismo que compreendo é o do Cristo interpretado para o homem moderno por Tolstói. Nada de eclesiasticismo: religião viva. Cristianismo fraternal, ligando os homens acima de classes e de raças; e fazendo que a gente mais instruída vá ao povo ao povo e lhe leve a sua luz. “Vai ao povo e procura compreendê-lo”, ensina Tolstói. Exatamente o contrário do que fazem esses imbecis que são quase todos os doutores, sacerdotes, mestres e bacharéis brasileiros que, mesmo quando vêm da parte mais humilde do povo, se afastam do povo. Compreende-se assim que os cristãos Batistas sejam fortes na Rússia de Tolstói. Eles levam Cristo ao povo. Infelizmente são uma seita como todas as seitas, sectária. Repugnam-me os sectarismos sem que deixe de admirar os Batistas.(Freyre, 1975: 11).

Há com efeito no modo ondeante de Renan falar de Jesus, de São Paulo e, sobretudo, de si próprio [...] alguma coisa que nos seduz para o gozo de paisagens intelectuais – ou estéticas? – que não podem ser saboreadas nem com os olhos nem com o espírito senão por quem esteja fora das rígidas ortodoxias.(Freyre, 1975: 16).

Freyre lia seus autores prediletos com intensidade. Mas este entusiasmo com o conhecimento provocou preocupações intelectuais e existenciais. Filósofos e filosofias foram apreendidos pelo jovem marcadamente preocupado com coisas de gente grande. Preocupação intelectual acompanhada de outra, talvez maior, revelada nas dúvidas sobre seu “destino” e sua “missão”.

Marx. Além da leitura de Shakespeare, Tolstói, Eça de Queirós, Bunyan, Oliveira Lima, Vitor Hugo, Baudelaire, Antero, Dickens, Assis Chateaubriand, Aníbal Fernandes, Alfredo de Carvalho, Carlos Dias Fernandes, e pensadores espanhóis como Cervantes, Luís Vives, Gracián, Victoria, Ramón Lulio, San Juan de la Cruz, Frei Luís de León, Santa Tereza, Lope de Vega, Calderón. Também suas releituras de Stuart Mill, e seus primeiros contatos com o pensamento de Renan, Anatole France, Eugênio Egas etc.

Vinha eu já me inquietando [...] durante a adolescência, em torno de problemas das origens e do destino do Homem com outras leituras antropológicas, filosóficas e para-sociológicas [...]. Pascal, que antes do que qualquer outro pensador, me pôs diante dos desafios mais fundos da Antropologia Filosófica; Kant, Goethe e Nietzsche, em traduções francesas; Montaigne; Swift; Darwin; Thomas Huxley; Herbert Spencer; Fustel de Coulanges; Havelock Ellis; Vives, Gracián, Ganivet, dentre os espanhóis; Oliveira Martins, dentre os portugueses; Alberto Sampaio, Fonseca Cardoso. (Freyre, 1968: 43).

Lendo Kant com toda a intensidade de atenção e toda a vontade de compreensão de sou capaz. O problema do conhecimento me preocupa enormemente, junto com o problema do meu destino e da minha missão: mesmo que esse destino e essa missão sejam humilhar-me perante os outros ou dissolver-me nos outros. Pascal me leva a uma concepção profunda desse destino mas me deixa sem uma sistematização de conhecimento que talvez eu adquira em Kant, já que Comte não parece me satisfazer: nem ele nem mesmo Spencer. Minhas outras leituras atuais em filosofia vêm sendo Nietzsche; Schopenhauer, Bergson, James. Estes me salvam da impressão de que sem matemática não se pesquisa a verdade: impressão que me deixaria – negação do matemático que sou – no mato: e que mato! – sem cachorro. (Freyre, 1975: 13).

O jovem aprendiz de filósofo registrou outra preocupação importante para sua formação intelectual. Freyre não queria ser “mediocre”. As anotações de seu diário revelam que Freyre encarava a mediocridade como ausência da preciosa imaginação: a sensibilidade que nos permite apreciar as belezas da natureza, a poesia e a arte.

Meu Pai não é mediocre. Alguma inteligência, alguma cultura, bom conhecimento do Latim e excelente de Português: das línguas e das literaturas [...] Nele o que não há é imaginação. Nem sensibilidade à beleza da natureza e das criações da arte. Sou de uma família inteira de gente de pouca imaginação. Mãe, neste particular, um tanto acima da média, embora não muito acima. Avós, neste particular, medíocres. Bisavós, antepassados, colaterais, todos medíocres, embora homens e mulheres de caráter: alguns dos homens, bravos. Heróis da Guerra do Paraguai, até. Eu próprio escaparei à mediocridade tribal para me portar como herói em alguma guerra ou revolução? (Freyre, 1975: 19-20).

1.3. A conjugação dos quixotismos corrigidos saudavelmente pelos sanchismos: a influência de Oliveira Lima.

Em 1913, Gilberto Freyre leu o opúsculo “*Vida Diplomática*” de Oliveira Lima. Freyre estudou a obra de O.Lima na adolescência e acompanhou com interesse suas atividades

jornalísticas e trabalhos científicos²⁶. Em 1917 dedicou ao pensador um artigo no jornal *O Lábaro do Colégio Americano Gilreath*. Neste mesmo ano, O.Lima foi paraninfo da turma de Freyre no curso de *Ciências e Letras do Colégio Americano*. Em 1921 escreveu um novo artigo sobre O.Lima, intitulado *O embaixador do intelectual do Brasil*, publicado na revista *El Estudiante Latino-Americano*, e transcrito no *Diário de Pernambuco*. Em 1922 apresentou um ensaio crítico da obra *História da civilização*, de O.Lima, na *Revista do Brasil*, dirigida por Monteiro Lobato²⁷. Freyre também confessou sua admiração pelo pensador pernambucano e a influência intelectual de O.Lima em sua formação, principalmente nos estudos sobre o patriarcado rural e a miscigenação no Brasil. O.Lima e Dona Flora (sua esposa) não tinham filhos, e provavelmente encontraram no jovem G.Freyre, o carinho e a atenção de um filho: carinho recíproco que persistiu por toda vida.

Em uma conferência lida²⁸ na *Universidade de Lisboa* (janeiro de 1952), Freyre lembrou suas visitas regulares a biblioteca de O.L. para estudos sistemáticos sobre a história social do Brasil, aplicando técnicas e métodos de pesquisas antropológicas e sociológicas adquiridas de seus mestres do mestrado e doutorado. Freyre considerou a contribuição magistral de O.L. para a superação da “lenda de inépcia e de quase ridícula ausência de capacidade de ação, e não apenas de heroísmo, que tão injustamente, e por tão longo tempo, recobriu aos olhos de muitos a figura de Dom João VI...” (Freyre,

²⁶ Manuel de Oliveira Lima (1867-1928) – historiador e biógrafo pernambucano. Foi diplomata do Brasil em vários países. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Presidente do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano.

²⁷ FREYRE, G. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor, 1918-1926*. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979. v.1. p.120-22, 218-20; LARRETA, Enrique. *Itinerário da formação*. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, março (12). 2000. p. 24-5.

²⁸ FREYRE, Gilberto. *A propósito de Oliveira Lima*. In: Um brasileiro em terras portuguesas. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1953. p.187-208.

1953: 194). Na obra *D. João VI no Brasil* (1909), O.L. não reabilitou apenas o rei, mas de modo indireto, “senão o gênio”, por certo, “o senso político” do português e do brasileiro. Lima revelou no rei

...por ele considerado um Sancho Pança, um tipo de colonizador – o português, criador do Brasil – que ao idealismo, comum aos hispanos – todos um tanto Quixotes nos rompantes –, juntara sempre, e mais que outros hispanos, um realismo, um senso de prudência às vezes considerada pura covardia pelos homens de opinião ligeira, uma sabedoria de contemporização, que explicam o fato de ter o lusitano desenvolvido esforço excepcionalmente sólido de colonização nos trópicos, sob circunstâncias dentro das quais outros europeus fracassaram; ou pouco conseguiram de estável.(Freyre, 1953: 194).

Ao traçar a biografia do rei português, o historiador brasileiro acabou fazendo um pouco de sua autobiografia. O.Lima moderou os seus ímpetos às vezes românticos pelo seu lado Sancho Pança que se manifestava no “bom senso”, no “senso comum”, no “senso crítico e, principalmente, no seu *sense of humour*” (Ibid., p.196). O.L. foi quixote e sancho, romântico e realista, otimista e crítico. Em *Impressões da América espanhola*, O.Lima revelou-se uma espécie de síntese e coexistência de vários Oliveiras Limas: o historiador, o sociólogo, o antiacadêmico, o memorialista, o internacionalista, o membro da Academia Brasileira de Letras, o diplomata contrariado pelo publicista e o pernambucano preocupado com os problemas regionais.

Freyre lembra que O.Lima conciliava sua habilidade de paisagista minucioso a descrição quase poética do contexto histórico e social. Seu apreço pelos detalhes estéticos pode ser facilmente percebido pela descrição de sua visita a Olinda na companhia de Alfredo de Carvalho e Euclides da Cunha:

...as janelas de peitoril da biblioteca do Mosteiro de São Bento abrindo-se para a imensidade azul-ferrê do oceano; os frescos muros caiados de branco do Convento de São Francisco, lá ao longe, sobre o morro; as paredes esburacadas e ainda imponentes do convento das carmelitas; a fachada sem arquitetura ligada à igreja sem estilo do convento de Santa Teresa, ao fundo dum capinzal verde... (apud Freyre, 1953: 201).

Freyre revela que O.Lima não era só um “entusiasta da França e da Alemanha” ou um “simpatizante de Portugal”, era principalmente um “admirador da Grã-Bretanha” (Freyre, 1953: 205). Foi um cosmopolita sempre preocupado com sua província e com os problemas do homem brasileiro. Mas do homem brasileiro sempre ligado ao homem português. Para Freyre, o traço principal de Oliveira Lima (talvez) tenha sido “o de historiador-sociólogo singularmente compreensivo não só do passado como da natureza humana” (Freyre, 1953: 208).

A ligação de Freyre ao mestre permaneceu mesmo depois da morte de O.Lima. Por solicitação de Dona Flora, Freyre prefaciou as *Memórias póstumas do historiador* (1937) e reedições de algumas obras de O.Lima: *Formação histórica da nacionalidade brasileira* (1944), *Impressões da América espanhola* (1953) e *Pernambuco, seu desenvolvimento histórico* (1975). As comemorações oficiais do centenário do nascimento de Oliveira Lima foram iniciadas com uma conferência de G.Freyre no Arquivo Público Estadual de Pernambuco, incluída na obra coletiva *Oliveira Lima, o centenário do seu nascimento* (1968). A Universidade Federal de Pernambuco editou o ensaio biográfico de Freyre, dedicado ao amigo e mestre: *Oliveira Lima, Dom Quixote Gordo* (1968), reeditado em 1970 ²⁹.

²⁹ FONSECA, Edson N. da. *Gilberto Freyre de A a Z: referências essenciais à sua vida e obra*. Rio de Janeiro: Zé Mario Editor, 2002. p.128-9.

A influência da perspectiva compreensiva de O.Lima sobre Freyre pode ser identificada na conjugação dos quixotismos (romantismos) corrigidos saudavelmente pelos sanchismos (realismos); na complementaridade entre o escritor, o sociólogo, o historiador e o inacadêmico; na valorização dos pormenores da paisagem social, apresentados com razão, poesia e emoção.

1.4. O amadurecimento intelectual de Gilberto Freyre: as experiências e influências na primeira mocidade.

Desde jovem, o autor tende a ser, criar o seu próprio ritmo ou seu próprio estilo, tanto sociológico como, até, filosófico, de ser ou, como diria o espanhol, de <<estar sendo>> quanto tem sido. Daí ser, talvez, menos sociólogo que antropólogo. Daí ser, também – ou procurar ser – historiador social: um historiador social que junte <<simbioticamente>> [...] a história social à sociologia. Daí, ainda, ser dos que não hesitam em procurar abrir comunicações da sociologia com a literatura e com a filosofia, admitindo aquela validade do <<modo poético de conhecimento>> como complementar, nuns tantos casos, do <<modo científico>>... (Freyre, 1968: 25).

Desde o século XIX, imperava – entre as pessoas cultas no Brasil – o desprezo pelos EUA e a admiração pela Europa, sobretudo por Paris. O padrão masculino era o *dandy*, modelo de elegância: o “eloqüente palrador”, “senhor da ironia” e “mestre do paradoxo”. Habitado aos salões lítero-musicais. No começo dos anos 10, o *jeune homme bien habillé* ainda imitava os grandes nomes do fim de século europeu, como os escritores Oscar Wilde (inglês) e Eça de Queirós (português), mestres da *finese*, da elegância e da oratória.

O crescimento urbano, a influência dos jornais e das revistas, do cinema, da publicidade, entre outros, contribuíram para a identificação nacional com o modelo de

desenvolvimento econômico “americano”. O padrão de homem da *Belle Époque* foi gradativamente cedendo lugar ao *sportsman-empresário* – homem descontraído, esportista, moderno, prático, bem sucedido – marcando a transição de Paris para os Estados Unidos. Paulatinamente, as palavras foram deixando de ser francesas; surgiram termos em inglês para designar novos hábitos.

O jovem Freyre tinha predileção pela Europa. Predileção comum no Brasil do início do século XX. Admirava os poetas, os escritores, as artes, a tradição, a arquitetura e a cultura do velho continente. Desejava estudar em centros de excelência intelectual como Heidelberg, Paris e Oxford. Mas a primeira guerra mundial ainda assolava a Europa. O desejo de estudar na Europa foi momentaneamente adiado. Era preferível escapar para os Estados Unidos – país admirado pelo expressivo desenvolvimento econômico e científico, e ideal, segundo Freyre, para os que preferem as matemáticas – que permanecer confinado na sua província pernambucana e na sua “aldeia recifense” ou no seu “pobre Recife”, como registrou em seu diário. Precisava ampliar seus horizontes intelectuais. O adolescente excepcional se ressentia por não ter interlocutores com quem pudesse conversar sobre Kant, Pascal, Spencer, Hegel, Nietzsche, Schopenhauer, Marx, Spinoza, Bergson, James, entre outros.

Como herdeiro de famílias da aristocracia rural pernambucana Freyre não fugiu totalmente aos valores de sua época. O bacharelato era um título muito valorizado como um símbolo de status social, intelectualidade e poder econômico. Freyre completou seus estudos secundários no *Colégio Americano Batista Gilreath*. Colégio muito conceituado entre as famílias mais abastadas de Recife. Recebeu o grau de *Bacharel* em *Ciências* e

Letras, e foi o orador de sua formatura no *Colégio Americano*, em novembro de 1917.

Em seu discurso de *Adeus ao Colégio* ³⁰ revelou como encarava o conhecimento, e manifestou sua preocupação com a responsabilidade social diante do saber:

O saber deve ser como um rio, cujas águas doces, grossas, copiosas, transbordem do indivíduo, e se espraíem, estancando a sede de outros. Sem um fim social, o saber será a maior das futilidades [...]. Não sejamos meros ideólogos nem simples utilitários, mas idealistas práticos.

É tempo do Brasil desapegar-se das fórmulas vagas, procurando *ver e observar* os seus problemas em vez de ater-se ao que está escrito nos livros estrangeiros.

O Brasil quer homens. O Brasil quer líderes de cultura e ao mesmo tempo capazes de ação. O Brasil quer homens de fé e personalidade, á frente dos seus destinos. (Freyre, 1941a).

1.4.1. A literatura de romance policial de Arthur Conan Doyle e a teoria poética de Edgar Allan Poe.

O jovem que fugia da “mediocridade familiar” não sucumbiu a tradição, e recusou o título de doutor em Direito, Medicina e Engenharia. Freyre viajou para os Estados Unidos em 1918, para iniciar seus estudos em *Artes Liberais*, na *Universidade Batista de Baylor* (Dallas-Texas). Passando primeiramente por New York percebeu que as ruas da grande cidade americana não eram estranhas aos seus olhos, então lembrou das ilustrações de N.York nos contos policiais de Nick Carter. Lembrou também das ilustrações de Londres nos contos de Sir Conan Doyle ³¹.

³⁰ FREYRE, Gilberto. *Adeus ao Collegio*. In: Região e tradição. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1941a. p. 46-52.

³¹ Arthur Conan Doyle (1859-1930), filho de aristocratas irlandeses arruinados, estudou com jesuítas e formou-se em medicina. Aproximou-se da literatura detetivesca através da leitura dedicada dos contos de romance policial de Allan Poe. Em 1887, durante os momentos de ócio em seu consultório de oftalmologia, criou o personagem-detetive Sherlock Holmes que o imortalizou como escritor do gênero em contos famosos como: *A study in scarlet* (1887), *The adventures of Sherlock Holmes* (92), *The hound of the Baskervilles* (1902), *The valley of fear* (15).

Freyre declarou profunda admiração pelas “magníficas ilustrações” de G.Doré para obras como *Paradise lost* (de Milton), *Dom Quixote* (de Cervantes), *Divina comédia* (de Dante), *Os miseráveis* (de V.Hugo), entre outras, e lamentou a falta de ilustrações da mesma magnitude na obra de Defoe, Longfellow, Allan Poe ³², Cooper, Camões, Eça de Queirós, José de Alencar, Machado de Assis e Gonçalves Dias.

Os livros de Conan Doyle apresentam muitas ilustrações estilizadas do famoso personagem-detetive Sherlock Holmes e de seu fiel assistente (Watson). Desenhos sobre as ruas de Londres do final do século XIX e início do XX. Ilustrações com detalhes do cotidiano londrino. Os contos de romance policial de enigma seduziam jovens leitores como Freyre – leitores vorazes, entusiastas da imaginação, do mistério, da investigação minuciosa. Qualidades que Freyre já vinha desenvolvendo desde a infância ao descrever os detalhes da paisagem social através dos desenhos tão elogiados por seu “querido” professor inglês Mr. Williams.

Aos dezenove anos Freyre registrou em seu diário que valeu-se de sua afinidade com o desenho nas tarefas como estudante universitário. Desenvolveu trabalhos de Biologia e Geologia que exigiam habilidades específicas como a capacidade de ver, de observar e de discriminar pormenores que exigiam atenção aos detalhes ínfimos:

³² Edgar Allan Poe (1809-1849), Poeta e crítico nascido em Boston (EUA). Também foi jornalista em Nova York e na Filadélfia. Considerado pelos críticos o criador do romance policial de enigma: a narrativa policial detetivesca. Poe, lançou em 1841, na *Graham's Magazine*, o conto *The murders in the rue Morgue*, sua primeira narrativa policial com o personagem-detetive Auguste Dupin. Com Dupin, Allan Poe inventou a idéia moderna de detetive. Criou também, segundo Lacassin, “um arquétipo literário: o detetive amador, o homem que coleciona enigmas como os outros colecionam objetos”. Edgar Allan Poe inovou o gênero policial de enigma. Escreveu obras-primas como: *The fall of the house of usher* (1839), *The masque of red death* (42), *The gold bug* (43), *The cask of amontillado* (46). Seu pioneirismo influenciou escritores consagrados como Conan Doyle e Agatha Christie.

Excelente exercício para um futuro estudante de Ciências do Homem, esse, de desenhos biológicos de microscópio e de laboratório e geológicos, de campo. Exercício disciplinar da visão que em mim, entretanto, sempre resistiu ao império completo de tal disciplina, reservando-se o direito de deformar ou exagerar, para acentuar o típico, o simbólico, o significativo para o esforço de interpretação da realidade em que me empenhasse. (Freyre, 1968: 70).

Os contos de Conan Doyle popularizaram a literatura policial de enigma. Neles, o excêntrico detetive Sherlock Holmes explica os procedimentos da investigação detetivesca. No conto *Um estudo em vermelho* (1887), S.Holmes discute alguns parâmetros importantes para a pesquisa indiciária. Parâmetros que reforçaram a importância que o jovem Freyre atribuía aos aspectos pequenos e triviais: os pormenores da vida cotidiana.

...toda vida é uma grande corrente cuja natureza torna-se conhecida desde que nos apresentem um único elo. [...] Antes de enfrentar os aspectos morais e mentais que apresentam maior grau de dificuldade em determinada questão, convém que aquele que indaga comece por dominar os problemas mais elementares. Que ao olhar outro mortal, aprenda a perceber através de um mero olhar a história do homem e o ofício ou profissão a que se dedica. Por mais pueril que esse exercício possa parecer, ele aguça as faculdades de observação e ensina para onde olhar e o que ver. As unhas de um homem, a manga de seu paletó, sua botina, os joelhos de suas calças, as calosidades de seu indicador e se polegar, sua expressão, os punhos de sua camisa – eis diversos elementos que permitem discernir claramente a ocupação de um homem. [...] Em mim a observação é uma segunda natureza. [...] Quando um fato parece se opor a uma longa série de deduções invariavelmente se verifica que esse fato comporta alguma outra interpretação. [...] No momento de solucionar um problema desse tipo, o essencial é saber refletir para trás...(Doyle, 1988: 33, 35, 80-1, 146-7).

Freyre também admirava a literatura e a poesia de Allan Poe ³³. Mas seu apreço por A.Poe manifestou-se principalmente na leitura das obras sobre teoria poética. Poe consagrou-se com estudos sobre poesia (*O princípio poético, Análise racional do verso*,

³³ Em 1921, Freyre escreveu um artigo para o jornal *Diário de Pernambuco* acerca de sua visita a casa onde morou Allan Poe (de 1846 a 1849), e destacou a agonia mental e o sofrimento do poeta diante da doença e da morte de sua esposa Virgínia Clemen. Freyre escreveu: “Dissera Goethe: ‘faze de tua dor um poema’. Poe fez da sua mais de trezentos. A dor mora na sua obra toda. Não é postíça. É intensamente real. Da vida, Poe só extraiu tristeza”. Esta tristeza desdobrou-se em “mórbido deleite” e “volúpia doentia” em sua literatura de horror, crime e sombras. (FREYRE, 1979: 101).

Filosofia da composição). Estudos que influenciaram autores franceses como Baudelaire, Mallarmé, Valéry, e através deles, uma expressiva corrente da poesia mundial. Poe também escreveu poemas consagrados como: *O corvo*, *Annabel Lee* e *Ulalume*.

Em 1919, Freyre ainda estava na *Universidade de Baylor*, quando recebeu carta de França Pereira (Presidente da Academia Pernambucana de Letras) comunicando sua eleição como sócio correspondente da tradicional academia. Este convite levou o jovem escritor – “esboço de escritor” – a se preocupar com seu estilo literário. Escritor que ainda engatinhava: “Sonhando não apenas andar e correr: também dançar como escritor”. Dançando poderia revelar o movimento, a flexibilidade e a plasticidade literária almejada: “Quem apenas anda ou mesmo corre não é pleno escritor. O pleno escritor é o que escreve, dançando como que ao som de uma música que somente ele ouvisse: com ritmo, com – diria um grego – euritmia” ³⁴ (Freyre, 1975: 34).

Em 1922, Freyre novamente manifestou sua preocupação com o problema do estilo na escrita, e citou escritores importantes para a representação de diferentes estilos: Rabelais – um tanto transbordante; Bossuet – eloqüente; Montaigne e Pascal – grandes escritores de prosa; Daudet, Goncourt, Remy de Gourmont, Barbey d’Aurevilly, Huysmans, Chateaubriand, Vigny, Musset, Renan, Rimbaud – estilistas modernos; Mallarmé – superestilista ou perfeccionista; Péguy e Psichari – mais que modernos. Freyre também confessou a assimilação de arcaísmos de “muitas leituras” de autores como Fernão Lopes, Fernão Mendes, Vieira, Gracián, Santa Tereza, Unamuno, Cervantes, e

³⁴ Euritmia – justa proporção entre as partes de um todo ou regularidade da pulsação.

sugestões de modos de escrever e pensar de renovadores da ensaística como Montaigne, Pascal, Swift, Defoe, Stevenson, Lamb, Pater, Newman, Baudelaire, Michelet, Huysmans, Goncourt, Gervet, Baroja, Santayana, entre outros ³⁵.

Foram influências, as daqueles estranhos e as daqueles clássicos, que procurou adaptar ao seu próprio respirar, ora inquieto, ora tranquilo. E que se projetasse, como um personalismo até biológico, fisiológico, assim adaptados, ora em frases curtas, ora em longas, das que procurou desenvolver como criações suas, através de pontos, de pontos e vírgula, de dois pontos, de travessões. Desenvolvê-las, individualizando-as, modernizando-as, diferenciando-as das convencionais [...] nos seus ritmos e na sua possível musicalidade [...] juntando a um aspecto ou a um contorno que pudesse ser visto pelo leitor, som, cor, sabor e até olfato. Som, cor, olfato que o leitor viesse a ter a sensação de captar mais do que lendo, absorvendo das palavras puras esses contornos e esses gostos como que de carne. (Freyre, 1979: 27-8).

O interesse de Freyre pela teoria poética de Allan Poe se justifica pela sua notória preocupação com o estilo literário. Preocupação incipiente na adolescência, e que reapareceu com mais força na primeira mocidade quando discutiu questões sobre estilo literário. Entre os onze e treze anos Freyre organizou uma *coleção de palavras* por interesse pessoal e sensual, para um “gozo mais descansado” e para uma “carícia mais demorada” ou para satisfazer seu desejo de possuí-las. Aos vinte e quatro anos reconheceu que seu estilo pessoal de criar expressões vinha deste comportamento de sua meninice: expressões repetidas com “ternura” desde a meninice. Expressões ³⁶ muitas vezes citadas por seus admiradores: “franciscanamente lírico”, “molemente maduro”,

³⁵ O jovem G.Freyre também recebeu outras influências importantes na elaboração de seu estilo na escrita. Na pontuação assumiu “alguns ritmos inspirados por músicas brasileiras ouvidas na meninice”: músicas que o autor não revelou em seus registros oficiais. (FREYRE, op. cit., nota 17. p.28).

Outras influências podem ser encontradas na relação afetiva com seus pais: “Observo que as palavras que, nesse processo, me vêm de minha memória verbal, musical, visual, olfativa, brasileira, procedem principalmente de duas fontes: palavras associadas à minha Mãe e palavras associadas a meu Pai. As primeiras são as mais instintivas, espontâneas, intuitivas, românticas, sensuais; as que procedem de recordações da fala de meu Pai são as mais abstratas, lógicas, eruditas, assexuais. Algumas livrescas. No que começa a ser em mim, não sei se um estilo, se apenas um modo especial de escrever, a tendência é para a combinação de influências. Uso palavras que denominarei intuitivas sem repelir as lógicas. As cotidianas sem repudiar as raras. As populares sem deformar as eruditas. As sensíveis sem repelir de todo as abstratas”. (FREYRE, 1975: 111).

³⁶ Cf. as expressões citadas pelo jovem Freyre em seu diário no Apêndice 2.

“num doce esforço”, “igrejas gordas”, “verde beleza de adolescente”, “pastéis untuosamente eclesiásticos”, “voz oleosa”, “esforço acre”, “contorno sensual de idéias”, “acre fragrância”, “sabor bem da terra”, “descanso de seu”, “calvinismo político”, “relevo festivo de cor”, “flama criadora”, entre outras (Freyre, 1975: 151-2).

1.4.2. A conciliação dos antagonismos e a relatividade do conhecimento: a influência de Herbert Spencer.

O jovem Gilberto Freyre admirava Herbert Spencer desde os quinze anos. Considerava Karl Marx mais “genial” e “brilhante” que Spencer, mas alegava que a atualidade da sociologia de Spencer era superior a de Marx. Freyre valorizava a importância do pensamento Spenceriano para a compreensão do desenvolvimento e da evolução das sociedades modernas. Também considerava marcante e invejável um traço característico da cultura inglesa: o pendor para a compensação e o equilíbrio. A habilidade inglesa de contemporizar, harmonizar e equilibrar forças em oposição seduziu Freyre, que identificava Spencer como um pensador ligado a “tradição de equilíbrio intelectual”: o pensador moderado, avesso aos extremos, que evitava as conclusões enfáticas.

H.Spencer ³⁷ foi um pensador de tendência positivista. Mas rompeu com a postura científica fechada, soberana. Afirmava que o absoluto não pode ser apreendido pelo

³⁷ Herbert Spencer (1820-1903) – Filósofo nascido em Derby (Inglaterra). Sua teoria evolucionista considerava a predominância do indivíduo sobre a sociedade e do homogêneo sobre o heterogêneo. Também considerava a ciência como um saber parcialmente unificado. Spencer realizou estudos políticos e econômicos como engenheiro e jornalista. Foi subdiretor do jornal *The Economist*, de Londres. Escreveu *Social statics* (1851), *Principles of psychology* (55) e *Education: intellectual, moral, physical* (61) e *System of synthetic philosophy*, obra que representou uma tentativa de síntese das produções filosóficas, científicas e religiosas de sua época. Composta por livros de diferentes áreas. Os principais volumes foram preparados ao longo de vários anos: *First principles* (62), *The principles of biology* (64-67), *The principles of sociology* (76-96).

conhecimento, pois é incognoscível. Em *First principles* (1862), Spencer dedicou cerca de cem páginas à discussão sobre o conhecimento. Defendeu a conciliação entre ciência e religião, e a superação da disputa suscitada por *A origem das espécies* (1859), de Darwin. Spencer procurou mostrar que a “verdade geralmente se encontra na coordenação de opiniões antagônicas” (apud Pallares-Burke, 2003: 107). A relatividade de todo conhecimento decorre da aceitação de um princípio geral: a inteligência humana é incapaz de atingir o conhecimento absoluto dos fatos, pois a realidade possui uma complexidade que nos escapa na sua totalidade. Não podemos interpretar a realidade a partir de esquemas de polarização como “certo” ou “errado”, “bom” ou “mau”, “preto” ou “branco” etc. Para Spencer, esta postura teórica e metodológica é insustentável.

Spencer também rompeu com a concepção de A. Comte (seu contemporâneo) de que assim como os aspectos naturais, os fatos sociais (e entre eles o conhecimento científico) seguem uma sucessão determinada no tempo e no espaço:

Os homens, adverte Spencer, impõem ao mundo exterior um arranjo que tem origem na limitação da consciência humana. E porque se sentem obrigados a escolher alguma ordem ao agrupar os sistemas do conhecimento nos livros, eles são muitas vezes levados a crer que a ordem escolhida realmente representa os fatos. Caem, portanto, na falácia absurda de imaginar que a natureza “consultou a conveniência da feitura de livro!” (apud Pallares-Burke, 2003: 107-8).

A perspectiva conciliadora de Spencer – entre realismo e idealismo – foi atacada por pensadores de sua época que consideravam suas idéias incoerentes: um “compromisso impossível” e um “insulto ao espírito”. Mas Spencer rebatia as críticas afirmando que suas tentativas de reconciliação eram rejeitadas por causa do “espírito de não compromisso” com o conhecimento. Cada um dos lados se julgava possuidor de “toda

verdade”. No universo, coexistem – em todos os níveis – forças antagônicas que necessitam de equilíbrio. Equilíbrio que constitui a condição fundamental para o qual a evolução se dirige. Evolução que em todos os seus aspectos constitui um “avanço para o equilíbrio”. Os conflitos são necessários, pois operam como “instrumentais” para a evolução social. Mas sem o equilíbrio desses antagonismos não há evolução significativa.

Freyre assimilou a postura conciliatória de Spencer. Desejava ver a realidade social, e particularmente o Brasil, pela lente conciliatória. Por isso, admirava a relatividade teórica e metodológica presente no pensamento de Spencer. Esta relatividade não deve ser confundida com o relativismo exacerbado que tudo aceita ou com o ceticismo que apregoa a impossibilidade de toda certeza.

Freyre encontrou na conciliação spencereana a chave teórica para a superação dos sectarismos científicos e das rígidas ortodoxias no pensamento social. Para Freyre, os homens não podem ser compreendidos por categorias excludentes, pois não são “isto ou aquilo”, mas ao contrário, são “isto e aquilo”. Freyre encontrou em Spencer o suporte teórico necessário para a superação da proposição razão/realismo versus desrazão/imaginação, e reconheceu definitivamente a complementaridade entre os fenômenos sociais.

Freyre sempre citou Spencer com admiração e carinho, e costumava chamá-lo de “meu velho Spencer”. O pensador inglês também foi muitas vezes retomado pelo autor em

releituras sobre conciliação, relatividade e ética. Spencer aparece nas citações de Freyre como um mestre especial que poderia recorrer sempre que necessário.

1.4.3. O amor pelos ensaístas ingleses: a influência de Walter Pater, Lafcadio Hearn e G.K. Chesterton.

Na Universidade de Baylor (Dallas-Texas) iniciou o curso superior de *Artes Liberais* para especializar-se em *Ciências Políticas e Sociais*. Freyre realizou estudos de literatura sobre o ensaísmo inglês. Leituras de Bacon. Releituras de Montaigne. Novo encontro com Milton (como ensaísta). Iniciação em Dryden, Thomas Browne, De Quincey, Steele, Addison, Samuel Johnson, Hazlitt, Defoe, Walter Savage Landor, Thomas Huxley, Trakeray, Newman, Walter Pater, Arnold Bennett. Estudo sistemático de autores outrora conhecidos de leituras mais aventurosas que dirigidas: Swift, Lamb, Carlyle, Ruskin, Macaulay. Freyre manifestou grande apreço pela literatura de ficção – uma literatura psicológica, pela poesia psicológica e filosófica de Chaucer a Browning, passando pelo “imenso” Shakespeare.

É um curso que vem abrindo novas e largas visões do Homem, da sociedade, da História. Sem o ensaio [...] estaríamos muito pobres com relação a problemas básicos do Homem e da Sociedade que a ciência dos Comte, dos Spencer e dos Tylor não parece capaz de esclarecer só por caminhos e por métodos científicos. [...] Isto porque o problema da existência sendo diferente para cada homem, é também, em muitos pontos, o mesmo para todos os homens e, portanto, suscetível de estudo científico (sociológico, biológico, psicológico, etc.). Ao mesmo tempo, um interesse poético, inspira ou informa esse estudo, porque não há problema de existência que não seja para o homem um problema de conflito da sua vontade ou de sua pessoa com a Natureza e com a Sociedade. Daí poder dizer-se que, em essência, a História, a Antropologia e, paradoxalmente, a própria Sociologia, não é senão a reunião de inúmeras biografias. Pelo menos não deveria a História ser senão isto: a essência de inúmeras biografias. (Freyre, 1975: 27).

G. Freyre sentia-se seduzido pela Inglaterra. Admirava a língua, a história, a cultura, o comportamento do inglês, o humor, a flama e a excentricidade inglesa³⁸. Esta sedução começou na infância pela influência do Pai (Dr. Alfredo Freyre) admirador da cultura anglo-saxônica e dos escritores ingleses: um verdadeiro *gentleman inglês*. O menino Gilberto também recebeu influência do professor particular Mr. Williams. O mestre inglês conseguiu despertar seu interesse para o estudo das primeiras letras. Com Mr. Williams aprendeu a ler, contar e escrever primeiro em inglês. As primeiras obras de autores ingleses como *As viagens de Gulliver*, de Swift, e o gosto pelos romancistas ingleses também resultou da influência do “querido” professor.

Aos dezoito anos Freyre participou de cursos com Joseph Armstrong – professor de literatura inglesa e comparada da *Universidade de Baylor* – que iniciou o jovem brasileiro na riqueza dos ensaios de escritores ingleses. Por sua orientação, Freyre estudou anglo-saxão com um professor recém-chegado de Oxford. Armstrong afirmava que Freyre deveria tornar-se escritor de língua inglesa. Condição que julgava fundamental para o reconhecimento internacional.

A permanência de Freyre nos Estados Unidos, nas *Universidades de Baylor e Columbia*, entre 1918 e 1922, pode ser considerada como a antecâmara do amor que crescia pela Inglaterra. O ensaísmo inglês exerceu marcante influência sobre o pensamento de Freyre. O contato iniciado muito cedo adquiriu caráter estruturante. O

³⁸ O *Diário da adolescência e primeira mocidade*, publicado como *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930* (1975) e os livros *Ingleses* (1942) e *Ingleses no Brasil* (1948) do próprio autor, oferecem pistas importantes para a pesquisa sobre a influência inglesa na formação de Freyre. Veja também os estudos de Maria Lúcia G. Pallares-Burke sobre as raízes inglesas do pensamento freyreano (*Gilberto Freyre e a Inglaterra: uma história de amor*. In: *Tempo Social*. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 13-38, out. 1997; *Gilberto Freyre: um nordestino vitoriano*. In: Kosminsky, E. V., Lépine, C., Peixoto, F. A. (orgs). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003; *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Ed. UNESP, 2005).

jovem intelectual que namorava os escritores ingleses aos pouco consolidava um “amor” cada vez maior. Freyre reconheceu o ensaio como “gênero nobre”, e identificou algumas chaves que desejava como futuro escritor: o ensaísta rompe com o pedantismo, erudição vazia e discursos ruidosos; busca na conjugação de bom senso, poesia e filosofia a análise dos problemas básicos do homem e da sociedade; revela a expressão do humano e do social num tom de conversa, realismo e intimidade.

A admiração de Freyre por Walter H. Pater começou aos dezoito anos com o curso sobre o ensaísmo inglês conduzido pelo Professor Armstrong, principalmente com a leitura da “pequena obra-prima” *The child in the house*, publicada originalmente na *Macmillan’s Magazine*, em agosto de 1878. Freyre encontrou em W.Pater ³⁹ atributos que valorizava em um escritor admirável: a discussão de questões estéticas e de estilo; uma literatura que capturasse a experiência humana na sua fluidez e complexidade; a relevância da imaginação e a defesa da liberdade criativa do escritor.

Para W.Pater, as formas de escrever não são meros acidentes literários que dependem da escolha pessoal ou do capricho do autor. Dependem do assunto e das maneiras como a mente humana se relaciona com a verdade. O ensaio não apresenta as inferências de forma sistematicamente organizadas, mas inferências e ligações que surgem por “associações mais ou menos livres e que se coadunam perfeitamente com a dubiedade e o inacabamento da experiência fugidia e da inevitável subjetividade de sua percepção”.

³⁹ Walter Horatio Pater (1839-1894) – Escritor e crítico inglês requintado. Pensador erudito. Seus princípios estéticos foram desenvolvidos por Oscar Wilde e George Moore. Os conceitos enunciados em sua obra foram transmitidos ao século XX pelo esforço de William Butler Yeats. Pater era esteticista. Sua estética aproxima-se da anamnese de Platão, mas divergiu do filósofo no tocante à ética. Sua fome de sensações sempre novas revelou sua identificação íntima com o pensamento de Heráclito. Destacou-se pelo ecletismo intelectual: crítica literária, escritos filosóficos, ficção. Obras como *Studies in the history of the Renaissance* (1873), *The child in the house* (1878), *Marius the Epicurean* (1885), *Imaginary portrait* (1887), *Appreciations with an essay on style* (1889), *Plato and platonism* (1893).

Pater considerou o ensaio como um método que se aproxima da realidade pela irregularidade, o fortuito, o ardor e a confusão da própria vida.

Pouco depois da iniciação na literatura de Pater, Freyre registrou em seu diário que o escritor inglês já fazia parte de sua vida. Na Inglaterra, em 1922, Freyre comentou sua felicidade por estar na Oxford de Pater. Registrou a leitura (e releitura) de quase toda sua obra, e se deleitava por apenas imaginá-lo andando pelas ruas de Oxford. Seus colegas de estudo se surpreenderam com seu conhecimento do escritor inglês. De volta ao Brasil, Freyre compensava sua solidão intelectual relendo seus autores prediletos. Em 1924, registrou: “Venho relendo todo o Pater”. Em 1927, Freyre comentou sua imensa felicidade “com a compra de livros já muito desejados”. Novamente o escritor inglês foi lembrado: adquirir o “Pater completo”. Freyre iniciou seu irmão Ulisses, o amigo José Lins do Rego, e até mesmo o poeta Manoel Bandeira, na leitura de autores “excitantes” que proporcionavam uma “quase” aventura de “gozo físico”. Pater estava entre eles. Para Freyre, seu escritor “inglês helenicamente perfeito”, só poderia ser acusado de um defeito: o “apuro da perfeição”.

Na obra *The child in the house*, Pater narra o reencontro de Florian Deleal com seu passado. Passado que se revelou pela busca de “pequenos acidentes” da infância que determinaram sua formação como homem. No conto, Florian ajuda um pobre velho, muito cansado, a carregar sua carga por uma distância. Durante o percurso ouve do velhinho sua história e descobre que eram da mesma região. Na noite do mesmo dia, Florian foi recompensado por seu compadecimento, e tem um sonho grandioso que descortina com grande clareza seu passado infantil: o lugar onde nascera e

especialmente a casa onde cresceu. As portas, janelas, lareiras, os jardins e o perfume das flores da “velha casa” – detalhes da infância – lembrados no sonho fizeram com que Florian tomasse a decisão de recuperar sua história, sua formação, que Pater considerou como o “processo de construção mental” pelo qual somos o que somos. Florian recordou da casa onde vivera na infância e reencontrou em suas lembranças a criança movendo-se entre as paredes de lambris antigos, subindo as escadarias, vagando pelo grande sótão. Pequenos acontecimentos. Lembranças da paisagem infantil. Influências marcantes na formação de seus sentimentos, identificações, desejos, medos, aversões etc.

A experiência de Florian cativou a atenção de Freyre. Em 1923, o jovem intelectual registrou em seu diário que um dos seus maiores desejos era rever o *São Severino dos Ramos: o Engenho de Pau d’Alho*, no interior de Pernambuco. Freyre sentia muita saudade de sua meninice, da velha casa-grande e da senzala e do engenho onde brincou menino, dos irmãos, primos e amiguinhos. Saudade de sua família, dos parentes e amigos e de seu amado Recife (Freyre, 1975: 125-6).

Os registros e comentários de Freyre não deixam dúvidas de que a literatura de Pater exerceu verdadeiro fascínio e influência em sua formação. Freyre reconheceu a influência de Montaigne e de Walter Pater no desenvolvimento de seu “ânimo” introspectivo: a análise de si mesmo ou de encontrar-se nos avós, nos pais, nos antepassados e nos brasileiros de um passado familiar. Sobre a leitura da obra de Pater comentou:

Antes de Proust, já Walter Pater me comunicara o gosto pela recaptura daquele tempo que o indivíduo, pela extensão da memória individual em memória familiar e até nacional, pudesse surpreender, por vezes, ‘almost still’; e no qual encontrasse suas origens mais íntimas juntamente como a melhor percepção daquilo que um intérprete do mesmo Pater, o Professor A.C. Benson, chamaria o contraste – ao mesmo tempo que a semelhança – entre o que somos e o que fomos...(Freyre, 1968: 107).

No prefácio á edição inglesa de sua tese de mestrado *Social life in Brazil in the middle of the 19th Century* (1922), ampliada pelo autor em 1963, Freyre afirmou que este ensaio representava a tentativa de “conhecer o Brasil nos meados do século XIX em sua vida quanto possível íntima”, e lembrou: “ou – para usar das palavras de Walter Pater, quando lhe perguntaram por que estudava história – ‘para saber como vivia o povo, que trajos usava, que aparência tinha’. Principalmente para isto: para saber como viviam... os avós e bisavós de um brasileiro de hoje”. As observações de Freyre não deixam dúvida acerca de sua afinidade com o pensamento de W.Pater, e de sua especial assimilação com o caráter introspectivo de suas obras.

Armstrong não compreendia a atração de Freyre por autores “exóticos”. Escritores e ensaístas como Pierre Loti, Lafcadio Hearn ⁴⁰, Romain Rolland. Freyre sentia-se atraído pelos escritores exóticos. Seu mestre Armstrong era uma amante dos clássicos, não valorizava os autores exóticos, mas o jovem Freyre pensava diferente.

⁴⁰ Patrick Lafcadio Hearn (1850-1904) – ensaísta e romancista inglês. Escritor talentoso que viveu nos Estados Unidos de 1872 a 1888, onde trabalhou como jornalista do *Diário de Cincinnati* e do *Commercial* de Cincinnati (Ohio). Também foi jornalista de jornais de New Orleans (Louisiana). Hearn escreveu diversos artigos acerca dos costumes e direitos dos negros, denunciando o racismo “americano”. Hearn admirava a cultura negra, e enamorou-se da cultura japonesa, mas também era apaixonado pelos povos latinos, e revelou sua nostalgia pela vida nos trópicos. Ficou mundialmente conhecido pelas obras dedicadas a sociedade japonesa onde viveu por quatorze anos: *Glimpses of unfamiliar Japan* (1894), *Out of the east: reveries and studies in new Japan* (95), *Kokoro: hints and echoes of japanese inner life* (96), *Gleanings in Buddha-fields: studies of hand and soul in the far east* (97), *Exotics and retrospectives* (98), *Japanese lyrics* (1900), *A japanese miscellany* (01), *Kottō: being japanese curios, with sundry cobwebs* (02), *Japan: an attempt at interpretation* (04).

Em 1919 Freyre afirmou: “Cada dia eu me torno mais atraído pelo exotismo romântico de Lafcadio Hearn”. Sua admiração pode ser comprovada pelas obras adquiridas nos anos seguintes: em 1922, comprou a biografia de Hearn escrita por E.Thomas; em 1923, adquiriu um livro do escritor sobre histórias folclóricas japonesas; em 1925, adquiriu uma coletânea da correspondência de Hearn. Também iniciou amigos como J.Lins do Rego e Olívio Monteiro na literatura de Lafcadio.

Entre 1872 e 1888, L.Hearn viveu nos Estados Unidos, e trabalhou como jornalista e editor em jornais “americanos”. Hearn escreveu vários artigos para jornais de Cincinnati (Ohio) e de New Orleans (Louisiana), manifestando sua preocupação com o folclore, a dança, a música, os costumes e os direitos dos negros da região. Hearn infligiu as leis e as convenções racistas vigentes em Cincinnati (Ohio), e casou-se com uma negra. Sua ousadia foi duramente criticada. Hearn enfrentou inúmeras manifestações de repúdio, e compreendeu o terror do homem preto pelo branco, pois sofreu diretamente com o racismo e o preconceito “americano”.

Hearn desiludiu-se com o norte dos Estados Unidos e mudou-se para New Orleans, cidade que o seduziu pela beleza e a presença marcadamente crioula. Hearn enamorou-se definitivamente da cultura negra, latina e mestiça, e confessou sua natureza emocional voltada para os trópicos. Em 1889, Hearn viajou para as Índias Ocidentais, onde permaneceu durante dois anos e escreveu a história do escravo indiano (Ambo), em 1890. Em 1891, Hearn mudou-se para o Japão. Casou-se com uma japonesa e teve três filhos. Hearn ficou conhecido por sua admiração pela cultura japonesa, e por seus livros dedicados ao Japão, mas sempre manifestou o desejo de retornar aos trópicos. Em

tom nostálgico afirmava: “Ah! Os trópicos (...) eles ainda me puxam pelas cordas de meu coração” (apud Pallares-Burke, 2003: 91).

Freyre provavelmente sentiu-se atraído por dois aspectos identificados na literatura de Hearn: a louvação da mestiçagem – por sua beleza, sua sensibilidade e qualidades humanas – e a distinção entre raça e organização social – os efeitos da organização escravocrata na constituição dos homens e mulheres envolvidos. Hearn considerava que a miscigenação produzia indivíduos mais belos e sensuais. A natureza remodelava os pretos e os braços acentuando suas qualidades físicas e mentais. No segundo aspecto, Hearn salientou que os anos de escravidão, com privação de direitos naturais e de esperanças foram responsáveis por sentimentos artificialmente cultivados, por doenças e deficiências atribuídas a raça negra. Hearn enfatizou que as causas sociais predominam sobre as causas biológicas.

O professor Joseph Armstrong fazia questão de atribuir louvores públicos ao jovem Freyre, que logo passou a ser chamado por todos de “*Genius*” e “*Wisdom*”. Armstrong aconselhava-o a não voltar ao Brasil. Deveria naturalizar-se americano, pois logo seria escolhido *Rhodes scholar* para Oxford (Inglaterra): “Escritor de língua portuguesa é bobagem... É escritor de língua inglesa que você deve tornar-se”, dizia Armstrong. Mas Freyre retrucava, e em seu íntimo reafirmava seu desejo de retornar ao Brasil. Talvez por causa da antiga preocupação com sua missão: “Naturalizar-se norte-americano ou inglês para afirma-me grande escritor? Isto, nunca. Meu dever é voltar ao Brasil. Se tiver de ser escritor, meu dever é escrever em língua portuguesa” (Freyre, 1975: 31).

Já venho sentindo a força dos limites, das fronteiras, das origens. Se nasci brasileiro, e dentro do Brasil, em Pernambuco, não será dentro das fronteiras do Brasil e dos limites de Pernambuco, e seguindo as imposições de minhas origens, que devo viver? Este é o meu ideal para um indivíduo de minha formação não só intelectual como, até certo ponto, pessoal [...] O que me fez querer reintegrar-me no Brasil não é só senso puritano de dever mas uma necessidade de ser, ou desejar ser, autêntico, na minha condição de homem; e temo que, fora do Brasil, eu me sentisse postiço ou artificial, mesmo que o triunfo me consagrasse como consagrou Conrad, na literatura, ou a Westermarck, na sociologia: ambos, hoje, ingleses para todos – ou quase todos – os efeitos.(Freyre, 1975: 97).

Apesar dos conselhos de J.Armstrong, reforçados por Oliveira Lima, para que se tornasse escritor de língua inglesa, Freyre relutava. Considerava que o seu “lugar” era o Brasil, e que sua “missão” era ser escritor de língua portuguesa. Os elogios de pessoas importantes (mestres, escritores, artistas, intelectuais) e as excelentes oportunidades nos Estados Unidos e na Europa não foram suficientes para que Freyre sucumbisse à tentação de permanecer em um ambiente intelectual e cultural que admirava, mas que não considerava como o seu “lugar”. Na adolescência já havia confessado que era um “tanto sentimental”. Sua alma latina sentia saudades dos trópicos.

A nostalgia de L.Hearn reforçou suas convicções, pois quando retornou do estrangeiro registrou em seu diário: “Minhas origens, minha família, minha Mãe, meu Pai, minha cidade, minha terra, me reclamam pelo que há, em mim, de outras raízes, que, não sendo as intelectuais, parecem ser raízes mais fortes” (Freyre, 1975: 97). Para Freyre, esta era a recuperação principal: a sentimental.

Os artigos redigidos para o *Diário de Pernambuco* (1919-1926), os capítulos preparados para o *Livro do Nordeste* (1925) e os poemas *Um outro Brasil que vem ai* e *Bahia de*

todos os santos e quase todos os pecados (1926) ⁴¹ corroboram a assimilação da perspectiva de louvação da miscigenação de Lafcadio Hearn. As qualidades atribuídas aos negros e mestiços – ternura, alegria, sensualidade, força física etc. – foram acentuadas pelo jovem intelectual pernambucano entusiasta da miscigenação. Sua obra clássica *Casa-grande & senzala* apenas aprofundou, em ensaio grandioso, a fascinação que já nutria desde a juventude. O encontro literário com L.Hearn representou uma das chaves teóricas que lançou mão para superação das idéias racistas ainda presentes no pensamento social brasileiro do início do século XX.

G. Keith Chesterton estava entre os autores ingleses que Freyre mais admirava. Considerava Chesterton escritor de livros “excitantes”. Freyre registrou a importância de sua obra ao lado de Walter Pater, George Moore e Havelock Ellis. Para Freyre, a leitura destes autores – incluindo Chesterton – proporcionava uma satisfação equiparada às “aventuras de gozo físico”. Gozo que esteve presente no estudo de ensaios como *Orthodoxy* (1908) – um dos ensaios mais conhecidos de Chesterton ⁴². Mas aparentemente o pequeno livro *A short history of England* (1917) – única incursão do autor no campo da história – exerceu maior influência sobre a formação de Freyre. Nesta obra, Chesterton se defendeu das críticas que sofreu pela ousadia de escrever um

⁴¹ Cf. os poemas no Apêndice 3A e 3B.

⁴² Gilbert Keith Chesterton (1874-1936) – Escritor inglês. Autor de obras em diversas áreas. Dedicou-se ao ensaio, a poesia, a biografia, a narração, a novela, ao romance policial, entre outros. Estudou desenho e pintura, e tornou-se crítico de arte na imprensa londrina. Aprendeu o ofício de escritor em Londres, entre 1882 e 1900. Foi editor de literatura espiritualista e teosófica. Retornou ao catolicismo em 1922. Defendeu enfaticamente suas crenças em obras como *Orthodoxy*, em 1908. Escreveu biografias importantes como: *Robert Browning* (1903), *Charles Dickens* (1906), *São Francisco de Assis* (1923), *Robert Louis Stevenson* (1927), *Geoffrey Chaucer* (1932), *São Tomás de Aquino* (1933); obras de poesia: *The wild things* (1900), *The collected poems of G.K. Chesterton* (1927); versos satíricos: *Wine, water and song* (1915); novelas famosas: *The Napoleon of notting hill* (1904), *O homem que foi jovem* (1908), *A esfera e a cruz* (1909); ensaios sobre *William Blake* (1910). Chesterton também escreveu romances policiais, e criou personagens detetives como Padre Brown: *The innocence of Father Brown* (1911), *The wisdom of Father Brown* (1914), *The incredulity of Father Brown* (1926), *The secret of Father Brown* (1927), *The scandal of Father Brown* (1935) e o Poeta-detetive Gabriel Gale: *The poet and the lunatics* (1929).

livro de história não sendo historiador. Para o autor, o que importa conhecer não depende exclusivamente de grande erudição ou de qualquer livro. Podemos conhecer ou aprender muito do passado social a partir da observação de “coisas grandes e óbvias como o tamanho das igrejas góticas” e até mesmo do “estilo das casas de campo clássicas” (apud Pallares-Burke, 2003: 87).

Chesterton também defendia que a “história popular” deveria ser escrita a partir da investigação de coisas familiares como “um top hat” e “um par de calças”. Objetos como estes – aparentemente desprezíveis – poderiam revelar muito do que aconteceu, por exemplo, nos últimos cem anos da história da Inglaterra.

As proposições de Chesterton provavelmente chamaram a atenção de Freyre, que desde a infância e a adolescência revelou seu interesse pelos pormenores da paisagem e do passado social. Detalhes muitas vezes desprezados pelos adultos e até mesmo pelos estudiosos da sociedade, mas que poderiam revelar as nuances do cotidiano. Na infância descrevia a paisagem, as pessoas, os objetos e o mundo a sua volta através de seus desenhos. Diante de seus olhos de criança acontecimentos corriqueiros assumiam importância de grandes descobertas. Chesterton reforçou sua convicção de que as casas e os objetos “falam”, e que a arquitetura de uma cidade e as “coisas” pequenas não devem ser desprezadas, pois guardam signos importantes para o estudo da sociedade e dos homens, sinais que o estudioso do passado precisa decifrar.

Chesterton talvez tenha seduzido o jovem Freyre pela importância que atribuía ao poder profundo e irradiador das experiências da meninice reveladas em sua famosa

Autobiography. Também por suas críticas as concepções racistas de historiadores ingleses do século XVIII, como William Stubbs e John R.Green, que celebravam a singularidade e a superioridade dos britânicos – a raça teutônica. Chesterton criticou uma visão amplamente consagrada na Inglaterra de sua época. Sua crítica consiste na argumentação de que a “imagem ideal” criada pelos entusiastas desta concepção racista é inconsistente, “duvidosa” e “arrogante”: uma idéia que “até um amador pode detectar como duvidosa”. O escritor atacou a teoria da superioridade anglo-saxônica, e enfatizou que “nenhuma pessoa inteligente pode acreditar” em tal concepção (apud Pallares-Burke, 2003: 90).

As críticas de Chesterton ao racismo inglês somaram-se a “louvação da miscigenação” de Lafcadio Hearn e ao reconhecimento da “predominância da cultura sobre a raça” de Franz Boas. Estes autores contribuíram decisivamente para o amadurecimento da crítica freyreana às concepções racistas defendidas por diversos intelectuais brasileiros no início de 1900.

1.4.4. A influência de mestres espanhóis: Cervantes, Vives, Unamuno, Baroja e Ortega y Gasset ⁴³.

No artigo *Um escritor brasileiro recorda seus contatos com a Espanha* (1980), Freyre revelou que sua identificação com os escritores espanhóis começou ainda na infância, continuou na adolescência e se consolidou na primeira mocidade. Freyre reforçou e

⁴³ “Cada vez mergulho mais na literatura dos meus queridos mestres espanhóis”. (FREYRE, G. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. p.137).

aprofundou as anotações de seu diário pessoal, e afirmou que sua ligação com a Espanha estava diretamente relacionada com seu sobrenome e a descendência materna:

...houve em minha formação, ainda de menino e ainda no Brasil, o fato de ser o Freyre do meu nome com y, à espanhola, e não o i, à portuguesa. Soube, nesses verdíssimos dias, tratar-se de opção de meu Pai, ciosos do fato de ser a origem dos seus Freyres galega, de Santiago de Compostela: e entender esse retrospectivo, espanholamente enfático – Alfredo Freyre – que o nome dele e dos seus devia proclamar, através de y, essa origem espanhola. O que vem acontecendo: são já muitos os descendentes de Alfredo Freyre que só escrevem Freyre à antiga maneira espanhola ou galega: com y.

Poderia juntar-se a este fato outro, também ancestralmente significativo: o de, pela origem materna, descendente, por via da chamada natural, daquele espanholíssimo fidalgo, Dom Francisco Ponce de Leon, que, no século XVII, estando o Brasil sob o julgo da Espanha, fixou-se em Pernambuco. E aqui juntou-se, um tanto ao modo de Jerônimo de Albuquerque, com Maria do Espírito Santo Arcoverde, com outra talvez filha de cacique da terra. De onde os Ponce de Leon pernambucanos. (Freyre, 1980).

Estas primeiras referências espanholas foram reforçadas por outras influências ainda mais significativas. O menino Gilberto estava com oito anos quando leu *Dom Quixote*, a obra-prima do escritor espanhol Miguel de Cervantes. Obra que prendeu sua atenção. O menino que demorou a aprender a ler em português precisava descontar o tempo perdido. Um *Dom Quixote* ilustrado: “o primeiro herói descoberto pelos meus próprios olhos de menino recém-alfabetizado”.

As impressões infantis sobre o herói romântico de Cervantes reapareceram na adolescência quando comentou sua admiração pelo o amigo e mestre Oliveira Lima: o “*Dom Quixote Gordo*”. Freyre admirava o pensador pernambucano pela erudição e produção intelectual, mas destacou algo magistral no pensamento de O.Lima: a conjugação dos “quixotismos corrigidos saudavelmente pelos sanchismos”. De fato, todo percurso da formação do jovem Freyre está marcado pela procura incessante da conciliação entre romantismo e realismo. Atributos que aprendeu ainda na infância com

a leitura do magnífico livro de Cervantes: o *Dom Quixote* (romântico) contrastado pelo *Sancho Pança* (realista).

Os estudos universitários em *Baylor* e *Columbia* (1918-1922) reforçaram sentimentos da infância e da adolescência. Como estudante brasileiro no estrangeiro, Freyre passou a sentir que sua origem cultural não era só luso-brasileira, mas hispano-americana. Sua identificação com a cultura latino-americana e ibérica manifestou-se também nas atividades extra-classes, como a direção da revista *El Estudiante* – revista para estudantes da América Latina –, que dividia com o estudante chileno Oscar Gacitua.

Freyre recordou a voracidade com que leu os pensadores espanhóis quando estudou em *Columbia, Oxford, Paris, Alemanha e Coimbra*.

Data dos meus dias de estudante em Columbia – onde conheci Don Ramon del Valle Inclán – e de scholar meio boêmio em Oxford, em Paris, na Alemanha e em Coimbra o fervor de adolescente com que me entreguei à leitura de autores espanhóis e hispano-americanos – entre estes Ruben Dario – e ao estudo de artes espanholas e hispano-americanas – moçárabe, a manuelina, a cusquenha, a mexicana – sentindo nesses autores e nessas artes mistas, de um modo muito ibérico, não autores e artes estrangeiros de encanto ou sabor exóticos para meus olhos, meus ouvidos e meu paladar brasileiro, porém expressões – inclusive na culinária e nos vinhos – de uma cultura, para mim, toda ela, que, sendo hispânica ou ibérica, era materna: familiar; fortemente endogâmica, a despeito de suas aventuras com o exótico. E nada mais natural que, nessa minha identificação, em fase ainda tão plástica da vida, resultasse que a muita leitura de místicos, de dramaturgos, de ensaístas, de poetas espanhóis, e o muito convívio com artes e artistas ibéricos, me levasse a um modo de ser escritor – quando comecei a ser, se não escritor, arremedo de escritor – decisivamente orientado por tal identificação como os espanhóis e seus descendentes e continuadores, tanto quanto com os portugueses e com alguns de seus outros descendentes e continuadores, além dos brasileiros. (Freyre, 1980).

Durante o período que permaneceu na *Universidade de Columbia*, Freyre freqüentou o *Oxford Spanish Club*, quando manteve contato com Don Francisco de Arteaga, professor de Literatura e Língua Espanhola de Oxford. F.Arteaga adotou Freyre como

um filho intelectual. Nesta ocasião Freyre confessou seu amor pelos escritores ingleses e espanhóis: “Vejo-me, nesse clube, entre dois dos meus maiores amores: o amor à Inglaterra e o amor à Espanha” (Freyre, 1975: 110).

Freyre reconheceu sua fascinação pelos escritores “místicos” espanhóis. Fascinação pelo sentido mais puro do misticismo da literatura de Ramon Lulio, San Juan de La Cruz, Frei Luís de León, Luís de Granada, Diogo de Estella, Teresa de Ávila (Sta Teresa) ⁴⁴: a capacidade de ver no escuro ⁴⁵. Para ver no escuro é preciso mais que racionalidade. É preciso interpretar a realidade social com os olhos da intuição e da sensibilidade. Freyre também admirava as obras de Luis Vives, Lope de Vega, Calderón de La Barca, Miguel de Cervantes, Baltasar Gracián, Juan Valera, Pérez Galdós, Miguel de Unamuno, Azorín, Pío Baroja, Ángel Ganivet, Ortega y Gasset, entre outros.

Freyre reconheceu sua identificação com a tradição ibérica de Luis Vives. Influência que contribuiu para consolidação de uma concepção científica e humanística do homem situado: “admito ser minha condição de analista – dentro da tradição, também ibérica, de Vives – a um tempo científico e humanístico, do Homem, isto é, de um tipo de

⁴⁴ O jovem Freyre estava em New York, em 1918, quando registrou em seu diário sua admiração pelos escritores místicos e manifestou duras críticas aos pensadores positivistas: “Tenho pena dos “cientificistas” ou dos “modernistas” para que isso de literatura mística é arcaísmo, indigno de um “moderno” de “formação científica”. São uns coitados, esses, que não se apercebem do fato de que o que eles consideram “moderno” com tanta ênfase, é instante que depressa amadurece em antigo e apodrece em arcaico. O que é certo também da chamada “verdade científica”. Enquanto os místicos nos põem em contacto como o mundo que nos faz esquecer tantos valores modernos como os científicos, não por serem valores de todo sem interesse ou sem verdade, mas pela sua insignificância ao lado dos valores que só as intuições dos mais-do-que-poetas alcançam”. (FREYRE, 1975: 23).

⁴⁵ “Digo literatura por que é literatura, embora tão profunda que para lê-la não servem os olhos que só vêem à luz do sol e só lêem à luz das lâmpadas elétricas; e sim os que vêem e lêem quase sem luz. Os que vêem e lêem quase no escuro. Aliás é este o sentido mais puro do misticismo: ver no escuro”. (FREYRE, 1975: 137-8).

Homem situado, e, ainda, como possível intérprete de uma sociedade e de uma cultura também situadas” (Freyre, 1968: 175).

A importância que Miguel de Unamuno atribuía à intuição também chamou a atenção do jovem Freyre. Unamuno afirmava que saber é em grande parte intuir, por isso, “suele buscarse la verdad completa em el justo médio por el método de remoción, via remotionis, por exclusión de los extremos, que com su juego y acción mútua engendran el ritmo de la vida...”. A preocupação de Unamuno com a verdade em constante movimento justifica seu desdém pelos esquemas científicos rígidos dos sociólogos positivistas (Freyre, 1968: 66).

Freyre confessou a influência de M.de Unamuno em sua formação intelectual na juventude: “Confesso-me anárquico, um tanto personalista, um tanto impuro, um tanto contraditório, um tanto desordenado e, nestes defeitos, uma caricatura daqueles escritores ibéricos (...) um deles Unamuno...” (Freyre, 1968: 179). Sua declaração revelou indícios decisivos acerca da importância dos escritores espanhóis na estruturação de seu pensamento.

Pío Baroja também chamou a atenção do jovem G.Freyre. P.Baroja não considerava as categorias “romântico” e “realista” como possibilidades incompatíveis, ao contrário, reconhecia a complementaridade dessas categorias do pensamento. As posições de Baroja seduziram Freyre, pois desde a adolescência buscava a conciliação entre emoção e razão (Freyre, 1968: 65-6).

Entre os escritores espanhóis José Ortega y Gasset ⁴⁶ aparentemente exerceu maior influência na formação do pensamento indiciário de Freyre. Ortega valorizava a compreensão da realidade circundante a partir de uma perspectiva interna, do reconhecimento e ponderação das especificidades locais. No artigo *Verdad y perspectiva* (1916), Ortega afirmou que a forma como vemos a realidade depende do lugar que ocupamos no universo, por tanto, realidade e ponto de vista são aspectos correlativos. O “perspectivismo” de Ortega atraiu a atenção de Freyre, um jovem intelectual brasileiro muito interessado em produzir uma reflexão autônoma e inovadora sobre seu país. Em 1923, logo após seu retorno ao Brasil manifestou sua preocupação em interpretar o Brasil e, particularmente o Nordeste, com o filtro acadêmico-intelectual adquirido de sua formação nas Universidades de *Baylor*, *Columbia* e *Oxford*. As proposições de Ortega reforçaram a importância que atribuía ao estudo da perspectiva interna, das especificidades e a posição do pesquisador em relação aos fenômenos estudados.

A atmosfera intelectual no Brasil da década de 20 ainda estava marcada por filtros e visões racistas, deterministas e darwinistas. Raça e meio eram os fatores determinantes do atraso brasileiro. Freyre compreendeu que deveria *pensar* o Brasil *no* Brasil, por

⁴⁶ José Ortega y Gasset (1883-1955) – Pensador e escritor espanhol. Estudou com jesuítas e na Universidade de Madrid. Passou vários anos na Alemanha. Ortega foi influenciado pelos neokantianos Herman Cohen e Natorp, da escola de Marburg e, sobretudo, pelo pensamento de Wilhelm Dilthey. Fundou o semanário progressista *Epaña*, em 1915, e o jornal *El Sol*, em 1917. Publicou grande parte de seus estudos no periódico *El Espectador* (ente 1916 e 1934). Em 1923 fundou a influente *Revista de Occidente*. Ortega difundiu idéias desconhecidas na península ibérica, sobretudo de pensadores alemães como Dilthey, Scheler, Simmel, Rickert e Windelband, o teólogo Rudolf Otto, os historiadores da arte Wölfflin e Max Dvorak, a psicologia da *Gestalt*, a análise estilística. Destacou-se como excelente crítico literário (estudos sobre Baroja, Proust etc.), e principalmente como crítico da situação cultural, social e política da Espanha. Escreveu *Meditaciones del Quijote* (1914), *España invertebrada* (1921), *El tema de nuestro tiempo* (1923), *La deshumanización del arte* (1925), *La rebelión de las masas* (1929). Como pensador destacou-se pelo perspectivismo (“eu sou eu e minha circunstância”). Ortega exerceu grande influência sobre a América Latina, mas seu elitismo intelectualmente aristocrático foi muito criticado, principalmente depois de seu surpreendente retorno para a Espanha franquista.

isso, recusou as orientações do Professor J. Armstrong e do mestre Oliveira Lima para que se tornasse escritor de língua inglesa, e que permanecesse nos Estados Unidos ou na Europa.

Freyre estava decidido a pensar o Brasil a partir de uma perspectiva local, e compreendeu que a bagagem teórica adquirida no exterior e a perspectiva interna resultante de sua visão das especificidades nacionais e regionais representavam a possibilidade de construção de uma nova vertente de análise histórico-social brasileira, além de recuperar a importância regional do Nordeste no panorama intelectual nacional. Freyre se identificou com o pensamento de Ortega y Gasset. O “*perspectivismo*” e o “*circunstancialismo*” de Ortega, provavelmente reforçaram o interesse de Freyre pelos temas inusitados e marginalizados. Temas desprezados pela maioria dos cientistas sociais das décadas de 20 e 30. A sensibilidade de Freyre ao rastrear os elementos do cotidiano como a comida, os hábitos de higiene, a moradia, as relações familiares, entre outros, revela a construção de uma perspectiva histórica e social que parte de uma visão interna da sociedade brasileira.

O ponto de vista local ou a “*circunstância*” – segundo Ortega – manifestou-se decisivamente na concepção do homem situado e na perspectiva das relações étnicas e culturais específicas no Brasil e no Nordeste. Freyre estabeleceu esse lugar em um panorama cultural, social, econômico e político específico iniciado com a colonização ibérica. As referências ameríndias e africanas acopladas ao modelo cultural hegemônico português construíram o cenário particular das relações étnico-culturais no Brasil.

As “circunstâncias” pessoais também influenciaram a formação do jovem Freyre. Em 1922 manteve contato com os principais representantes do modernismo brasileiro, em Paris e Lisboa. Logo após seu retorno a Recife, em 1923, intensificou sua participação nos debates intelectuais sobre questões regionais. Em 1925 organizou o *Livro do Nordeste*. Em 1926 visitou o Rio de Janeiro e São Paulo, e criticou o “modernismo oficial” paulista e carioca que pretendia uma nova interpretação do Brasil pela inspiração modernista européia. Freyre reconhecia as conquistas da modernidade e do progresso, mas enfatizava que esta modernização da sociedade brasileira não deveria ser realizada pelo aniquilamento da memória nacional e regional. As referências tradicionais deveriam ser preservadas: na culinária, nas crenças, no folclore, na arquitetura, nas artes, na literatura, na cultura popular e erudita etc. Freyre desejava a conjugação do “velho” – o tradicional e regional – com o “novo” – a modernização. As “circunstâncias” pessoais do jovem intelectual brasileiro que admirava Ortega y Gasset influenciaram decisivamente sua visão das “circunstâncias” nacionais e regionais.

Freyre sempre reconheceu outras influências literárias que recebeu. Escritores de diversas escolas ou correntes: francesa, anglo-saxônica, alemã, russa. Mas reafirmou sua identificação com a influência ibérica: “Apenas são influências que se juntam à decisiva que, na minha formação, tem sido sempre a ibérica” (Freyre, 1968: 177). Sua apreciação dos escritos de tradição ibérica está estritamente ligada às qualidades que admirava e desejava nestes escritores:

...um escritor autobiográfico... [...] Ao escritor caracteristicamente ibérico repugna a arte de escrever levada àqueles requintes... [...] A tendência do escritor hispânico é para um realismo vizinho de um expressionismo desdenhoso... [...] Daí ser um escritor a quem não faltam incorreções na composição das frases; descuidos na gramática; plebeísmos – inclusive obscenos – os mais acadêmicos e os menos de salão, na caracterização de fatos vivos e até em movimento;

ou na redução desses fatos a símbolos também vivos e atuantes [...] que parece vir de sua predisposição a alguma coisa de ultra-acadêmico e, até, de saudavelmente anárquico no seu método ou, modo, de expressão literária [...] um observador empático ou um analista participante.(Freyre, 1968: 173-5).

Freyre admirava a cultura hispânica por seus traços característicos. Traços constituintes do homem hispânico voltado à meditação, ao lazer, a saborear e a sentir o tempo de uma maneira particular. Um tempo que se opunha ao tempo cronométrico anglo-saxão, ou seja, um tempo que “*está sendo*”. Esta idéia de tempo hispânico inspirou Freyre na elaboração do conceito de “tempo trípico”, um neologismo oriundo do grego, que significa “três vidas dentro de uma (...) o passado sob a forma de presente e de projeções sobre o futuro” (apud Crespo, 2003: 189). Um tempo que não é só passado nem só presente nem só futuro, mas o passado, presente e futuro simultaneamente.

O amor de G.Freyre pela Espanha e pelos escritores espanhóis resultou numa grande contribuição para a ampliação do panorama das ciências humanas e sociais brasileiras nos anos 20 e 30. Freyre rompeu com a hegemonia intelectual francesa no pensamento social brasileiro, e introduziu em seu círculo intelectual o conhecimento (e reconhecimento) de autores como Ángel Ganivet (1865-1898), J.Ortega y Gasset (1883-1955), M.de Unamuno (1864-1956), Pío Baroja (1872-1956), Azorin (1873-1967), que influenciaram direta e indiretamente sua formação.

Como estudante universitário no estrangeiro, senti a necessidade, diante de fortes culturas, então, como ainda hoje, em vigor nos grandes meios universitários dos Estados Unidos e da Europa, como a anglo-saxônica, a germânica, a francesa, a eslava, a italiana, de resguardar-me dessas culturas imperiais, firmando-me não só nos ainda verdes e um tanto agrestes valores culturais brasileiros nem apenas nos relativamente poucos valores lusitanos e luso-brasileiros, mas nos ibéricos, em geral, dos quais os brasileiros, os lusitanos, os luso-brasileiros senti então, e sinto hoje, serem apenas parte. Venho desde aqueles dias firmando-me nos valores espanhóis, e não

apenas nos portugueses, dessa cultura global que cedo, felizmente, descobri ser tão minha...(Freyre, 1968: 176).

Ademais, as obras de Américo Castro (1885-1972) e dos orteguianos Maria Zambrano (1904-1991), Julián Marías (1914) e Laín Entralgo (1908) serviram especialmente como interlocutoras para Freyre ⁴⁷.

⁴⁷ Sobre a influência dos escritores espanhóis na formação de Gilberto Freyre veja: FREYRE, G. *Um escritor brasileiro recorda seus contactos com a Espanha*. Cultura-MEC. Brasília, n.10, v.35, p.103-112, jul/dez, 1980; MARÍAS, Julián. *O tempo e o hispânico em Gilberto Freyre*; ZAVALLA, Sílvio. *Gilberto Freyre, hispanista*. In: Gilberto Freyre na Universidade de Brasília: conferências e comentários de um simpósio internacional realizado de 13 a 17 de outubro de 1980. Brasília: Ed. da UNB, 1981; BASTOS, Elide Rugai. *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*. São Paulo: EDUSC, 2003; CRESPO, Regina Aída. *Gilberto Freyre e suas relações com o universo cultural hispânico*. In: Kosminsky, E. V., Lépine, C., Peixoto, F. A. (orgs). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003. p.181-202.

Capítulo 2

**Indiciarismo, razão e emoção na formação intelectual
de Gilberto Freyre - parte II**

O homem, com as suas relações humanas, assim iluminado, nos
parece por sua vez como conjunto sintético de questões [...]
Portanto o homem define-se pelo seu projeto.

Jean-Paul Sartre (1972)

**2.1. A influência de escritores franceses: a história íntima dos irmãos Goncourt e
a introspecção meticulosa do passado de Marcel Proust.**

O Brasil do início do século XX estava sob o domínio intelectual da Europa. Os brasileiros tinham predileção pelos autores franceses. Lia-se preferencialmente Anatole France, Zola, Julio Verne, Maupassant, Flaubert e Renan. Os filhos das famílias mais abastadas estudavam tudo quanto representava a cultura francesa: a língua, a literatura, as artes. Freyre não fugiu a influência desse espírito da *Belle Époque*. Na adolescência estudou francês inicialmente com sua Mãe, depois com seu Pai e, sobretudo, com a professora francesa M^{me} Meunier. Também foi iniciado por ela na obra de Montaigne, Pascal e La Fontaine. Freyre estudou o pensamento de Auguste Comte, H. Adolphe Taine e Pierre Lafitte com seu Pai Alfredo.

A admiração pela França cresceu juntamente com o jovem Freyre, que passou a estudar com esmero a obra de pensadores franceses de diversas áreas: filósofos, poetas, escritores, romancistas, cientistas sociais, críticos, entre outros ⁴⁸. O rastreamento dos autores mais citados em seu diário e nos relatos sobre sua formação intelectual na

⁴⁸ O interesse do jovem Gilberto Freyre por pensadores franceses de diferentes épocas e escolas reforça nossa hipótese de que Freyre encarava o ecletismo intelectual como método. Também denuncia sua preferência marcante por escritores, poetas e romancistas.

adolescência e na primeira mocidade revelou o interesse por pensadores como François Rabelais, Descartes, Vigny, Victor Hugo, Balzac, Stendhal, Flaubert, Émile Zola, Rougon-Macquart, os irmãos Goncourt, Alphonse Daudet, Barbey d'Aurevilly, Guy de Maupassant, J.K. Huysmans, Pierre Loti, Théophile Gautier, Théodore Banville, Jules Laforgue, Baudelaire, Rimbaud, Verlaine, Mallarmé, Émile Durkheim, Georges Sorel, André Gide, Anatole France, Charles Péguy, Remy de Gourmont, Charles Maurras, Romain Rolland, entre outros.

Na *Universidade de Columbia*, Freyre manteve contatos intelectuais com o *Circle Français*, e com o contexto político-intelectual europeu através dos estudos realizados com o professor Carlton Hayes e a influência do colega René Carrié. Em 1921 registrou em seu diário a importância dos contatos com o *Círculo Francês de Columbia*.

Também freqüento o Clube ou *Círculo Francês*, no qual me iniciou meu colega René Carrié; e através do qual me conservo em dia com a França cujos pensadores, intelectuais e artistas, pelo fato mesmo de serem, ao mesmo tempo, muito das suas várias regiões francesas (que o digam Mistral, Barrès e Maurras) e muito do universo senão total, latino, tanto têm que oferecer à gula de um neolatino como eu me sinto... (Freyre, 1975: 48).

Em 1922, Freyre viajou para a Europa, e registrou a satisfação de conhecer a cidade luz: “Olho com olhos já de homem esta Paris maravilhosa que lamento não ter conhecido menino: com olhos de menino. Era o desejo de minha Mãe: que viesse estudar ainda adolescente na França” (Freyre, 1975: 80). A França de sua querida professora M^{me} Meunier exerceu fascínio sobre Freyre pela atmosfera intelectual e pela oportunidade de conhecer pessoalmente grandes monumentos da arte e da arquitetura como as catedrais francesas de Notre-Dame e Chartres, e duas “maravilhas da arte” mundial: a Sainte-

Chapelle e o Museu Rodin. Freyre realizou muitas visitas a Chartres, e manteve contato como um cônego: um velhinho com aspecto de Leão XIII, que dedicou quase toda sua vida a majestosa catedral. Também registrou como interpretava a influência da arte, da história e da religião: “Em compensação Chartres enriqueceu-lhe a vida, o espírito, a sensibilidade” (Freyre, 1975: 117).

Freyre participou de conferências em *Sorbonne*, e visitou museus etnológicos franceses, seguindo as orientações de seu grande mestre Franz Boas, mas aparentemente freqüentou com maior afã os cafés franceses para conversas intelectuais informais, como no *Café dos Felibistes* (com seguidores da literatura de Mistral e com entusiastas do pensamento político de Maurras e Léon Daudet) e o *Café La Rotonde*. O amigo Régis de Beaulieu intermediou o contato do jovem Freyre com pensadores franceses renomados como Maurras e Léon Daudet. Freyre freqüentou as conferências de Maurras, que considerou uma verdadeira introdução ao estudo da Ciência Política ou de Direito Público, e de suas relações com a Sociologia. Também participou de reuniões com um grupo de adeptos do sindicalismo de Georges Sorel e manteve contatos proveitosos com o francês Clément de Gramdprey, com que aprendeu muito sobre o Oriente.

Freyre admirava as obras dos irmãos Goncourt desde a adolescência. As anotações de seu diário e as recordações apresentadas no livro *Como e porque sou e não sou sociólogo* (1968) revelam como nosso jovem intelectual sentia-se seduzido pelo esteticismo e pelo naturalismo da literatura dos Goncourt.

Edmond e Jules Goncourt ⁴⁹ situam-se estética e historicamente entre o realismo de Flaubert e o naturalismo de Zola. Autores de romances históricos que destacam os traços negativos, o vício e a degenerescência moral da sociedade francesa do século XIX, os Goncourt preocupavam-se marcadamente com o caráter documental de suas obras, por isso, pesquisavam uma ampla variedade de fontes, tais como jornais, novelas e pinturas. Aplicaram o método documental à redação de romances, segundo a técnica naturalista, que consiste na documentação objetiva e estudos científicos para a descrição dos estados patológicos sociais. Pretendiam a criação de uma linguagem especial, que se manifestasse de forma científica e altamente artística. Uma linguagem que pudesse exprimir a psicologia de seus personagens, e levasse os leitores a refletir sobre os ambientes retratados, com plasticidade e vivacidade. Escritores visuais, pictóricos e plásticos, tinham um meticuloso fascínio pela apresentação da realidade a partir de uma infinidade de minúcias extraídas do comportamento humano. Com o capricho dos miniaturistas e afiada percepção recolhiam estas minúcias da realidade humana viva e concreta.

⁴⁹ Edmond Huot de Goncourt (1822-1896) e Jules Huot de Goncourt (1830-1870) – Escritores franceses adeptos do naturalismo. Os irmãos Goncourts ainda jovens se identificaram com as letras e as artes. Formaram uma das mais famosas parcerias literárias. Escreveram obras de caráter histórico como *Histoire de la société française pendant la Révolution* (1854) e *Histoire de Marie Antoinette* (58), *L'Art du XVIII^e siècle* (59), *La femme au XVIII^e siècle* (62). Nestas obras os irmãos Goncourts realizaram seu ideal de *écriture artiste*, buscando a consolidação de um estilo impressionista altamente elaborado. No romance escreveram obras consagradas: *Charles Demailly* (60) retrata a vida dos literatos profissionais; *Soeur philomène* (61) se debruça sobre o ambiente dos hospitais; *Renée Mauperin* (64) revela a hipocrisia convencional e as viperinas paixões interesseiras das jovens da alta sociedade francesa; *Germinie Lacerteux* (65) descreve as aventuras de uma pobre criada, que vai da primeira ilusão de amor até a prostituição e a morte; *Matette Salomon* (1867) trata do mundo dos artistas; *Madame Gervaisais* (1869) apresenta o itinerário de uma vida solitária que se aniquilou no êxtase religioso. Após a morte de Jules, Edmond escreveu *La fille Elisa* (1877), o primeiro romance sobre a prostituição profissional, e *Outamaro* (1891) e *Hocousai* (1896), obras sobre a arte japonesa. A obra *Journal* (1859-1897), elaborada em 22 volumes, e considerada pelos críticos como o trabalho mais expressivo, retrata a vida cultural, os costumes e as perversões na sociedade francesa da época. O passado social revelado por um painel literário de requintado impressionismo: um credo estético que se contrapõe aos variados sinais de apodrecimento da organização social. Esta obra é um documento fundamental para o estudo da literatura francesa da segunda metade do século XIX.

Freyre estava em Paris, em 1922, quando registrou sua identificação com J.K.Huysmans e os Goncourt, escritores franceses considerados “fraternamente” próximos nas preferências, substâncias e formas parisienses de vida e de paisagem: “escritores visuais, pictóricos, plásticos, juntando ao gosto da cor o da precisão, agudeza e até pureza do traço, mesmo quando este vinha a ser intensificado (...) para dar relevo a alguma coisa de específico na sugestão ou na evocação ou na expressão de uma paisagem ou de um ambiente” (Freyre, 1975: 121). Freyre admirava a estética, a plasticidade e a análise minuciosa do comportamento humano e da intimidade presentes na literatura de Huysmans, que “interessou-se menos em *l’histoire* que em *la sociologie*: uma espécie de sociologia da intimidade humana”, e dos irmãos Goncourt, “os admiráveis pioneiros modernos de *l’histoire intime... ce roman vrai*”. Freyre absorveu a idéia de história íntima dos Goncourt e a sociologia íntima de Huymans.

Em 1924, Freyre realizava pesquisas na Biblioteca Pública do Recife, quando encontrou um livro dos Goncourt que não conhecia: “livro delicioso”. Freyre não revelou o nome da obra, mas registrou: “Não há na literatura francesa do século XIX obra mais interessante que dos Goncourt: única pelo que junta de inteligência à sensibilidade”. E concluiu: “Ao lado dos Goncourt, os Zola e os Bourget se amesquinham em subescritores: pouco mais do que simples Ohnets. Continuadores deles, Goncourt e de Maupassant em dias mais recentes vêm sendo Pierre Loti e esse admirável J.K. Huysmans” (Freyre, 1975: 146).

Em 1925, Freyre manifestou mais uma vez a preocupação com seu estilo: “Que escritor pode haver sem forma? Sem plástica? Sem ritmo?”. Esta preocupação reforçou sua

convicção de que o passado social de um povo só pode ser revelado em sua plasticidade pelo esforço de ressurreição da intimidade e do cotidiano social. Freyre reafirmou a importância de seus primeiros esforços teóricos e metodológicos de elaboração da sua tese de mestrado sobre a *Social life in Brazil in the middle of the 19th Century*⁵⁰ (1922) e dos capítulos do *Livro do Nordeste* (1925). Esforços de “ressurreição de um passado brasileiro mais íntimo (*l’histoire intime... roman vrai*”, como dizem os Goncourt) até esse passado tornar-se carne. Vida. Superação de tempo” (Freyre, 1975: 177).

Freyre também admirava a obra e o estilo de Marcel Proust⁵¹, pois encontrou em sua obra, o mesmo sentido de *l’histoire intime... ce roman vrai*, dos Goncourt. M.Proust descreveu o “universo do personagem, deformado e refletido segundo sua psicologia”. Também considerou que o tempo só pode ser recuperado através da memória e só adquire eternidade com a obra de arte. Segundo os críticos, a principal contribuição da obra de Proust reside no desenvolvimento psicológico de seus personagens e na preocupação filosófica com o tempo.

⁵⁰ No prefácio à edição inglesa de sua tese de mestrado Freyre declarou que seu estudo sobre o Brasil dos meados do século XIX inspirou-se na caracterização da história íntima segundo os Goncourt: “l’histoire intime; c’est ce roman vrai que la posterité appellera peut-être l’histoire humaine”. Inspiração de suas leituras de adolescente “daqueles dois escritores – escritores e historiadores – franceses: os irmãos Goncourt”.

⁵¹ Marcel Proust (1871-1922) – Escritor francês. Iniciou estudos de direito, mas abandonou seus estudos para relacionar-se com a sociedade elegante de Paris e para dedicar-se a escrever. Sua primeira obra foi uma coleção de ensaios e relatos: *Les plaisirs et les jours* (1896). Obra discreta, mas reveladora do amadurecimento de Proust. Nela, Proust revela qualidades importantes como observador capaz de reproduzir as impressões colhidas nos salões e na cidade. Sua obra mais expressiva e mundialmente reconhecida apresenta 16 volumes: *À la recherche du temps perdu* (1913-1927). Esta obra-prima descreve minuciosamente a vida física e mental de um homem ocioso que vive na alta sociedade. Toda obra constitui um grande monólogo interior em primeira pessoa, e em muitos aspectos revela-se como obra autobiográfica. O primeiro volume *Du côté de Chez Swann* (1913); os segundo *À l’Ombre des jeunes filles en fleur* (19); o terceiro *Le côté de Guermantes* (20); o quarto *Sodome et Gomorrhe* (1921-22). Os três últimos volumes foram publicados após a sua morte em 1922: *La prisonnière* (23), *La fugitive ou Albertine disparue* (25) e *Le temps retrouvé* (27). O romance *Jean Santeuil*, escrito em 3 volumes, entre 1895 e 1899, foi publicado em 1952.

Em sua obra-prima *À la recherche du temps perdu* (1913-1927), M.Proust revela as características fundamentais de seu estilo literário. Proust traçou a trajetória de seu herói desde a infância feliz até o compromisso romântico de sua própria consciência como escritor, e explicou corajosamente os abismos da psique humana, as motivações inconscientes e a conduta irracional. Proust considerava o tempo como elemento positivo e destrutivo, que só pode ser apreendido pela memória intuitiva. Sua percepção da seqüência temporal resultou de sua admiração pelas teorias do filósofo francês Henri Bérghson que compreendia o tempo como um fluir constante: o passado e o presente como a mesma realidade. Seu estilo literário influenciou muitos escritores no século XX.

Proust buscava as “verdades eternas” capazes de revelar a relação dos sentidos e a experiência, a memória esquecida, que só pode ser revelada pela investigação minuciosa dos acontecimentos do cotidiano. Para Proust, a beleza da vida é obscurecida pelos hábitos e pela rotina, mas esta beleza pode ser revelada pela arte.

Aparentemente os traços fundamentais do estilo literário de Proust seduziram o jovem Freyre: a introspecção meticulosa e emocionada do passado, o retrato psicológico dos personagens e a apropriação de diversos gêneros para a construção da narrativa. Freyre registrou em seu diário o apreço que tinha pelo Proust das análises líricas e clínicas, poéticas e científicas: um escritor-historiador ideal capaz de revelar o que há de mais íntimo no passado de um povo. Freyre manifestou seu interesse particular pelo primeiro livro da obra *À la recherche du tempo perdu*: o *Du côté de Chez Swann* como evocação do “tempo de menino”.

Proust – como Joyce (o imenso Joyce) e mais que Thomas Mann – desce as criptas a que ninguém antes dele desceu. É no que ele se especializa: em ver o que se passa nessas sombras de intimidade humana para revelá-las a um francês diferente do elegante que se aprende nas escolas e nos clássicos da língua francesa. Um francês recriado por ele – fluido, sutil, lírico, analítico, contraditório – para a revelação das suas aventuras em profundidade. (Freyre, 1975: 137).

No meu caso, me sinto, é certo, parente, – sei que irremediavelmente pobre – de um Proust... [...] no seu modo de ser introspectivo e empático... [...] estaria na tendência, desajeitada da minha parte, e, nele, magistral, para captar dos homens e dos grupos humanos que consideramos, mais as intimidades quase secretas, de tão sutis, características do seu comportamento, que os aspectos ostensivos desse comportamento. Estaria também na própria maneira um tanto relapsa de procurarmos dar expressão a essas nossas aventuras de recuperação não só de tempos como de homens perdidos em tempos desaparecidos. (Freyre, 1968: 173).

Desde 1922, Freyre procurava aplicar a idéia de *l'histoire intime* dos Goncourt na análise histórica-social da vida de menino no Brasil. Estava interessado na “evocação e revelação da vida de menino” nos séculos coloniais, século XIX e começo do século XX, e em várias regiões brasileiras: engenho, fazenda, cidade, Rio, Recife, Bahia etc. Começou a ler Proust quando estava em Paris. Em 1924 reconheceu que havia chegado a sua fase intensa de proustianização. Em 1926 registrou em seu diário que desdenhava o que havia de ficção na literatura de Proust. Estava interessado no que o escritor francês poderia revelar-lhe sobre a história, a realidade e a *histoire intime*, bem como nas reflexões sobre assuntos relacionados à arte-ciência de evocação histórica e de revelação biográfica. Freyre buscava a fluidez que permite ver ou entrever a realidade: a fluidez proustiana.

Para Proust, é o artista-cientista que dá a certas coisas dentre as que ele vê ou evoca, “existência própria”, uma espécie de “alma” que elas depois conservam em movimento como que próprio, desde que não há passado fixo. O próprio historiador que evoca o pôe em movimento, sendo um homem fluido por sua atualidade em combinação com sua memória. Através dessa fluidez é que a realidade se deixa ver ou entrever; e nunca em sólidos perfeitamente fixos no tempo ou mesmo no espaço. (Freyre, 1975: 184).

Aparentemente a influência de Proust revelou a Freyre à chave teórica necessária para a pesquisa da história da vida de menino no Brasil: a história íntima pode ser revelada de forma plástica e vívida pela introspecção meticulosa e emocionada do passado. Podemos conjecturar que a *busca do tempo perdido* de Proust desdobrou-se em Freyre como *busca do menino perdido*. As experiências registradas em seu diário demonstram que essa busca já havia começado antes da leitura de Proust. Um interesse aparentemente inconsciente, que se revelou posteriormente com o contato mais aprofundado com a obra de Proust.

Freyre já havia registrado a importância que atribuía ao estudo da criança em 1921, quando estava na *Universidad de Columbia*.

Todo espaço, nas histórias convencionais – e talvez em todas até hoje escritas – é ou tem sido pouco para a glorificação dos adultos: e dentre os adultos, só os homens; dentre os homens, só os importantes como políticos e militares. É um erro. Deixa-se quase inteiramente fora do projetor histórico, isto é, na sombra, a mulher; deixando-se quase na sombra os intelectuais, os lavradores, os artistas, os homens de ciência, os artesãos, os industriais, os comerciantes; os servos, os escravos; e ignora-se a presença – a simples presença – da criança, do menino, do adolescente. É preciso que se reaja contra isto. Porque não há compreensão possível do Homem, deixando-se de procurar compreender a Mulher e o Menino. Como não é possível compreender-se o Senhor, sem se compreender o Escravo. (Freyre, 1975: 60).

Neste mesmo ano revelou seu interesse inusitado pela teoria dos jogos e brinquedos de Stanley Hall. Estudos de psicologia e sociologia do brinquedo “para interpretação da personalidade do homem através do que ele foi como menino”. Freyre visitou lojas, armazéns e fábricas de brinquedos em Nova York. Em 1922 registrou os motivos de seu interesse pelos brinquedos.

O brinquedo das crianças é assunto que me atrai. Por quê? Talvez porque, quando menino, foi na companhia dos meus brinquedos, alguns dos quais personalizava, dialogando com eles, que encontrei um dos melhores refúgios para me defender da banalidade da maioria dos adultos. Tenho ido várias vezes à seção de brinquedos na monumental Lord & Taylor. É uma maravilha. A tendência é para os brinquedos mecânicos dominarem. Tendência, a meu ver, lamentável no seu exagero. A meu ver, o brinquedo ideal será aquele que exigir o máximo do que na criança for imaginação construtiva, poder inventivo, ânimo criador. E não o que lhe chegue às mãos como bocados já feitos. Pretendo escrever alguma coisa sobre brinquedos na minha planejada – mas tão difícil de ser escrita sem vivência brasileira – “História da vida de menino no Brasil”. Ou: “A procura de um menino perdido”. Já comecei a tomar notas sobre o assunto, quer na Biblioteca Pública de Nova Iorque – que é, como biblioteca, uma catedral – quer nos muitos livros já desenhados da biblioteca particular do meu amigo Oliveira Lima. Quando na Alemanha, não deixarei de ir a Nuremberg, a cidade dos brinquedos. As relações entre o menino e os brinquedos penso que condicionam o comportamento e a personalidade do futuro homem: o ser considerado perfeito que sai do menino quando há quem pense que contrário é que é verdade. De qualquer modo, o menino e seus brinquedos é um fascinante tema para antropólogo: para aquele que dê a importância que merece ao futuro homem mais escondido que revelado na criança. (Freyre, 1975: 76).

Freyre também admirava a psicanálise de Sigmund Freud, e lançou mão da teoria freudiana como recurso de auto-análise: “Aprendo em Freud alguma coisa que explica a mim mesmo”. Registrou incidentes da infância e da adolescência, e analisou detalhes sobre estes acontecimentos como sintomas de sua formação adulta. Esta análise minuciosa de seu passado assemelha-se a introspecção meticulosa e emocionada do passado de M.Proust.

...mistérios de minha meninice [...] Por exemplo: o incidente, humilhante para mim (e, por isto mesmo, recordado por tias, primas e outras pessoas antigas da família, sempre que algum triunfo parece elevar-se um pouco acima da mediocridade: elas então aparecem, representando à sua maneira e dentro dos limites domésticos o papel dos pregoeiros que gritavam aos ouvidos do triunfador nas ruas de Roma o célebre “lembra-te que és mortal”), de haver eu, quando menino ainda de engatinhar, me lambuzado, um dia, sem repugnância alguma, com meu próprio excremento. Eu fora deixado só – falta de cuidado das pessoas grandes da família – sobre uma esteira. Quando os adultos reapareceram, me encontraram naquela situação lastimável, do ponto de vista dos adultos: de suas noções de higiene.

Freud explica que as funções de eliminação fecal são importantíssimas na primeira fase da vida afetiva da criança. As matérias fecais, quando a criança primeiro se apercebe delas, lhe surgem como parte essencial do seu próprio ser: matérias próprias de neném, tiranizado pelos adultos, que se sente dono deles, por lhe parecerem coisa exclusivamente sua, saída do corpo; e não dádiva de adultos ao seu bebê. Daí a essas funções se associarem, desde o início da vida afetiva da criança, se não idéias, aproximações de idéias, de independência no indivíduo. Dono do seu próprio excremento do qual pode – se os adultos vigilantes da educação higiênica tanto quanto da formação geral da criança, cochilarem ou se ausentem – lambuzar-se, numa primeira afirmação de independência. (Freyre, 1975: 72-3).

Em 1923, após cinco anos de estudos no exterior – Estados Unidos e Europa – Freyre retornou a Recife. Quando deixou o Brasil ainda era adolescente. Agora já estava com vinte e três anos. Voltou como adulto. Estava preocupado com as responsabilidades e desafios deste novo olhar, mas imediatamente manifestou um dos maiores desejos por ocasião de seu retorno: rever o engenho de sua meninice – o *São Severino dos Ramos* – e a casa-grande e a senzala onde brincou com seus primos e seus coleginhas de infância.

Em 1928, Freyre ratificou suas pretensões teóricas e metodológicas com sua pesquisa sobre a “*História da vida de menino no Brasil*”, obra que pretendia escrever utilizando “nova técnica ou nova combinação de métodos – o antropológico baseado no psicológico, o histórico-social alongado no sociológico – para a capacitação e a revelação de um social total. Ou do humano: o mais intimamente humano”. E concluiu:

Se conseguir isto terei realizado façanha semelhante à de Santos Dumont. Serei outro brasileiro inventor de nova técnica de domínio do homem sobre problema que continua fechado aos homens de ciência: o da análise e sobretudo revelação do social por métodos que alcançam o assunto em sua totalidade indivisível de vida e tempo. (Freyre, 1975: 222).

2.2. A formação antropológica: a influência de Franz Boas e Bronislaw Malinowski.

Na década de 20, os Estados Unidos estava sob o impacto de renovações literárias e culturais marcantes: a *New Poetry*, o *New Criticism* e a *New History*. Movimentos que despertaram o interesse cada vez maior do jovem intelectual brasileiro. Freyre estava entusiasmado com as renovações que valorizavam o estudo do passado humano a partir de “critérios diferentes dos convencionais”, isto é, dos cronológicos e dos “concentrados

apenas no estudo dos fatos políticos e guerreiros”. Novos critérios que reorientaram as pesquisas em Psicologia, Antropologia, Economia, Sociologia, Geografia e nas Ciências Políticas e Sociais.

A *Universidade de Columbia* estava sob o impacto da renovação intelectual que ficou conhecida por “*New History*” – semelhante à renovação de estudo histórico-social que seria empreendida nos anos 30, na França, por Marc Bloch e Lucien Febvre: a *Escola dos Annales*. Continuada por seus herdeiros e historiadores como Fernand Braudel, Georges Duby e Philippe Áries, esta renovação consolidou definitivamente a “*Nova História*”, a partir de 1960, e rompeu com a supremacia dos estudos de história econômica e militar, abrindo espaço para os estudos históricos de temáticas como o cotidiano, a família, a mulher, o amor, o corpo, a sexualidade, entre outros.

História do cotidiano era um método que estava em voga nos anos 10 e 20 entre antropólogos nos EUA [...] Um dos marcos dessa onda são os cinco volumes de “*The polish peasant in Europe and América*”, de Florian Znaniecki e William Thomas, publicados entre 1918 e 1920, que Freyre estudou... (Carvalho, 2000: 7).

Freyre concluiu seus estudos na *Universidade de Baylor* (Texas) em 1920. Foi por meio de Oliveira Lima que conheceu Franz Boas e decidiu estudar na *Universidade de Columbia* (New York), onde iniciou seus estudos de mestrado em *Ciências Políticas, Jurídicas e Sociais*. O jovem Freyre logo percebeu a importância dos grandes mestres e de suas áreas de formação na cosmopolita *Columbia*: Franz Boas – *Antropologia*, Franklin Giddings e Alfred Zimmern – *Sociologia*, John Dewey – *Filosofia*, J.Bassett Moore e John Munro – *Direito*, Carlton Hayes – *História política e social*, Shepherd e Haring – *História da América*, Fox e Hendrick – *História social*, B. Mathews e Carl

Van Doren – *História da Literatura*, Seligman – *Economia*. Columbia era considerada uma das universidades mais conceituadas dos Estados Unidos.

Franz Boas ⁵² escreveu obras pioneiras como *Handbook of north american languages* (1911), *The mind of primitive Man* (1911), *Primitive art* (1927) e *Anthropology and modern life* (1928). Seus principais discípulos foram Wissler, Alfred Kroeber, Edward Sapir, Robert Lowie, Ruth Benedict, Margareth Mead, M.Herskovits e G.Freyre.

Em 1921, Franz Boas já era conhecido por suas posições políticas radicais no debate racial e respeitado como intelectual que gozava de grande prestígio no meio científico e cultural ‘americano’. Franz Boas tornou-se imediatamente o maior dos mestres de *Columbia* na formação de Freyre, que acompanhou dois cursos com o antropólogo alemão, e estudou com afinco sua obra, principalmente seu livro clássico *The mid of primitive Man*. Em 1922, Freyre registrou em seu diário que considerava importante o estudo das primeiras obras dos discípulos mais antigos de seu mestre: Wissler e Kroeber. Freyre compartilhou muitas inquietações intelectuais e passatempos boêmios

⁵² Franz Uri Boas (1858-1942) – Físico e Antropólogo nascido na cidade prussiana de Minden (Vestfália). Estudou física em Heidelberg, Bonn e Kiel. Em 1881, defendeu dissertação sobre a absorção da luz pela água. Interessou-se pelo estudo da psicofísica desenvolvida por Gustav Fecher. Buscava compreender a relação entre as sensações físicas e a percepção psicológica. Estudou geografia com Theobald Fischer. Em Berlim conheceu Adolf Bastian, patriarca da antropologia alemã e diretor do Museum für Völkerkunde (Museu do Folclore). Por influência de Bastian, Boas interessou-se pela antropologia e ficou ligado ao museu. Estudou técnicas de antropometria com o médico-anatomista Rudolf Virchow. Em 1883, partiu para uma expedição à ilha Baffin (Canadá), para estudar os esquimós. As observações geográficas resultantes desta expedição foram publicadas no livro *Baffinland* (1885) e as de caráter etnográfico foram publicadas na obra *The central eskimo* (1888). Em 1885, Boas voltou a ser assistente de Bastian na catalogação de coleções etnográficas. Habilitou-se como *privatdozent* de geografia na Universidade de Berlim. Em 1886, realizou uma expedição à província canadense de British Columbia. Visitou várias tribos. Entre elas as Kwakiutl. Estava interessado em pesquisar sobre línguas e mitos e reunir objetos para coleções museológicas. Em 1887, transferiu-se definitivamente para os EUA. Os primeiros anos foram difíceis, mas aos pouco conseguiu consolidar seu reconhecimento. Entre 1897 e 1902, realizou uma expedição para investigar afinidades e relações entre a Ásia e o Noroeste Norte-Americano, conhecida como Jesup North Pacific Expedition. Tornou-se professor efetivo da *Universidade de Columbia*.

com Rudiger Bilden – um dos seus grandes amigos da época de estudante –, e manteve vivos os vínculos com a *Universidade de Columbia* e com F.Boas, nos anos 20, através dos contatos com Bilden.

Boas também discutiu as linhas gerais de seu pensamento em diversos artigos, conferências e trabalhos científicos. Trabalhos apresentados na revista acadêmica *American anthropologist*, que ajudou a criar e publicar em 1899. Também na *American anthropological association*, criada em 1902, quando foi seu vice-presidente, e no *American committee for democracy and intellectual freedom*, como um dos fundadores, em 1939.

No artigo *As limitações do método comparativo* (1896) ⁵³, Franz Boas criticou as posições teóricas e metodológicas dos antropólogos evolucionistas. Na segunda metade do século XIX, os estudos de E. B. Tylor (*Primitive culture*, 1871), Lewis H. Morgan (*Ancient society*, 1877), e Sir James Frazer (*The golden bough*, 1890-1915) advogavam o método comparativo de análise e reconstrução da história da cultura. Estes antropólogos reafirmavam a história unilinear da cultura humana. Realizavam suas investigações a partir dos relatos dos viajantes e missionários, dos relatórios de colonos e de outros registros de terceiros. Não realizavam pesquisa de campo. Interessavam-se principalmente pelo estudo das sociedades antigas (os aborígenes australianos), do parentesco, da magia e da religião. Esta antropologia – pretensamente científica – não valorizava as particularidades históricas das culturas. Também desconsideravam a importância da investigação das categorias mentais ou psicológicas dos povos

⁵³ BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Organização e tradução: Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. p. 25-39.

estudados. Suas análises e pesquisas de gabinete assumiam o caráter universalista, pois buscavam as leis gerais da evolução cultural humana. Negavam a superioridade racial, mas reafirmavam a superioridade cultural européia segundo o critério tecnológico.

Boas criticou veementemente esta corrente antropológica. Seus primeiros estudos questionavam a plausibilidade das premissas defendidas pelos evolucionistas, pois reconhecia a multiplicidade de caminhos na formação e desenvolvimento dos fenômenos culturais. Para Boas, não podemos afirmar “que a mente humana obedece às mesmas leis em todos os lugares” (Boas, 2004: 31). O pesquisador precisa considerar as particularidades da cultura estudada.

Boas considerou a importância dos estudos de Friedrich Ratzel e W.J. McGee acerca das influências dos fatores geográficos sobre as relações sociais e culturais, e considerou também os estudos de Stoll sobre os efeitos dos fatores psicológicos na cultura dos povos. O método de estudo e pesquisa defendido por Boas estava baseado no estudo detalhado e minucioso dos fenômenos culturais em sua relação com a cultura total.

Para Boas, o método de pesquisa deve ser construído durante o trabalho de campo. Boas resumiu os parâmetros da pesquisa antropológica: valorizar as influências dos fatores geográficos e psicológicos na cultura; investigar as causas históricas particulares da cultura; a investigação histórica deve assumir o caráter de teste crítico da ciência antes de admitirmos os fatos apresentados como evidência – as evidências devem ser testadas pela uniformidade dos processos e pelas conexões históricas plausíveis; os aspectos

psicológicos estão contidos nos resultados da pesquisa histórica; o pesquisador precisa identificar e interpretar a relação entre os fenômenos pesquisados; e encarar as relações sociais como processos e os indivíduos como atores sociais ativos.

Em *Os métodos da etnologia* (1920) ⁵⁴, Boas defendeu a importância de pesquisas detalhadas e afirmou que podemos inferir as causas dos fenômenos estudados por métodos indiretos. Boas reconheceu que os resultados da interpretação simbólica e histórica também dependem da subjetividade do pesquisador, que ordena os fenômenos de acordo com os conceitos dominantes na pesquisa.

No artigo *Alguns problemas de metodologia nas ciências sociais* (1930) ⁵⁵, Boas reafirmou sua posição de que “o indivíduo só pode ser compreendido como parte da sociedade à qual pertence, e que a sociedade só pode ser compreendida com base nas inter-relações dos indivíduos seus constituintes” (Boas, 2004: 53). Defendeu o exame crítico das leis gerais – que estão presentes na humanidade como um todo e das leis particulares – que estão restritas a determinadas sociedades ou culturas.

Boas afirmou que seu método de pesquisa estava baseado na arqueologia pré-histórica, isto é, na busca exaustiva e detalhada de vestígios sobre a cultura pesquisada. O autor reafirmou sua teoria culturalista: a cultura predomina sobre a raça e sobre o meio geográfico. Boas afirmou que os estudos de Karl Ritter, Guyot, Vidal de la Blache e Jean Brunhes reforçaram as evidências que confirmavam as influências dos fatores geográficos na cultura. Boas também alertou os pesquisadores sobre as limitações das

⁵⁴ BOAS, op. cit., nota 6. p. 41-52.

⁵⁵ BOAS, op. cit., nota 6. p. 53-66.

perspectivas fechadas, ou seja, voltadas apenas para os aspectos restritos, desconsiderando a multiplicidade de fatores.

Em *Os objetivos da pesquisa antropológica* (1932) ⁵⁶, Boas reafirmou suas convicções sobre a importância da pesquisa histórica para a antropologia. Para Boas, “precisamos basear a investigação da vida mental do homem sobre um estudo da história das formas culturais e das inter-relações entre vida mental individual e cultura”. E concluiu: “a matéria-prima da antropologia é tal, que ela precisa ser uma ciência histórica, uma das ciências cujo interesse está centrado na tentativa de compreender os fenômenos individuais, mais do que nos estabelecimento de leis gerais” (Boas, 2004: 107).

Freyre encontrou no “*critério cultural*” – absorvido com a orientação de Franz Boas – a chave antropológica para a superação de duas convenções científicas absolutamente empregadas até então: a separação arbitrária dos aspectos específicos do comportamento social em uma cultura para análises isoladas de história unilinear e o etnocentrismo presente nas pesquisas sociais. A renovação liderada por Boas passou a considerar as culturas como “todos” ou “processos” estudados em suas particularidades e como “culturas válidas em relação a si próprias” (Freyre, 1968: 103).

Freyre manifestou grande apreço por Boas. Admirava seu pioneirismo antropológico na pesquisa de campo minuciosa, exaustiva, empática, sistemática. Também apreciava o agnosticismo científico e a aversão à teorização abstrata, bem como a predileção pela descrição e a aversão às generalizações da antropologia boasiana. Por outro lado, Freyre

⁵⁶ BOAS, op. cit., nota 6. p. 87-109.

preocupava-se com o objetivismo exagerado e a inibição ao espírito especulativo presentes no pensamento do “maior dos grandes mestres” na *Universidade de Columbia* do seu tempo.

Franz Boas influenciou decisivamente a formação intelectual de Freyre. Em 1921, Freyre registrou em seu diário sua impressão dos marinheiros de guerra do Brasil que caminhavam pela neve do Brooklin (Nova York): pequenos, franzinos e sem o vigor físico dos autênticos marinheiros ⁵⁷. Quais as causas deste raquitismo? Seria mal de mestiçagem? Em 1933 reafirmou seu apreço pelo grande mestre da antropologia, e recordou a lição aprendida com F.Boas, no prefácio de *Casa-grande & senzala*.

Vi uma vez, depois de mais de três anos maciços de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais – mulatos e cafuzos – descendo não me lembro se do *São Paulo* ou do *Minas Gerais* [navios da Marinha de Guerra Brasileira] pela neve do Brooklyn. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. E veio-me à lembrança a frase de um livro de viajante americano que acabara de ler sobre o Brasil: “*the fearfully mongrel aspect of much of the population*” ⁵⁸. A miscigenação resultava naquilo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 Roquette-Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafuzos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas cafuzos e mulatos doentes. Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural. Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura; a discriminar entre os efeitos de relações puramente genéticas e os de influências sociais, de herança cultural e de meio. (Freyre, 1995: xlvii-iii).

Freyre reconheceu a necessidade de estudar mais a *Antropologia* – apesar da formação antropológica pré-sociológica com a leitura de E. Burnett Taylor, Sir James Frazer,

⁵⁷ Nesta ocasião, Freyre lembrou do artigo de John Casper Branner sobre o mestiço brasileiro, publicado na revista *El Estudiante Latino-Americano*, dirigida por Freyre e o estudante chileno Oscar Gacitua. Para Branner, o mestiço, o caboclo, o amarelinho ou o brasileiro jeca, era um tipo inteligente e capaz, a despeito do seu aspecto, por vezes, desfavorável. Em abril de 1922, Freyre enviou ao *Diário de Pernambuco*, um artigo em homenagem a Branner, memorando sua morte, e declarando seu apreço pelo Brasil e pelos brasileiros. (FREYRE, 1979: 212-4).

⁵⁸ “*O aspecto terrivelmente cruzado da maioria da população*”. Frase de Charles Samuel Stewart (1795-1870), capelão da marinha dos Estados Unidos, do livro *Brazil and La Plata: the personal record of a cruise* (1856).

Quatrefages e Frobenius, e a iniciação em *Antropologia Física e Biologia Humana* com Bradbury e os médicos da *Faculdade de Medicina de Baylor* (Dallas). Precisava aprofundar seus conhecimentos de *Antropologia Social e Cultural* ⁵⁹ para ampliar sua perspectiva do homem: compreender o homem pelo próprio homem.

A simples história não basta aos meus estudos, dado o critério que ambiciono seguir: se a tanto me ajudar o engenho para que a ciência complete a arte. Caminhamos para uma fase que não será nem Ciência em detrimento da Arte nem de Arte desacompanha da Ciência, mas das duas: essenciais à compreensão do Homem pelo Homem. (Freyre, 1975: 44).

Para Freyre, o antropólogo polonês Bronislaw K. Malinowski (1884-1942) foi um exemplo admirável de pesquisador que valorizava a intuição no estudo científico do homem. Malinowski não foi citado em seu diário da primeira mocidade, mas podemos presumir que Freyre tinha conhecimento das proposições do antropólogo funcionalista, que ficou mundialmente conhecido na década de 20, por obras como *The family among the australian aborigines* (1913), *Argonauts of the Western Pacific* (22) – considerado um dos maiores clássicos da antropologia no século XX –, *Sex and repression in savage society* (27). Malinowski também escreveu outras obras importantes como *The foundations of faith and morals* (36) e *A scientific theory of culture* (44). Sabemos também que Malinowski travou vários embates teóricos e metodológicos com a antropologia histórico-culturalista de Franz Boas, na década de 20 e 30.

⁵⁹ As proposições do filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1833-1911) sobre o estudo da cultura chamaram atenção de Freyre. Dilthey afirmava que cada cultura exprime-se em todos os pormenores da existência ou da vivência do grupo que a encarna. Para interpretar a cultura, o pesquisador precisa apreender o sentido da cultura tanto de fora para dentro – segundo o método durkheimiano – como de dentro para fora. Este segundo momento da pesquisa só pode ser realizado pela identificação do observador com a sociedade pesquisada. (FREYRE, 1968: 80).

No livro *Como sou e porque sou e não sou sociólogo* (1968), Freyre revelou que conhecia e apreciava a obra de Malinowski. Confessou sua admiração pela antropologia malinowskiana: o estudo do homem a partir da conciliação entre ciência e poesia. Para Freyre, o “extraordinário” antropólogo polonês conciliava brilhantemente os parâmetros científicos fundamentais com as qualidades dos grandes artistas: intuição, imaginação e poesia:

Foi pela capacidade de ser intuitivo ao mesmo tempo que indutivo que Bronislaw Malinowski ultrapassou Boas em criatividade no setor antropológico. Daí poder dizer-se do extraordinário polaco naturalizado inglês, que, como antropólogo, parecia combinar as qualidades do poeta como as do cientista. Não reprimia intuições, algumas das quais o levaram, através de métodos quanto possível objetivos, de verificação, a notáveis desenvolvimentos, na sua obra antropológica. Mas eram intuições, as suas, que ele submetia a severo escrutínio, peneirando-as e coando-as; repelindo nelas quanto se apresentasse vago ou inconsistente sob critério dessa severa análise preliminar; e só então seguindo-as nas investigações de costumes, de artes, de crenças, de ritos, de comportamento sexual, do grupo humano sob estudo. Investigação viva, direta. Pesquisa de campo. Deve-se notar, a este propósito, que concentrando seus estudos na análise de uma população regionalíssima de ilhéus, Malinowski desenvolveu aí métodos – os chamados funcionais, visando descrição e análise mais imediatas e integradas de um grupo humano e da sua cultura – que passaram a ter validade universal. (Freyre, 1968: 92-3).

O antropólogo Bronislaw Malinowski chamou a atenção dos pesquisadores de sua época para a importância da investigação minuciosa, detalhada e exaustiva dos pequenos incidentes do dia-a-dia e do comportamento característico dos membros da cultura pesquisada: os “imponderáveis da vida real”. Detalhes triviais e pequenos acontecimentos da vida cotidiana como a rotina do trabalho diário, os cuidados corporais, os hábitos de higiene, as vaidades, o preparo da comida, as conversas corriqueiras, os laços de amizade, as inimizades, as brincadeiras, as cenas de famílias, as reações emocionais etc. Estes imponderáveis revelam a espontaneidade e a expressão mais viva de uma sociedade (Malinowski, 1978: 29).

Malinowski pesquisou o cotidiano da *Cultura Trobriandesa* – na Papua Nova-Guiné –, e registrou suas experiências antropológicas na obra clássica *Os argonautas do Pacífico Ocidental* (1922). Alertou os pesquisadores de campo para os procedimentos fundamentais da etnografia científica: o etnógrafo precisa analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos que caracterizam a cultura pesquisada sem privilegiar os aspectos maiores ou “estranhos” em detrimento dos fatos pequenos, comuns ou rotineiros. A coleta de dados sobre fatos e evidências da cultura deve ser realizada de forma exaustiva para reunir o maior número possível de dados ao alcance do pesquisador. O pesquisador precisa “deixar que os fatos falem por si mesmos”, evitando, a todo instante, que suas preferências pessoais interfiram preponderantemente na análise da cultura (Ibid, 1978: 31).

Malinowski enfatizou que o pesquisador deve participar empaticamente da cultura estudada: participando das atividades cotidianas e coletivas, das festas e rituais, dos jogos, das brincadeiras, ou seja, dos acontecimentos mais vistosos e também dos triviais. Para realizar este mergulho profundo em uma cultura diferente, o pesquisador deverá apreender as crenças, os costumes, a língua, o espírito da cultura nativa.

Freyre provavelmente encontrou em pesquisadores como B.K.Malinowski os conceitos e métodos que desejava aprofundar para seus estudos sobre *Antropologia Cultural e Social*. Podemos inferir que seus estudos antropológicos também estavam alicerçados em outros grandes nomes da antropologia do final do século XIX: o inglês E.Brunett Tylor, o americano Lewis H. Morgan e o alemão Sir James Frazer; e do início do século

XX: os franceses Émile Durkheim e Marcel Mauss, os ingleses Radcliffe-Brown e Evans-Pritchard, os americanos Alfred Kroeber e Wissler, entre outros.

Freyre realizou muitas pesquisas de campo, e aplicou os conhecimentos teóricos e metodológicos aprendidos com seus grandes mestres da antropologia: a empatia no olhar etnográfico; a pesquisa detalhada, minuciosa e exaustiva; a análise meticulosa e objetiva, e a conjugação entre rigorosidade científica e intuição na pesquisa. Freyre registrou algumas experiências com a pesquisa antropológica em seu diário. Podemos avaliar a assimilação da influência de Franz Boas e B.Malinowski em sua formação a partir das descrições apresentadas pelo próprio autor.

Em 1922, Freyre seguiu a orientação de seus mestres da *Universidade de Columbia*, e viajou para a Europa para participar de cursos e eventos acadêmicos-científicos e artísticos nos principais centros intelectuais europeus da época. Por orientação de F.Boas visitou os principais museus de antropologia e etnologia da Inglaterra, Alemanha, França, Espanha e Portugal. Boas considerava importante o contato de seus alunos com museus etnológicos, pois aprendeu com seu mestre Adolf Bastian, patriarca da antropologia alemã, que os museus antropológicos oferecem importantes vestígios sobre o desenvolvimento histórico-social dos povos e culturas.

Freyre retornou ao Brasil em 1923. Entre 1923 e 1925 registrou suas primeiras experiências com a pesquisa de campo: o *field-work*. Estava interessado no cotidiano histórico-social de Recife, por isso, realizou entrevistas, anotações e muita pesquisa documental:

De bicicleta, venho fazendo meu *field-work* de estudante de Boas (Antropologia) e de Giddings e Thomas (Sociologia), desde que continuo estudante desses velhos mestres. Que continuo a estudar. Venho colhendo muita nota de possível interesse sociológico e antropológico sobre a vida da gente das mucambarias do Recife. Sobre a gente adulta e sobre a criança [...] no Brasil que venha dos primeiros tempos coloniais (cartas jesuíticas, relações, diários de viajantes) aos dias atuais. Ulisses continua nos dias de domingo a acompanhar-me em excursões e a auxiliar-me na parte de documentação fotográfica. Já estamos com uma boa coleção de tipos de mestiços de vários bairros (São José, etc.) e de subúrbios (Santa Ana, Morro da Conceição, etc.). Com Paranhos, vou estendendo esse *field-work* ao interior: velhos engenhos e povoações típicas, onde ainda se pode encontrar a gente rural mais pura em sua cultura. Uma cultura em grande parte folclórica. Essencial que tenha contato com pescadores. Que estude suas superstições. As suas crenças ligadas ao cotidiano social. (Freyre, 1975: 147).

Freyre e seu irmão Ulisses fotografavam vestígios da cultura colonial no velho Recife e nas regiões rurais de Pernambuco: fotografias do *Beco do Serigado*, da casa-grande de *Megaípe*, de janelas mouriscas, de portões, de telhados, de sobrados, de negras de tabuleiros, de “raparigas” mulatas com panos atados à cabeça, de recantos do Recife. Sentia-se muito atraído pelas “reminiscências mouriscas nas ruas velhas do Recife”, sobretudo, pelas janelas.

Em 1930, Freyre estava no exílio em Lisboa (Portugal) quando comentou sua angústia pela saudade dos familiares e amigos e de sua terra natal. O olhar etnográfico e a empatia antropológica acompanhavam suas pesquisas de campo. Pesquisas muitas vezes informais que permitiam o contato direto com “gentes” e culturas: popular, erudita, urbana, rural, folclórica, artística etc. Freyre ultrapassou os limites da varanda da casa-grande e desceu à senzala simbólica mantendo contato com os descendentes dos escravos e ex-escravos negros, com sua culinária, costumes, crenças, artes, emoções, e principalmente com sua memória. Reminiscências da senzala colonial impregnadas nas ruas, becos, praças, terreiros e zonas rurais que visitou. A antropologia de Franz Boas e de B.Malinowski manifestou-se em sua formação e, auxiliou o “filho da aristocracia

pernambucana” a superar seus preconceitos. O jovem antropólogo brasileiro, discípulo de Boas, e entusiasta de Malinowski, conviveu com pessoas de todas as classes, raças e etnias:

Essa angústia me faz conviver menos com gente burguesa do que com a plebe rústica e folclórica: em Lisboa, entre saloios, fadistas, mulheres das chamadas de vida alegre, de uma das quais, mulata de Angola, já aprendi que na África “senzala” é “sanzala”, “massagana” é “massagano”. No Brasil, há muito convivo com gentes de xangô, em Pernambuco, e de candomblé, na Bahia, e de macumba, em Niterói. Com babalorixás como Adão do Recife e Martiniano do Bonfim, da Bahia. Com negras quituteiras. Com mulatas quase do mesmo tipo das que Lafcadio Hearn amou voluptuosamente em Martinica. Com barcaceiros alagoanos que me ensinaram a fumar maconha, sem o perigo de resvalar em *amok*. Com *gangs* de adolescentes desajustados. Com operários recifenses ingenuamente entusiastas do P.C. Com cariocas boêmios, tocadores de violão. Com gentes de clubes populares afro-brasileiros, de carnaval, no Rio de Janeiro e no Recife. Com gentes de trabalho em velhos engenhos do Nordeste e fazendas dos arredores de Petrópolis; e, ao mesmo tempo, com velhos senhores, velhos senhores decadentes, já evitados pelos próprios netos, senhores velhos junto dos quais tenho chegado a ser quase um substituto de netos e bisnetos ingratos. Também com velhas baronesas brasileiras, velhas iaiás, ex-escravas. Venho recolhendo de vários deles confissões preciosas. Agora estou fazendo o mesmo em Lisboa, com condessas, com sábios e com prostitutas. Com prostitutas, aos goles de ginja. Com negras de Angola que comparo com as que conheci no Senegal francês. A negra portuguesa é uma, a afrancesada é outra. (Freyre, 1975: 249).

2.3. Gilberto Freyre e os pioneiros das ciências sociais no Brasil de 1920.

No início do século XX, o domínio intelectual europeu ainda prevalecia. A atmosfera intelectual da *Belle Époque* – marcada pelo Parnasianismo cultivador da “forma pura” – impregnava a vida intelectual, artística e cultural brasileira. Nos primeiros anos de 1900 uma nova literatura começou a vicejar temas nacionais. A comemoração do quarto centenário do “*Descobrimento*” provocou uma onda de patriotismo que inspirou obras como *Pátria!*, de Alfredo Varela, e *Por que me ufano do meu país*, de Affonso Celso, que recebeu duas edições em 1901.

Euclides da Cunha publicou *Os sertões* em 1902, rompendo decisivamente com a literatura voltada para as elites. Sua obra colocou o sertanejo nordestino no centro de sua análise histórico-social, e descreveu magistralmente a terra, o homem e a guerra de Canudos ⁶⁰. No mesmo ano, Graça Aranha publicou *Canaã*, romance voltado para questões nacionais preponderantes como os imigrantes europeus e a viabilidade do Brasil como um país independente. Em 1904, Curvello de Mendonça enfocou a vida dos imigrantes anarquistas e socialistas no romance social *Regeneração*.

Capistrano de Abreu, em *Capítulos de história colonial* (1907) e Álvaro Bomilcar – apoiado em Manoel Bomfim e sua teoria do “parasitismo colonial” – enfatizaram a pobreza intelectual, moral e material, a inexistência de vida social e a incapacidade organizativa do período colonial durante os três séculos de dominação portuguesa. Por outro lado, alguns intelectuais como Tristão Ataíde, destacaram o papel do príncipe português D. Pedro I, monarca de temperamento “voluntarioso”, que apesar da ambição e da vaidade, “tivera a intuição do sentimento nacional”, e de José Bonifácio com seu culto positivista e seu paciente trabalho em prol do rompimento com a Corte.

Lima Barreto denunciou o “carreirismo” e a corrupção nos meios jornalísticos, e criticou o preconceito contra os negros na obra *Recordações do escrivo Isaias Caminha*, publicada em 1909. Machado de Assis e L. Barreto – dois dos maiores escritores brasileiros – eram indisfarçavelmente mestiços, mas o arianismo das elites políticas e intelectuais brasileiras persistia. A “superioridade” da raça branca era justificada como princípio “científico” por muitos intelectuais como Nina Rodrigues em

⁶⁰ Cf. LEITE, Dante M. *Grandeza e miséria dos Sertões*. In: O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

seus estudos sobre o negro brasileiro, e Sylvio Romero, herdeiro de Tobias Barreto e da *Escola do Recife* ⁶¹.

A primeira guerra mundial abalou as idéias que apregoavam a superioridade racial européia, conseqüentemente os intelectuais brasileiros compreenderam que deveriam interpretar o Brasil e os brasileiros por outra ótica. As conseqüências da guerra e as novas condições do país conduziram o Brasil para novos rumos. Crescia o nacionalismo econômico, cultural e intelectual. Em 1915, Lima Barreto escreveu outra obra que marcou este período. Em *Triste fim de Policarpo Quaresma*, L.Barreto criticou o autoritarismo paternalista do Exército e das elites brasileiras. Seu personagem principal – o Major Quaresma –, assim como o próprio autor, representava o nacionalista convicto que defendia a transformação social e política do Brasil.

A *Revista do Brasil*, fundada em 1916, expressava a vontade de se constituir um núcleo de propaganda nacionalista. Seu primeiro número conclamava os intelectuais brasileiros ao “estudo do passado”, e já pregava a necessidade de preparar o país para a comemoração de seu centenário como nação independente. A palavra de ordem era “descobrir” o Brasil. Esta tarefa exigia um retorno às origens, e uma investigação do passado colonial, pois somente o estudo histórico poderia revelar as causas do atraso brasileiro, e orientar as ações necessárias ao ingresso do país nos novos tempos. Os intelectuais brasileiros voltaram seus estudos para os três séculos de colonização portuguesa (Motta, 1992: 18-9).

⁶¹ Cf. ORTIZ, Renato. *Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX*. In: Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985; LEITE, Dante M. *As raças e os mitos*. In: O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

Afrânio Peixoto reconheceu nossa herança greco-romana e a moral cristã absorvidas pela colonização portuguesa, mas o tom dominante entre os pensadores da época era de críticas incisivas à época colonial. A fundação de duas revistas de “combate à dominação portuguesa” – a *Bazília*, criada em 1917, por Álvaro Bomilcar e Damasceno Vieira, e a *Gil Blas*, fundada em 1919, sob a direção de Alcebíades Delamare, e a organização da *Propaganda Nativista* e da *Ação Social Nacionalista*, revelam a posição de muitos intelectuais brasileiros que criticavam nossas origens portuguesas e representavam movimentos de caráter patriótico e cívico ⁶². Para estes pensadores, a origem de nosso atraso estava nas raízes culturais, isto é, no colonizador português, elemento retrógrado e atrasado. Muitos defendiam a necessidade de afastar das letras a influência portuguesa e romper definitivamente com as formas tradicionais da gramática herdada dos antigos colonizadores. Os modernistas e os adeptos da *Propaganda Nativista* e da *Ação Social Nacionalista* concordavam com a necessidade de sistematização da fala brasileira numa língua própria para reafirmar nossa independência cultural de Portugal (Motta, 1992: 19).

No livro *Urupês*, publicado em 1918, Monteiro Lobato desencadeou uma tempestade no ufanismo nacional com a crítica social do homem rural: o Jeca Tatu. Lobato afirmou: “É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não. (...) És tudo isso sem tirar uma vírgula, mas ainda és a melhor coisa desta terra” ⁶³.

⁶² Cf. RIBEIRO, Gladys Sabina. “*Cabras*” e “*pés-de-chumbo*”: o antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro. Niterói, UFF, 1987 (dissert. Mestrado – mimeo); OLIVEIRA, Lúcia Lippi (coord.). *Elite intelectual e debate político nos anos 30*. Rio de Janeiro, FGV; Brasília, INL, 1980; *Ilha de Vera Cruz, Terra de Santa Cruz, Brasil: um estudo sobre o nacionalismo brasileiro*. São Paulo, USP, 1986 (tese de doutorado – mimeo); VELLOSO, Mônica Pimenta. *Levantamento da revista Gil Blas; Levantamento da revista Bazília*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 1978 (mimeo).

⁶³ BARROS, Sérgio Miceli Pessoa (supervisão); RAMOS, Ricardo e HOLANDA, Sérgio Buarque de (consultores de texto). *Nosso século: a memória fotográfica do Brasil no século XX*. Fascículo nº 42. Período: 1910/30. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p.187. (Cf. também LOBATO, José Bento Monteiro.

A música popular esboçava suas formas definitivas. Grandes nomes da vida intelectual brasileira como Euclides da Cunha, José Veríssimo, Sylvio Romero, Lima Barreto e Monteiro Lobato procuravam abordar temas nacionais fora da óptica européia. O nacionalismo literário de L. Barreto e M. Lobato rompia decisivamente com o idealismo nacional, pois buscava um Brasil “verdadeiro” em suas relações sociais, políticas e econômicas.

Atribuindo-se e se auto-representando como portadores de uma missão social, os intelectuais se empenhavam obstinadamente em criar um saber próprio sobre o país. A palavra de ordem era conhecer, desvendar, investigar e mapear o Brasil e a sua realidade, bem como traçar simultaneamente os contornos da identidade nacional. Há como um despertar para a importância de colocar no papel a avaliação correta do passado, a interpretação segura do presente e as sugestões valiosas para o futuro da nação. (Motta, 1992: 4).

Ao contrário do que ocorreu em outros países, a literatura, mais que a filosofia e as ciências humanas assumiu a missão social de crítica do Brasil. A produção literária brasileira deste período contribuiu decisivamente para a formação de uma consciência nacional. A imprensa era o *locus* privilegiado do debate político-intelectual da época⁶⁴.

Urupês (1918); *Idéias do Jeca Tatu* (1919); *Na ante-véspera* (1920). São Paulo: Brasiliense, 1958; CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1985).

⁶⁴ “O escritor Lima Barreto colaborou no periódico carioca *A Lanterna*, órgão socialista da Federação de Estudantes, que Everardo Backheuser, aluno da Escola Politécnica, havia fundado em 1901, sob inspiração do professor de latim Vicente de Souza, fundador da Federação Operária. Em São Paulo, o jornal socialista *O Proletário*, fundado em 1899, contou com Euclides da Cunha em seu quadro de redatores. [...] No Rio, o *Jornal do Brasil*, fundado em 1891, um dos maiores do país, contava com famosos ilustradores e caricaturistas como Raul Pederneiras, Julião Machado e Arthur Lucas, e em 1900 aparelhava-se para publicar fotografias, um admirável inovação. [...] As relações entre os órgãos de imprensa e os grupos políticos acompanhavam as contradições de um sistema no qual a palavra escrita era de grande importância para a opinião pública, que não dispunha de canais de participação democrática. [...] Segundo o jornalista Carlos Brasil, escritores e homens de imprensa como Machado de Assis e Lima Barreto chegaram a redigir discursos para membros do Governo.

Mas havia órgãos de imprensa que procuravam manter uma oposição de independência. Era o caso do *Correio da Manhã* (surgido em 1901), do Rio de Janeiro, que fazia apelos ao povo, conclamando-o à luta pela melhoria de suas condições, criticava Campos Salles, as arbitrariedades e a violência da polícia. Em 1904, moveu uma campanha contra a vacina obrigatória. No entanto, um de seus redatores, o mulato Lima Barreto, denunciou no romance *Recordações do escravidão Isaias Caminha* os vínculos da imprensa com as forças econômicas...” (BARROS, op. cit, nota 16. p. 218-9).

Nossos escritores ocupavam amplos espaços na imprensa, e participaram ativamente de um processo de questionamento da identidade nacional e da produção de “novos” ideais e modelos “por vezes vagos e contraditórios, mas que se cristalizaram na medida em que se tornaram núcleos em torno dos quais se estruturaram as aspirações nacionais” (Motta, 1992: 4).

A produção intelectual do período não foi estritamente acadêmica. Podemos falar, antes, numa elite letrada comprometida com o esforço de conscientizar o país de seus “reais” problemas e orientá-lo na busca das soluções. O veículo usado para o encaminhamento dessas propostas tampouco se limitou aos livros; a imprensa foi a via privilegiada de comunicação com o público leitor. Através de editoriais, ensaios e crônicas, em jornais e revistas, puderam esses intelectuais exercer a missão a que se julgavam predestinados: salvar o país. (Motta, 1992: 18).

A década de 20 iniciou com um acirrado debate sobre a nação brasileira. Na avaliação da maioria dos pensadores da época, o país estava marcado pelo atraso. Diferentes projetos intelectuais disputavam a legitimidade político-intelectual que pudesse definir o Brasil moderno. Apesar das divergências, a intelectualidade brasileira compreendeu que o Centenário da Independência representava um momento fundamental para a discussão acerca da identidade, do atraso e do desenvolvimento do Brasil. O ano de 1922 pode ser considerado como um ano paradigmático, pois concentrou acontecimentos importantes: a primeira manifestação do *Movimento Tenentista*, a fundação do *Partido Comunista Brasileiro*, a *Semana de Arte Moderna* e a comemoração do *Centenário da Independência* – marcos fundadores de um “novo” Brasil.

Mário de Andrade, Oliveira Viana, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Licínio Cardoso, Menotti del Picchia, Tristão de Ataíde, entre outros, enfrentavam o desafio de reinterpretar o passado, diagnosticar o presente e projetar o futuro. Não bastava

interpretar o país, era preciso garantir-lhe um lugar na modernidade e no século XX. Apesar das diversidades de perspectivas e projetos, nossos intelectuais debruçavam-se sobre o mesmo desafio de pensar a construção de um Brasil moderno. Amantes do campo ou da cidade, industrialistas ou ruralistas, conservadores ou vanguardistas, consideravam-se porta-vozes exclusivos da modernidade no pós-guerra.

O início da década de 20 foi fértil em balanços e avaliações dos cem anos da nação independente. O grande anseio, diria mesmo a obstinação que animava a intelectualidade nesse momento era conhecer o país, na mesma medida em que crescia a percepção de que se o Brasil tinha território, não se constituía ainda como nação. Frente ao desafio do momento histórico – a comemoração do Centenário da Independência – formou-se a geração intelectual dos anos 20, comprometida com a tarefa de criar a nação, forjar a identidade nacional e construir o Brasil moderno. (Motta, 1992: 18).

Jornalistas, ensaístas, literatos e intelectuais de várias correntes de pensamento enfatizavam a importância do Centenário da Independência para a reflexão e debate sobre o Brasil. Numerosos artigos de jornais e revistas chamavam a atenção para a celebração da nossa “data magna”.

O desconhecimento das reais condições do Brasil pela maioria dos brasileiros e de muitos dos seus intelectuais, e a adoção irrestrita de modelos políticos estrangeiros, eram apontados como entraves para a construção da nacionalidade brasileira. Neste contexto, o pensamento de Alberto Torres foi fundamental para o amadurecimento intelectual da geração dos anos 20. A. Torres denunciou o artificialismo das nossas instituições, e defendeu o abandono dos modelos importados e a adoção de uma análise estritamente “científica” da realidade nacional. Mas também era preciso uma ação mais efetiva: “Tenhamos em mente que as nações que se formam espontaneamente em nossa época são construídas por seus dirigentes, são obras d’arte políticas” (apud Motta, 1992:

28-9). Torres compreendia a necessidade imediata de uma ação política através da imprensa, da educação, da opinião pública e da ciência, isto é, das esferas de atuação do intelectual e do político para a construção de nossa identidade, nacionalidade e modernidade.

Em *A margem da história da República* – coletânea de ensaios escritos entre 1915 e 1920, organizada por Vicente Licínio Cardoso ⁶⁵, e publicada em 1924 – os escritores nascidos com a República apresentaram um balanço dos 35 anos de política republicana, e uma avaliação marcada pela desilusão e pelo desapontamento. As manifestações de repúdio ao regime instituído em 1889 podem ser encontradas nas palavras de republicanos convictos como Euclides da Cunha. O sonho de construir uma civilização moderna em um “paraíso de medíocres” rapidamente se desvanecia. Este ceticismo dos intelectuais brasileiros resultava da constatação de seu papel secundário frente ao poder oligárquico estabelecido. A nova elite intelectual brasileira contraposta à elite oligárquica julgava-se detentora de uma visão abrangente da realidade nacional, e como tal, responsável por apontar as possíveis saídas para a crise da República.

As análises e reflexões empreendidas por vários intelectuais em busca de uma saída para a crise da República nortearam-se por um padrão dicotômico de compreensão da sociedade e da história brasileira, orientado, de um lado, pela busca da “verdadeira” República e, de outro, por uma nostalgia do “antigo regime”. (Motta, 1992: 24).

Para estes intelectuais, a República brasileira não havia produzido uma elite bem preparada para assumir os desafios de um país a caminho de sua modernização. Na

⁶⁵ Cf. CARDOSO, Vicente Licínio (org.). *À margem da história da república*. Rio de Janeiro, Edição do “Annuário do Brasil”, 1924.

avaliação de Oliveira Viana os “idealistas republicanos” foram “excelentes tradutores de males estranhos; péssimos intérpretes de nossos próprios males”. Viana também considerou que o ambiente agitado e instável que marcou a proclamação da República e a promulgação da Constituição de 1891 não favoreceu o desenvolvimento de um “espírito democrático”. Os principais problemas da nação resultavam dessa fragilidade democrática agravada pela nefasta combinação entre a falta de contato com a realidade nacional e a importação de modelos estrangeiros. Viana reafirmou a necessidade de uma elite “enérgica” em um país onde o povo não era capaz de se organizar politicamente, por isso, era inviável a constituição de um modelo nacional de organização política. O pensamento conservador de O.Viana privilegiava a organização e o controle do Estado, atribuindo-lhe um papel preeminente, baseado no reconhecimento de que a sociedade brasileira estava despreparada para exercer um papel ativo nas decisões políticas e nos negócios públicos. Intelectuais como Oliveira Viana, Gilberto Amado e Pontes de Miranda defendiam o fortalecimento do poder público central. Sua visão orgânico-corporativista defendia a necessidade de um poder estatal forte, capaz de erradicar os males do passado e manter sob controle os processos de mudança.

Neste contexto, o tema da educação “adquiriu um lugar de relevo na arena de debates em torno de projetos de reestruturação nacional e de afirmação das bases da nacionalidade” (Motta, 1992: 29). A elite deveria orientar a organização do país e formar o povo. O ensino superior deveria formar os “iluminados”, destinados a pensar o país; à universidade caberia a responsabilidade de formar a mentalidade nacional, de onde sairia uma elite “enérgica” e “bem preparada” capaz de conduzir a transformação nacional. A criação da *Universidade do Rio de Janeiro* e a *Reforma Sampaio Dória*,

ambas em 1920, são acontecimentos marcantes desse esforço. O ensino básico deveria formar o povo brasileiro, e transformar a massa “desorganizada” e “analfabeta” em uma população capaz de absorver valores de ordem, trabalho e espírito corporativo e de solidariedade social. Ao lado da educação outros temas como saúde pública e condições sanitárias assumiram relevância no cenário político-intelectual e participaram do debate de reconstrução nacional (Motta, 1992: 30).

Os valores que sustentavam a *Belle Époque* – o otimismo cientificista, o liberalismo, o racionalismo – começaram ceder espaço para a crescente vontade de renovação intelectual, científica e cultural. A *Revolução Russa* e o fim da primeira *Guerra Mundial* contribuíram para o crescimento de uma inquietação intelectual que culminou na superação gradativa das “velhas” noções científicas euclidianas e newtonianas, em que se apoiava o saber das ciências exatas, abaladas principalmente pelas novas concepções da Física e da *Teoria da Relatividade*, de Einstein.

O desencanto com os princípios racionais abriu espaço para o estudo dos fenômenos até então obscuros e desprezados pelos cientistas. Crescia o interesse pelo estudo do inconsciente e pelas filosofias que apregoavam a influência dos sentimentos e das emoções, e valorizavam a imaginação na análise da realidade. Este movimento renovador significou a tentativa de sistematização de conhecimentos científicos baseados na introspecção humana, que consistia em ir ao fundo de nós mesmos, e buscar as raízes, as forças mitológicas e primitivas da *psiquê*, as forças psicológicas, culturais e sociais que fundamentam o “ser humano”.

No Brasil, a repercussão deste processo provocou a necessidade de fazer emergir o “verdadeiro espírito nacional”, desprezado ou simplesmente relegado a segundo plano “pelo encanto que a mágica cosmopolita da *Belle époque* prometera em grandiosas exposições universais” (Ibid., p. 32). O nacionalismo passou a ser encarado como uma atitude intelectual.

A virada para a terceira década do século XX foi marcada, pois, pela rejeição da *belle époque*, fortalecendo o antiintelectualismo, o antiliberalismo e o nacionalismo, componentes que alimentaram o pensamento tradicionalista, mas que foram igualmente levantados pela corrente da vanguarda para demolir todas as “tradições”. Abastecidos nas mesmas fontes, os dois movimentos reivindicavam para si o monopólio de portadores da modernidade.

Para os tradicionalistas, nada havia de moderno na realidade urbano-industrial marcada pelo desenraizamento e o artificialismo. Para enfrentar esse mundo que se desmanchava no ar, o homem “verdadeiramente” moderno precisava de raízes firmemente ancoradas na tradição nacional. Ou seja, a melhor maneira de encarnar o novo e enfrentar o futuro não seria andar para frente, mas sim dar meia volta e buscar inspiração no passado. (Ibid., p. 32-3).

Os intelectuais brasileiros definitivamente comprometidos com a construção de um Brasil moderno oscilaram entre a tradição e a vanguarda. Os entusiastas das vanguardas européias pretendiam o rompimento com os valores “clássicos” para “sintonizar a realidade nacional com o ritmo veloz e febril do novo mundo urbano e industrial” (Ibid., p. 34). Os tradicionalistas filiados as correntes européias conservadoras apelavam para os valores “sólidos” da tradição rural, o apego à natureza, a valorização da atividade agrária e o repúdio ao industrialismo e a vida urbana, litoralista, cosmopolita e liberal. Apesar das interpretações múltiplas e contraditórias, e dos caminhos divergentes, os intelectuais brasileiros concordavam com a necessidade de novos parâmetros que definissem e viabilizassem a nação moderna, pois o modelo de uma República fundamentada no espírito da *Belle Époque* parecia esgotado.

O cenário político-intelectual brasileiro nos primeiros anos da década de 20 configurou-se diante dos debates e embates travados pelos pioneiros das ciências sociais no Brasil deste período. Como portadores de uma “missão social” urgente e de um desafio grandioso, os intelectuais brasileiros deveriam conhecer o país, forjar a identidade nacional e construir o Brasil moderno. Para realizar este ambicioso projeto seria necessário observar alguns parâmetros fundamentais, que consistia na avaliação “correta” do passado, a interpretação “segura” do presente e a apresentação de sugestões “valiosas” para o futuro da nação.

Durante seus estudos universitários nos Estados Unidos e na Europa, de 1918 a 1922, o jovem Gilberto Freyre manteve contatos regulares com o Brasil através de correspondências de familiares e amigos, principalmente do irmão Ulisses, que enviava notícias sobre os acontecimentos políticos, sociais e intelectuais do país. Também freqüentava a casa e a biblioteca particular do amigo-mestre Oliveira Lima para obter notícias atualizadas do Brasil e da Europa. Freyre tinha conhecimento dos calorosos debates intelectuais e da ebulição política-social que pairava sobre a “nação” brasileira na década de 20.

Em 1919, Freyre estava na *Universidade de Baylor* quando tornou-se sócio-correspondente do *Diário de Pernambuco*, onde escrevia artigos sobre temas sociais, culturais, políticos e regionais⁶⁶. Freyre preocupava-se com os embates intelectuais no Brasil, e com os desafios de construção da identidade nacional, por isso, manteve-se atualizado a respeito do pensamento social brasileiro presente nas obras de autores

⁶⁶ ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999. p.72.

como Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Sylvio Romero, Manoel Bonfim, Oliveira Viana, Graça Aranha, Capistrano de Abreu, Lima Barreto, Licínio Cardoso, Monteiro Lobato, Tristão Ataíde, Mário de Andrade, Alberto Torres, entre outros.

Freyre concluiu seus estudos de pós-graduação na *Universidade de Columbia* em 1922, e apresentou sua tese de mestrado sobre a *Social life in Brazil in the middle of the 19th Century* – a primeira grande produção científica-acadêmica de um jovem pensador declaradamente identificado com uma “visão positiva” do passado brasileiro, e que desejava participar ativamente do projeto político-intelectual de construção da identidade nacional. Freyre revelou no prefácio à edição inglesa de sua tese de mestrado que seu objetivo fundamental neste ensaio era “conhecer” o Brasil nos meados do século XIX, e que este processo

...começou, de certo modo, inconscientemente, quando, ainda menino, costumava [...] fazer perguntas à avó materna – Dona Francisca Barradas da Cunha Teixeira de Mello – sobre os “bons tempos antigos”. Na família ela era a única pessoa que admitia, então, que os tempos antigos tinham sido bons. Todos os outros pareciam se “futuristas” ou “pós-impressionistas” de uma ou outra espécie.

Ouviu [...] quando menino, relatos sobre o passado íntimo da sua gente, de outras pessoas, então de idade tão avançada que algumas, embora de todo lúcidas, já falavam com voz tremida e, quando andavam, já arrastavam tristemente os pés, como Dona Maria Rabelo de Oliveira. Também a Viúva Augusto de Carvalho. O próprio Augusto Ferreira de Carvalho [...] Dos velhos menos ilustres ouviu [...] na meninice muitas estórias e alguma história – estórias de fadas, de princesas e de bichos e história de gente brasileira. Impossível deixar de referir-se à preta velha Felicidade (Dadade), antiga escrava da família Cunha Teixeira... (Freyre, 1977: 13-4a).

Desejava experimentar a “alegria” de “compreender” uma ordem social já desfeita, embora “ainda influente” sobre o *ethos brasileiro* ou simplesmente “compreender” o passado da sua própria gente, revelando o desafio de “lutar contra os preconceitos e as

prevenções dos relatos convencionalmente históricos, tantos deles desprovidos de senso crítico”.

Freyre lançou mão da obra de historiadores-sociólogos “magistrais” e “notáveis” como Joaquim Nabuco, Capistrano de Abreu, Oliveira Lima. Também utilizou fontes inovadoras para a época como daguerreótipos, litogravuras, livros de viagem, diários, jornais e revistas – material pesquisado, em grande parte, na *Biblioteca Hispano-Americana* de Oliveira Lima, na *Universidade Católica* de Washington D.C., na *Biblioteca Pública* de Nova York e na *Biblioteca do Congresso* dos Estados Unidos. Também recolheu fatos recordados por remanescentes da “velha ordem”, entre os quais a Senhora Richard Rundle ⁶⁷, de Nova York, que viveu no Rio de Janeiro no século XIX, saudosa do Brasil de Pedro II, e o Dr. João Vicente Costa, velho brasileiro de Pernambuco com quem muito conversou na meninice.

Freyre também enfrentou o desafio de juntar a sensibilidade de um estudo acerca do passado brasileiro à formação rigorosamente científica obtida em universidades estrangeiras. Descreveu a vida social no Brasil do século XIX observando critérios fundamentais como o estudo da *l’histoire intime* e a pesquisa detalhada e minuciosa do cotidiano. Realizou um estudo “menos político do que social” e valorizou aspectos “menos evidentes” ⁶⁸ da história social brasileira. O Brasil deste período era constituído de vários “Brasis” regionalmente diversos em relação as suas particularidades geográficas, históricas, culturais, políticas e econômicas.

⁶⁷ FREYRE, 1979: 175-7.

⁶⁸ Freyre desprezou aspectos maiores como as finanças públicas, o progresso material, a produção do açúcar, a participação decisiva da religião na vida social, a corrupção do clero, o desprezo imperial das noções de higiene pública, o apego às tradições, a falta de apurado gosto literário e a preferência pela retórica, a quase total ausência de pensamento crítico entre as elites intelectuais, entre outros.

Na sociedade brasileira agrária, patriarcal e escravocrata acentuava-se o antagonismo entre senhores de engenho e escravos. Mas Freyre destacou os aspectos menores como os relatos de viajantes sobre o acentuado processo de miscigenação; os anúncios de jornais sobre venda e fuga de escravos; o aspecto rústico do sertanejo (a “enorme cabeleira”, as calças de couro e a camisa de algodão); as indústrias caseiras de vinhos de jenipapo, charque, queijo de coalho, doces e bolos; as danças africanas e os ritmos sensuais do *batuque* dos escravos, que cantavam e tocavam *marimba*, nos dias de feriados – costume de alguns engenhos e fazendas; as atividades caseiras das donas-de-casa ou sinhás-donas nas casas-grandes rurais e nos sobrados urbanos no cuidado com a alimentação, as roupas, as compras, a higiene etc.; o abuso sexual das escravas pelos senhores e seus filhos que satisfaziam todos os seus gostos sexuais “experimentando” das “pretas retintas às mulatas claras”; as ruas e largos do Rio de Janeiro e Recife cheios de “grupos de homens, conversando, fumando, tomando rapé, enquanto carregadores de café ou açúcar corriam com suas cargas, nus da cintura para cima, pele luzidia, dorsos oleosos de suor”; a rua, a praça, o largo da matriz, a porta da botica – lugares de encontros dos homens da época (Freyre, 1977: 77a).

Famílias aristocráticas ostentavam majestosas casas-grandes de engenho e sobrados urbanos com salas de visitas, muitos quartos de dormir e a grande sala de jantar; móveis de madeiras pesadas e nobres: mesas, sofás, cadeiras, marquises, camas; os enfeites de fitas de cor nos sofás e cadeiras; a presença majestosa do piano; e suas carruagens nobres. Na intimidade da casa-grande famílias numerosas recebiam amigos para jantar; a sonata ou polca era tocada pela senhora; jogos de salão como *pilha-três*; os poemas recitados pelos rapazes acompanhados ao piano; em algumas ocasiões o dono da casa

virtuoso da flauta ou do violino, regalava as visitas com sua arte; jantar com grandes pratos de gorda de carne de porco com feijão preto, de pirão, de canjica, de pães doces, de doces, de bolos e sobremesas frias de frutas nativas, muitas vezes preparadas e servidas pela própria sinhá-dona; as capelas e as orações domésticas; o respeito dos filhos aos pais.

Freyre também destacou os castigos dos escravos; os meninos de olhos doces, de ar tristonho, de aparência seráfica, de cabelos amaciados pela brilhantina e vestidos como gente grande; as festas religiosas e as procissões; as festas populares como o *entrudo* – precursor do carnaval moderno – e os bailes de máscaras nos teatros; as superstições; o grande número de mendigos nas cidades.

Freyre realizou um estudo indiciário da vida social no Brasil do século XIX a partir da análise minuciosa da intimidade e do cotidiano, e investigou detalhes ínfimos como as fitas de cor nos sofás e nas cadeiras das salas aristocrática: o passado revelado como se cada detalhe representasse uma peça de um quebra-cabeça histórico ou como se cada pormenor fosse uma pista de um enigma social.

Defendemos a hipótese de que o jovem Freyre⁶⁹ assumiu a “missão social” de pensar o passado brasileiro e contribuir para a construção da identidade nacional. Freyre encarou o desafio de “conhecer” o Brasil do século XIX como primeiro esforço acadêmico-

⁶⁹ Na adolescência já havia declarado sua preocupação com “sua missão”. No discurso de *Adeus ao Colégio*, na formatura em 1917, Freyre declarou que o saber deve ter um “fim social” e que o Brasil precisa de pensadores capazes de “*ver e observar* seus problemas em vez de ater-se ao que está escrito nos livros estrangeiros”, e de líderes “capazes de ação”. Durante seus estudos universitários foi orientado a viver nos Estados Unidos ou na Europa, e tornar-se escritor de língua inglesa, mas Freyre registrou em seu diário: “Isto, não. Mil vezes não. Renunciar ao Brasil não renunciaria por vantagem nenhuma. Do mesmo modo que no Brasil não renunciaria ao Recife ou a Pernambuco – pelo Rio ou por São Paulo [...] Voltarei ao Brasil mesmo para o pior fracasso intelectual ou artístico”. (FREYRE, 1975: 74; 93).

intelectual, na primeira mocidade, de um amadurecimento intelectual que culminaria na fase adulta na trilogia *Casa-grande & senzala* (1933), *Sobrados & mucambos* (1936) e *Ordem & progresso* (1959). Freyre encarou o desafio de conhecer o país, forjar a identidade nacional e construir o Brasil moderno como parte fundamental de sua missão intelectual, por isso, não renunciou ao Brasil por “vantagem nenhuma”.

2.4. O modernismo brasileiro e o regionalismo de Gilberto Freyre.

No início do século XX, o “*Manifesto Futurista*” de Marinetti exaltava a vida moderna com sua apologia aos “aeroplanos”, “locomotivas” e “oficinas”, e manifestava o desejo da vanguarda européia de superação do passado e a glorificação do presente (Motta, 1992:34). Mas um presente corporificado no maquinismo e no cenário urbano-industrial, panorama que traduzia magistralmente o contexto moderno. Perspectiva moderna e futurista evidenciada pelas caricaturas urbanas do expressionista alemão Georg Gross, nos poemas do belga Emile Verhaeren dedicados às *Villes tentaculaires*, e na paisagem fragmentada de *Cidade*, do pintor impressionista francês Fernand Léger – professor de artistas brasileiros, de Tarsila do Amaral a Lúcia Clark.

A inquietação intelectual deste período fomentou o surgimento de uma pluralidade de correntes e perspectivas em todos os campos da cultura, transformando o cenário político, intelectual e cultural em um laboratório de concepções. A corrente reconhecida como vanguardista invadiu a música, a pintura, a literatura e a escultura: o Futurismo (1909), o Expressionismo (1910), o Cubismo (1913), o Dadaísmo (1916) e o Espírito-novismo (1918).

O “Modernismo Oficial” – carioca e paulista – amadureceu em contato com as novas manifestações estéticas européias. Oswald de Andrade esteve em Paris (1912) e sofreu influência do futurismo de Marinetti. Neste mesmo ano, Manuel Bandeira absorveu o neosimbolismo do poeta Paul Éluard, que conheceu na Suíça. Tristão de Ataíde e Graça Aranha conheceram as vanguardas européias centradas em Paris. A poesia moderníssima de Sérgio Milliet vinha da Paris de Apollinaire, Max Jacob e Blaise Cendrars.

Os processos de renovação cultural e artística do eixo Rio-São Paulo e do Nordeste manifestaram-se em cenários e regiões marcadamente contrastantes, e exerceram influências diferentes na formação dos intelectuais, escritores e artistas brasileiros da época.

Em 1920, a cidade de São Paulo já era praticamente moderna, sobretudo do ponto de vista urbano, onde a herança colonial e imperial estava se dissolvendo rapidamente em virtude do dinamismo gerado pelos imigrantes, pela riqueza do café e pelo acelerado processo de industrialização. Predominava a preocupação com o presente e as promessas e expectativas de um futuro de novas conquistas com desenvolvimento e progresso. O rótulo de “futuristas” expressa com propriedade a postura do movimento modernista carioca e paulista, pois apesar de suas diferenças e especificidades em relação ao *Movimento Futurista Italiano* de Marinetti, o “*Modernismo Brasileiro*” celebrava a urbe moderna, o dinamismo e a confiança no futuro.

Em *Paulicea desvairada* (1921), livro emblemático do modernismo paulistano, Mário de Andrade ironizou o caráter informe e caótico da São Paulo da década de 20, mas não escondeu seu orgulho pelas “admiráveis” realizações de seus conterrâneos. No poema *O domador*, Andrade expressou um olhar ao mesmo tempo irônico e afetivo, satírico e entusiasta da paulicéia modernista onde o “imigrante e o automóvel constituíam, simultaneamente, atores e emblemas de um mundo vigoroso e confiante que brotava e crescia a cada dia em São Paulo” (Almeida, 2003: 319).

Dentro deste contexto, era mais do que natural que a nova geração se voltasse para as vanguardas européias, em busca de uma linguagem na qual pudesse exprimir todo o dinamismo do mundo à sua volta. A realidade socioeconômica já continha em si os germes da renovação; o que faltava era uma arte antenada com todas estas transformações e apta para expressá-las, o que estava longe de acontecer com o soado academismo dominante. [...] Assim, pelo menos no momento inicial do modernismo, os artistas da Paulicea se concentravam nos problemas propriamente artísticos, reagindo contra os “passadistas”, encastelados nas instituições culturais, tanto em São Paulo como na Capital Federal. [...] A Semana de Arte Moderna, de 1922, constitui, antes de mais nada, um festival das artes. (Almeida, 2003: 319-20).

O “*Modernismo Brasileiro*” alcançou sua maior expressão com a *Semana de Arte Moderna*, realizada em 1922. Nas noites de 13, 15 e 17 de fevereiro, o público reunido no Teatro Municipal de São Paulo escutou música de Heitor Vila-Lobos, poemas de Manuel Bandeira e textos de vários autores: Menotti del Picchia, Mário de Andrade e Plínio Salgado. No saguão do teatro foram expostas obras dos artistas plásticos Goeldi e Rego Monteiro, quadros de Anita Malfatti, Zina Aita e Di Cavalcanti e esculturas de Vítor Brecheret, entre outros, e a músicas de Ernani Braga e Guiomar Novais. A conferência de Graça Aranha anunciava a tormenta iminente: “Da libertação de nosso espírito, sairá arte vitoriosa. E os primeiros anúncios da nossa esperança são os que oferecemos aqui à vossa curiosidade. São estas pinturas extravagantes, estas esculturas absurdas, esta música alucinada, esta poesia aérea e desarticulada. Maravilhosa

aurora!”. Oswald de Andrade pronunciou: “Carlos Gomes é horrível!”. O auditório foi tomado por vaias, insultos e impropérios contra poesias declamadas sem rima e falando de coisas “não poéticas”.

No dia 18 de fevereiro, a “*Secção Livre*” do jornal *O Estado de São Paulo* divulgava a nota: “Na última pagodeira da Semana Futurista foi preciso fechar as galerias para evitar que o palco se enchesse de batatas”. A Semana de Arte de 22 foi influenciada pelo Futurismo e por outras correntes estéticas da Europa. Sua principal contribuição foi a ruptura: fez ruir as velhas formas acadêmicas. Menotti del Picchia afirmou: “A nossa estética é da reação. Como tal é guerreira [...] Queremos luz, ar, ventiladores, aeroplanos, reivindicações obreiras, idealismos, motores, chaminés de fábricas, sangue, velocidade, sonho, na nossa arte”. Paulo Prado afirmou: “O mundo já está cansado das fórmulas do passado; em toda parte, em todos os terrenos – na estática da rua, no anúncio, nos reclames, nos jornais ilustrados, nas gravuras, na mobília, na moda – com uma alegria iconoclasta e juvenil se quebram os antigos moldes” ⁷⁰.

Em maio de 1922, os modernistas começaram a publicar em S.Paulo a revista *Klaxon*, que durou até 1923. Klaxon era a denominação da buzina localizada na parte exterior do automóvel, um dos símbolos mais expressivo desta nova época. Palavra que apareceu nos poemas de Blaise Cendrars e nos versos de *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, representava o dinamismo e progresso. Revista organizada e dirigida por um grupo de modernistas (Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Oswald de Andrade, Guilherme de Almeida e outros) que trazia matérias sempre assinadas, crônicas, artigos

⁷⁰ BARROS, op. cit., nota 16. p.197-201.

e poemas escritos (às vezes) em francês. Defendia a arte moderna e apresentava os “modelos” europeus: Gabriel d’Anunzio, Marinetti, Picasso, Cocteau, Stavinsky e outros. A *Klaxon* publicou versos e anúncios de Guilherme Almeida, que anteciparam a poesia concreta dos anos 50, e gravuras de artistas como Di Cavalcanti e Brecheret.

Em 1922 e 1923, Freyre manteve contatos prolongados com artistas brasileiros em Paris e Lisboa: Vicente do Rego Monteiro, Tarsila do Amaral e Vítor Brecheret – “todos em fase de assimilarem vanguardismos europeus para os transferirem ao Brasil”. Freyre registrou em seu diário que estava lendo “alguma literatura modernista já aparecida no Brasil”, e comentou a importância do movimento modernista do Rio e São Paulo:

...temos que estar atentos ao que nos prometem os bons modernos do Rio e de São Paulo, que não fazendo do “modernismo” seita, começam a escrever a língua portuguesa e a tratar de assuntos – inclusive os velhos ou de sempre – com nova atitude ou lhes dando um novo sabor: Bandeira, Ribeiro Couto, Drummond, Emílio Moura, Prudente, Sérgio, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Andrade Murici, Grieco. Alguns eu conhecia desde a Europa. Noutros venho sendo iniciado por José Lins. Com eles, a língua portuguesa talvez se liberte daquele artificialismo castiço que faz de certos puristas umas caricaturas de si próprios. Há o perigo oposto: o do artificialismo dos antipuristas por “modernismo” sectário. Um modernismo tão postiço que suas vozes me soam sempre carnavalescas. Não consigo me entusiasmar por certas andradices de Mário. Prefiro as andradices “modernistas” do outro Andrade, embora “*Noturno de Belo Horizonte*” – de Mário – me pareça um belo poema numa nova língua portuguesa. Quanto a Graça, me parece um fim de vida literária tristíssimo, o seu. Entretanto, seu *Canaã* é livro que suporta crítica. (Freyre, 1975: 132).

Nas grandes cidades do Nordeste o quadro urbano, cultural e social era diferente: uma realidade estagnada marcada pelo riquíssimo legado artístico e cultural de um passado multissecular. Passado que se fazia presente a cada momento no orgulho e na consciência dos artistas e intelectuais da região. Neste contexto, o “atraso” e a “estagnação” da região foram interpretados – no plano cultural – como uma “vantagem”

em relação ao sul do Brasil, e foram idealizados a partir do conceito romântico de “pureza” e “autenticidade” culturais (Almeida, 2003: 318-20).

Ora, entre a década de 1870 e a de 1920, a situação geral do Nordeste agrário e patriarcal não sofrera nenhuma modificação expressiva. Ao contrário, em termos relativos, o contraste desvantajoso com o Sul próspero e a caminho de uma rápida industrialização tornara-se ainda mais acentuado. Dentro deste quadro, não teria qualquer sentido a exaltação modernista e “futurista” de um Mário de Andrade. Para um intelectual nordestino, em busca de afirmação no plano nacional, não se tratava de encontrar linguagens artísticas revolucionárias para exprimir um mundo em acelerada transformação, mas de procurar apoiar-se na riqueza das tradições culturais e artísticas locais, para fazer de sua revalorização bandeira de luta. Assim, não deve causar surpresa o fato de, nos anos 20, os escritores da região retomarem, de certo modo, o caminho do regionalismo... (Almeida, 2003: 321).

Recife assistia a um forte embate intelectual e cultural de idéias *Modernistas* e *Regionalistas*. O jornalista Joaquim Inojosa exercia forte influência no *Jornal do Comércio*, e defendia a difusão dos textos e dos postulados modernistas apresentados na *Semana de Arte Moderna* realizada em São Paulo. Inicialmente, atraiu intelectuais locais como Austro Costa – poeta das mulheres e dos sorrisos, famoso por suas quadras irreverentes –, Ascenso Ferreira – poeta com grande sabor folclórico –, e vários jornalistas da região. J.Inojosa promovia a propaganda “futurista” ou “modernista” advogando a supremacia da modernidade e do desenvolvimento urbano-industrial, enquanto outros escritores e jornalistas defendiam uma “certa” preservação da tradição e do sentimento regionalista. Os debates se estenderam por anos, e provocaram o surgimento de revistas como *Mauricéia* – modernista – de J.Inojosa e a *Revista do Norte* – regionalista – dos irmãos Albuquerque Melo (Andrade, 2002: 27, 29-30).

O regionalismo nordestino tinha suas raízes principais em Pernambuco, Estado mutilado pelos governos centrais desde o império, e que guardava o espírito revolucionário e

republicano forjado por uma história de lutas importantes: a resistência ao domínio holandês; a Guerra dos Mascates; a revolução de 1817; a Confederação do Equador; a revolução praieira, federalista e com alguns setores republicanos, em 1848; a campanha abolicionista, liderada por Joaquim Nabuco e José Mariano. Tradição revolucionária cultivada, sobretudo pelo empenho do *Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, fundado em 1862.

Neste contexto, Gilberto Freyre reconhecia a necessidade de modernização do Nordeste brasileiro, mas afirmava que estas transformações deveriam preservar as tradições regionais, pois o desprezo pelas origens e a destruição das referências do passado conduziria o Nordeste a perda de sua memória cultural. Freyre considerava inoportuno o movimento modernista brasileiro iniciado em São Paulo, movimento que apregoava a libertação brasileira da dominação cultural européia, mas que se abeberava no pensamento modernista italiano de Marinetti.

Freyre se uniu a um grupo de pessoas ligadas a várias posições políticas e a famílias tradicionais, mas comprometidas com a defesa da cultura pernambucana: o professor de Direito e internacionalista Odilon Nestor, o médico Alfredo de Moraes Coutinho, o usineiro e jornalista (diretor do *Diário de Pernambuco*) Carlos Lyra Filho. Também reuniu em torno de si pessoas que compartilhavam idéias regionalistas: o amigo José Lins do Rego – panfletário do jornal *D.Casmuro*, associado a Osório Borba; seu primo psiquiatra Ulisses Pernambucano; o psicólogo social Sílvio Rabelo; o crítico literário e historiador Olívio Montenegro; o jornalista Aníbal Fernandes; o desenhista Manuel Bandeira, entre outros (Andrade, 2002: 28-30).

Freyre reconhecia o crescimento de uma forte consciência regional no país e defendia que a polarização entre a região e a federação era mais importante que entre os estados e a federação, pois a identidade regional era mais forte que a estadual. Para Freyre, o Brasil poderia ser comparado a um arquipélago, pois as várias porções de seu território estavam polarizadas em torno de cidades litorâneas que se comunicavam pela navegação de cabotagem.

Seu apego ao regionalismo provocou críticas e ataques incisivos de todos os lados. Os escritores regionalistas eram classificados como retrógrados e bairristas. Seus opositores interpretavam sua defesa das tradições e da região como apego aos valores de uma sociedade arcaica que estava em extinção. O respeito à tradição em uma sociedade marcadamente agrária foi interpretado como uma forma velada de reforçar estruturas conservadoras e impedir o desenvolvimento do processo urbano-industrial vitorioso no Rio de Janeiro e São Paulo, e incipiente em Pernambuco e na Bahia, que desfrutaram do esplendor no período colonial e no início do império, mas perderam importância econômica e política com a República, dominada pela política do “café com leite”. Apesar dos ataques, os intelectuais do Nordeste abriram espaços na literatura e nas ciências sociais, e Gilberto Freyre participou ativamente deste processo com artigos no *Diário de Pernambuco*; com a organização do *Livro do Nordeste*, em 1925; e com a participação no *Congresso Regionalista*⁷¹, realizado em 1926.

⁷¹ O *Congresso Regionalista* realizado no Recife, em 1926, representou o coroamento dos esforços de um grupo de intelectuais e profissionais liberais que a cerca de três anos realizava reuniões e debates sobre questões regionais, e defendia as particularidades do Nordeste. No Congresso foram levantadas teses sobre a identidade do Nordeste como região em relação a federação e suas particularidades em relação as demais regiões brasileiras. Participaram do Congresso: nomes eminentes nas artes e nas letras, preocupados com os problemas urbanos como Amauri de Medeiros e Gouveia de Barros; homens de letras, preocupados com valores históricos como Carlos Lyra Filho, Luis Cedro, Samuel Campelo, Mário Sette, Aníbal Fernandes etc; homens preocupados com a renovação do ensino como Odilon Nestor, e outros ligados ao meio rural e a preocupações culturais como Júlio Belo, Pedro Paranhos, Leite Oiticica,

Freyre mostrava para as elites do Sul e do Sudeste, cuja hegemonia crescia, que a aristocracia nordestina, aparentemente derrotada na cultura e na política, tinha se mostrado vitoriosa na história e nos costumes. A família e a sociedade brasileira se formaram para ele, a partir do complexo agrário-exportador baseado na escravidão do negro e no plantio da cana-de-açúcar no Nordeste, em um modelo econômico e social que foi depois seguido pela atividade mineradora e pelas fazendas de café do Sudeste. Assumia assim o passado rural e colonial dos senhores de engenho, dos quais descendia, capazes de construir uma ordem patriarcal e de gerar uma cultura plástica e universal, que deu origem à civilização brasileira pela integração das tradições ibérica, africana e indígena. Procurava reabilitar, por meio da idéia de região, a cultura nordestina, abafada pelo projeto de renovação estética dos modernistas do Rio, São Paulo e Minas, mais voltados para as vanguardas artísticas européias. (Ventura, 2000: 16b).

O velho *Diário de Pernambuco*, fundado em 1825 por A. J. de Miranda Falcão, completava seu centenário como o jornal mais antigo em circulação na América Latina. Localizado na Praça da Independência, no Recife, também chamada de “Praça do Diário”, era considerado um dos jornais mais importantes do país, e orgulhava-se de sua participação ativa em campanhas políticas memoráveis e acontecimentos decisivos na história regional e nacional. Depois de controlado pelo grupo Conselheiro Rosa e Silva, foi adquirido pelo grupo Carlos Lyra, proprietário da Usina Serra Grande em Alagoas, e colocado sob a direção de Carlos Lyra Filho, jornalista politicamente conservador, mas aberto a inovações que não confrontassem a poderosa oligarquia açucareira que representava.

entre outros. Gilberto Freyre participou ativamente destes debates e da organização do Congresso, que defendia a pluralidade regional em todos os sentidos: geográfica, cultural, política, econômica, artística, intelectual. Regiões diferentes, com identidade, aspirações e culturas próprias, que desejava o desenvolvimento e o progresso, mas com o respeito a tradição e a preservação (o quanto possível) de suas referências históricas e culturais presentes nas velhas ruas, nos becos românticos, nas igrejas coloniais, nas construções antigas, na culinária local, nas artes e letras da terra, ou seja, em tudo que representava as origens nordestinas. Os regionalistas conclamavam os nordestinos a superar os embates ou interesses estaduais pela defesa de uma consciência regional fortalecida pelos interesses regionais. Este posicionamento político-intelectual foi interpretado por estudiosos e políticos do Sul e do Sudeste como sintoma de aspirações “separatistas” no Nordeste brasileiro. Ao final do congresso foi apresentado o *Manifesto Regionalista*, reafirmando os ideais regionalistas e rebatendo as críticas e acusações dos opositores do sul. Este documento foi publicado de forma esparsa e fragmentária nos jornais da época, e foi revisto e apresentado integralmente por Freyre em 1952, na comemoração dos 25 anos de seu lançamento. (ANDRADE, 2002: 36-40; ALBUQUERQUE JR, 1999: 71-3).

Em 1925, Carlos Lyra Filho convidou Gilberto Freyre, que estava com apenas 25 anos, mas já era conhecido nos meios artísticos e intelectuais, para organizar um livro comemorativo do centenário do *Diário de Pernambuco*. Freyre imprimiu sua marca regionalista e indiciária na organização desta obra, pois deixou de lado o enaltecimento dos grandes acontecimentos como a colonização duartina, a vitória sobre os flamengos ou as revoluções libertárias. Freyre encarregou alguns intelectuais, escritores e artistas regionais para apresentação de estudos sobre os cem anos de vida no Nordeste, mas de uma perspectiva da micro-história, destacando o açúcar, a economia, a vida estudantil, os costumes, as tradições, a mulher, as festas, a música, a arte, o teatro, a literatura, a escravidão, ou seja, as particularidades históricas e culturais do Nordeste.

Oliveira Lima, Fidelino de Figueiredo, e Francis Butler Simkins escreveram artigos sobre o açúcar; Aníbal Fernandes escreveu um ensaio sobre os problemas da capital pernambucana; a vida estudantil no Recife foi contada por Odilon Nestor; o poeta Manuel Bandeira escreveu *Evocação do Recife*, e recordou os hábitos e costumes que presenciou quando criança na casa do avô, na Rua da União, e as lembranças felizes dos banhos no rio Capibaribe; alguns especialistas escreveram sobre a economia de Pernambuco: a agricultura e a pecuária por Samuel Hardmenn, a indústria e o comércio por Gaspar Perez, a viação férrea por Graciliano Mendes; Luis Cedro escreveu um ensaio sobre D.Vital, bispo que enfrentou o poder imperial e a maçonaria; Joaquim Cardoso escreveu uma análise da poesia de Manuel Bandeira; Henrique Castriciano apresentou o perfil da poetisa norte-rio-grandense Nysia Floresta, que defendia ardorosamente posições feministas avançadas no século XIX; os temas antropológicos foram apresentados em suas particularidades locais: Júlio Belo escreveu sobre festas de

engenho; Eloi de Souza realizou um estudo detalhado sobre os cantores do Nordeste; Leite Oiticica escreveu sobre a arte da confecção de rendas; Euclides Fonseca apresentou um ensaio sobre a vida musical no Nordeste; o teatro foi discutido por Samuel Campelo; a literatura foi objeto de estudo de França Pereira; o Movimento Abolicionista foi tema do paraibano Coriolano de Medeiros; o jornalismo por Manoel Caetano; Mário Belo escreveu sobre o *Diário de Pernambuco* e seu fundador Antônio José de Miranda Falcão; o drama das secas foi apresentado pelo cearense Tomás Pompeu Sobrinho (Andrade, 2002: 32-6).

O *Livro do Nordeste* tornou-se um dos principais documentos publicados sobre a vida nordestina ⁷², e apresentou uma rica profusão de estudos de historiadores, cientistas sociais, escritores, biógrafos, memorialistas, artistas e jornalistas.

Era um enfoque que renovava a maneira convencional de tratamento da temática nordestina, mas que – de modo perfeitamente coerente com o contexto peculiar da região – se voltava antes para um resgate proustiano do tempo perdido, do que para a exaltação marioandradina do presente. E foi Gilberto Freyre quem, com sua atuação dinâmica, soube despertar a consciência dos intelectuais da região para este riquíssimo filão que irá, mais tarde, alimentar a criação de escritores como José Lins do Rego, Jorge de Lima, Joaquim Cardoso, Ascenso Ferreira e tantos outros. (Almeida, 2003: 323).

Obra de caráter regionalista, que representou o esforço de contraposição às tendências modernistas, voltadas para o futurismo italiano e para a idealização brasileira quase abstrata presente no antropofagismo de Oswald de Andrade e no indianismo extemporâneo dos integralistas de Plínio Salgado (Andrade, 2002: 36-40).

⁷² No editorial de abertura do *Livro do Nordeste*, Freyre afirmou que essa obra era um “inquérito da vida nordestina; a vida de cinco de seus Estados, cujos destinos se confundem num só e cujas raízes se entrelaçam nos últimos cem anos”. (FREYRE, Gilberto. *Vida social no Nordeste, aspectos de um século de transição*. In: *Livro do Nordeste*. Recife. Diário de Pernambuco, 1925. p.75).

Numa clara demonstração de flexibilidade intelectual, o *Livro do Nordeste* evidencia que rendas e janelas podem conviver, lado a lado, com estatísticas comerciais ou municipais [...] Sua insistência é no sentido de que fossem abandonadas convenções plásticas européias, substituindo-as por temas que dissessem mais da região nordestina. (Dimas, 2003: 329, 333).

Gilberto Freyre também apresentou ensaios de sua autoria no *Livro do Nordeste*⁷³: “*A pintura no Nordeste*”, “*Vida social no Nordeste, aspectos de um século de transição*” e “*A cultura da cana no Nordeste, aspectos do seu desenvolvimento histórico*”.

O livro, decidi que fosse principalmente sobre o Recife, a capital do Nordeste. Que fosse um documentário sob critério regional: o do Nordeste, do Brasil, sua história, sua economia, sua cultura. Creio que é a primeira publicação desse gênero no Brasil. Quase sem despesas para o Diário, consegui colaboração de gente de primeira ordem, eu indicando os assuntos, dentro do plano traçado sob aquele critério regional: artigos de Oliveira Lima, Fidelino, Simkins, Samuel Hardman, Odilon Nestor, um, sobre rendas do Nordeste, do velho Oiticica de Alagoas, que relutou muito em escrever o ensaio, aliás excelente, dizendo que “isso de renda é coisa de mulher”, Aníbal Fernandes, Manuel Caetano de Albuquerque, Luís Cedro. E o poema de Manuel Bandeira, que pedi a esse outro Bandeira, sem o conhecer pessoalmente, que escrevesse, dando-lhe o tema: só pelo fato dele vir me escrevendo cartas já de amigo. Pedi-lhe o poema sobre o Recife do seu tempo de menino (a história da infância é hoje minha maior obsessão desde que penso num livro sobre a história da vida de menino no Brasil – nos engenhos, nas fazendas, nas cidades). Ele escreveu-me que não costumava fazer poemas sobre assunto encomendado: seria uma exceção. (Freyre, 1975: 176).

No ensaio sobre a pintura no Nordeste⁷⁴, Freyre lamentou a falta de obras mais expressivas sobre os detalhes da vida íntima e do comportamento corriqueiro no Nordeste do século XIX. Pinturas sobre: intimidade familiar, vestuário, atividades domésticas, decoração das casas, mobiliário, vasilhames e etc.; mulatas, caboclas e negras; pretas-minas; mulatos e negros; procissões e festas de igreja; frades esmoleiros e irmãos das almas; sinhazinhas brancas a caminho da missa. Freyre também lamentou a

⁷³ Com o auxílio do Coronel Pedrinho de Japaranduba e de Brás Ribeiro, Freyre organizou uma exposição para o lançamento do *Livro do Nordeste*: móveis, prata, jóias e porcelanas ligadas ao passado do Nordeste e de Pernambuco. A exposição foi um sucesso e o livro foi muito elogiado pela crítica regional e nacional.

⁷⁴ FREYRE, Gilberto. *Algumas notas sobre a pintura no Nordeste do Brasil*. In: *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941b. p.79-106.

falta de pinturas acerca do desembarque das massas de africanos, que às vezes chegavam podres de pústulas, escorrendo sangue, manando pus – restos de homens grotescamente reduzidos à condição de “bonecos” e meras “mercadorias” –, detalhes ínfimos do dia-a-dia, desprezados por pintores que preferiam aspectos maiores como as casas-grandes, as igrejas, guerras, revoluções e os grandes vultos históricos.

Freyre apresentou o ensaio sobre a vida social no Nordeste ⁷⁵ segundo os mesmos critérios observados na elaboração de sua tese de mestrado acerca da vida social no Brasil: *l’histoire intime* e a pesquisa minuciosa do cotidiano. Neste ensaio, aprofundou as questões discutidas em estudos anteriores, reafirmando a importância que atribuía aos detalhes ínfimos da paisagem histórica-social. Freyre realçou temas outrora discutidos superficialmente e apresentou uma pesquisa detalhada e exaustiva do Nordeste de 1825 a 1925. Com a maestria dos grandes retratistas descreveu cada detalhe de forma científica e poética, pintando um painel histórico multifacetado em sua cotidianidade e intimidade.

Freyre descreveu minuciosamente a produção de artigos como estribos, candeias, sapatos, tijolos, telhas, bacias, tachos, caldeirões e velas nos grandes engenhos; as atividades domésticas como a fiação, as rendas, os bordados, o fabrico de doces, geléias, manteiga e vinhos, realizadas pelas próprias senhoras; os banquetes; as carruagens e as carroças; o vestuário; as danças graciosas; os móveis rústicos de madeiras nobres; o luxo da prataria e da porcelana; os santuários e baús encourados importados de Portugal; os espelhos de Nuremberg e móveis de carvalho da Alemanha; os serviços de

⁷⁵ Idem. *Aspectos de um século de transição no Nordeste do Brasil*. In: Região e tradição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941c. p.107-194.

mesa, jarros e trabalhos de filigrana da China, Índia e Japão; as casas medievalmente aconchegadas; a culinária e os temperos; as colchas de damasco e de seda; a ostentação dos vestidos das senhoras e sinhazinhas; as jóias e tetéias; os leques chineses; os oratórios de caixilhos; as orações; os cantos de igreja; as missas; as capelas de engenho; os chapéus altos, as sobrecasacas pretas e os fraques cinzentos dos grandes fidalgos; a sobrecasaca e a cartola dos desembargadores, juízes, advogados e médicos; o negro velho curandeiro; os mexericos; as comadres; as parteiras; os feitiços; os negociantes; as combinações e os namoros de rua; os cabeleireiros; os balaieiros de verduras e frutas; os vendedores de galinha; a educação da menina e do menino; a primeira comunhão; o ensino nas escolas; as roupas apropriadas para a escola; os banhos de rio; as histórias contadas pelos escravos; a poesia popular; o folclore; as cantigas; a arquitetura das casas de engenho e dos sobrados urbanos; os senhores de engenho; as senhoras; os negrinhos; as mulatas; as pretas; o escravo negro; a abolição; as festas; as quadrilhas e os enterros.

Freyre concluiu seu ensaio lamentando o desinteresse pelo passado e pelas tradições no Nordeste de 1925:

Nestes cem annos mudou de rythmo sua vida social; é outra, bem diversa da de 1825, a cadência do trabalho nas cidades e nos proprios campos, substituidos os vagares quase medievaes das antigas construcções de pedra pelos furores ianques das modernas empreitadas de cimento armado. E essas construcções fora das tradições e do espirito da região.

Os enterros – mesmo os dos ricos, no Recife – não se fazem mais a pé, com aquelle vagar exagerado e talvez morbido de outrora, pelo silencio das noites quentes, entre tochas de alcatrão, cantos de padre em latim e vozes de negros de uma plangência estranhamente nasal dizendo adeus ao sinhô, à sinhá-dona ou ao sinhozinho para sempre desaparecido.

Talvez em nenhuma parte do mundo os enterros se façam hoje tão às pressas como nas cidades do Nordeste do Brasil. Nem em New York são assim os enterros. O que talvez signifique certo desinteresse da gente actual desta região brasileira pelo seu passado, pelas suas tradições e pelos seus mortos. Resta saber até que ponto semelhante desinteresse será saudavel e capaz de criar, dentro dessa quase independencia das tradições, alguma coisa de superior ao que criaram os antepassados. (Freyre, 1941: 194c).

Em 1926, Freyre viajou ao Rio de Janeiro para realizar pesquisas históricas sobre o período colonial brasileiro e registrou em seu diário sua decepção pela descaracterização arquitetônica e urbana da capital federal, que classificou como “mau gosto”, “arrivismo”, “rastaquerismo”, “caricaturas ruins” em nome do progresso e do moderno. E escreveu indignado: “E certos “modernistas” a acharem isto “bonito”, “progressista”, “moderno” e a se regozijarem com a destruição das “velharias”. São uns cretinos, esses “modernistas” ” (Freyre, 1975: 183). Neste contexto, podemos afirmar que sua indignação é mais um sintoma da *nostalgia* e do *conservadorismo romântico* que sempre cultivou. Este comportamento não deve ser confundido com a negação insana do presente e do futuro, mas como uma tentativa desesperada de salvaguardar os vestígios do passado pela preservação dos monumentos históricos e de reconquistar a memória de sua infância pela introspecção proustiana: poética, científica e artística.

Capítulo 3

Indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala

A história social da casa-grande é a história íntima de quase todo brasileiro:
de sua vida doméstica, conjugal, sob o patriarcalismo escravocrata e
polígamo; da sua vida de menino; do seu cristianismo
reduzido à religião de família e influenciado pelas crendices da senzala.
O estudo da história íntima de um povo tem alguma coisa de introspecção proustiana;
os Goncourt já o chamavam “ce roman vrai” [...].
Nas casas-grandes foi até hoje onde melhor se exprimiu o caráter brasileiro:
a nossa continuidade social.
No estudo da sua história íntima despreza-se tudo o que a história política
e militar nos oferece de empolgante por uma quase rotina de vida:
mas dentro dessa rotina é que melhor se sente o caráter de um povo.
Estudando a vida doméstica dos antepassados sentimo-nos aos poucos nos completar:
é outro meio de procurar-se o “tempo perdido”.
Outro meio de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós;
e em cuja vida se antecipou a nossa.
É um passado que se estuda tocando em nervos;
um passado que emenda com a vida de cada um;
uma aventura de sensibilidade, não apenas um esforço de pesquisa pelos arquivos ⁷⁶.

3.1. O contexto brasileiro no início da década de 30 e o lançamento da obra *Casa-Grande & Senzala* (1933).

Mudanças significativas no ambiente intelectual, cultural e político influenciaram Gilberto Freyre e contribuíram decisivamente para a promoção de *Casa-Grande & Senzala* ⁷⁷. Desde o início do século XX, os reformadores da saúde pública vinham desenvolvendo um conjunto de medidas de prevenção médica. A realização de pesquisas e o trabalho de campo de pioneiros científicos como Carlos Chagas, bem como as expedições científicas patrocinadas pelo Instituto Oswaldo Cruz contribuíram

⁷⁶ Freyre, 1995: lxxv.

⁷⁷ Cf. o magnífico desenho da *Casa-Grande do Engenho Noruega* (PE), de Cícero Dias, no Anexo 1. Este desenho foi encomendado por Freyre ao artista pernambucano, e especialmente preparado por ele para a 1ª edição de *Casa-Grande & Senzala* (1933). No CEDOC – Centro de Documentação da Fundação Gilberto Freyre, com sede em Recife (PE), tomei conhecimento e contato direto – por ocasião de minha pesquisa de campo realizada de 15 a 19/01/2007 – com o rascunho desenhado pelo próprio Freyre, indicando as linhas gerais do desenho encomendado ao amigo Cícero Dias.

para o enfraquecimento das teorias deterministas. Alguns escritores proeminentes como Sílvio Romero, Manoel Bomfim e Alberto Torres reagiram contra o racismo científico, contribuindo para a mudança gradativa do clima intelectual nas primeiras décadas de 1900. O crítico literário sergipano Sílvio Romero proclamou que o povo brasileiro estava marcado pela mistura de raças, senão na carne, ao menos no espírito. O médico ensaísta Manoel Bomfim criticou as teorias racistas que apregoavam a inferioridade racial do índio e do negro e a mistura racial como fator determinante do subdesenvolvimento brasileiro. Bomfim acusou os colonizadores europeus pelo “parasitismo” cultural e econômico dos povos americanos. Alberto Torres, ex-Governador do Rio de Janeiro e Juiz da Suprema Corte Federal, dedicou-se a realização de uma campanha para uma nova consciência dos problemas políticos e econômicos brasileiros. A. Torres atacou o racismo científico e acusou seus defensores por encobrirem a exploração econômica dos países pobres. Suas idéias exerceram maior influência na geração mais jovem nos anos próximos à Primeira Guerra Mundial.

Com a Revolução de 30, o governo de Getúlio Vargas implementou um programa cultural nacionalista valorizando as raízes africanas da cultura brasileira. O crescente fascínio do Brasil branco pelo que era afro-brasileiro levou Vargas (já em 1932) a subsidiar o desfile de escolas de samba do Rio, demonstrando a reversão do desprezo da elite branca pelo samba, candomblé e outros traços da cultura negra. Vargas também criou um programa para identificar, restaurar e proteger monumentos históricos nacionais – prédios coloniais, igrejas, fortes, edifícios antigos – enaltecendo o passado colonial brasileiro. Esta agência administrativa (o Patrimônio Histórico e Geográfico Brasileiro) era dirigida por um dos maiores amigos de Freyre, o mineiro Rodrigo Mello

Franco de Andrade, que manifestou grande apoio moral ao projeto do livro *CGS*. Editores brasileiros (como José Olympio) também contribuíram para uma reavaliação de nosso passado com o lançamento de uma série de monografias e reedições sob o selo “Documentos Brasileiros”. A Companhia Editora Nacional iniciou o projeto de sua extensa coleção “Brasílica”.

Acadêmicos estrangeiros como o antropólogo americano Donald Pierson e o sociólogo francês Roger Bastide ajudaram a disseminar o interesse da elite nacional e dos intelectuais brasileiros pelo legado africano, bem como conduziram as disciplinas acadêmicas nascentes, antropologia e lingüística, à “conclusão de que o Brasil tinha realmente um sistema de relações raciais singular” (Skidmore, 2003: 60).

Outras mudanças substanciais também ocorreram na vida de G.Freyre no final de 1920 e início de 1930. Em 1927, Freyre assumiu o cargo de oficial de gabinete do Governador de Pernambuco Estácio de Albuquerque Coimbra. No ano seguinte, passou a dirigir o jornal *A Província*, quando publicou artigos e caricaturas com pseudônimos de Le Moine, J. Rialto, Antônio Ricardo, entre outros. Também foi nomeado professor da Escola Normal do Estado de Pernambuco por indicação do diretor A.Carneiro Leão, e assumiu a primeira cadeira de Sociologia com orientação antropológica e pesquisas de campo.

Em 1930, acompanhou Estácio Coimbra – deposto por Vargas – em seu exílio para Portugal. A passagem fugaz por Salvador (BA) e por regiões litorâneas da África antecedeu novas possibilidades de pesquisa: o acesso a novas bibliotecas e museus na

capital portuguesa; as pesquisas realizadas nos EUA, como professor extraordinário da Universidade de Stanford (em 1931) e outras pesquisas na Biblioteca do Congresso Americano e na Biblioteca da Universidade Católica, bem como as visitas a diversos museus de antropologia na Europa ⁷⁸.

O contexto de época na década de 1930, marcado por acontecimentos decisivos na história moderna do Brasil, criou espaços políticos e intelectuais para pensar o nacional de maneira renovada. As reflexões iniciadas pelos modernistas e pelos intelectuais nos anos 20 foram aprofundadas, renovando a “agenda” brasileira. No cenário internacional, a “protoglobalização dos anos 30 e a emergência de novas nações periféricas” contribuíram para a elaboração de “grandes ensaios de interpretação nacional”: Freyre, Holanda, Prado Jr. (Larreta, 2000: 25).

No plano político-intelectual a obra *CGS* representou a expressão de uma ideologia da cultura nacional, ou seja, “o balanço de uma cultura e a reflexão sobre o passado como instalação dos alicerces de um porvir em marcha” (Larreta, 2000: 25). De fato, o livro respondeu a algumas indagações e necessidades postas já nos anos 20: interpretar o passado brasileiro, forjar a identidade nacional e construir o Brasil moderno.

⁷⁸ “Acompanhando Estácio Coimbra ao exílio, em 1930, em viagem por mar que começou na Bahia, conhece parte do continente africano (Dacar, Senegal) e inicia, em Lisboa, as pesquisas e estudos em que se basearia *Casa-grande & senzala* [...] A convite da Universidade de Stanford, em 1931, segue para os Estados Unidos, como professor extraordinário daquela Universidade. Volta, no fim do ano, para a Europa, demorando-se na Alemanha, em novos contatos com seus museus de antropologia, de onde regressa ao Brasil. Continua, no Rio de Janeiro, em 1932, as pesquisas... em bibliotecas e arquivos. Recusando convites para empregos que lhe foram feitos pelos membros do novo governo brasileiro — um deles José Américo de Almeida — vive, então, com grandes dificuldades financeiras, hospedando-se em casas de amigos e em pensões baratas do então Distrito Federal. Estimulado pelo seu amigo Rodrigo M. F. de Andrade, contrata com o poeta Augusto Frederico Schmidt — editor à época — a publicação do livro por 500 mil reis mensais, que recebe com irregularidades constantes. Regressa ao Recife, onde continua a escrever... na casa do seu irmão Ulysses Freyre. Em 1933, conclui o livro, enviando os originais ao editor Schmidt, que o publica em dezembro”. (Extrato de uma pequena biografia de Gilberto Freyre, disponível em www.releituras.com/gilbertofreyre_menu.asp - Acesso em 28/07/2006).

O estudo possui outro vñ histórico, emprega materiais econñmicos e sociais que agregam pistas para novas pesquisas da formaçñ histórica do Brasil – vida cotidiana, alimentaçñ, família, sexualidade –, além de reformular o tema da raça. (Larreta, 2000: 25).

O desafio de escrever *CGS* representou o aprofundamento de temas discutidos em obras que prefaciaram o livro: a dissertaçñ de mestrado *Vida social no Brasil em meados do século XIX* (1922) e o *Livro do Nordeste* (1925). Nestas obras, o autor “iniciou o fecundo processo de redescoberta do Brasil pelos brasileiros” (Freyre, 2003: 19). Sua introspecçñ meticulosa e emocionada do passado permitiu a descriçñ do mundo de seus pais, avós e bisavós no século XIX. Nelas, encontramos a “semente de boa parte de seu trabalho posterior”, seu ponto de vista (peculiar) da história brasileira e o desafio de político-intelectual de estabelecer a “ponte entre o Brasil “moderno” que emergia e o Brasil “tradicional”...” (Skidmore, 2003: 48).

G.Freyre pretendia escrever um livro pioneiro: “talvez um livro... originalíssimo”. Uma obra que revelaria “o mais intimamente humano” do passado brasileiro. Um projeto idealizado aparentemente desde 1921, marcado pela busca de um “tempo perdido”, que poderia ser reconquistado pela memória. O livro que Freyre sonhava escrever teria o título de “*História da vida de menino no Brasil*”. Representava o desejo ambicioso de consolidaçñ de uma

...nova técnica ou nova combinaçñ de métodos – o antropológico baseado no psicológico, o histórico-social alongado no sociológico – para a capacitaçñ e a revelaçñ de um social total. Ou do humano: o mais intimamente humano. Se conseguir isto terei realizado façanha semelhante à de Santos Dumont. Serei outro brasileiro inventor de nova técnica de domínio do homem sobre problema que continua fechado aos homens de ciência: o da análise e sobretudo revelaçñ do social por métodos que alcançam o assunto em sua totalidade indivisível de vida e tempo. (Freyre, 1975: 222).

Poucos anos depois, Freyre mudou o título da obra para “*Vida sexual e de família no Brasil escravocrata*” (até novembro de 1932), e ampliou o enfoque de seu livro, que por fim chamou de “*Casa-grande & senzala*” (1933). Freyre não abdicou totalmente de seu projeto inicial. Ao invés de tratar da “*História da vida de menino*” no Brasil, achou mais prudente revelar a “*História da infância do Brasil*”, tempo e espaço, onde o “*menino perdido*” – ele mesmo (Gilberto Freyre) – retomaria suas (e nossas) origens na casa-grande e na senzala colonial. Freyre planejava uma obra autobiográfica “original” e “reveladora”, que representasse a história íntima de “quase todo” brasileiro.

Sua obra está alicerçada no intrigante pluralismo teórico e metodológico discutido nos capítulos 1 e 2 deste ensaio, onde identificamos as raízes epistemológicas de sua formação intelectual, e analisamos a influência de autores e obras que contribuíram decisivamente para o amadurecimento de suas idéias, teorias e métodos.

3.2. Acerca da relação entre indiciarismo, emoção e política na obra de Gilberto

Freyre:

Qualquer análise de *Casa-Grande & Senzala* deve
iniciar pela questão da metodologia.

T.E. Skidmore (2003)

3.2.1. Rastreando prefácios, capítulos, notas e referências bibliográficas.

No *Prefácio à primeira edição* de *CGS*, Freyre apresentou uma descrição detalhada das *fontes* que pesquisou, mas não fez distinção quanto a sua natureza, isto é, não classificou suas *fontes* em categorias fixas: primárias, secundárias, oficiais, marginais,

técnicas ou extra-técnicas. O autor encarou suas *fontes* como documentos reveladores⁷⁹, considerando suas especificidades no quebra-cabeça histórico-social brasileiro: o passado interpretado como um outro meio de procurar o “tempo perdido” e de “nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós”. Freyre lamentou a falta de documentos mais expressivos sobre a vida íntima no período colonial: diários, confidências, cartas, memórias, autobiografias e romances autobiográficos. Vejamos as principais *fontes* utilizadas pelo autor em sua pesquisa:

. “*Livros de assentos*” de senhores de engenho:

Graças à gentileza de uma velha parenta, Dona Maria (Iaiá) Cavalcanti de Albuquerque Melo, foi-me dado para consulta o “livro de assentos particulares” iniciado em Olinda em 1 de março de 1843 por seu pai Félix Calvacanti de Albuquerque Melo (1821-1901), registrando fatos não só de interesse para a família de Francisco Casado de Holanda Calvacanti de Albuquerque (1776-1832), antigo senhor do engenho Jundiá, que vendeu em 1832, e para as famílias de seus filhos e genros, como de interesse geral – epidemia de cólera, mata-mata marinho, hecatombe de Vitória, etc. (Freyre, 1995: lxvi, nota 29).

. “*Confissões e denúncias reunidas pela visitação do Santo Ofício*”⁸⁰ às partes do Brasil:

A inquisição escancarou sobre nossa vida íntima da era colonial, sobre as alcovas com camas que em geral parecem ter sido de couro, rangendo às pressões dos adult rios e dos coitos danados; sobre camarinhas e os quartos de santos; sobre as relações de brancos com escravos – seu olho enorme, indagador. As confissões e denúncias reunidas pela visitação do Santo Ofício às partes do Brasil constituem material precioso para o estudo da vida sexual e de família no Brasil do século XVI e XVII. Indicam-nos a idade das moças casarem – doze, quatorze anos; o principal regalo e passatempo dos colonos – jogo de gamão; a pompa dramática das procissões – homens vestidos de Cristo e de figuras da Paixão e devotos com caixa de doce dando de comer aos penitentes. Deixam-

⁷⁹ O belga Paul Otlet elaborou “o mais amplo conceito de documento que se conhece: qualquer mensagem fixada materialmente”. Para Otlet – autor de *Traite de documentation* –, documentos são: livros, revistas, fotografias, jornais, desenhos, pinturas, esculturas, filmes, discos, partitura musical, selos, medalhas, moedas, móveis, monumentos, edificações e até mesmo as espécies vegetais e animais e os minerais catalogados em parques z o-botânicos e museus de história natural. (FONSECA, 1983: 5).

⁸⁰ *Primeira Visitação do Santo Ofício às partes do Brasil* pelo Licenciado Heitor Furtado de Mendonça – Confissões da Bahia – 1591-92. São Paulo, 1922; *Primeira Visitação do Santo ofício às Partes do Brasil*, etc. – Denuncia  es da Bahia – 1591-93, São Paulo, 1925; *Primeira Visitação do Santo ofício às Partes do Brasil*, etc. – Denuncia  es de Pernambuco, São Paulo, 1929. Esses documentos fazem parte da série de Eduardo Prado, editada por Paulo Prado; os dois primeiros volumes trazem introduções de Capistrano de Abreu; o terceiro, de Rodolfo Garcia. (FREYRE, 1995: lxvi, nota 30).

nos surpreender, entre as heresias dos cristãos-novos e das santidades, entre os bruxedos e as festas gaiatas dentro das igrejas, com gente alegre sentada pelos altares, entoando trovas e tocando viola, irregularidades na vida doméstica e moral cristã da família – homens casados casando-se outra vez com mulatas, outros pecando contra a natureza com efebos da terra ou da Guiné, ainda outros cometendo com mulheres a torpeza que em moderna linguagem científica se chama, como nos livros clássicos, de *felação*, e que nas denúncias vem descrita com todos os ff e rr; desbocados jurando pelo “pentelho da Virgem”; sogras planejando envenenar os genros; cristãos-novos metendo crucifixos por baixo do corpo das mulheres no momento da cópula ou deitando-os nos urinóis; senhores mandando queimar vivas, em fornalhas de engenho, escravas prenhes, as crianças estourando ao calor das chamas. (Freyre, 1995: lxvi-lxvii).

. Cadernos “*recolhedores de fatos*”:

Estes cadernos, tive a fortuna de encontrá-los em recente viagem a Minas. Acham-se alguns em Caeté, outros em Belo Horizonte, em mãos de um particular, que gentilmente mos franqueou à leitura. Representam o esforço pachorrento, e tudo indica que escrupuloso, não de um simples bisbilhoteiro, mas de velho pesquisador municipal, falecido há anos: Luís Pinto. Pinto passou a vida vasculhando arquivos, atas, livros de registro de casamento e batismo, testamentos, na colheita de dados genealógicos de algumas das mais importantes famílias mineiras. (Freyre, 1995: lxvii, nota 31).

. Livros de “*viagem de estrangeiros*”⁸¹:

Servi-me, algumas vezes, na transcrição de trechos dos livros de viagem mais conhecidos, de traduções já existentes em português. Mas cotejando-as sempre com os originais, e em certos pontos discordando dos tradutores e retificando-os. Os textos dos livros de viajantes mais antigos – séculos XV, XVI, XVII, XVIII, e princípios do XIX – são transcritos, quando conservados no original, com todos os seus arcaísmos. Também os textos das crônicas, tratados e documentos antigos portugueses e brasileiros. (Freyre, 1995: lxix, nota 33).

. As “*cartas dos jesuítas*”⁸²:

Volto à questão das fontes para recordar os valiosos dados que se encontram nas cartas dos jesuítas [...] Os jesuítas não só foram grandes escritores de cartas – muitas delas tocando em detalhes íntimos da vida social dos colonos – como procuraram desenvolver nos caboclos e mamelucos,

⁸¹ Freyre considerou os livros de viagem de estrangeiros uma importante fonte para pesquisa sobre a História Social do Brasil. O autor citou os relatos que utilizou em sua pesquisa, e alertou os leitores para atenção que o pesquisador social deve ter com os preconceitos e as superficialidades presentes nos relatos de viajantes como os Thévet, os Expilly, os Debadie. Freyre considerou os relatos de Jean de Léry, Hans Staden, Koster, Saint-Hilaire, Redu, Spix, Martius, Burton, Tollenare, Gardner, Mawe, Maria Graham, Kidder e Fletcher entre os “bons” e “honestos”. (FREYRE, 1995: lxix).

⁸² Entre os jesuítas citados por Freyre constam os nomes de Francisco Pires, Antônio Pires, José de Anchieta e Manoel da Nóbrega. O autor manifestou excessiva confiança nos relatos destas cartas, pois considerou estes documentos como portadores de um “realismo honesto”. (FREYRE, 1995: lxx).

seus alunos, o gosto epistolar [...] Detalhes de um realismo honesto, esses, que se colhem em grande número, nas cartas dos padres, por entre as informações de interesse puramente religioso ou devoto. Detalhes que nos esclarecem sobre aspectos da vida colonial, em geral desprezados pelos outros cronistas... (Freyre, 1995: lxix-lxx).

. As “crônicas”:

Não nos devemos, queixar dos leigos que em crônicas como a de Pero de Magalhães Gandavo e a de Gabriel Soares de Sousa também nos deixam entrever flagrantes expressivos da vida íntima nos primeiros tempos de colonização. Gabriel Soares chega a ser pormenorizado sobre as rendas dos senhores de engenho; sobre o material de suas casas e capelas; sobre a alimentação, a confeitaria e doçaria das casas-grandes; sobre os vestidos das senhoras... (Freyre, 1995: lxx-lxxi).

. Livros do “romance brasileiro”:

Machado de Assis em *Helena*, *Memória Póstuma de Brás Cubas*, *Iaiá Garcia*, *Dom Casmuro* e em outros dos seus romances e dos seus livros de contos, principalmente em *Casa Velha*, publicado recentemente com introdução escrita pela Sr^a Lúcia Miguel Pereira; Joaquim Manoel de Macedo n^o *As Vítimas Algozes*, *A Moreninha*, *O Moço Louro*, *As Mulheres de Mantilha*, romances cheios de sinhazinhas, de iaiás, de mucamas; José de Alencar em *Mãe*, *Luciola*, *Senhora*, *Demônio Familiar*, *Tronco do Ipê*, *Sonhos de Ouro*, *Pata da Gazela*; Francisco Pinheiro Guimarães na *História de uma Moça Rica e Punição*; Manoel Antônio de Almeida nas *Memórias de um Sargento de Milícias*; Raul Pompéia n^o *O Ateneu*; Júlio Ribeiro n^o *A Carne*; Franklin Távora, Agrário de Meneses, Martins Pena, Américo Werneck, França Júnior são romancistas, folhetinistas ou escritores de teatro que fixaram com maior ou menor realismo aspectos característicos da vida doméstica e sexual do brasileiro; das relações entre senhores e escravos; do trabalho nos engenhos; das festas e procissões. Também os fixou a seu jeito, isto é, caricaturando-os, o poeta satírico do século XVIII, Gregório de Matos. E em memórias e reminiscências, o Visconde de Taunay, José de Alencar, Vieira Fazenda, os dois Melo Moraes, deixaram-nos dados valiosos. Romances de estrangeiros procurando retratar a vida brasileira do tempo da escravidão existem alguns, mas nenhum que valha grande cousa, do ponto de vista da história social... (Freyre, 1995: lxxi-lxxii).

. A “iconografia”⁸³:

Quanto à iconografia da escravidão e da vida patriarcal está magistralmente feita por artistas da ordem de Franz Post, Zacarias Wagner, Debret, Rugendas; sem falarmos de artistas menores e mesmo toscos – desenhadores, litógrafos, gravadores, aquarelistas, pintores de ex-votos – que desde o século XVI – muitos deles ilustrando livros de viagem – reproduziram e fixaram, com

⁸³ Freyre citou alguns dos mais expressivos álbuns, aquarelas e quadros que representam a iconografia do período colonial: o *Álbum Brésilien* de Ludwig & Briggs sobre o Rio de Janeiro; *Memória de Pernambuco* (Lit. de F. H. Carls e desenhos de L. Schlappritz); *Aquarelas e gravuras* do período na Biblioteca de M.de Oliveira Lima e na Universidade Católica, em Washington (EUA), no Museu do Estado de Pernambuco e no Museu Histórico e Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. *Quadros* dispersos pelas sacristias de velhas igrejas, de capelinhas de engenho e etc. (FREYRE, 1995: lxxii. nota 38).

emoção ou realismo, cenas de grandes engenhos e de sítios, tipos de senhoras, de escravos, de mestiços. Dos últimos cinquenta anos da escravidão, restam-nos, além de retratos a óleo, daguerreótipos e fotografias fixando perfis aristocráticos de senhores, nas suas gravatas de volta, de sinhá-donas e sinhá-moças de penteados altos, tapa-missa no cabelo; meninas no dia da primeira comunhão – todas de branco, luvas, grinalda, véu, livrinho de missa, rosário; grupos de família – as grandes famílias patriarcais, com avós, netos, adolescentes de batina de seminaristas, meninas abafadas em sedas de senhoras de idade. (Freyre, 1995: lxxii).

. Outras “fontes”⁸⁴:

Inventários; cartas de sesmarias; testamentos; correspondência da Corte e Ordens Reais; pastorais e relatórios de bispos; atas de sessões de Ordens Terceiras, confrarias e santas casas; atas e registro Geral da Câmara de São Paulo; livros de assentos de batismo, óbitos e casamentos de livres e escravos e os de rol de famílias; autos de processos matrimoniais; estudos de genealogia; relatórios de juntas de higiene; documentos parlamentares; estudos e teses médicas; documentos da Biblioteca do Estado de Pernambuco, do Arquivo Nacional⁸⁵, da Biblioteca Nacional e do Instituto Histórico Brasileiro; arquivos de Institutos Arqueológicos de São Paulo, Pernambuco e Bahia; arquivos e museus estrangeiros: Biblioteca Nacional de Lisboa, Museu Etnológico Português, Biblioteca do Congresso (EUA), Coleção Oliveira Lima da Universidade Católica (EUA), Coleção John Casper Branner da Universidade de Stanford (EUA); cartas e arquivos de famílias; livros e cadernos de modinhas e receitas de bolos⁸⁶;

⁸⁴ Segundo Freyre, muitos destes valiosos documentos permanecem restritos aos arquivos e bibliotecas. Para o autor, é “pena” que “algumas revistas de História dediquem páginas e páginas à publicação de discursos patrióticos e de crônicas literárias, quando tanta matéria de interesse rigorosamente histórico permanece desconhecida ou de acesso difícil para os estudiosos”. (FREYRE, 1995: lxix).

⁸⁵ Alcides Bezerra salientou a importância dos documentos publicados pelo Arquivo Nacional para a pesquisa sociológica e antropológica. Para Bezerra, estes documentos constituem “pedra fundamental para a história territorial brasileira”. A interpretação de nosso desenvolvimento social deve fundamentar-se no conhecimento destas fontes. (FREYRE, 1995: lxviii. nota 32).

⁸⁶ Freyre revelou que possuía um livro de modinhas que foi de seu tio-avô Cícero Brasileiro de Melo e um livro de receitas de bolo que pertenceu a Gerônimo Dias de Arruda Falcão, que foi senhor do engenho Noruega, e grande *gourmet*. (FREYRE, 1995: lxxi. nota 36).

coleções de jornais; livros de etiqueta; jóias, móveis, vestuário e objetos decorativos de época; traços específicos da arquitetura de casas-grandes conservadas na “antiga zona aristocrática” de Pernambuco, Paraíba e Alagoas, e na “zona escravocrata” do Rio de Janeiro e São Paulo; relatos de ex-escravos e pretos velhos criados em engenho ⁸⁷; relatos e “gentilezas” recebidas de parentes e amigos acerca do cotidiano e da vida íntima no período colonial ⁸⁸; dados folclóricos sobre o período colonial ⁸⁹.

Em *Seleções de prefácios a várias outras edições deste livro em língua portuguesa* ⁹⁰, Freyre revelou a forma como encarava as *fontes* na pesquisa social e discutiu a importância do acesso direto, sem intermediários, à matéria-prima do pesquisador da História Social. Sua preocupação metodológica orientou a construção de uma narrativa baseada em *fontes* oficiais e extra-oficiais.

Alguns críticos notaram que vêm pouco citados, neste trabalho, os grandes mestres da História – Handelman, por exemplo, Southey, Varnhagen, Caspitrano, Oliveira Lima, Rocha Pombo, João Ribeiro, Joaquim Nabuco. Alguns deles, autores de páginas memoráveis sobre os assuntos aqui versados. Sobre escravidão, por exemplo. Essa falta aparente de devoção de um principiante por mestres tão ilustres explica-se, em parte, pelo fato de sido uma de suas preocupações o contato direto com as fontes – tão citadas através destas páginas: manuscritos de arquivos de famílias e de igrejas, cartas jesuíticas, testamentos, sesmarias, diários, livros de viajantes estrangeiros, provisões régias, correspondência dos governadores coloniais com a Corte, periódicos, pastorais, teses de doutoramento, relatórios de médicos, atas de Câmaras; etc. Sobre este material e sobre pesquisa de campo é que verdadeiramente se baseia este ensaio; e não sobre os livros de historiadores consagrados e o seu uso e interpretação daquelas fontes. (Freyre, 1995: xxxvi).

⁸⁷ Freyre citou os nomes dos ex-escravos que entrevistou na zona rural de Pernambuco (quatro remanescentes das velhas senzalas de engenho): Luís Mulatinho – “com uma memória de anjo”, Maria Curinga, Jovina e Bernarda. (FREYRE, 1995: lxxiv-v).

⁸⁸ Gentilezas recebidas de Joaquim Cavalcanti, Júlio Maranhão, Pedro Paranhos Ferreira, Estácio Coimbra, José Nunes da Cunha e da família Lira (de Alagoas); da família Pessoa de Melo (do norte de Pernambuco); dos parentes de seu maior amigo José Lins do Rego (do sul da Paraíba); de seus parentes Sousa e Melo do engenho de sua infância, o São Severino de Ramos (em Pau-d’Alho, Pernambuco). (FREYRE, 1995: lxxv).

⁸⁹ Excursões realizadas sozinho ou na companhia de Pedro Paranhos e Cícero Dias, na zona aristocrática de Pernambuco. Júlio Belo, do engenho de Queimadas, reuniu e forneceu a Freyre “interessantes dados folclóricos sobre relações de senhores com escravos”. O autor também realizou “interessante excursão” com Paulo Prado e Luís Prado, pela antiga zona escravocrata que se estende do Rio de Janeiro a São Paulo. (FREYRE, 1995: lxxiv-v).

⁹⁰ Cf. *Casa-Grande & Senzala*. 30. ed. - Rio de Janeiro: Record, 1995. pp. xxxiv-xliii.

Freyre atribuiu grande importância às *fontes* que pesquisou, apesar do respeito aos grandes mestres da História. Sua preocupação acerca do contato direto com as *fontes* pesquisadas denuncia a intenção de construir uma narrativa autêntica e menos influenciada pela leitura de terceiros, mesmo reconhecendo o peso destes grandes mestres para a História. Ler a realidade social a partir da interpretação que outros fizeram de suas *fontes* é possível, mas aquele que se aventura pela pesquisa limitando-se a leitura de outros, não pode garantir a autenticidade de sua análise ⁹¹. Freyre compreendia este princípio fundamental da pesquisa histórica: manter contato direto com as *fontes* de sua pesquisa, e deixar que elas revelem a autenticidade do contexto histórico-social investigado ⁹².

Ademais, Freyre manifestou seu apreço pela pesquisa histórica, considerando o trabalho com *fontes* uma experiência que não representa apenas o “esforço de pesquisa pelos arquivos”, mas uma verdadeira “aventura de sensibilidade” (Ibid., p. lxxv).

Freyre foi um “*pesquisador-detetive*” e encarou suas *fontes* como “*pistas*”. Rastreado e interpretando estas “*fontes-pistas*” compreendeu que poderia decifrar as relações históricas e sociais.

⁹¹ Freyre já havia confessado anteriormente que suas proposições foram inicialmente recebidas “como escandalosamente heréticas em ciência e em saber, em metodologia e na própria expressão literária”. (FREYRE, 1995: xxxv).

⁹² Lucien Febvre observou (há muitos anos) que as fontes históricas não falam sozinhas. O historiador deve aprender a interrogá-las de maneira apropriada. As perguntas do historiador são apresentadas de forma direta ou indireta na própria narrativa. A narrativa condiciona decisivamente o curso da pesquisa, seja através da mediação entre questões e fontes, ou nas formas como os dados históricos são recolhidos, descartados e interpretados. (Cf. GINZBURG, 2002: 114).

Freyre não hierarquizava os documentos pesquisados ⁹³. Encarava os *dados marginais* como *indícios* que poderiam revelar aspectos inusitados para a pesquisa. Compreendia que os *documentos oficiais*, apesar de sua importância acadêmica e científica, não revelam os detalhes da vida cotidiana e da intimidade. Os pormenores do comportamento corriqueiro só podem ser apreendidos pelos *documentos extra-oficiais* – *fontes marginais* que descem aos desvãos da intimidade e que revelam o cotidiano em suas micro-estruturas históricas e sociais ⁹⁴.

Optamos por uma descrição minuciosa das *fontes* pesquisadas pelo autor para ratificar o caráter indiciário de sua pesquisa e revelar o ecletismo e a riqueza de detalhes presentes na construção de sua narrativa. Até os críticos mais exigentes (geralmente) reconhecem as proezas da pesquisa freyreana: uma pesquisa marcadamente detalhada, exaustiva e minuciosa, alicerçada no pluralismo documental, teórico e metodológico.

Freyre investigou e interpretou suas fontes com *razão* e *sensibilidade*. O autor identificou nas cantigas de acalanto portuguesas e brasileiras o imaginário popular que

⁹³ No livro *Jogos de escalas: a experiência da microanálise* (1998) – organizado por Jacques Revel – Paul-André Rosental discute as contribuições da microanálise para a pesquisa social. Rosental defende que o pesquisador deve conferir o mesmo peso lógico *a priori* a todas as formas, qualquer que seja a frequência dos fenômenos pesquisados, e lembra que devemos desconfiar de todo e qualquer pré-recorte na análise, isto é, de uma categorização *a priori* do mundo: as tipologias sobre a realidade social. As proposições de Rosental iluminam a discussão sobre as limitações e incoerências da postura metodológica baseada na hierarquização das fontes da pesquisa. O pesquisador precisa selecionar as fontes. Precisa estabelecer uma “certa” ordem nos procedimentos da investigação. Mas também deve garantir a análise compreensiva e qualitativa das fontes, evitando a precocidade da classificação *a priori* das fontes.

⁹⁴ Freyre privilegiou temas pesquisados por historiadores franceses representantes da *Nouvelle Histoire*, um movimento que surgiu na França a partir de 1960, difundido pelos herdeiros da *Escola dos Annales*, iniciada nos anos 30, por Marc Bloch e Lucien Febvre. Fernand Braudel interessou-se pela história da cultura material, enquanto Georges Duby e Philippe Ariès privilegiaram a história da vida privada, da família, da sexualidade, do amor, do corpo e das mulheres. Duby e Ariès organizaram a obra coletiva “*História da vida privada*”, que inspirou a coleção *História da vida privada no Brasil* (1997), dirigida por Fernando Novais. Freyre também abordou a intimidade e o cotidiano da família patriarcal destacando temas desprezados pela história oficial: a mulher, o escravo, a criança, a culinária etc. Desta forma realizou o que Fredrik Barth e Carlo Ginzburg consideram fundamental para o conhecimento científico contemporâneo: interpretar os fenômenos sociais como processos; encarar os atores sociais como microcosmos sociais ativos e valorizar a microanálise social.

apregoava liberdades e intimidades com os santos, revelando, desta forma, aspectos peculiares importantes da religiosidade dos brasileiros. Traços culturais que persistem na forma como nos relacionamos com as questões de ordem religiosa.

Nas cantigas de acalanto portuguesas e brasileiras as mães não hesitavam nunca em fazer dos seus filhinhos uns irmão mais moços de Jesus, com os mesmos direitos aos cuidados de Maria, às vigílias de José, às patéticas de vovó de Sant'Ana. A São José encarregava-se com maior semcerimônia de embalar o berço a rede da criança: *Embala, José, embala, que a Senhora logo vem: foi lavar seu cueirinho no riacho de Belém*. E a Sant'Ana de ninar os meninozinhos no colo: *Senhora Sant'Ana, ninai minha filha; vede que lindeza e que maravilha. Esta menina não dorme na cama, dorme no regaço da Senhora Sant'Ana*. E tinha-se tanta liberdade com os santos que era a eles que se confiava a guarda das terrinhas de doce e de melado contra as formigas: *Em louvor de São Bento que não venham as formigas cá dentro*, escrevia-se num papel que se deixava à porta do guarda-comida. E em papéis que se grudavam às janelas e às portas: *Jesus, Maria, José, rogai por nós que recorremos a vós*. Quando se perdia deda, uma tesoura, uma moedinha, Santo Antônio que desse conta do objeto perdido. Nunca deixou de haver no patriarcalismo brasileiro, ainda mais que no português, perfeita intimidade com os santos. O Menino Jesus só faltava engatinhar com os meninos de casa; lambuzar-se na geléia de araçá ou goiabada; brincar com muleques [sic]. (Freyre, 1995: lviii-lix).

Freyre considerou os tipos de moradias como pistas culturais autênticas. Sua investigação dos traços característicos da arquitetura das casas-grandes coloniais – paredes grossas de taipa ou pedra de cal, cobertas de palha ou de telha-vã, alpendre na frente e dos lados – revelou detalhes da vida no início da colonização portuguesa nos trópicos. Terra desconhecida, falta de materiais, ferramentas e homens para explorar os recursos naturais. Grandes desafios para as famílias. A arquitetura da casa-grande de engenho expressa com propriedade o contexto social da infância do Brasil ⁹⁵. A

⁹⁵ Segundo Freyre, as proposições do filósofo Oswald Spengler (*La decadencia de occidente*, Madri, 1927) confirmam a importância da pesquisa sobre o tipo de habitação para a análise histórica e social. Spengler realizou uma análise minuciosa da relação entre os traços arquitetônicos e o mundo social. Seus estudos sobre a arquitetura e o mundo dos deuses, estilo e ornamentação, arquitetura da janela, entre outros, revelam a construção de uma análise histórica a partir da investigação dos detalhes arquitetônicos do contexto pesquisado. Para Spengler, a casa constitui uma força cósmica e misteriosa que atua na coesão dos que convivem estritamente juntos. Semelhantemente, Freyre considerou a casa-grande colonial um centro de coesão patriarcal, religiosa, econômica, política, cultural, afetiva. O autor interpretou os referidos aspectos estruturantes (da vida colonial) a partir da análise dos traços arquitetônicos da casa-grande. (FREYRE, 1995: liii). Freyre também reconheceu em Spengler, o escritor alemão, um pensador mais intuitivo do que lógico. Escritor que elaborou, no campo da teoria da história,

apreciação – porventura introspectiva – da casa-grande como metáfora de uma nova civilização nos trópicos representa a consideração freyreana de que foi nas casas-grandes “onde se melhor exprimiu o caráter brasileiro: a nossa continuidade social”(Freyre, 1995: lxxv).

A casa-grande – completada pela senzala – representou um sistema multissocial, isto é, todo um sistema econômico, social e político de produção, trabalho, transporte, religião, vida sexual e familiar, higiene, proteção etc. Também foi fortaleza, capela, escola, banco ⁹⁶, oficina, cemitério, hospedaria, harém, santa casa de misericórdia, convento de moças. Para Freyre, as casas-grandes coloniais representavam à força e o poder esmagador dos senhores de engenho – patriarcas rurais poderosos: os verdadeiros donos da colônia, das terras, dos homens e das mulheres. Seu poder elevava-se acima da igreja e dos vice-reis. Suas casas feias e fortes eram verdadeiras fortalezas. Nelas, encontramos importantes *indícios* da vida material. Estes, por sua vez, denunciam sentimentos e comportamentos – traços afetivos e psicossociais de seus moradores. Suas paredes grossas e alicerces profundos foram construídos com muito suor e sangue dos negros – *indícios* da magnitude da violência e da dominação branca e da importância (o valor) do braço escravo para o desenvolvimento da colônia.

A verdade é que em torno dos senhores de engenho criou-se o tipo de civilização mais estável na América hispânica; e esse tipo de civilização, ilustra-o a arquitetura gorada, horizontal, das casas-grandes. Cozinhas enormes; vastas salas de jantar; numerosos quartos para filhos e hóspedes;

uma visão das grandes conexões históricas. Spengler considerou as “culturas como sujeitos, e não como objetos, do acontecer histórico”. (FREYRE, 1968: 183).

⁹⁶ “Dentro das suas grossas paredes, debaixo dos tijolos ou mosaicos, no chão, enterrava-se dinheiro, guardavam-se jóias, ouro, valores. Às vezes guardavam-se jóias na capela enfeitando os santos. Daí Nossas Senhoras sobrecarregadas à baiana de tetéias, balangandãs, corações, cavalinhos, cachorrinhos e correntes de ouro” (FREYRE, 1995: lix). Freyre provavelmente recolheu estes relatos do imaginário popular da época, do folclore rural, das entrevistas de parentes, amigos e antigos moradores das regiões rurais que visitou. Talvez dos arquivos de famílias e dos livros de viajantes.

capela; puxadas para acomodação dos filhos casados; camarinhas no centro para reclusão quase monástica das moças solteiras; gineceu; copiar; senzala. O estilo das casas-grandes – estilo no sentido spengleriano – pode ter sido de empréstimo; sua arquitetura, porém, foi honesta e autêntica. Brasileirinha da silva. Teve alma. Foi expressão sincera das necessidades, dos interesses, do largo ritmo de vida patriarcal que os proventos do açúcar e o trabalho eficiente dos negros tornaram possível.

[...] A casa-grande, embora associada particularmente ao engenho de cana, ao patriarcalismo nortista, não se deve considerar expressão exclusiva do açúcar, mas da monocultura escravocrata e latifundiária em geral: criou-se no Sul o café tão brasileiro como no Norte o açúcar. Percorrendo-se a antiga zona fluminense e paulista dos cafezais, sente-se, nos casarões em ruínas, nas terras ainda sangrando das derrubadas e dos processos de lavoura latifundiária, a expressão do mesmo impulso econômico que em Pernambuco... (Freyre, 1995: lxii-lxiii).

A distribuição dos cômodos das casas-grandes denuncia a subserviência dos padres aos senhores de engenho, pois a capela era na verdade uma puxada lateral da casa-grande, e possuía acesso direto ao interior da mesma. Os mortos eram enterrados dentro da capela e continuavam sobre o mesmo teto dos vivos: os santos e mortos permaneciam como membros da família. A lembrança dos mortos permanecia viva pela presença de retratos ou pinturas dos entes queridos falecidos. As tranças das senhoras e os cachos de crianças que “morriam anjos” eram conservados no santuário, entre as imagens dos santos.

Os *‘livros de assentos particulares’* revelaram os interesses das famílias nas regiões dominadas pelo patriarcalismo e o interesse geral na colônia: epidemia de cólera, mata-mata marinho, hecatombe de Vitória e etc. Muitos dados sobre nascimentos, batismos, casamentos, mortes e sobre a intimidade foram identificados nas *‘cartas e arquivos de famílias’*.

Os *‘cadernos recolhedores de fatos’* representavam o esforço autêntico de velhos pesquisadores na busca por dados genealógicos de famílias da região rural. Estes

acontecimentos foram recolhidos por pesquisadores da própria localidade que vasculhavam arquivos, atas, livros de registros de nascimentos, casamentos e batismos, testamentos. Freyre valorizou estes cadernos como expressão marcante do dia-a-dia nestas comunidades. Neles, identificou aspectos da intimidade da família patriarcal que não estão registrados nos documentos oficiais.

Também houve – isto no século XVIII e no XIX – esquisitões Pepys de meia-tigela, que tiveram a pachorra de colecionar em cadernos, gossip e mexericos: chamavam-se “recolhedores de fatos”. Manoel Querino fala-nos deles como relação à Bahia; Arrojado Lisboa, em conversa, deu-me notícia de uns cadernos desses, relativos a Minas, e em Pernambuco, na antiga zona rural, tenho encontrado traços de “recolhedores de fatos”. Alguns “recolhedores de fatos”, antecipando-se aos pasquins, colecionavam casos vergonhosos, que, em momento oportuno, serviam para emporcalhar brasões ou nomes respeitáveis. Em geral, exploravam-se os preconceitos de branquidade e de sangue nobre; desencavava-se alguma remota avó ou nina; ou tio que cumpria sentença; avô que aqui chegara de sambetino. Registravam-se irregularidades sexuais e morais de antepassados. Até mesmo de senhoras. (Freyre, 1995: lxvii).

As *‘cartas dos jesuítas’* também revelaram ao autor detalhes da vida religiosa e moral da vida colonial: fatos da sexualidade, costumes, valores, crenças e comportamentos dos devotos. Detalhes muitas vezes menosprezados pelos cronistas e que não foram amplamente registrados pelos documentos oficiais. Freyre considerou a importância destas *fontes* por revelarem o “realismo honesto” das descrições dos padres nestas cartas. Repetimos nossa crítica ao autor por sua confiança excessiva em dados reconhecidamente marcados por preconceitos e pelo moralismo dos missionários.

Freyre registrou a importância das *‘crônicas’* escritas no período colonial. Estas *fontes* revelaram flagrantes expressivos da vida íntima e pormenores sobre a vestimenta, a alimentação, a confeitaria e doçaria, o material das casas-grandes e capelas nos primeiros tempos de colonização.

Os '*romances*' também revelaram muitos aspectos importantes da vida íntima e sexual do brasileiro. Neles, o autor identificou detalhes sobre as relações entre senhores e escravos, aspectos constituintes do trabalho nos engenhos, fatos relativos às festividades e acontecimentos marcantes na vida religiosa local como as procissões. Apesar do caráter literário e fictício dos romances pesquisados, o autor jamais manifestou qualquer apreciação duvidosa da importância destas obras como fonte de pesquisa histórica e social.

Freyre pesquisou os costumes e o folclore da época, e identificou *pistas* reveladoras. A pesquisa sobre as crendices contadas nas regiões rurais revelou *indícios* importantes sobre o imaginário popular. Desta forma, o autor identificou alguns traços marcantes do espírito histórico e social. Estes relatos foram recolhidos durante suas visitas a engenhos da região rural de Pernambuco, Rio de Janeiro e São Paulo.

A '*iconografia*'⁹⁷ revelou aspectos da intimidade familiar, religiosa e social. Em quadros e fotografias da época o autor identificou detalhes expressivos da arquitetura externa e interna das casas-grandes e dos grandes engenhos e sítios, dos senhores de engenho e grupos de famílias, do vestuário, mobiliário, jóias e outros detalhes que

⁹⁷ F. Saxl foi um dos discípulos mais dedicados de Warburg. Assim como seu mestre, Saxl sempre se preocupou com a natureza das *fontes* da pesquisa. Os ensaios '*Holbein e a reforma*' (1925) e '*Dürer and the reformation*' (1948) embora apresentados em diferentes períodos (mais de 20 anos), demonstram uma preocupação persistente com o método de pesquisa. Para Saxl, as "xilografuras, as folhas de propaganda e os pamphlets do período da Reforma não são grandes obras de arte, mas oferecem-nos um 'espelho' das atitudes da época". Saxl analisou a obra de Dürer (grande artista do século XIV) considerando a importância da análise de obras de arte para compreensão da vida cotidiana, dos sentimentos e comportamentos no contexto histórico, pois revelam com propriedade e sensibilidade o espírito humano no tempo e no espaço. (GINZBURG, 1989: 61-2b).

Para Ginzburg, os historiadores contemporâneos compreendem que as fontes escritas não constituem a única forma de investigação histórica. Lembrando as inovações investigativas propostas por Lucien Febvre, o autor defende a pintura como uma fonte importante para a investigação histórica. (GINZBURG, 1989: 22-5c).

geralmente passam despercebidos pelo pesquisador restrito à pesquisa de *fontes* técnicas ou oficiais.

Como vemos Freyre foi mais além. Valorizou *fontes* até então desprezadas pela maioria dos pioneiros das ciências sociais no Brasil de 1930, e reconheceu a riqueza dos detalhes presentes em documentos extra-oficiais: registros desprezados pela história oficial ⁹⁸. Sua postura teórica e metodológica pode ser considerada inusitada e renovadora para uma época marcada pela supremacia da história econômica e militar, e da história dos grandes acontecimentos e personalidades ⁹⁹. Seu pluralismo documental denuncia o caráter *indiciário* de sua pesquisa, e seus efeitos político-ideológicos no pensamento político brasileiro no âmbito do imaginário social.

3.2.2. *Violência, autoritarismo, amor e ódio na intimidade da família patriarcal brasileira.*

O livro *Casa-Grande & Senzala* impressiona o leitor pela diversidade, descrição e análise minuciosa de temas sociais, pela inovação teórico-metodológica e pela

⁹⁸ Segundo G. Bing, Warburg ensinou “que se pode fazer ouvir vozes humanas articuladas também a partir de documentos de pouca importância”. Estes documentos são encontrados entre as “curiosidades” que geralmente interessam ao historiador dos costumes. Para Warburg, o pesquisador deve servir-se de uma documentação variada e heterogênea como testamentos, cartas, aventuras amorosas, tapeçarias, quadros famosos e obscuros para reconstruir o “elo entre as figurações e as exigências práticas, os gostos, a mentalidade” da sociedade estudada (GINZBURG, 1989: 45-6b). Segundo Edson N. da Fonseca, Freyre “valeu-se de todos os tipos de documento, de modo que podemos observar em *Casa-Grande & Senzala*, além do pluralismo de métodos assinalado por Jean Pouillon, um pluralismo documental: obras impressas e manuscritas, letras e partituras de músicas, desenhos e daguerreótipos, fotografias e plantas de edifícios, retratos de pessoas, coisas e animais...” (FONSECA, 1983: 5).

⁹⁹ Para Panofsky, “toda descoberta de um fato histórico antes desconhecido e toda nova interpretação de um fato já conhecido ou vão se ‘enquadrar’ na concepção geral predominante, e portanto até chegarão a corroborá-la e enriquecê-la, ou provocarão nela uma mudança sutil, ou talvez radical, assim lançando nova luz sobre o que se conhecia até então”. (apud GINZBURG, 1989: 64b).

magnitude das notas que enriquecem o texto principal ¹⁰⁰. Freyre descreveu o período colonial como um retratista-imaginista, construindo sua narrativa a partir de cada detalhe e de cada personagem do cenário histórico-social. Pintou um painel multifacetado em suas cores e formas. Formas econômicas, políticas, sociais, religiosas, sexuais, subjetivas, violentas, afetivas, poéticas..., íntimas...

Apresentaremos, a partir desse ponto, um esboço pontual dos encontros e desencontros entre a Casa-Grande e a Senzala segundo a narrativa do autor:

Na América tropical formou-se uma “sociedade agrária na estrutura, escravocrata na técnica de exploração econômica, híbrida de índio – e mais tarde de negro – na composição” (Freyre, 1995: 4). A gênese de formação da sociedade colonial brasileira está intimamente ligada a Casa-Grande, a Senzala, ao Senhor de Engenho, a Família Patriarcal, a Igreja Católica, a Senhora, ao Sinhozinho, a Sinhá-Moça, aos Escravos.

A casa-grande venceu no Brasil a Igreja, nos impulsos que esta a princípio manifestou para ser a dona da terra. Vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho. O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos. A força concentrou-se nas mãos dos senhores rurais. Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres. Suas casas representam esse imenso poderio feudal. “Feias e fortes”. Paredes grossas. Alicerces profundos. Óleo de baleia. [...] O suor e às vezes o sangue dos negros foi o óleo que mais do que o de baleia ajudou a dar aos alicerces das casas-grandes sua consistência quase que de fortaleza. (Freyre, 1995: lvii).

¹⁰⁰ A estrutura da obra de Freyre revela indícios importantes. Na distribuição dos temas abordados: Cap. I – *Características gerais da colonização portuguesa no Brasil: formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida*; Cap. II – *O indígena na formação da família brasileira*; Cap. III – *O colonizador português: antecedentes e predisposições*; Cap. IV e V – *O escravo negro na vida sexual e de família do brasileiro*, o autor dedicou um único capítulo aos aspectos gerais da colonização, um a contribuição indígena e outro a contribuição portuguesa na formação da família brasileira. Ademais, Freyre dedicou dois capítulos aos escravos negros, denunciando um maior interesse (e apreço) pela contribuição do negro na formação do Brasil. Impressiona também as notas que o autor apresenta ao longo de seu texto. Muitas notas extensas e em grande número, num total de 923 notas, sendo 179 no cap. I; 219 no cap. II; 152 no cap. III; 235 no cap. IV; e 138 no cap. V. De fato, algumas foram acrescentadas nas revisões realizadas a cada nova edição da obra, o que não diminui o mérito de Freyre, pois sabemos que a edição de lançamento (1933) surpreendeu os leitores pela riqueza de suas fontes.

Casas-Grandes coloniais grandes e fortes como fortalezas, com poucos móveis, quadros e objetos de adorno, mas com muitos escravos domésticos e festas de igreja. Nelas sempre reinou o Senhor de Engenho, o grande patriarca – dono de terras vastas, dono de homens, de mulheres e de escravos. Homens poderosos que dos Senados de Câmara falaram com altivez aos “representantes d’el-Rei e pela voz liberal dos filhos padres ou doutores clamaram contra toda espécie de abusos da Metrópole e da própria Madre Igreja” (Freyre, 1995: 5). Patriarca austero, seu poder intimidava a todos ¹⁰¹, fazendo uso de uma linguagem autoritária: “Faça-me”, ordenava o patriarca – o senhor de rede; “me dê”, pedia a mulher, a criança, o escravo.

Ociosa, mas alagada de preocupações sexuais, a vida do senhor de engenho tornou-se uma vida de rede. Rede parada, com o senhor descansando, dormindo, cochilando. Rede andando, com o senhor em viagem ou a passeio debaixo de tapetes ou cortinas. Rede rangendo, com o senhor copulando dentro dela. Da rede não precisava afastar-se o escravocrata para dar suas ordens aos negros; mandar escrever suas cartas pelo caixeiro ou pelo capelão; jogar gamão com algum parente ou compadre. De rede viajavam quase todos – sem ânimo para montar a cavalo: deixando-se tirar de dentro de casa como geléia por colher. Depois do almoço, ou do jantar, era na rede que eles faziam longamente o quilo – palitando os dentes, fumando charuto, cuspidando no chão, arrotando alto, peidando, deixando-se abanar, agradar e catar piolho pelas mulequinhas, coçando os pés ou a genitália; uns coçando-se por vício; outros por doença venérea ou da pele. (Freyre, 1995: 429).

Os senhores apoiavam-se na estabilidade patriarcal de grandes famílias proprietárias e autônomas. Famílias aristocráticas que (desde o século XVI) constituíam o principal fator colonizador do Brasil (acima do Estado e das companhias de comércio); a unidade produtiva e o capital que desbravou o solo, instalou as fazendas, comprou os escravos, bois, ferramentas; a força social que se desdobrou em “familismo político”,

¹⁰¹ “Criminoso ou escravo fugido que se apadrinhasse com senhor de engenho livrava-se na certa das iras da justiça ou da polícia. Mesmo que passasse preso diante da casa-grande bastava gritar: - “Valha-me, seu Coronel Fulano”.” (FREYRE, 1995: 194).

mando político e oligarquismo; a aristocracia colonial mais poderosa da América (Freyre, 1995: 19, 23).

Os senhores também contavam com a subserviência dos padres, pois tinham a seu dispor altar e capelão dentro da casa-grande. O catolicismo que aqui madrugou tornou-se o cimento de nossa unidade política, e o ponto de encontro na “confraternização” entre a cultura do senhor e a do negro, e nunca uma barreira intransponível ou ortodoxicamente dura, irreduzível. O cristianismo que dominou o período colonial brasileiro não foi o de catedral ou de igreja, mas um “cristianismo liricamente social, religião ou culto de família”. Um doce cristianismo doméstico, com muitas reminiscências fálicas e animistas de religiões pagãs (Freyre, 1995: 4, 22, 30).

Nossa formação social, tanto quanto a portuguesa, fez-se pela solidariedade de ideal ou de fé religiosa, que nos supriu a lassidão de nexos político ou de mística ou consciência de raça. Mas a igreja que age na formação brasileira, articulando-a, não é a catedral com seu bispo... É a capela de engenho. Não chega a haver clericalismo no Brasil. Esboçou-se o dos padres da Companhia para esvair-se logo, vencido pelo oligarquismo e pelo nepotismo dos grandes senhores de terras e escravos. (Freyre, 1995: 195).

As Senhoras – Sinhás – estavam destinadas a um isolamento árabe nas casas-grandes de engenho. Eram criaturas submissas aos maridos, a quem se dirigiam sempre com medo, tratando-os pelo termo “Senhor”. Suas atividades limitavam-se a coordenação do serviço doméstico realizado pelos escravos e a vida religiosa. Ignorantes e beatas, trajavam-se de saia de chita, camisa de flores bordadas, corpete de veludo, faixa. Por cima dessas vestimentas, muito ouro, colares, pentes e braceletes.

Não deve ficar sem reparo o fato de, num país por longos séculos de escravos e de mulheres recalçadas pela extrema pressão masculina, o culto dominante entre a maioria católica ser o

masoquista, sentimental, do Coração de Jesus. É comum entre os poetas um como exibicionismo do coração sofredor. A nossa literatura amorosa, tanto quanto a devocional e mística, está cheia de corações a sangrarem voluptuosamente; ou então magoados, doloridos, feridos, amargurados, dilacerados, em chamas. etc. etc. (Freyre, 1995: 87, nota 177).

O menino branco era um verdadeiro menino-diabo. Seu sadismo manifestou-se nas judiarias que fazia com os muleques pretinhos: o gosto de judiar com negros – aquele mórbido deleite de ser mau com os inferiores –, uma estupidez e malvadeza tolerada e incentivada pelos próprios pais. Vítima do esnobismo dos senhores: “Que judiasse com os muleques e as negrinhas, estava direito; mas na sociedade dos mais velhos o judiado era ele” (Freyre, 1995: 420). O muleque pretinho era o companheiro de brinquedo do menino branco e seu leva pancadas. Servia para tudo: era boi de carro, cavalo de montaria, besta de almanjarra, burro de liteira e de carga pesada, e principalmente cavalo de carro puxando o menino branco nas imediações da casa-grande.

Ao rapaz – Sinhozinho – era ensinado o comportamento formal e seco do mundo adulto. Este deveria conservar-se calado e com ar seráfico na presença dos adultos, e sempre tomar benção dos mais velhos. Ao pai deveria chamar “Senhor Pai”, e a mãe “Senhora Mãe”. A intimidade de infância que lhe permitia chamá-los de “papai” e de “mamãe” deveria dar lugar a formalidade e a reverência. Somente depois de casado é que poderia fumar na presença do pai. Até para fazer a barba deveria pedir permissão. Os adjetivos de raparigueiro, femeeiro ou deflorador de mocinhas eram muito valorizados para os rapazes, pois nenhuma “Casa-Grande do tempo da escravidão quis para si a glória de conservar filhos maricas ou donzelões”.

A violência de menino reaparecia no abuso sexual de escravas pelos sinhozinhos. Que o rapaz não demorasse em emprenhar negras escravas, aumentando o “rebanho e o capital” do senhor, seu pai. Muitas tradições rurais registram o comportamento de Senhores e Senhoras que empurravam para os braços dos filhos donzelos negrinhas e mulatinhas “capazes de despertá-los da aparente frieza ou indiferença sexual” (Op. cit., 1995: 372).

À Sinhazinha negava-se tudo que porventura pudesse representar sua independência. As meninas deveriam comportar-se de forma recatada e humilde. Educadas num ambiente rigoroso, as meninas estavam sempre a mercê da “mais dura tirania dos pais”, que seria posteriormente substituída pela tirania do marido. Criadas em ambiente rigorosamente patriarcal e moralista, eram sempre vigiadas pelos adultos e a todo instante cercadas por “olhos indiscretos” (olhos de pai, de mãe, de frades, de maridos, de sogras e até de negros escravos).

Os muleques pretinhos, as mucamas de companhia e as amas-de-leite foram seus aliados contra os “senhores pais” e mais tarde contra os “senhores maridos”. Mucamas de companhia contavam as sinhás-moças histórias de casamento, de namoros, de paixões românticas e sedutoras nos doces vagares dos dias de calor. A sinhazinha sentada na esteira de pipiri, cosendo ou fazendo renda, ou deitada na rede, cabelos soltos, a negra catando-lhe piolho, fazendo cafuné e enxotando as moscas de seu rosto com um abano.

Os Escravos Negros importados da África eram imediatamente batizados com batismo cristão (católico) antes mesmo de chegarem ao Brasil. Na casa-grande colonial, os brancos eram cuidados e servidos por negros escravos em quase todas as tarefas diárias como banhar-se, vestir-se, alimentar-se etc. Os escravos e as escravas foram paulatinamente participando da vida íntima dos brancos, de suas angústias, rompantes, medos, segredos, sentimentos, assumindo também a condição de confidentes, companheiros, cúmplices etc. As relações entre brancos e negros não foram marcadas somente pelas violências do regime escravocrata. A presença do negro na casa-grande e sua inserção na intimidade do lar colonial, participando do cotidiano dos senhores brancos, contribuiu imensamente para a profunda troca de valores e sentimentos entre brancos e negros. Sentimentos predominantemente coletivistas – vindos das senzalas – e individualistas (privativistas) – vindos das casas-grandes.

A casa-grande fazia subir da senzala para o serviço mais íntimo e delicado dos senhores uma série de indivíduos – amas de criar, mucamas, irmãos de criação dos meninos brancos. Indivíduos cujo lugar na família ficava sendo não o de escravos mas o de pessoas de casa. Espécie de parentes pobres nas famílias européias. À mesa patriarcal das casas-grandes sentavam-se como se fossem da família números mulatinhos. Crias. Malungos. Muleques de estimação. Alguns saíam de carro com os senhores, acompanhando-os aos passeios como se fossem filhos.

Quanto às mães-pretas, referem as tradições o lugar verdadeiramente de honra que ficavam ocupando no seio das famílias patriarcais. Alforriadas, arredondavam-se quase sempre em pretalhomas enormes. Negras a quem se faziam todas as vontades: os meninos tomavam-lhe a benção; os escravos tratavam-nas de senhoras; os boleeiros andavam com elas de carro. E dia de festa, quem as visse anchas e engajentas entre os brancos de casa, havia de supô-las senhoras bem-nascidas; nunca ex-escravas vindas da senzala.

[...] A negra ou mulata para dar de mamar a nhonhô, para niná-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, cuidar-lhe da roupa, contar-lhe histórias, às vezes para substituir-lhe a própria mãe – é natural que fosse escolhida dentre as melhores escravas da senzala. Dentre as mais limpas, mais bonitas, mais fortes. (Freyre, 1995: 352).

Os escravos também exerciam tarefas como barbeiros, sangradores, dentistas e até professores-mestres de meninos brancos: escravos para mãos e pés de senhores, senhoras, sinhazinhas e sinhozinhos. Várias casas-grandes mantiveram, para deleite dos

brancos, coros de negros e bandas de músicas de escravos, e alguns engenhos até possuíam bandas de cavalinhos com escravos negros como palhaços e acrobatas.

Muito menino brasileiro deve ter tido por seu primeiro herói, não um médico, oficial da marinha ou bacharel branco, mas um escravo acrobata que viu executando piruetas difíceis nos circos e bumbas-meu-boi de engenho; ou um negro tocador de pistom ou de flauta. (Freyre, 1995: 417).

A ama-de-leite negra “fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas”, só deixando para a criança branca as sílabas moles e “palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente”: cacá, pipi, bumbum, tentem, nenen, tatá, papá, papato, lili, mimi, au-au, bambanho, cocô, dindinho, bimbinha. Da aliança da ama negra com a criança branca, do muleque com o sinhozinho e da mucama com a sinhá-moça resultou uma série de palavras deliciosas, doces e novas. Os nomes próprios se amaciaram: as Antônias ficaram Totonhas, Toninhas, Dondons; as Teresas, Tetés; os Manuéis, Nezinhas, Mandus, Manes; os Franciscos, Chico, Chiquinho, Chicó; os Pedros, Pepés; os Albertos, Bebetos, Betinhos. Novas palavras foram assimiladas: iaiás, ioiôs, sinhás, marocas, caçamba, canga, dengo, cafuné, caçula, quitute, mandinga, muleque, cafajeste, batuque, banzo, mucambo, mocotó, bunda, mucama, tanga, catinga, entre outras. Palavras que enriqueceram a língua portuguesa (Op. cit., 1995: 331-2).

Da ama negra a criança branca recebeu os “afagos da mucama” e “uma bondade porventura maior que a dos brancos”, isto é, “uma ternura como não a conhecem igual os europeus; o contágio de um misticismo quente, voluptuoso, de que se tem

enriquecido a sensibilidade, a imaginação, a religiosidade dos brasileiros” (Op. cit., 1995: 355).

Ao deitar-se, rezavam os brancos da casa-grande e os negros da senzala. Os escravos tomavam a benção ao senhor dizendo: “Louvado seja o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo!” E o senhor respondia: “Para sempre!” ou “Louvado seja!”.

Quando trovejava forte, brancos e escravos reuniam-se na capela ou no quarto do santuário para cantar o bendito, para rezar o Magnificat, a oração de São Brás, de São Jerônimo, de Santa Bárbara. Acendiam-se velas; queimavam-se ramos bentos, recitava-se o credo-em-cruz; ...nos velhos engenhos patriarcais, cantavam-se hinos à Sagrada Família; ...jejuava-se e observavam-se os preceitos da Igreja; ...No dia da botada – primeiro dia de moagem das canas – nunca faltava o padre para benzer o engenho; o trabalho iniciava-se sob a benção da Igreja. O sacerdote primeiro dizia missa; depois dirigiam-se todos para o engenho, os brancos debaixo de chapéus de sol, lentos, solenes, senhoras gordas, de mantilha. Os negros contentes, já pensando em seus batuques à noite. Os muleques dando vivas e soltando foguetes. O padre traçava cruzeiros no ar com o hissope, aspergia as moendas com água benta – muitos escravos fazendo questão de ser também salpicados pela água sagrada. Seguiam-se à benção dos engenhos, banquetes de senhores nas casas-grandes, comezaina e danças dos escravos no terreiro. Festas até de madrugada. Banquetes de vitelas, porcos, galinhas, perus. Tudo sob a benção da Igreja. (Freyre, 1995: 432-5).

No momento de “descarregar a consciência” muitos patriarcas do tempo da escravidão alforriavam alguns escravos: “Raro o senhor de engenho que morreu sem deixar alforriados, no testamento, negros e mulatas de sua fábrica”: escravos muitas vezes bastardos, fruto dos amores do senhor ou de pessoa de sua família, com negras da casa-grande. Os enterros eram realizados à noite com muita cantoria dos padres em latim e muito choro de senhoras e dos negros, que choravam “não só com saudades do senhor velho, como pela incerteza do seu próprio destino”. Os brancos eram enterrados com toda pompa – flores, fardas, uniformes, sedas, hábitos de santos, condecorações, medalhas, jóias. Os negros não eram enterrados envolvidos em sedas e flores, nem dentro das igrejas. Enrolavam-se seus cadáveres em esteiras. Perto da capela do

engenho ficava o cemitério dos escravos, com cruzes de pau preto assinalando as sepulturas. Os escravos antigos estimados pelos brancos morriam como qualquer pessoa branca: confessando, comungando, entregando a alma a Jesus e a Maria; a São Miguel, a São Gabriel..., aos arcanjos louros que deveriam acolher os pretos velhos. Alguns senhores mandavam rezar missa pela alma dos escravos de estimação. Enfeitavam suas sepulturas com flores; choravam com saudade deles como se chora com saudade de um amigo ou de um parente querido. Mas havia também muito senhor rude e bruto. Muitos negros foram enterrados em sepulturas rasas na beira da praia. Outros escravos falecidos (os chamados “negros novos”) eram atados a pedaços de pau e atirados à maré (Op. cit., 1995: 436-9).

Foi ainda o negro quem animou a vida doméstica do brasileiro de sua maior alegria. O português, já de si melancólico, deu no Brasil para sorumbático, tristonho; e do caboclo nem se fala: calado, desconfiado, quase um doente na sua tristeza. Seu contato só fez acentuar a melancolia portuguesa. A risada do negro é que quebrou toda essa “apagada e vil tristeza” em que se foi abafando a vida nas casas-grandes. Ele que deu alegria aos são-joões de engenho; que animou os bumbas-meu-boi, os cavalos-marinheiros, os carnavais, as festas de Reis. (Freyre, 1995: 462).

Na casa-grande e seu entorno, muitos encontros entre brancos (senhores) e negros (escravos) foram marcados pela violência e pelo abuso sexual. De fato, na América portuguesa não houve “escravidão sem depravação sexual”¹⁰². Uma depravação imposta por um regime escravocrata responsável pela proliferação de inúmeras doenças

¹⁰² “Diz-se geralmente que a negra corrompeu a vida sexual da sociedade brasileira, iniciando no amor físico os filhos-família. [...] É absurdo responsabilizar-se o negro pelo que não foi obra sua nem do índio, mas do sistema social e econômico em que funcionaram passiva e mecanicamente. Não há escravidão sem depravação sexual [...] Mas é preciso notar que o negro se sifilizou no Brasil. Um ou outro viria já contaminado. A contaminação em massa verificou-se nas senzalas coloniais. A “raça inferior”, a que se atribuiu tudo que é handicap no brasileiro, adquiriu da “superior” o grande mal venéreo que desde os primeiros tempos de colonização nos degrada e diminui. Foram os senhores das casas-grandes que contaminaram de lues as negras das senzalas. Negras tantas vezes entregues virgens, ainda mulecas de doze e treze anos, a rapazes brancos já podres da sífilis das cidades”. (FREYRE, 1995: 316-7).

venéreas, principalmente a sífilis: “o Brasil, entretanto, parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado” (Op. cit., 1995: 47).

Mas o ambiente voluptuoso das casas-grandes, cheias de crias, negrinhas, mulecas, mucamas, é que as doenças venéreas se propagaram mais à vontade, através da prostituição doméstica – sempre menos higiênica que a dos bordéis. (Freyre, 1995: 318).

Esta violência atingiu nuances inimagináveis. Alguns senhores cometeram atos de brutalidade sem medida, a ponto de “mandar queimar vivas, em fornalhas de engenho, escravas prenhes” (Op. cit. 1995: lxxvii). Em outros momentos, Sinhás-moças tomadas pelo “ciúme do marido” e pelo “rancor sexual”, cometiam “toda uma série de judiarias”: “mandavam arrancar os olhos de mucamas bonitas e trazê-los à presença do marido, à hora da sobremesa, dentro da compoteira de doce e boiando em sangue ainda fresco”. Baronesas idosas, muitas vezes por ciúme ou por despeito, “espatifavam a salto de botina dentaduras de escravas; ou mandavam-lhes cortar os peitos, arrancar as unhas, queimar a cara ou as orelhas” (Op. cit., 1995: 337-8).

O cenário histórico-social que Gilberto Freyre retratou em sua obra magistral finalmente revela-se ao leitor com seus atores e suas formas íntimas: Senhores de Engenho poderosos, autoritários e arrogantes – os verdadeiros donos do Brasil; Sinhás (Senhoras) passivas, submissas, encerradas no espaço do lar e da igreja; Sinhozinhos raparigueiros, femeeiros ou defloradores de mocinhas; Sinhazinhas humildes, virtuosas, obedientes; e Escravos domésticos que exerciam diversas funções ligadas a intimidade e ao cotidiano da casa-grande, a música, o canto, a culinária, a higiene, e que conviviam com os membros da família patriarcal como cúmplices, companheiros e confidentes dos

brancos. Neste cenário íntimo e multissocial desenvolveram-se relações religiosas, políticas, econômicas e sociais resultantes dos encontros violentos e confraternizantes entre a Casa-Grande e a Senzala.

3.2.3. *Uma análise compreensiva da obra germinal de Gilberto Freyre:*

O livro se deixa ler preguiçosamente, languidamente... É tão bem escrito, tão embalado na atmosfera oleosa, morna, da descrição frequentemente idílica... Mas que ninguém se engane: por trás das descrições, às vezes romanceadas e mesmo distorcidas, há muita pesquisa.

Fernando H. Cardoso (2003).

Sabemos que *Casa-Grande & Senzala* foi recebida – pelos intelectuais brasileiros da década de 30 – mais como um manifesto do que como um trabalho científico-acadêmico bem argumentado. O método (aparentemente) desorganizado de Freyre era uma vantagem do autor, pois os leitores podiam folhear o livro à vontade, absorvendo “pedacinhos de conhecimento” à medida que liam. O autor recusou o formato acadêmico tradicional como parte de seu projeto para ser reconhecido como escritor, por isso, preocupava-se com a construção de uma narrativa vívida, poética e acessível aos leitores (Skidmore, 2003: 56-7).

Os críticos de Freyre não compreenderam o caráter declaradamente não-convencional de seu método de escrever história social. Freyre interessava-se por questões inacadêmicas, ou seja, para além da academia e da ciência. *CGS* não apresenta uma cronologia clara dos eventos narrados. O tratamento histórico-sociológico freyreano é temático, com o foco movendo-se entre os séculos XVI e XIX (Op. cit., 2003: 54).

G. Freyre desejava inverter o sinal negativo da contribuição portuguesa na formação da sociedade brasileira e em outras colônias. Aparentemente seu objetivo era atingir – em cheio – a auto-estima dos brasileiros em tempos de críticas e acusações aos nossos colonizadores. Para Freyre, entre os europeus não havia povo melhor preparado que os portugueses para a difícil empreitada de nossa colonização. Nenhum povo europeu possuía o cosmopolitismo, o caráter híbrido, a adaptabilidade e a mobilidade necessárias a formação da “maior civilização nos trópicos”. Na obra *CGS*, o autor pensou o Brasil como uma sociedade *sui generis*, e não (simplesmente) como uma mera continuação de Portugal (Souza, 2003: 67-8).

CGS abriu o caminho para a moderna compreensão histórica-sociológica de nosso passado colonial, e insistiu em proposições inovadoras: interpretou a “miscigenação”¹⁰³ como um fator positivo e reconheceu a “centralidade da escravidão” negra na formação da sociedade brasileira (Borges, 2003: 217). A obra não apresenta somente os momentos de confraternização – trocas afetivas – entre brancos e negros, falseando as relações entre senhores e escravos. O leitor atento e cuidadoso encontrará diversos momentos onde o autor descreveu um assustador “jardim dos suplícios” dos escravos, com revelações acerca de torturas, maus-tratos, violências impostas aos negros. Freyre revelou a ambigüidade das relações entre senhores e escravos no cotidiano da casa-grande, onde manifestavam-se concomitantemente relações de despotismo, violência, intimidade e afeto (Araújo, 1994: 56...).

¹⁰³ “Gilberto Freyre estava muito à frente (da USP) no que diz respeito à idéia de miscigenação como um valor”. (CARVALHO apud CARDOSO, 2000: 9).

O autor valorizou os marginais da história – a mulher, a criança e o escravo – atores sociais geralmente desprezados pela historiografia moderna – mais preocupada com a história militar e a história dos grandes vultos – na análise da formação da sociedade brasileira.

Gilberto Freyre os coloca no centro de sua construção da formação nacional. O escravo negro, o maior e mais plástico colaborador na construção da civilização nos trópicos, exercendo missão civilizadora junto ao índio e ao branco; dominando a cozinha, a vida sexual, as profissões técnicas, a música, alterando a língua, amante e confidente. A mulher, submissa, vivendo sob a tirania do pai e depois do marido, criada em ambiente rigorosamente patriarcal. O menino, em casa, castigando as negrinhas e os moleques, mas submetido na sociedade dos mais velhos. O amarelinho, menino mimado, franzino, muitas vezes filho ilegítimo, sem gosto pelas lides do engenho, saindo de casa para estudar nos seminários ou nas escolas das capitais do Brasil ou da Europa, voltando imbuído de novas idéias, pronto para lutar contra a dominação. (Bastos, 2000: 18).

No início do século XX, os brasileiros “viviam sob a sombra de dois determinismos”. Nossos intelectuais e políticos empenhavam-se em explicar as causas históricas e sociais do subdesenvolvimento brasileiro como consequência de fatores determinantes do clima e da raça (Skidmore, 2003: 43). Apesar do alvoroço teórico-político de 1920 e 1930, o jovem nacionalista G.Freyre inovou ao desmistificar tabus e preconceitos, pois considerou o negro (escravo) como co-colonizador do Brasil (Freyre, 2003: 20), e reconheceu o papel da escravidão na história social (Borges, 2003: 206).

Sua originalidade ao discutir temas ligados à escravidão manifestou-se como resultado de sua formação privilegiada nos EUA e na Europa, com professores renomados como Franz Boas (antropólogo antiracista e culturalista) que advogava a distinção entre raça e cultura, e a superação do determinismo racial; e Alfred Zimmern (professor de história, direito público e escravidão) que manifestava uma visão positiva da escravidão. Também recebeu influência de seus amigos Ruediger Bilden e Francês B. Simkins

(historiadores da escravidão) e de Oliveira Lima (historiador social), e das aulas na Universidade de Columbia (EUA), quando aprendeu a importância da história da mulher, da criança e do escravo ¹⁰⁴.

Além destes fatores também podemos destacar: a “educação sentimental” absorvida pelo contato com professores, artistas, escritores e pessoas comuns durante seus estudos fora do Brasil; sua posição simultaneamente “insider” e “outsider” de antropólogo e nativo (segundo Roberto Da Matta); a ausência de “vergonha” ou de “falta de inibição” (ou ainda de “desrecalque” como diria Antônio Candido) pelos detalhes da vida íntima na sociedade brasileira – traço peculiar da narrativa freyreana que diferencia sua obra dos sociólogos da USP, e de escritores como Lima Barreto, Capistrano de Abreu, Joaquim Nabuco, entre outros. A conjugação destes aspectos talvez explique a originalidade, a coragem e a disponibilidade de Freyre para “publicar” algo inusitado: a influência e a importância da escravidão e do negro (escravo) na formação do Brasil e sobre a “nacionalidade” (Borges, 2003: 217-222).

A obra de Freyre também chamou a atenção dos críticos e entusiastas por sua “metafísica social” de caráter relativista. Em algumas sociedades – como a brasileira – manifestou-se um maior “equilíbrio dos antagonismos” do que em outras, isto se deve as suas especificidades históricas e sociais: aspectos violentos e despóticos conjugados com a miscigenação racial e cultural, e com momentos de confraternização entre

¹⁰⁴ Em *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930* (1975), o jovem Gilberto Freyre registrou um desabafo contra a historiografia tradicional que desprezava a experiência de pessoas marginais na história oficial: “É preciso que se reaja contra isto. Porque não há compreensão possível do Homem, deixando-se de procurar compreender a Mulher e o Menino. Como não é possível compreender-se o Senhor, sem se compreender o Escravo”. (FREYRE, 1975: 60). Além da relevância de seu desabafo, notamos o fato do autor ter redigido os termos “Mulher”, “Menino” e “Escravo” com primeira letra maiúscula, demonstrando sua importância ao lado do “Homem” e do “Senhor”.

brancos e negros. Por isso, *CGS* é considerado um livro do “ainda assim” (Vianna, 2000: 22), “desbravador e indispensável para compreensão da infância do Brasil”, e que ofereceu aos brasileiros a “radiografia” de sua cultura e uma “síntese interpretativa” do caráter nacional: do seu modo particular de sentir, de pensar e de ser brasileiro (Freyre, 2003: 16-19).

F.H.Cardoso reconhece que é “inútil rebater as críticas” dirigidas a obra germinal de Freyre, pois elas “procedem”. Mas o “fato é que até já perdeu a graça repeti-las ou contestá-las”. A despeito das limitações, a obra *Casa-Grande & Senzala*, “foi, é e será referência para a compreensão do Brasil” (Cardoso, 2003: 5).

Os temas abordados em *CGS* denunciam alguns aspectos estruturantes do pensamento freyreano: caráter autobiográfico da obra; nostalgia e poesia no escrever; linguagem marcadamente íntima; oralidade na narrativa; busca de continuidades históricas, políticas, econômicas, afetivas etc; descrição minuciosa e exaustiva dos fatos; introspecção emocionada do passado; preocupação com a autenticidade dos fatos narrados; valorização da intimidade e do cotidiano; apreço pela micro-análise; aversão às generalizações; preferência pelos atores sociais e pelos processos sociais; importância atribuída ao perspectivismo e a relatividade do conhecimento; defesa simultânea de argumentos que se opõem (antinomia); busca incansável da conciliação e do equilíbrio dos opostos; reconhecimento da circularidade da cultura – influxo recíproco entre cultura dominadora e cultura subalterna¹⁰⁵; entre outros (Araújo, 1994: 185-208).

¹⁰⁵ “Freyre chegou a um dos conceitos mais polêmicos de “Casa-Grande & Senzala”, o de que os negros acabaram impondo sua cultura aos brancos, por meio de técnicas da história do cotidiano e das mentalidades. Ele vasculhou o dia-a-dia do período colonial para mostrar como os negros influenciaram os brancos na comida, na educação informal e até na malevolência da fala”. (CARVALHO, 2000: 7).

3.3. O esboço de uma nova análise: indiciarismo, autoritarismo afetivo e política na história da infância do Brasil.

Há quem me venha censurando o modo de ser sociólogo, por não ser o grandioso, que se especialize nas grandes generalizações, mas ir ao extremo oposto: o de descer a pequenos e, para esses críticos, desprezíveis pormenores. Daí os reparos desfavoráveis que têm sido feitos à minha preocupação com as pequenas expressões de vivência e de convivência cotidiana: aquelas que só se surpreendem, considerando-se no passado íntimo de um grupo humano – no caso, particularmente, o brasileiro – o cotidiano doméstico, a higiene caseira, a culinária; e em homens, em mulheres, em meninos, participantes desse viver cotidiano, seus jogos, seus passatempos, seus brinquedos, seus grandes e pequenos vícios, as predominâncias de estilos de traje e de penteado, de formas de retórica, de ritmos de dança, que concorram para caracterizar suas relações com certo meio e com certo tempo social...

Para outros, o que merece crítica nesse meu afã é sua frivolidade mesma: preocupar-se um indivíduo com pretensões a sociólogo com assuntos de cozinha, com intimidades de alcova, com brinquedos de menino, com penteados de mulher, com barbas de homem. É um dos aspectos de minha pobre sociologia, humildemente antropológica e às vezes pedestremente histórica... (Freyre, 1968: 71-2).

Luíz Forjaz Trigueiros (1953) identificou o *indiciarismo* latente – alicerçado em parâmetros científicos – no pensamento de Freyre. Trigueiros interpretou o caráter eminentemente indiciário da pesquisa freyreana: “atingir a substância profunda dos seres e das coisas através do pormenor indispensável”. Sua perspectiva indiciária está presente na valorização (deliberada) dos *pormenores* na análise social.

Três anos antes, numa conferência da Unesco, já êste radiologista do brasileiro soubera impor as suas idéias a um concílio que não me é difícil adivinhar renitente, acêrca da necessidade de um maior e mais exato conhecimento científico do Homem e do povo, pelo estudo do seu estilo de vida e de elementos significativos do seu caráter – as tradições populares, a alimentação, os animais domésticos, a organização familiar e, até, os brinquedos das crianças. A cultura como esforço criador, heurístico, dos povos, “filtrando” os valores adquiridos ao contacto com a sua maneira de ser própria... Pela mão de Gilberto Freyre, na cultura da nossa língua, a vida comum subiu à História e à Ciência, e meros elementos de técnica, imroveitados, passaram a ser também de paisagem social...¹⁰⁶.

¹⁰⁶ Depoimento de Luíz Forjaz Trigueiros, publicado no *Diário Popular de Lisboa*, de 29 de janeiro de 1952. (FREYRE, 1953: 403-6).

F. H. Cardoso enfatizou a importância que Freyre atribuiu à pesquisa e a análise dos detalhes, das minúcias e do concreto. O crítico outrora voraz – discípulo da escola paulista de sociologia – surpreende pela apreciação sensível, e esboça um reencontro intelectual com o pensador pernambucano. Para Cardoso, Freyre sempre foi um pensador muito “à vontade no escrever” e “pouco afeito às normas”:

Gilberto Freyre tinha a pachorra e a paixão pelo detalhe, pela minúcia, pelo concreto. A tessitura assim formada, entretanto, levava-o frequentemente à simplificação habitual dos grandes muralistas. Na projeção de cada minúcia para compor o painel surgem construções hiper-realistas mescladas com perspectivas surrealistas que tornam o real fugidio [...] Freyre não conclui. Sugere, é incompleto, é introspectivo, mostra o percurso, talvez mostre o arcabouço de uma sociedade. Mas não “totaliza”. Não oferece, nem pretende, uma explicação global. Analisa fragmentos e com eles faz-nos construir pistas para entender partes da sociedade e da história. (Cardoso, 2003: 5-6).

Peter Burke destacou o interesse de Freyre por vestígios da “cultura material”. Freyre foi um historiador social que, à maneira dos arqueólogos e dos antropólogos, interessava-se pelos artefatos da história da moradia, da alimentação, da mobília e da vestimenta. Para Burke,

...sua reação às construções e aos objetos domésticos foi originalmente de ordem estética, mas ele aprendeu a ver esses objetos como pistas para a natureza de culturas diferentes quando estudava antropologia com Franz Boas na Universidade de Columbia, em Nova York, no começo dos anos 20. (Burke, 2000: 15).

O interesse do autor pelos detalhes da vida material era visível em alguns artigos que escreveu para o “*Diário de Pernambuco*”, na década de 20, quando vivia na Europa. A pesquisa dos ‘vestígios’ do passado também está presente em outras obras do autor. Em *Sobrados & Mucambos* (1936) e *A casa brasileira* (1971) persiste a importância atribuída à moradia. Freyre considerava a moradia “uma das mais significativas

expressões da cultura”. No livro *Nordeste* (1937) o autor analisou a história cultural da rede e da cadeira de balanço – símbolos do ócio voluptuoso no patriarcalismo. A análise destes objetos domésticos revelou a Freyre o estilo de vida dos senhores de engenho e de seus descendentes. Em *Ingleses no Brasil* (1948) o autor discutiu o uso de pianos, móveis, louças e talheres ingleses pelas famílias mais ricas no Brasil. No livro *Ordem & Progresso* (1957) analisou detalhes da moda tardo-oitocentista do chulé.

G.Freyre estabeleceu um vínculo importante entre a *New History* americana e a *Nouvelle Histoire* francesa, pois o “caminho de Nova Iorque a Paris passou por Recife” (Burke, 1997: 5). Na década de 30, a maioria dos cientistas sociais brasileiros não valorizava o estudo dos detalhes da vida cotidiana ¹⁰⁷. A inovação de Freyre já não surpreende os pesquisadores atuais, mas seu mérito reside na confiança que depositava em suas intuições.

Hoje em dia, quando a história cultural ou social dos artefatos pequenos ou grandes, das catedrais aos garfos, já não parece excêntrica ou surpreendente, a ponto de vários museus dedicarem-se a enfatizar esse aspecto, seria fácil menosprezar a conquista de Freyre ao colocar a comida, as roupas, os móveis e as casas dentro do mapa da história. A história da vida cotidiana seria impossível sem os dados da cultura material, assim como a história da cultura material seria ininteligível fora do contexto da vida social cotidiana. (Burke, 2000: 15).

Claude Lépine discute a inovação de Freyre ao pesquisar detalhes da alimentação: pormenores reveladores da culinária colonial acerca da história social do Brasil. A

¹⁰⁷ “Foi Mestre Sodré quem mais estranhou o fato de num livro das pretensões de Sobrados e mucambos sair-se o autor – já um tanto ridículo por ter escrito e publicado um livreco de receitas de doces, dando-lhe à introdução o aspecto de ensaio para-sociológico – com toda uma página acerca de barbas de homem e de penteados de mulher, ele o próprio, autor, ilustrando, com seus gatafunhos, à base de minucioso estudo de daguerreótipos e de fotografias da primeira metade do século XIX brasileiro, as predominâncias de formas de penteado e de barba entre brasileiros de classe senhoril. Escandalosa frivolidade, denunciou o austero marxista com a tendência para o puritanismo que por vezes caracteriza os marxistas mais convencionais; e, por isto mesmo, mais distanciados do verdadeiro Marx.” (FREYRE, 1968: 72).

problemática da alimentação aparece – de forma difusa – em diversos capítulos de *CGS* e de *Sobrados & Mucambos*: os alimentos foram encarados pelo autor como *indícios* para pensar o passado brasileiro. Um passado esmiuçado a partir da análise de detalhes ínfimos da história como a culinária. Freyre prefaciou a construção de uma *Etnografia Histórica* e de uma *Sociologia da alimentação nas ciências sociais brasileiras*¹⁰⁸.

A inovação etnográfica do autor “não foi compreendida, e Freyre foi até ridicularizado por ter se ocupado de um assunto indigno de um intelectual, no limite, coisa de mulher” (Lépine, 2003: 288). A abordagem sensível de Lépine desnuda a importância da inovação freyreana ao pesquisar indícios da culinária colonial.

A culinária é também uma linguagem que traduz, entre outras coisas, a estrutura social; os alimentos são bons não só para comer, mas também para pensar. A escolha e os modos de preparo dos alimentos, os sabores, texturas, cores, revelam as diferenças sociais; variam em função da posição da família na hierarquia social: gente de casa-grande ou de sobrado, branco pobre, negro liberto dos cortiços, comida dos escravos. Os alimentos de maior prestígio são, é claro aqueles importados do reino [...]. Os portugueses insistiram por muito tempo em manter seu apego aos sabores europeus, com os quais, por outro lado, marcavam sua distância em relação à massa pobre dos plebeus e dos escravos [...].

O modo de consumo é determinado pelo status; o consumo ostentatório, o desperdício, a famosa “hospitalidade” dos ricos donos dos sobrados onde não se tirava nunca a toalha da mesa são uma linguagem que reafirma diariamente a prosperidade e a superioridade do dono da casa, o seu poder sobre os seus dependentes. O consumo tem por função essencial produzir sentido; é um meio de comunicação não-verbal. Os hábitos alimentares são, assim, poderosos elementos de identificação étnica, ou de classe [...].

Fronteiras alimentares fortes correspondem a fronteiras socioculturais fortes. Diz-se que somos o que comemos. Gilberto Freyre definirá a civilização brasileira como uma civilização dos carboidratos: mandioca, milho, inhame, batata doce, feijão, farinha, farofa, arroz etc., e a civilização do Nordeste, em particular, como civilização do açúcar. (Lépine, 2003: 294-5).

Geraldo Antônio Soares (2002: 244) demonstra como esta inovação enriqueceu a obra clássica de Freyre, e discute a relação sutil e velada entre religião – ou de uma

¹⁰⁸ Claude Lépine também considerou as proposições de Freyre a cerca da problemática da alimentação na obra *Açúcar: em torno da etnografia, da história e da sociologia do doce no nordeste canavieiro do Brasil* (1969).

“religiosidade mais flexível” – e a culinária – um dos temas favoritos de Freyre – na obra *CGS*. Freyre identificou estímulos de amor e à fecundidade na culinária colonial brasileira, “que podem ser observados nos nomes de doces e bolos de convento, nomes impregnados de sugestões afrodisíacas e de toques obscenos confundindo-se com toques místicos”. Soares lembra alguns desses bolos e doces, “que muitas das vezes eram as próprias freiras que criavam para suas guloseimas”, e que foram citados pelo autor: suspiros-de-freira, barriga-de-freira, toucinho-do-céu, papos-de-anjo, manjar-do-céu, beijinhos, desmamados, levanta-vento, língua-de-moça, mimos-de-amor, casadinhos, entre outros¹⁰⁹.

Roberto Ventura destaca a importância que Freyre atribuiu à sexualidade na formação da sociedade e da cultura, e lembra a “dimensão erótica e afetiva da cultura” presente na obra *CGS*¹¹⁰. Para Ventura, esta inovação se deve à influência de autores lidos na juventude – ensaístas como Walter Pater; esteticistas como Nietzsche, Simmel, George Moore e Huysmans. Freyre também se inspirou nos romances históricos dos irmãos Goncourt, na ficção memorialista de Marcel Proust e nas obras romanescas de Balzac e Émile Zola (Ventura, 2001: 1, 3).

Para Ventura, “Freyre inovou em objeto, método e estilo”, pois rompeu com a ordenação cronológica das histórias tradicionais baseadas nos períodos delimitados pelas ações do Estado ou da Igreja, e investigou a família patriarcal a partir de sua interdependência com o latifúndio e a escravidão. Freyre pesquisou a intimidade

¹⁰⁹ Sabemos que no imaginário popular brasileiro o doce está “indissociavelmente” ligado à idéia de ternura e de amor. (LÉPINE, 2003: 297).

¹¹⁰ Para Roberto Ventura, a obra *Casa-Grande & Senzala* pode ser considerada uma “autobiografia sexual, em que o notável apetite priápico de seu autor ganha dimensões histórico-sociais”. (VENTURA, 2001: 2).

familiar e o cotidiano doméstico, a mulher, a criança, o escravo, as tradições culinárias, as práticas sexuais, os jogos infantis, as roupas e as vestimentas, as cantigas, as rezas, os ditados e os provérbios populares – “novos objetos” da história na década de 30 –, em fontes pouco convencionais como arquivos e cartas de família, diários, coleções de jornais, almanaques e revistas, livros de viagem, entre outras, “que reuniu com enorme voracidade documental” (Op. cit., 2001: 4).

José Carlos Reis identificou os traços marcantes da análise freyreana: uma análise racional que se reveste de muita *afetividade* e *subjetividade*. Para Reis, Freyre foi um pesquisador *criativo*, que associou sua sensibilidade “ao cheiro, à cor, ao ruído, ao amor e ao ódio, ao riso e ao choro”, e descreveu nosso passado colonial “com seu cheiro e prazer de viver”. Um passado narrado em sua concretude histórica, proporcionando ao leitor a possibilidade de penetrar no tecido social brasileiro. Freyre “expressou o inconsciente da vida coletiva, a sua cotidianidade afetiva” (Reis, 2001: 52). Reis afirma categoricamente que o texto freyreano deve ser interpretado como um trabalho “científico e político”, fruto de uma profunda intuição-imaginação do autor acerca da formação do Brasil. Freyre construiu uma abordagem empática¹¹¹ da realidade social, uma história sociológica, psicológica, política, vitalista e dionisíaca, para alcançar a subjetividade e apreender a realidade em seu interior¹¹².

¹¹¹ Pelo sentido de pertencimento e de transposição (e transferência) de si mesmo ao contexto estudado, para reviver o passado brasileiro empaticamente, em sua intimidade, em seu espírito. (REIS, 2001: 54).

¹¹² Para J.C.Reis, Freyre defendia uma abordagem histórica “não-evolucionista”, “não-progressista”, ou seja, uma concepção não linear da história, valorizando as formas particulares e suas manifestações, em contextos históricos específicos e desprezando a história político-administrativo-militar pela história rotineira, íntima. (Op. cit., 2001: 54).

Reis identificou traços do conservadorismo romântico freyreano. A obra *CGS* é um relogio do passado, uma exaltação e uma idealização, que relembra com deleite e paixão, sem censuras e sem reservas, o Brasil das elites patriarcais. Para Reis, sua “interpretação do Brasil é continuísta, conservadora, passeísta, lusófila, patriarcalista, escravista, colonizadora”. O olhar de Freyre é “um olhar “branco”, aristocrático, elitista, embora muito sofisticado”. O autor apresentou inovações teóricas para as ciências sociais brasileiras, mas seus temas prediletos: a nobreza da vida dos senhores de engenho, as delícias da cozinha tradicional, a alegria dos escravos, entre outros; o tom de “perda”, de “nostalgia” e de “saudades” presente em sua obra, confirma o traço conservador e romântico presente em sua teoria social (Op. cit., 2001: 55-59).

Reis lança mão de críticos severos como Mota (1978), Fernandes (1970) e Leite (1983) para corroborar sua análise, que não reconhece *CGS* como uma obra de ciências sociais, no sentido estrito, mas como uma obra política que se assemelha a uma composição musical ou a uma partitura

...com um ritmo contínuo fundamental, mas que inclui ritornelos, estribilhos, coros, solos... Sua interpretação histórica se confunde com seu estilo, ou dele é inseparável [...] Parece um livro produzido de um só jato, possuindo todas as vantagens da intuição criadora mas sofrendo da falta de uma elaboração mais sóbria e estruturante. (Op. cit., 2001: 63).

Freyre é acusado por seus críticos de idealizar um encontro fraterno, solidário, generoso e democrático entre brancos e negros. A miscigenação e a plasticidade do colonizador português ¹¹³ contribuíram decisivamente para que o branco tratasse o escravo com

¹¹³ Do português – híbrido pelo longo contato com a África, sem escrúpulos de raça e cosmopolita – herdamos a imprecisão, a flexibilidade, a plasticidade, a miscibilidade, a mobilidade, a frouxidão. Um

bondade, suavidade e ternura. A casa-grande – “brasileirinha da silva” – foi o palco de relações complexas e ambíguas, onde manifestações de desejo-amor, crueldade, sadismo e masoquismo estabeleceram as condições que integravam todas as atividades e tipos humanos no mundo colonial, ou seja, as condições de formação da “alma brasileira” (Op. cit., 2001: 66-67).

Para Reis, a relação senhor/escravo foi uma relação sadomasoquista, onde o prazer sexual, o afeto e a violência manifestaram-se concomitantemente. Esta relação por si mesma “desfaz o sonho da democracia política, prometida pela miscigenação”.

Freyre afirma que o chamado “povo brasileiro”, o mestiço filho daquela relação sadomasoquista, aprecia o mandonismo, gosta do dono bravo, do senhor completamente em seu papel. No íntimo, ele afirma, o que o grosso do povo brasileiro ainda goza é pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático. Até os mártires revolucionários brasileiros não querem de fato transformar o Brasil, salvar a sua população daquela relação perversa. Eles pertencem àquela relação e ao que querem é ter o prazer de sofrer, de ser vítimas, de sacrificar, como Jesus Cristo, o herói-vítima que todo brasileiro quer imitar. Portanto, o regime político mais adequado a este povo nascido daquela relação é a ditadura vigorosa, máscula e corajosa! O ditador será aclamado, idolatrado, amado, e quanto mais severo mais prazer trará a esta população filha do prazer-com-violência.

Por outro lado, o regime político mais adequado à população brasileira mestiça é o que já predomina desde o início da colonização: a democracia racial e social! (Op. cit., 2001: 76).

Reis afirma que Freyre compreendia o tempo histórico brasileiro como um tempo ibérico: sem pressa, sem relógio, sem preço... Uma visão conservadora que defendia a articulação do velho com o novo, a união da tradição com a modernidade – a história social brasileira foi narrada sem rupturas, conflitos ou mudanças bruscas. Interpretada

colonizador sem ideais absolutos, sem preconceitos inflexíveis, ao mesmo tempo europeu, africano, semita – que se artificializou num português-para-inglês-ver. Para Freyre, “o caráter português dá-nos principalmente a idéia de “vago impreciso” [...] e essa imprecisão é que permite ao português reunir dentro de si tantos contrastes impossíveis de se ajustarem no duro e anguloso castelhano, de um perfil mais definidamente gótico e europeu”. (FREYRE, 1995: 7). Derramamo-nos “em superfície antes de nos desenvolvermos “em densidade e profundidade””. (Dantas, Pedro. Perspectivas. Revista Nova, nº 4, São Paulo, 1931).

como uma história pacífica, tranqüila, integradora das diferenças, pois a narrativa freyreana, assim que percebia os conflitos, produzia imediatamente sua dissipação. Freyre constatava as diferenças para administrá-las, uniformizá-las, produzindo um quadro excessivamente estático e ignorando os ritmos de transformação, ou seja, a continuidade em detrimento da mudança. Deliciava-se em sua contemplação e introspecção do passado colonial, da vida senhorial (vida ociosa, lânguida, morosa): o senhor sempre deitado na rede – dono de escravos, pés de menino e mãos de moça, o pau viril e a voz imperiosa. Admirava a “vida boa” dos aristocratas do açúcar no tempo da casa-grande: a mesma modorra, a mesma vida de rede, sensual.

A análise contraditória de J.Carlos Reis pode ser percebida na sua avaliação acerca do que ele mesmo chama de olhar “pessimista” de Freyre. Para Reis, a visão freyreana do Brasil é saudosista, desacelerada, conservadora, romântica. Seu olhar para o futuro é pessimista: o passado brasileiro foi bom, nossas elites são competentes e democráticas. O futuro brasileiro está aberto, “não há nada que o torne inviável, que o ameace no horizonte – desde que ele seja mais passado do que futuro, mais continuidade do que mudança” (Op. cit., 2001: 80-82)¹¹⁴.

¹¹⁴ Consideramos a crítica de J.C.Reis descabida, pois como demonstramos no capítulo 2, Freyre participou ativamente do grupo de pensadores e cientistas sociais brasileiros (década de 20 e 30), que estava empenhado no projeto político-intelectual de explicar o passado brasileiro, forjar a identidade nacional e construir o Brasil moderno. Freyre jamais desprezou a importância do “novo”, seja nas ciências, nas artes, nas letras, nas relações econômicas, políticas ou sociais. Ele mesmo beneficiou-se dos avanços científicos e novas pesquisas em áreas como arqueologia, biologia, geografia e antropologia; das renovações literárias e culturais da *New Poetry*, da *New History* e do *New Criticism*, nos EUA, em 1920; dos contatos prolongados com Vicente do Rego Monteiro, Tarsila do Amaral e Victor Brecheret, precursores do Modernismo Brasileiro, na década de 20. Sua contemplação do passado está associada a introspecção proustiana: o tempo histórico pode ser reconquistado pela memória. Freyre considerava esse “retorno ao passado”, uma ferramenta metódica, racional e emocionada, ou seja, uma chave teórica para explicar o Brasil. Sua crítica ao Modernismo (ou a tudo que se dizia “moderno”) estava atrelada a sua decepção com a destruição dos monumentos históricos, o desprezo pelos costumes e tradições, e a importação de modelos estrangeiros para se pensar o Brasil. Freyre classificou esse modernismo de “mau gosto”, “arrivismo”, “rastaquerismo”, “caricaturas ruins” em nome do progresso e do moderno. O autor considerava o Brasil uma nação que superava as demais pela miscibilidade, plasticidade e adaptabilidade:

Mas J.C.Reis nos oferece uma pista substancial para pensarmos a dimensão “política” da obra *CGS*. Freyre desprezou o poder do Estado e privilegiou o poder familiar, patriarcal, íntimo. Também demonstrou como esse poder (privado), no entanto, se confundia com o poder público: os escravos e subalternos se sentiam completamente à mercê do senhor rural-pai, que prevaleceu na colônia, sem rei, sem lei, sem limites – o patriarca que oprimia e que cuidava. O poder do senhor era exercido em família. Nas famílias coloniais dominava essa ambigüidade: o pátrio poder era absoluto, mas estava alicerçado em laços afetivos e de fidelidade recíprocas, criando uma aliança inabalável verticalmente, em relação ao patriarca, e horizontalmente, entre os demais membros da família. Reis conclui que esse poder era legitimado por suas “*relações afetivas*”. Esta é a pista que pretendemos perseguir a partir deste ponto de nossa discussão.

Jessé Souza discute a dimensão microssocial da vida cotidiana presente em *CGS*, e esboça uma análise de sociologia política acerca do personalismo patriarcal na obra do autor. A relação entre o patriarca colonial, déspota quase absoluto, e seus subordinados – a mulher, a criança e o escravo – estava alicerçada no autoritarismo e “seu visceral não reconhecimento da alteridade”. Como senhor da Casa-Grande – “unidade antes orgânica” – manifestou seu poder de mando, muitas vezes, com requintes de sadismo e reforçou a imensa distância entre Ele (o Senhor) e seus subordinados (Souza, 2003: 138-140a).

a maior civilização moderna nos trópicos. O futuro poderá ser grandioso desde que os brasileiros conheçam sua história, reconheçam sua identidade e busquem a reconciliação do “velho” (suas raízes) com o “novo” (o moderno). Sabemos que o “novo” sempre vem, mas sabemos também que o “novo” não é suficiente. Passado e identidade são alicerces do desenvolvimento de qualquer nação. Freyre manifestou certo “desencantamento” em relação ao processo de modernização do Brasil por causa do desprezo ao passado e suas raízes.

Souza considera o sistema Casa-Grande, um ambiente saturado de paixões violentas, marcado por “ambigüidade” e “imprecisão”, “despotismo” e “proximidade”, “enorme distância social” e “íntima comunicação”. Para Souza, Freyre defendia a coexistência destes antagonismos como consequência dos contrastes impossíveis, do caráter híbrido e da plasticidade do português, bem como do regime de escravidão – antes árabe que europeu – implantado pelo colonizador no Brasil ¹¹⁵. Esta característica maometana de nosso sistema escravocrata representou, neste contexto, o fator responsável pelo caráter mais “benigno” da relação senhor-escravo, fruto do sincretismo cultural (Europa-África) trazido pelo colonizador português. Nossa herança cultural moura na forma da escravidão manifestou-se como um elemento decisivo da singularidade da sociedade colonial. O estudo deste aspecto singular da escravidão na gênese de formação da sociedade brasileira, talvez contribua para compreensão da “cultura política” e de “comunicação cultural” que aqui se processou (Op. cit., 2000: 219-225).

Souza (2000: 226) sugere uma análise alternativa de “nossa semente societária”: o estudo das especificidades do patriarcalismo na obra *CGS* a partir da noção de sadomasoquismo ¹¹⁶. Para Souza, não podemos desprezar as dezenas de referências de Freyre a relações sadomasoquistas. Este esforço, seguido de um princípio (antes sistemático do que tópico) de interpretação desta noção freyreana, busca a interpretação

¹¹⁵ Em conferência proferida na Universidade de Stanford, na Califórnia, em 1931, Freyre apresentou uma de suas hipóteses acerca do caráter menos violento da escravidão no Brasil. Para o autor, o regime escravocrata implantado pelos portugueses em sua colônia brasileira foi “antes árabe que europeu”. E explica: “Ninguém ignora que há imensa distância entre as duas concepções – a européia, pós-industrial, e a oriental, pré-industrial – de considerar-se o escravo. Numa, o escravo é simples máquina de trabalho. Na outra, é pessoa quase da família a quem o senhor – *pater familias* por excelência – se julga na obrigação de amparar na doença, proteger na velhice, livrar de paganismo”. (*Revista Veja*, 15 de setembro de 1999, p. 71).

¹¹⁶ Na teoria freudiana o sadismo e o masoquismo são interpretados como componentes de toda relação sexual dita “normal” desde que permaneçam como partes subsidiárias. Quando o ato de “infligir” ou de “receber” a dor transforma-se em componente principal da relação, assumindo a condição de “objetivo” maior da mesma, manifesta-se como um “componente patológico”.

da empreitada hermenêutica de Freyre. A análise do conceito freudiano de sadomasoquismo, presente na obra do autor, pode auxiliar na compreensão dos comportamentos sociais marcados pela ambigüidade, distância, segregação, proximidade e intimidade na formação do Brasil.

O caráter autárquico do domínio senhorial, legitimado pela ausência de instituições acima do senhor de engenho, condicionava a organização societária colonial pela via direta da violência armada, impossibilitando a constituição de freios individuais e sociais aos “desejos primários de sexo, agressividade, concupiscência ou avidez”. Neste cenário de desejo e violência, as emoções eram vividas em suas reações externas e expressadas diretamente. Na maioria das vezes, as emoções contrárias eram encaradas como um fato natural (Op. cit., 2000: 227). Para Souza, Freyre identificou um aspecto particular (constitutivo e estrutural) de formação da sociedade brasileira:

É precisamente como sociedade constitutiva e estruturalmente sado-masoquista, no sentido de uma patologia social específica na qual a dor alheia, o não reconhecimento da alteridade e a perversão do prazer transformam-se em objetivo máximo das relações interpessoais, que Gilberto Freyre interpreta a semente essencial da formação brasileira. (Op. cit., 2000: 228)¹¹⁷.

¹¹⁷ Jessé Souza lança mão de algumas citações de Freyre, em *CGS*, que corroboram a proposição freyreana acerca do sadomasoquismo como aspecto constitutivo e estrutural da formação do Brasil:

“A verdade, porém, é que nós é que fomos os sadistas; o elemento ativo na corrupção da vida de família; e muleques e mulatas o elemento passivo. Na realidade, nem o branco nem o negro agiram por si, muito menos como raça, ou sob a ação preponderante do clima, nas relações do sexo e de classe que se desenvolveram entre senhores e escravos no Brasil. Expressiu-se nessas relações o espírito do sistema econômico que nos dividiu, como um deus todo-poderoso, em senhores e escravos. Dele se deriva toda a exagerada tendência para o sadismo característica do brasileiro, nascido e criado em casa grande...” (FREYRE, 1995: 379).

“Não há brasileiro de classe mais elevada, mesmo nascido e criado depois de oficialmente abolida a escravidão, que não se sinta aparentado do menino Brás Cubas na malvadeza e no gosto de judiar com negro. Aquele mórbido deleite em ser mau com os inferiores e com os animais é bem nosso: é de todo menino brasileiro atingido pela influência do sistema escravocrata”. (FREYRE, 1995: 370).

Souza lembra que a sociedade cultural e racialmente híbrida discutida por Freyre não representava para ele (o autor), uma sociedade pautada na igualdade entre culturas e raças. A narrativa freyreana deixa claro o domínio e a subordinação sistemática, a perversão e a violência na sociedade colonial. O sadismo esteve presente nas relações do colonizador português com as mulheres índias e negras; na relação do senhor com sua mulher branca, com seus filhos e principalmente com seus escravos.

A corroa portuguesa estimulou – muito mais que coibiu – o privatismo e a ânsia de posse no colonizador. As condições socioeconômicas particulares de nossa colonização explicam, pelo menos em parte, o caráter violento, despótico e segregador do patriarcalismo brasileiro. Os senhores de engenho se beneficiaram da ausência de instituições fortes que se opusessem ao seu poder, da falta de regras/costumes que regulassem as relações de dependência e limitassem seu arbítrio, do domínio político-econômico como consequência do isolamento geográfico e do aumento do componente autárquico do sistema “casa-grande e senzala”. A ausência de limitações externas engendrou relações sociais nas quais as “inclinações emotivas” do patriarca “jogam” (quase sempre) no “papel principal” – emoções que figuram (quase sempre) sem limites, sem questionamentos, sem desobediência.

Para Souza, a dependência pessoal em relação ao patriarca autoritário e poderoso, instaurou formas de bilateralidade (ainda que incipiente e instável). O favor e a proteção entre o pai e seus dependentes, e entre famílias diferentes, criou um sistema complexo de alianças e rivalidades, onde o vértice da hierarquia social foi sempre ocupado pelo patriarca. Freyre identificou no patriarcalismo e no familismo político colonial a

semente de relações políticas na sociedade brasileira: apadrinhamento, nepotismo, mandonismo, coronelismo, entre outros ¹¹⁸.

Jessé Souza se vê diante de uma indagação (e de uma provocação) que parece não ter esgotado em seu texto. Responder a difícil pergunta: Como explicar a “proximidade” e a “intimidade” entre senhores e escravos neste contexto?

Acredito que o patriarcalismo familiar rural e escravocrata para Freyre envolvia a definição de uma instituição total, no sentido de um conjunto articulado no qual as diversas necessidades ou dimensões da vida social encontravam uma referência complementar e interdependente.

O componente sadomasoquista era constitutivo na medida em que inclinações pessoais do patriarca (ou de seus representantes), com um mínimo de limitações externas materiais ou simbólicas, decidiam em última instância sobre a amplitude do núcleo familiar e como, a quem e em que proporção seriam distribuídos seu favor e proteção. O componente de “proximidade” social entre desiguais que Freyre enfatiza, ao lado do componente violento e segregador, é, nesse sentido, instável, imprevisível e particularista. (Op. cit., 2000: 234).

Na obra *O poder em cena* (1981), Georges Balandier lembra que o poder estabelecido somente sobre a força ou sobre a violência “não controlada” e pela razão não se perpetua. Para que o poder se realize e se legitime é necessário que seja repetidamente encenado, tanto por aqueles que o exercem quanto pelos que estão sob seu julgo. Nesta encenação, os atores sociais laçam mão de recursos como transposição, produção de imagens, manipulação de símbolos e ritualização. Balandier identifica o aspecto cerimonial do poder e sua eficácia. Por outro lado, pretendemos discutir um quarto aspecto que diz respeito a sua legitimação: um componente intrínseco ao poder: o *afeto*. Propomos algumas aproximações teóricas com a discussão acerca da relação *emoção-*

¹¹⁸ Estes temas foram amplamente discutidos por outros autores como Victor Nunes Leal (*Coronelismo, enxada, e voto*, 1948), Raymundo Faoro (*Os donos do poder*, 1958), Roberto Da Mata (*Carnavais, malandros e heróis*, 1979; *A casa e a rua*, 1985).

política e do *autoritarismo afetivo*, segundo Gisálio Cerqueira Filho, e discutiremos a dimensão política da obra *CGS*, considerando a tríade *indício-afeto-política*.

A “política” que Freyre revelou em sua obra germinal não é aquela macroestrutura social tão valorizada pelos pensadores políticos clássicos ou pelos defensores da concepção estatocêntrica. Freyre não negou a força do econômico e do político nas relações sociais, mas preferiu uma análise compreensiva dos “aspectos pequenos”, invertendo a perspectiva de análise. O político e o econômico aparecem em sua obra como pano de fundo das relações sociais. Freyre desprezou “tudo o que a história política e militar” oferece de “empolgante por uma quase rotina de vida” (Op. cit., 1995: lxxv). O autor compreendia que partindo de pormenores da intimidade e do cotidiano podemos atingir as estruturas maiores e sua interrelação com os aspectos políticos, econômicos e sociais. O perspectivismo microsociológico freyreano nos permite identificar novos indícios acerca da dimensão política da obra *CGS*. Propomos uma análise indiciária dessa dimensão a partir das discussões do Professor Gisálio Cerqueira Filho, apresentadas nas obras *Emoção e política: (a)ventura e imaginação sociológica para o século XXI* (1997) e *Autoritarismo afetivo: a Prússia como sentimento* (2005).

Para Cerqueira Filho e Neder (1997: 36),

O político deve ser lido e interpretado nos registros do real (os efeitos concretos do poder), do simbólico (as representações do poder em jogo) e do imaginário (os fantasmas, as fantasias, as emoções, os sentimentos, em última instância, o gozo relacionado ao poder).

A análise sociológica do poder deve considerar seus efeitos concretos, suas representações sociais e as emoções e sentimentos relacionados ao mesmo. Para compreendermos como o poder está impregnado de emoções e sentimentos, precisamos investigar a relação indícios-excessos-sintomas ¹¹⁹.

Para Ginzburg é o *indício* que confere aos fenômenos a sua consistência. Lacan por sua vez, prefere investigar tal consistência a partir do *sintoma*. De qualquer forma, ambos compreendem que se a realidade é opaca, existem indícios e sintomas que permitem decifrá-la. Na análise indiciária geralmente interpretamos o indício como sintoma e o sintoma como indício. A diferença no emprego dos termos depende das especificidades que adquirem em diferentes áreas do conhecimento.

Sigmund Freud demonstrou que o inconsciente possui mecanismos que explicam o pensar, o sentir e o agir humano. Entre estes mecanismos estão os *excessos*. A noção de repetição exerce importância fundamental no pensamento freudiano, pois o inconsciente “não deixa de repetir e, além disso, sempre a mesma coisa”, e produz “sintomas como signos das emoções e sentimentos vividos” (Op. cit., 1997: 20).

Sabemos que os *excessos* são encarados na teoria freudiana como *sintomas*, e que Lacan não compreende os *sintomas* apenas como mensagens cifradas, mas, sobretudo como meios dos indivíduos organizarem seu gozo. Diante dos sinais de esgotamento dos paradigmas iluministas, somos levados a pensar os fenômenos da realidade a partir de

¹¹⁹ Interpretamos *indícios* como pormenores reveladores, isto é, como pistas (segundo a literatura detetivesca), *excessos* como componentes que se manifestam em demasia, ou ainda, como preferem Cerqueira Filho e Neder, os descarrilhamentos do curso “normal” das coisas, e *sintomas* como sinais que se repetem, que insistem em se manifestar, em se revelar.

outros parâmetros. Podemos pensar os *afetos* presentes na política como *sintomas*? Cerqueira Filho acredita que sim, e vai mais além, sugerindo uma análise da política na qual podemos discutir a relação entre *poder* e *gozo*. O estudo desta relação desvendará o *autoritarismo afetivo* presente na formação política brasileira e sua relação com a sedução e o gozo na vanglória de mandar (C.Filho, 2005: 10).

Freyre descreveu os senhores de engenho como grandes patriarcas, donos de terras, donos de homens, donos de mulheres e de escravos, patriarcas austeros e autoritários, homens poderosos que dos Senados de Câmara falavam com altivez aos representantes d’el-Rei. Amantes do poder sem limites. Representavam a imagem paterna onipresente e totalitária. Seu gozo se fazia sentir pelo prazer de ser obedecido, temido, venerado, amado ¹²⁰.

No contexto da casa-grande e das relações políticas e sociais no Brasil colonial, o desejo de tudo poder se articulava com o de tudo querer. A vanglória de mandar também estava atrelada ao desejo de submissão, ou seja, o sadismo do senhor ao masoquismo do escravo negro ¹²¹.

Para Freyre, as raízes do sadismo e do masoquismo na formação da sociedade colonial brasileira devem ser procuradas nas condições econômicas e sociais criadas pela colonização portuguesa e no sistema escravocrata de organização agrária do Brasil: uma

¹²⁰ Para o sociólogo F.H. Cardoso “o patriarca de Gilberto Freyre poderia ter sido um déspota doméstico. Mas seria ao mesmo tempo, lúdico, sensual, apaixonado...” (CARDOSO, 2003: 7). O poder dos senhores coloniais não se legitimou apenas pela força militar e econômica, pois como afirmou o historiador e psicanalista Pierre Legendre “a obra prima do poder consiste em se fazer amar”. (LEGENDRE, 1983: 7).

¹²¹ Para o filósofo Brito Júnior, a casa-grande colonial também foi espaço de “encobrimento” e “dissimulação”. A cumplicidade e a fidelidade dos inferiores, conduzia ao encobrimento do “mando absoluto”, já a dissimulação, ocultava a inferioridade dos escravos e dos subalternos. (BRITO JÚNIOR, Bajonas T. *Gilberto Freyre e o exorcismo dos fantasmas*. Ufes, Vitória: 2000 (mimeo).

organização político-econômica que dividiu a sociedade colonial em senhores poderosos e escravos passivos ¹²². Nestas condições é que devemos investigar as causas principais do abuso de negros por brancos, principalmente “através das formas sadistas de amor que tanto se acentuaram entre nós...” (Freyre, 1995: 321).

Freyre demonstrou como o sadomasoquismo dos senhores e dos escravos excedeu a esfera da vida sexual e doméstica, e influenciou nossa formação social e política:

Cremos surpreendê-los em nossa vida política, onde o mandonismo tem sempre encontrado vítimas em quem exercer-se com requintes às vezes sádicos; certas vezes deixando até nostalgias logo transformadas em cultos cívicos, como o do chamado marechal-de-ferro. A nossa tradição revolucionária, liberal, demagógica, é antes aparente e limitada a focos de fácil profilaxia política: no íntimo, o que o grosso do que se pode chamar “povo brasileiro” ainda goza é a pressão sobre ele de um governo másculo e corajosamente autocrático. Mesmo em sinceras expressões individuais... de mística revolucionária, de messianismo, de identificação do redentor com a massa a redimir pelo sacrifício de vida ou de liberdade pessoal, sente-se o laivo ou o resíduo masoquista: menos a vontade de reformar ou corrigir determinados vícios de organização política ou econômica que o puro gosto de sofrer, de ser vítima, ou de sacrificar-se.

Por outro lado, a tradição conservadora no Brasil sempre se tem sustentado do sadismo do mando, disfarçado em “princípio de Autoridade” ou de “defesa da Ordem”. Entre essas duas místicas – a da Ordem e a da Liberdade, a da Autoridade e a da Democracia – é que se vem equilibrando entre nós a vida política, precocemente saída do regime de senhores e escravos. Na verdade, o equilíbrio continua a ser entre as realidades tradicionais e profundas: sadistas e masoquistas, senhores e escravos, doutores e analfabetos, indivíduos de cultura predominantemente européia e outros de cultura principalmente africana e ameríndia. (Freyre, 1995: 51-2).

Freyre identificou sentimentos e emoções, sobretudo inconscientes, de caráter passadista e de longa duração, que foram incorporados a nossa formação política. Realizando uma análise compreensiva e minuciosa, o autor descortinou indícios reveladores acerca da relação entre mandonismo, sadismo, masoquismo, gozo, afetos. A vanglória de mandar e o desejo de obedecer manifestaram-se na relação entre senhores e

¹²² “Considerada de modo geral, a formação brasileira tem sido [...] um processo de equilíbrio de antagonismos [...] Mas predominando sobre todos os antagonismos, o mais geral e o mais profundo: o senhor e o escravo”. (FREYRE, 1995: 53).

escravos, brancos e negros, doutores e analfabetos, pois o sadismo de mando sempre encontrou ‘seu par’ para exercer seu despotismo.

O resíduo masoquista que perdurou em nossa formação política instigou no “povo brasileiro” o desejo de um “governo másculo e corajosamente autocrático” (Op. cit., 1995: 51). Freyre desejava compreender como estas emoções e sentimentos, inscritos na sociedade colonial, ganharam uma forte conotação política, vindo a se estabelecer como vetores de ação social.

Freyre demonstrou através de uma narrativa minuciosa e emocionada do cotidiano colonial, que a relação de amor e ódio entre o senhor e seus subjugados – a mulher, os filhos e os escravos – e entre o branco e o negro, gerou comportamentos psicológicos de sadismo e masoquismo ¹²³. Os documentos investigados pelo autor revelam que os senhores reafirmavam diariamente seu puro gosto de mando ¹²⁴, mas também assumiam posturas contraditórias, ora de benevolência e apreço pelo escravo, ora de autoritarismo e sadismo – aquele “deleite mórbido de ser mau com os inferiores” (Op. cit., 1995: 370). Escravos passivos e obedientes, apesar dos desmandos de seus senhores, também manifestavam comportamentos e sentimentos contraditórios de cumplicidade e desprezo pelos brancos. Relações “violentas” e “confraternizantes” de sadismo e masoquismo na sociedade colonial contribuíram decisivamente para que sentimentos e afetos – de

¹²³ Freyre discutiu a violência do menino branco – o sinhozinho – sobre a criança negra – seu burro de carga e saco de pancadas – e considerou “a repercussão psíquica sobre os adultos de semelhante tipo de relações infantis – favorável ao desenvolvimento de tendências sadistas e masoquistas.” (FREYRE, 1995: 337).

¹²⁴ Para Roberto Ventura (2000), o “autoritarismo da sociedade e da política brasileiras teria, para Freyre, razões de ordem cultural, já que o sadismo, aprendido e praticado na relação com cativos e dependentes, se transformaria em “*simples e puro gosto de mando*” ”.

acento e caráter inconsciente – fossem incorporados às práticas políticas e ideológicas autoritárias na história de formação do Brasil.

O politicismo original do pensamento freyreano talvez esteja na forma como o autor identificou *vestígios* – encarados por ele como *indícios* – da relação interdependente entre componentes afetivos recorrentes e práticas políticas ancoradas no passado histórico e na força da tradição. Freyre interpretou nossa dimensão política como uma *política do cotidiano* ¹²⁵, e valorizou suas manifestações micro-históricas e micro-sociológicas. A importância que atribuiu a relação intrínseca entre sentimentos, emoções e política representou, neste contexto, outra inovação para o pensamento social brasileiro nas décadas de 20 e 30. O autor valorizou os acontecimentos pequenos e os detalhes do cotidiano e da intimidade, por isso, interpretou os afetos como componentes reveladores do passado vivido.

Para Freyre, a história política brasileira “revolucionária”, “liberal”, “demagógica” sempre esteve marcada pelo gozo e pelo apelo popular por governos fortes e autoritários. Podemos perceber este apelo em nossos cultos cívicos e em nossa tradição conservadora, reforçada pelo sadismo de mando: um gozo muitas vezes disfarçado de “princípio de autoridade” ou de “defesa da ordem” pública.

Sustentamos a hipótese de que o poder político dos senhores de engenho não se legitimou apenas pela força econômica e militar. Na relação de amor e ódio, respeito e desprezo, confraternização e violência entre senhores e escravos identificamos a

¹²⁵ Este termo foi sugerido pelo Dr. Geraldo Antônio Soares, professor do Programa de Pós-Graduação em História da Ufes, por ocasião de meu exame de qualificação no Mestrado de História Social das Relações Políticas, em 09-06-2006.

manifestação de afetos como cumplicidade, fidelidade, respeito e temor do escravo para com seu senhor. O poder dos brancos sobre os negros não se explica apenas pelas forças que agiram no corpo e na razão, mas também pelas forças que agiram nos sentimentos e nos afetos. O autoritarismo dos senhores se legitimou pela ação impositiva de fatores econômicos e militares, e pela ação sutil (e permanente) de sentimentos e afetos sadistas – o gozo de mandar – e masoquistas – o gozo de obedecer: “conceitos psíquicos contingentes e grudados na ideologia”, como diria Cerqueira Filho. Estamos diante de uma concepção de poder e de política que se aproxima do que C.Filho denominou de *absolutismo afetivo* ¹²⁶, e que funciona como um “paradigma ideológico” singular no plano das relações políticas (Op. cit., 2005: 31).

Considerando a formação política brasileira, Cerqueira Filho identifica nossa “via prussiana”, como metáfora/metonímia para o complexo de afetos, emoções e sentimentos inconscientes que estão ancorados no regime escravocrata e na ideologia do favor. Este *autoritarismo afetivo*, alicerçado na relação poder-afeto e política-afeto, ainda impede o exercício de uma política liberal e democrática no Brasil contemporâneo.

Freyre prefaciou esta discussão ao identificar forças complementares – autoritarismo e favorecimento – que atuaram nas relações entre senhores e escravos, gerando componentes psíquicos (sentimentos e afetos) que foram incorporados ao passado histórico e as relações sociais, pela força da tradição. Freyre interpretou suas

¹²⁶ Cerqueira Filho compreende *autoritarismo afetivo* como a intolerância e o individualismo inscritos no pensamento tomista, e nas suas permanências reeditadas e de longa duração presentes no pensamento ocidental. Nesta perspectiva, interpretamos o poder absolutista (e despótico) como um leque de *sentimentos autoritários* alicerçados no princípio da perfeição, na força da tradição, na vanglória e no gozo de mandar, de impor, de subjugar e no ódio ao gozo do outro. (C.FILHO: 2005).

conseqüências na formação política brasileira e identificou sintomas desse poder que se manifestou pelos afetos: o autoritarismo que aqui madrugou (também) se legitimou pela submissão afetiva dos dependentes e se perpetuou nas gerações seguintes pela “memória de mando e de domínio” (Brito Júnior, 2000).

A continuidade dessa relação teve desdobramentos – mandonismo, apadrinhamento, coronelismo, nepotismo, oligarquismo – que foram amplamente discutidos por Nunes Leal, Faoro, Da Mata, entre outros.

Propomos uma discussão alternativa da dimensão política no pensamento de G.Freyre: uma análise da relação entre *política* e *afeto*, a partir dos parâmetros teóricos e metodológicos do indiciário, considerando cada detalhe como pistas, sinais e sintomas do fenômeno estudado. O pesquisador-historiador como um caçador perspicaz, intuitivo, perceptivo e audacioso, ou ainda, como um detetive destemido e disciplinado que persegue indícios infinitesimais. Buscando a conciliação de racionalidades e de sensibilidades complementares. Escovando a história para trás. Remontando toda a trama e construindo uma narrativa histórica minuciosa, racional e poética.

Foi esta a proposta que perseguimos neste trabalho. Um esforço científico-acadêmico elaborado a partir da investigação e da análise acerca da relação entre *indiciário*, *emoção* e *política* no pensamento do mestre de Apipucos: Gilberto Freyre – o *Sherlock Holmes das ciências sociais brasileiras*.

Considerações Finais

A pesquisa apresentada nos capítulos anteriores revelou que o jovem Freyre pretendia escrever a obra “*Uma história da vida de menino no Brasil*”, como consequência de seu grande apreço pela infância, e do estudo dedicado de pensadores e obras pesquisadas na década de 20, principalmente pela influência das considerações sobre a *história íntima* dos irmãos Goncourt, da pequena obra *A criança na casa*, de Walter Pater e da obra *Em busca do tempo perdido*, de Marcel Proust. A introspecção meticulosa e emocionada do passado dos Goncourt, de W.Pater e de M.Proust reapareceu na obra de Freyre de forma muito subjetiva ¹²⁷ como uma busca íntima e pessoal do “*menino perdido*”. Suspeitamos que *Casa-Grande & Senzala* seja a realização desta busca de uma forma mais ampla, pois o tema da infância continua presente em sua perspectiva. O autor apenas deslocou o foco da análise centrada na história da vida de menino para a história da infância do Brasil. Freyre realizou esta busca de forma nostálgica e emocionada, e atribuiu grande importância ao estudo dos *pormenores* da história do cotidiano e da intimidade, pois compreendia que somente a análise destes *indícios* poderia decifrar o passado da oligarquia escravocrata da qual descendia.

Neste sentido, podemos afirmar que a obra de Freyre, particularmente *Casa-Grande & Senzala*, está marcada pelo que Fredrik Jameson (1992) denominou de *investimento libidinal*, ou seja, a fusão do sujeito biográfico, do autor implícito, do leitor e dos personagens na narrativa. Desta forma, não pensamos a biografia intelectual de Freyre

¹²⁷ Freyre assimilou traços marcantes dos pensadores que estudou, mas estes conceitos reapareceram em sua obra como resultado de uma leitura muito pessoal, ou seja, o autor abraçou e aclimatou as proposições de seus mestres, justificando sua bem humorada afirmação de que em sua obra “entrara leite de muitas vacas”, mas “o queijo era do seu fabrico: criação sua”. (FREYRE, 1957: 80).

como um conjunto de fatos empíricos, mas como a conjugação de sintomas de uma narrativa mestra da fantasia e da subjetividade do autor.

Sua análise indiciária da sociedade colonial contribuiu decisivamente para a elaboração de uma *teoria política original* acerca da formação do Brasil. Como demonstramos no capítulo 3, o apreço freyreano pelos pormenores reveladores está diretamente relacionado com sua narrativa nostálgica, íntima e pessoal do passado colonial brasileiro. Não temos dúvida quanto a relação interdependente entre *indiciarismo* e *emoção* no pensamento freyreano. Sabemos que esta relação influenciou no desenvolvimento de uma perspectiva política original e inusitada na década de 30.

Freyre identificou e interpretou *sintomas* da relação entre *autoritarismo* e *afeto* na formação do Brasil. Sua discussão acerca do sadismo dos senhores e dos brancos e do masoquismo dos escravos e dos negros revelou um *gozo* marcante na vanglória de mandar e no desejo de obedecer. Este ‘*gozo histórico*’ explica a continuidade do *autoritarismo afetivo* na história política brasileira, pois como demonstramos, a submissão dos subalternos não se dá apenas pelo medo da força física, econômica ou militar, mas pelo poder oculto pelo afeto: a submissão consentida como nos casos de amas-de-leite (mães pretas) que permaneciam na casa-grande, servindo aos senhores brancos, apesar da alforria e da abolição da escravatura. Os sentimentos e as emoções geradas desta relação sadomasoquista perpetuaram-se em nossa história política, ou seja, estes componentes psíquicos contribuíram para a continuidade do autoritarismo, do mandonismo, da subserviência dos mais fracos e da ideologia do favor em nossas relações políticas, impedindo a consolidação da democracia no Brasil.

Talvez a maior contribuição do pensamento político de G.Freyre tenha sido sua constatação de que o Brasil de 1930 não era um país de brancos, negros e índios, mas uma sociedade miscigenada: uma nação marcadamente híbrida ¹²⁸. Freyre superou o determinismo racial e geográfico dos pioneiros das ciências sociais brasileiras e positivou a miscigenação. Desta forma, o autor conferiu aos brasileiros sua identidade mestiça e reconheceu as vantagens da miscigenação: ser mestiço é que é bom! Sua idéia acerca da conciliação racial virou cultura política e transformou-se em senso comum.

Freyre também inovou ao demonstrar que o escravo negro colonizou culturalmente o colonizador branco, pois como afirmou: “uma vez vencido o povo africano persistiu sua influência através de uma série de efeitos da ação e do trabalho dos escravos sobre os senhores” (Freyre: 1995: 208). O autor descreveu diversas influências dos negros sobre os brancos – na culinária, na linguagem, no folclore, na religião, na sexualidade, na afetividade, na política –, reconhecendo a importância dos escravos na vida dos senhores. A concepção freyreana deste influxo recíproco entre a cultura dominadora e a cultura dominada aproxima-se perfeitamente da idéia de *circularidade da cultura*, de Mikhail Bakhtin (1970).

Para Bakhtin, entre dominadores e dominados não ocorre apenas dicotomia cultural. A interdependência entre estes grupos estabelece relações de circularidade – influxos recíprocos entre cultura subalterna e cultura hegemônica. Não ocorre sujeição absolutamente passiva dos grupos dominados, mas trocas culturais constantes e dialéticas. A cultura hegemônica sofre influências do grupo subalterno em virtude da

¹²⁸ Esta conjectura foi sugerida pelo Cientista Político Mauro Petersem Domingues, professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.

dialeticidade das relações sociais. Estas influências adquirem lentamente um caráter estruturante nas maneiras de pensar, sentir e agir do grupo dominante. Freyre compreendia a contribuição material, física, afetiva, sensível e imaginativa resultante destes influxos recíprocos na formação da sociedade brasileira.

A agenda de estudo de Gilberto Freyre – nas décadas de 20 e 30 – é contemporânea do século XXI. Seu cosmopolitismo cultural e científico contribuiu para seu interesse por temas como a intimidade, a sexualidade, a afetividade e a ecologia. Freyre foi um pensador de vanguarda e inovou ao discutir temas marginais que só recentemente foram valorizados por pensadores como Philippe Ariès (*História social da criança e da família*, 1973), Georges Duby e Philippe Ariès (*História da vida privada*, 1985), Richard Sennet (*Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*, 1994), Giovanni Levi e Jean-Claude Schmitt (*História dos jovens*, 1995), entre outros.

Freyre pintou a paisagem histórico-social brasileira ¹²⁹ como um painel multifacetado em suas cores, formas e indícios, e lançou mão da ciência, da poesia e da emoção para interpretar e descrever momentos marcantes de um passado inesquecível. A sensibilidade própria dos grandes imaginistas e retratistas já estava presente nos primeiros desenhos e garatujas do menino Gilberto, que aprendeu ainda pequeno, o valor das minúcias do cotidiano: *o carro de boi, a jangada, a noiva, o morto, o anjo de procissão...* Talvez o início de uma preocupação que acompanhou toda a sua vida de adulto: “*Seja Sherlock! Seja Sherlock!*” – recomendava o Mestre de Apipucos.

¹²⁹ Cf. algumas *Pinturas* do jovem Freyre no Apêndice 4.

Esta informação inusitada foi revelada durante uma entrevista concedida por Sonia Freyre (filha de Gilberto) na ocasião de minha pesquisa de campo, realizada no período de 15 a 19/01/2007, na sede da Fundação Gilberto Freyre em Apipucos, Recife (PE). Naquela ocasião, Sonia confessou que seu pai era um grande admirador e leitor de contos de romance policial. Freyre apreciava sobremaneira os contos de Arthur Conan Doyle, e recomendava aos seus interlocutores que investigassem e analisassem os fenômenos da realidade como um detetive: – *“Seja Sherlock! Seja Sherlock! Dizia papai...”* Sonia confirmou minha tese acerca do indiciário no pensamento de Freyre e completou: – *“Você está estudando os Sherlockismos de Gilberto Freyre”*.

Referências

I. Bibliografia geral:

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

ALGRANTI, Leila M. *Famílias e vida doméstica*. In: MELLO e SOUZA, Laura de (org). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997, v.1.

ALMEIDA, José M. G. de. *Regionalismo e modernismo: as duas faces da renovação cultural nos anos 20*. In: Kosminsky, Ethel V. et al. (orgs). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003.

ANDRADE, Manuel Correia de. *Gilberto Freyre e os grandes desafios do século XX*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e Paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Ed. da UNB, 1987.

BALANDIER, Georges. *O poder em cena*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1981.

BANDEIRA, Manoel. *Mafuá do malungo. Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1974.

BARROS, Sérgio Miceli P. (supervisão); RAMOS, Ricardo e HOLANDA, Sérgio Buarque de (consultores de texto). *Nosso século: a memória fotográfica do Brasil no século XX*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BARTH, Fredrik. *O guru e o iniciador: e outras variações antropológicas*. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.

BASTOS, Elide Rugai. *Gilberto Freyre e o pensamento hispânico: entre Dom Quixote e Alonso El Bueno*. São Paulo: EDUSC, 2003.

BOAS, Franz. *Antropologia cultural*. Org. e tradução: Celso Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

- BRITO JÚNIOR, Bajonas Teixeira. *Gilberto Freyre e o exorcismo dos fantasmas*. Ufes, Vitória: 2000 (mimeo).
- BURKE, Peter. *A cultura popular na idade moderna: Europa, 1500-1800*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- _____. *A revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989*. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1991.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio. *Autoritarismo afetivo: a Prússia como sentimento*. São Paulo: Escuta, 2005.
- CERQUEIRA FILHO, Gisálio e NEDER, Gizlene. *Emoção e política: (a)ventura e imaginação sociológica para o século XXI*. Porto Alegre: Sérgio A. Fabris Editor, 1997.
- CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. *Dom Quixote de La Mancha*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- CORRÊA, Mariza. *Repensando a família patriarcal brasileira*. In: ALMEIDA, Maria Suely K. de (org). *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CRESPO, Regina Aída. *Gilberto Freyre e suas relações com o universo cultural hispânico*. In: Kosminsky, E.V. et al. (orgs). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. São Paulo: EDUSC, 2003.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- DIMAS, Antônio. *Um manifesto guloso*. In: Kosminsky, Ethel V. et al. (orgs). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. São Paulo: EDUSC, 2003.
- DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 1992.
- DOYLE, Arthur Conan. *Um estudo em vermelho*. São Paulo: Editora Ática, 1988.
- FREYRE, Sonia. *Vidas vivas e revividas (Biografia sentimental)*. Recife: Bagaço, 2004.
- FONSECA, Edson Nery da. *Um livro completa meio século*. Recife: Massangana, 1983.
- _____. *Gilberto Freyre de A a Z: referências essenciais à sua vida e obra*. Rio de Janeiro: Zé Mario Editor, 2002.
- GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

- _____. *Os andarilhos do bem: feitiçarias e cultos agrários nos séculos XVI e XVII*. São Paulo: Cia das Letras, 1988.
- _____. *A micro-história e outros ensaios*. Coleção 'Memória e Sociedade'. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989a.
- _____. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das letras, 1989b.
- _____. *Indagações sobre Piero: o batismo, o ciclo de Arezzo, a flagelação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989c.
- _____. *Relações de forças: história, retórica e prova*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- _____. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- JAMESON, Fredrik. *O inconsciente político: a narrativa como ato simbólico*. São Paulo: Ática, 1992.
- LEFORT, Claude. *As formas da história: ensaios de antropologia política*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- LEGENDRE, Pierre. *O amor do censor: ensaio sobre a ordem dogmática*. Rio de Janeiro: Forense Universitária: Colégio Freudiano, 1983.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.
- LÉPINE, Claude. *Cozinha e dieta alimentar na obra de Gilberto Freyre*. In: Kosminsky, E. V. et al. (orgs). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. São Paulo: EDUSC, 2003.
- MALINOWSKI, Bronislaw. *Os argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: 1933-1974: pontos de partida para uma revisão histórica*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1978.
- MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Ed. da FGV-CPDOC, 1992.
- NOVAIS, Fernando A. *Condições de privacidade na colônia*. In: MELLO e SOUZA, Laura de (org). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997, v.1.

ORTIZ, Renato. *Memória coletiva e sincretismo científico: as teorias raciais do século XIX*. In: Cultura brasileira e identidade nacional. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PALLARES-BURKE, Maria L. G. *Gilberto Freyre: um nordestino vitoriano*. In: Kosminsky, E. V. et al. (orgs). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. São Paulo: EDUSC, 2003.

_____. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

PROUST, Marcel. *No caminho de Swann*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

ROLAND, Maria Inês de França. *Gilberto Freyre*. São Paulo: Ícone, 2000.

ROSENTAL, Paul-André. *Fredrik Barth e a microstoria*. In: Revel, J. (org). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. *Questão de método*. São Paulo. Difusão Européia do Livro, 1972.

SOUZA, Jessé. *A modernização seletiva: uma reinterpretação do dilema brasileiro*. Brasília, Editora da UNB, 2000.

_____. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003a.

_____. *A atualidade de Gilberto Freyre*. In: Kosminsky, Ethel V. et al. (orgs). *Gilberto Freyre em quatro tempos*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2003b.

SPENGLER, Oswald. *A decadência do ocidente: esboço de uma morfologia da história universal*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

VAINFAS, Ronaldo. *Moralidades brasileiras*. In: MELLO e SOUZA, Laura de (org). *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa*. São Paulo: Companhia da Letras, 1997, v.1.

VASCONCELLOS, Gilberto F. *O xará de Apipucos*. São Paulo: Casa Amarela, 2000.

II. Bibliografia do autor:

FREYRE, Gilberto. *Adeus ao Collegio (1917)*. In: Região e tradição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941a.

- _____. *Algumas notas sobre a pintura no Nordeste do Brasil (1925)*. In: Região e tradição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941b.
- _____. *Aspectos de um século de transição no Nordeste do Brasil (1925)*. In: Região e tradição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941c.
- _____. *Região e tradição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941d.
- _____. *Um brasileiro em terras portuguesas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.
- _____. *Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- _____. *Novos métodos para novas situações: uma antecipação brasileira nos modernos estudos sociais*. Espiral. Lisboa, n. 3, v. 11-12, p. 55-63, out. 1966.
- _____. *Como e porque sou e não sou sociólogo*. Brasília: Ed. da UNB, 1968.
- _____. *Seleção para jovens*. Coleção Brasil Moço. Rio de Janeiro: José Olympio e INL/MEC, 1971.
- _____. *Ordem & Progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: J.Olympio; Brasília: INL, 1974.
- _____. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- _____. *Vida social no Brasil nos meados do século XIX*. Rio de Janeiro: Artenova; Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1977a.
- _____. *Sobrados & Mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. 5. ed. Rio de Janeiro: J.Olympio; Brasília: INL, 1977b.
- _____. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: J.Olympio; Brasília: INL, 1977c.
- _____. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor, 1918-1926*. São Paulo: IBRASA; Brasília: INL, 1979.
- _____. *Um escritor brasileiro recorda seus contatos com a Espanha*. Cultura. MEC. Brasília, n.10, v. 35, p. 103-112, jul/dez. 1980.
- _____. *Gilberto Freyre na Universidade de Brasília: conferências e comentários de um simpósio internacional realizado de 13 a 17 de outubro de 1980*. Brasília: Ed. da UNB, 1981.
- _____. *Casa-Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 30 ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

III. Pesquisa na Internet:

DOYLE, A. Conan; POE, E. Allan; SPENCER, Hebert; PATER, Walter H.; HEARN, P. Lafcadio; CHESTERTON, G. K.; ORTEGA y GASSET, J.; os irmãos GONCOURT; PROUST, Marcel. *Biografia Intelectual*. In: Biblioteca Virtual Wikipedia. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki> - Acesso em: 03/2006.

FONSECA, Edson N. da. *Cronologia da vida e da obra de Gilberto Freyre*. Fundação Joaquim Nabuco. Disponível em <http://www.fundaj.org.br> - Acesso em: 28/07/2006.

FREYRE, Gilberto. *Das palavras ao desenho das palavras*. Entrevista concedida à TV Cultura de São Paulo, 1972. In: Biblioteca Virtual Gilberto Freyre. Coleções Especiais. Audiovisual: Vídeo. Disponível em <http://www.fgf.org.br> - Acesso em: 22/10/2005.

_____. *Iconografia: desenhos, pinturas, caricaturas, fotografias*. In: Biblioteca Virtual Gilberto Freyre. Coleções Especiais. Disponível em <http://www.fgf.org.br> - Acesso em: 22/10/2005.

_____. *Biografia, artigos de imprensa, periódicos científicos, livros, opúsculos, entrevistas*. In: Biblioteca Virtual Gilberto Freyre. Disponível em <http://www.fgf.org.br> Acesso em: 22/10/2005.

_____. *Biografia, poemas, ensaios*. In: Projeto Releituras de Arnaldo Nogueira Jr. Disponível em http://www.releituras.com/gilbertofreyre_menu.asp - Acesso em: 28/07/2006.

IV. Jornais, revistas, catálogos e outras publicações:

BASTOS, Elide Rugai. *Gilberto Freyre: a sociologia como sistema*. Ciência & Trópico. Recife, v. 15, n. 2, p. 157-164, jul/dez, 1987.

_____. *Os descendentes de Prometeu*. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, março (12). 2000.

BRIGGS, Asa. *Gilberto Freyre e o estudo da história social*. In: Gilberto Freyre na Universidade de Brasília: conferências e comentários de um simpósio internacional realizado em Brasília de 1980. Brasília: Ed. da UNB, 1981. 27-41 pp.

BURKE, Peter. *Uma história da intimidade*. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, março (12). 2000.

_____. *Gilberto Freyre e a nova história*. Tempo Social. São Paulo, v. 9, n. 2, p. 1-12, out, 1997.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Quase mito*. In: Brasil: frente e verso. Caderno mais! Folha de S. Paulo, São Paulo, setembro (28). 2003.

CARVALHO, Mario Cesar. *FHC fala sobre Gilberto Freyre*. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, março (12). 2000.

CHAGAS, Mário e REIS, Carlos Antônio (orgs). *50 anos de casa-grande & senzala: exposição itinerante*. Catálogo. Recife: Massangana, 1983.

DAMATTA, Roberto. *Dez anos depois: em torno da originalidade de Gilberto Freyre*. Ciência & Trópico. Recife, v. 21, n. 1, p. 17-37, set. 1997.

FISCHER, Luís Augusto. *O pensador do Brasil*. Série Grandes Mentes. Super Interessante. São Paulo, p. 68-73, out. 2003.

FRANCO, Afonso Arinos de Melo. *Uma obra rabelaisiana*. In: FONSECA, Edson N. da (Ed.). Casa-Grande & Senzala e a crítica brasileira de 1933 a 1944. Recife: Cia Ed. de Pernambuco, 1985. 81-88 pp.

FUNDAÇÃO GILBERTO FREYRE. *Gilberto Freyre 100 anos: viagem em torno de G.Freyre*. Cd-Rom 1. Recife: Technomídia, 2000.

LARRETA, Enrique. *Itinerário da formação*. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, março (12). 2000.

LIMA, João Gabriel de. *O baú do gênio de Apipucos*. Veja. Cultura. São Paulo, p.70-77, 15, set. 1999.

MARCONDES, J. V. Freitas. *Gilberto Freyre e o cinquentenário de Casa-Grande & Senzala*. Problemas Brasileiros. São Paulo, n. 20, v. 226, p. 6-14, ago. 1983.

MARRAS, Stélio; DIMAS, Antonio; CAVALCANTI, Claudia e BARBOSA, João Alexandre. In: *Gilberto Freyre: o inventor do Brasil*. Revista Brasileira de Literatura - Cult. São Paulo, n. 32, ano III, p.37-63, março, 2000.

MATTOS, Florisvaldo. *Ioio-de-iaiá: na casa-grande de cem anos*. A Tarde. Salvador, 25, mar. 2000. Ilustrada.

MEDEIROS, Maria Alice de A. *Casa-Grande & Senzala: uma interpretação*. Dados, Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v. 23, nº 2, 1980, 215-236 pp.

MELLO, Evaldo Cabral de. *O ovo de Colombo gilbertiano*. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, março (12). 2000.

- OLIVEIRA, Waldir Freitas. *Gilberto Freyre: mais na originalidade que no método e estilo*. A Tarde. Salvador, 25, mar. 2000.
- PALLARES-BURKE, Maria L. G. *Gilberto Freyre e a Inglaterra: uma história de amor*. Tempo Social. São Paulo, v.9, n.2, p.13-38, out. 1997.
- PEREIRA, José Mario. *Fragmentos de um discurso*. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, março (12). 2000.
- RIBEIRO, Orlando. *Casa-Grande & Senzala*. A Voz de S.Tomé. São Tomé, dez. (22). 1951.
- RODRIGUES, Márcia Barros F. *Razão e sensibilidade: reflexões em torno do paradigma indiciário*. In: Dimensões. Revista de História. Vitória: UFES/CCHN, n.17, 2005. 213-221 pp.
- SOARES, Geraldo Antônio. *Gilberto Freyre, historiador da cultura*. Revista Afro-Ásia, (27). 2002. 223-248 pp.
- TRIGUEIROS, Luíz Forjaz. *Gilberto Freyre*. Diário Popular de Lisboa. Lisboa, jan. (29). 1952.
- VASCONCELLOS, Gilberto. *Uma civilização nos trópicos*. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, março (12). 2000.
- VENTURA, Roberto. *Casa-Grande e Senzala*. São Paulo: Publicafolha, 2000a.
- _____. *A saga da cana-de-açúcar*. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, março (12). 2000b.
- _____. *Casa-Grande e Senzala: ensaio ou autobiografia?* In: Seminário de Tropicologia “O Brasil e o século XXI – desafios e perspectivas”. Anais. Recife, 2001.
- VIANNA, Hermano. *Equilíbrio de antagonismos*. In: Céu & Inferno de Gilberto Freyre. Caderno mais! Folha de S. Paulo. São Paulo, março (12). 2000.

Apêndice 1A

Fotografias



Gilberto Freyre aos 6 anos de idade.



Gilberto Freyre aos 14 anos de idade.



Gilberto Freyre aos 17 anos, na praia de Boa Viagem (Pernambuco).



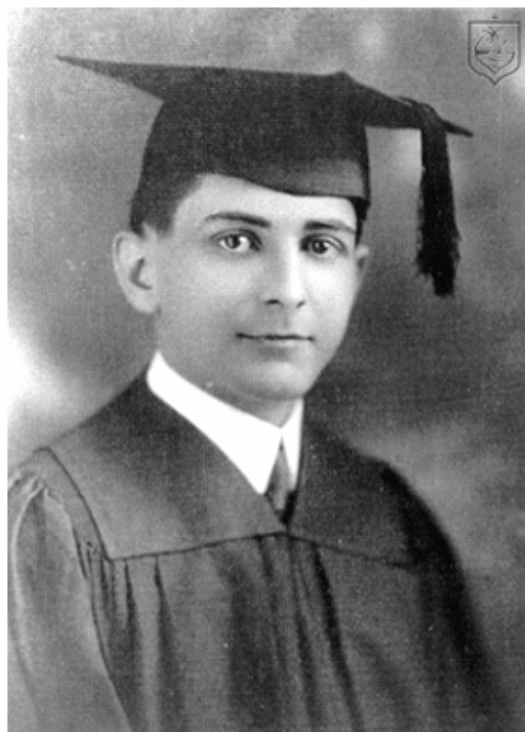
Alfredo Freyre e seu filho Gilberto, 1917.



Gilberto Freyre fantasiado de cowboy.
Nova Iorque - 1917 ou 1918.



Gilberto Freyre em julho de 1919.



Gilberto Freyre na Universidade de Baylor, 1920.



Primeira foto de GF depois do regresso
do estrangeiro ao Brasil, 1923.



Gilberto Freyre (1923)



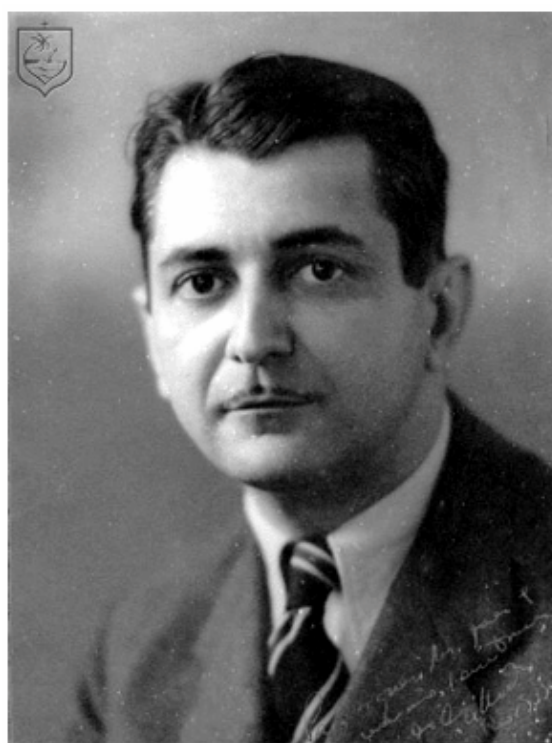
Alfredo Freyre (Pai), Maria da Graça (Irmã) e Gilberto Freyre
Recife – PE (1923)



Gilberto Freyre, Alfredo Freyre (Pai), Dona Francisca (Mãe) e G.Freyre Costa (sobrinho)
Recife - PE (1923)



Gilberto Freyre na década de 20.



Gilberto Freyre na década de 30

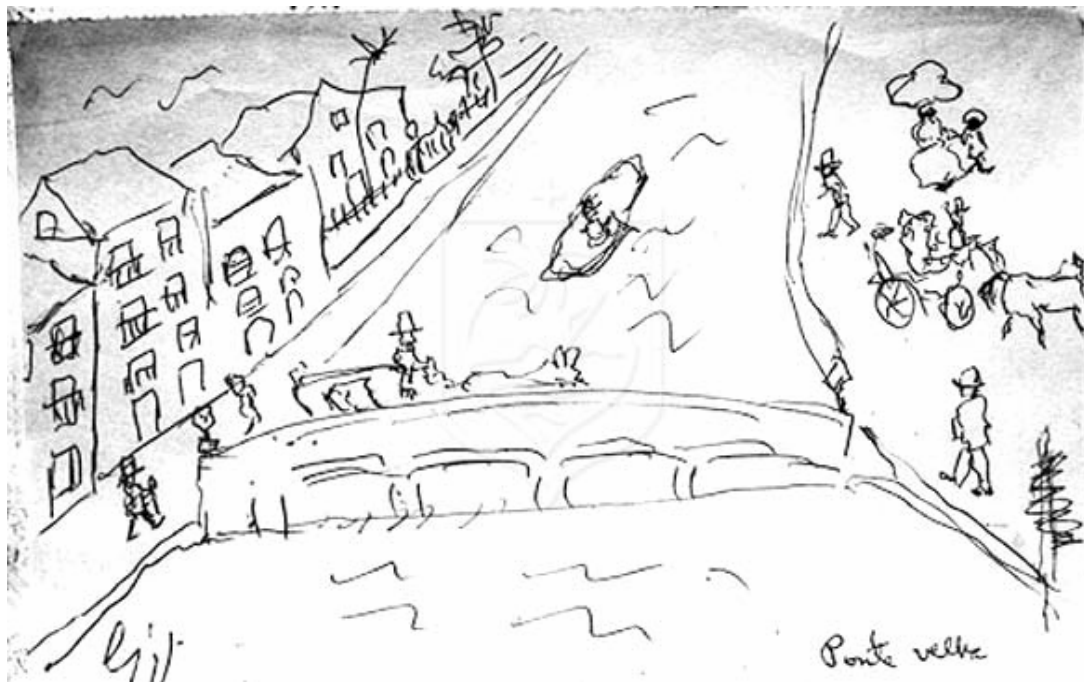
Apêndice 1B

Desenhos

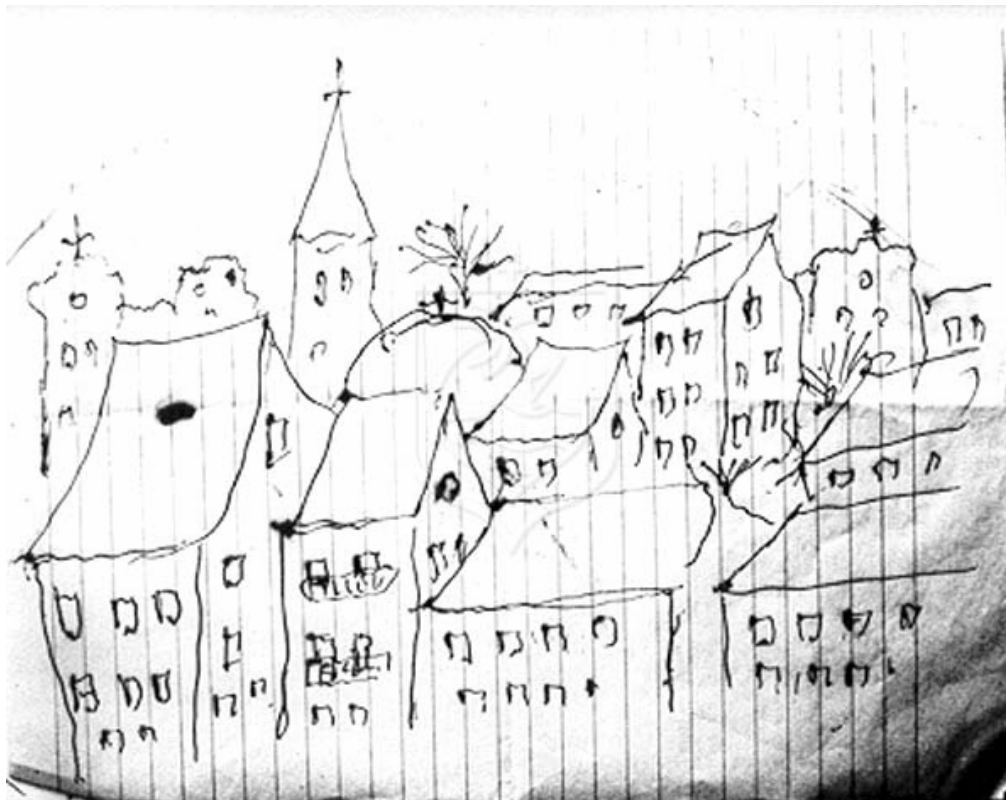
Trabalhador de engenho com o carro de boi cheio de cana
Pernambuco



Ponte Velha – Recife – Pernambuco



**Recordação do Recife antigo, telhados dos casarios e igrejas
Pernambuco**



Apêndice 1C

Caricaturas

Nota: Observe como o jovem Freyre desenhou sua presença ao lado de mestres queridos – sempre menor e pouco expressiva –



Washington, 1923

Gilberto Freyre e o historiador-sociólogo pernambucano Oliveira Lima



New York 1922

Gilberto Freyre conversando com o escritor indiano Sir Rabindranath Tagore



Londres 1923

Gilberto Freyre jantando em Londres com o escritor Antônio Torres



Paris 1922

Gilberto Freyre no atelier do pintor e poeta pernambucano Vicente do Rego Monteiro



New York 1922

Gilberto Freyre vendo desenhos e poemas do poeta americano Vachel Lindsay



Lisboa 1923

Gilberto Freyre tomando vinho do porto na casa do historiador da literatura e ensaísta português Fidelino de Figueiredo

Apêndice 2

Expressões registradas por Freyre em seu diário:

“franciscanamente lírico”, “um Ford todo osso”, “barbas tristemente brancas”,
“molemente maduro”, “tristonhamente virtuoso”, “boca em bico de prógnato”,
“melancolicamente acinzentado”, “num doce esforço”, “como uma acre volúpia”, “num
langor todo mole de doença”, “ruas de doces sombras”, “de uma verticalidade arrogante
de atitudes”, “igrejas gordas”, “voz oleosa”, “pessoalzinho ralo”, “igrejas
brasileiramente amarelinhas”, “gorda comida de engenho”, “verde beleza de
adolescente”, “mulheres de gordo corpo maduro”, “pastéis untuosamente eclesiásticos”,
“esforço acre”, “adstringência de expressão”, “agudos relevos góticos”, “volúpias
rasteiras”, “brilhos vivos de ação”, “acre fragrância”, “vida deliciosamente lírica”,
“frescor todo lírico de expressão”, “contorno sensual de idéias”, “um ritmo todo novo
de expressão”, “hanesmanismo standardizador”, “gosto todo afrancesado”,
“horrivelmente tristonho”, “aquele seu rosto agudo de polichinelo”, “bochechas de
quem sopra corneta”, “a mais oriental e mole das preguiças”, “vida cinzentamente
puritana”, “reis castrati do constitucionalismo”, “menino de luto da própria meninice”,
“rei que governa como governante inglesa”, “tudo pelo só critério moral”, “calvinismo
político”, “imperador de cartola liberal”, “conselheiros e titulares [os do império] do
tamanho de conselheiros e titulares de Eça”, “paisagem dura e acre”, “relevo festivo de
cor”, “sabor bem da terra”, “requeime de fáceis amores”, “descanso de seu”,
“figura estranhamente gótica”, “flama criadora”.

Apêndice 3A

Um outro Brasil que vem aí

Gilberto Freyre (1926)

Eu ouço as vozes
eu vejo as cores
eu sinto os passos
de outro Brasil que vem aí
mais tropical
mais fraternal
mais brasileiro.

O mapa desse Brasil em vez das cores dos Estados
terá as cores das produções e dos trabalhos.

Os homens desse Brasil em vez das cores das três raças
terão as cores das profissões e regiões.

As mulheres do Brasil em vez das cores boreais
terão as cores variamente tropicais.

Todo brasileiro poderá dizer: é assim que eu quero o Brasil,
todo brasileiro e não apenas o bacharel ou o doutor
o preto, o pardo, o roxo e não apenas o branco e o semibranco.

Qualquer brasileiro poderá governar esse Brasil
lenhador
lavrador
pescador
vaqueiro
marinheiro
funileiro
carpinteiro

contanto que seja digno do governo do Brasil
que tenha olhos para ver pelo Brasil,
ouvidos para ouvir pelo Brasil
coragem de morrer pelo Brasil
ânimo de viver pelo Brasil
mãos para agir pelo Brasil

mãos de escultor que saibam lidar com o barro forte e novo dos Brasis
mãos de engenheiro que lidem com ingresias e tratores europeus e norte-americanos a
serviço do Brasil

mãos sem anéis (que os anéis não deixam o homem criar nem trabalhar).
mãos livres

mãos criadoras

mãos fraternais de todas as cores

mãos desiguais que trabalham por um Brasil sem Azeredos,
sem Irineus

sem Maurícios de Lacerda.

Sem mãos de jogadores
nem de especuladores nem de mistificadores.

Mãos todas de trabalhadores,
pretas, brancas, pardas, roxas, morenas,
de artistas
de escritores
de operários
de lavradores
de pastores
de mães criando filhos
de pais ensinando meninos
de padres benzendo afilhados
de mestres guiando aprendizes
de irmãos ajudando irmãos mais moços
de lavadeiras lavando
de pedreiros edificando
de doutores curando
de cozinheiras cozinhando
de vaqueiros tirando leite de vacas chamadas comadres dos homens.
Mãos brasileiras
brancas, morenas, pretas, pardas, roxas
tropicais
sindicais
fraternais.
Eu ouço as vozes
eu vejo as cores
eu sinto os passos
desse Brasil que vem aí.

Apêndice 3B

Bahia de todos os santos e de quase todos os pecados

Gilberto Freyre (1926)

Bahia de todos os santos (e de quase todos os pecados)
casas trepadas umas por cima das outras
como um grupo de gente se espremendo
p'ra sair num retrato de revista ou jornal
igrejas gordas (as de Pernambuco são mais magras)
toda a Bahia é uma maternal cidade gorda
como se dos ventres empinados dos seus montes
dos quais saíram tantas cidades do Brasil
inda outras estivessem p'ra sair.

ar mole oleoso com cheiro de comida
automóveis a 30\$ a hora
e um "Ford" todo osso sobe qualquer ladeira
saltando, pulando, tilintando
p'ra depois escorrer sobre o asfalto novo
que branqueja como dentadura postiça
entre as casas velhas

gente da Bahia!
preta, parda, roxa, morena
cor de bons jacarandás de engenho
do Brasil
(madeira que cupim não rói)
sem caras cor de fiambre
nem rostos cor de peru frio
sem borrões de manteiga francesa
(cabelo ruivo de inglês e de alemão)
Bahia ardendo de cores quentes
carnes mornas gostos picantes

eu detesto teus oradores, Bahia de todos os santos,
teus ruys barbosas teus otávios mangabeiras
mas gosto dos teus angus e das tuas mulatas
tabuleiros flores de papel candieirinhos
tudo à sombra das tuas igrejas
todas cheias de anjos bochechudos
sãojoões, sãojosés, meninozinhos-Deus
e com senhoras gordas se confessando
a frades mais magros do que eu
(o padre reprimido que há em mim
se exalta diante de ti, Bahia
e perdoa suas superstições
teu comércio de medidas de Nossa Senhora e de Nossos Senhores do Bonfim)

negras velhas da Bahia
vendendo mingau e vendendo angu
negras velhas de xale encarnado
e de mole peito caído
mães das mulatas mais quentes do Brasil
mulatas do gordo peito em bico
como p'ra dar de mamar
a tudo quanto é menino do Brasil
Bahia de quase todos os pecados
escorrediza lama de carne
ranger de camas de lona
sob corpos ardendo, suando de gozo
moquecas da preta Eva
caruru vatapá azeite de dendê
cachos de gordas bananas
balaies de enormes laranjas
bacharéis de pince-nês
gênios de Sergipe
bonecas de pano
mulatos de fraque
estudantes de medicina
chapéus do Chile
botinas de elástico
mulatinhos de fala fina
literatos que tomam a sério Mário Pinto Serva
requintados que lêem Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia

patriotas que dão viva ao sr. Pedro Lago
chegado do Rio pelo Ruy Barbosa
e outros com saudade do doutor Seabra

Bahia
um dia voltarei com vagar ao teu seio brasileiro
ao teu quente seio brasileiro
às tuas igrejas cheirando a incenso
aos teus tabuleiros escancarados em X
(esse X é o futuro do Brasil)
e cheirando a mingau e a angu.

Apêndice 4

Pinturas



Ama negra e criança branca - óleo sobre tela



'Casa Grande e rede de Sinhô - óleo sobre tela



Casa Grande, senzala e carro de Sinhá - óleo sobre tela



'Sobrados e Botes' - óleo sobre tela



'Porcelana Patriarcal' - aquarela gde



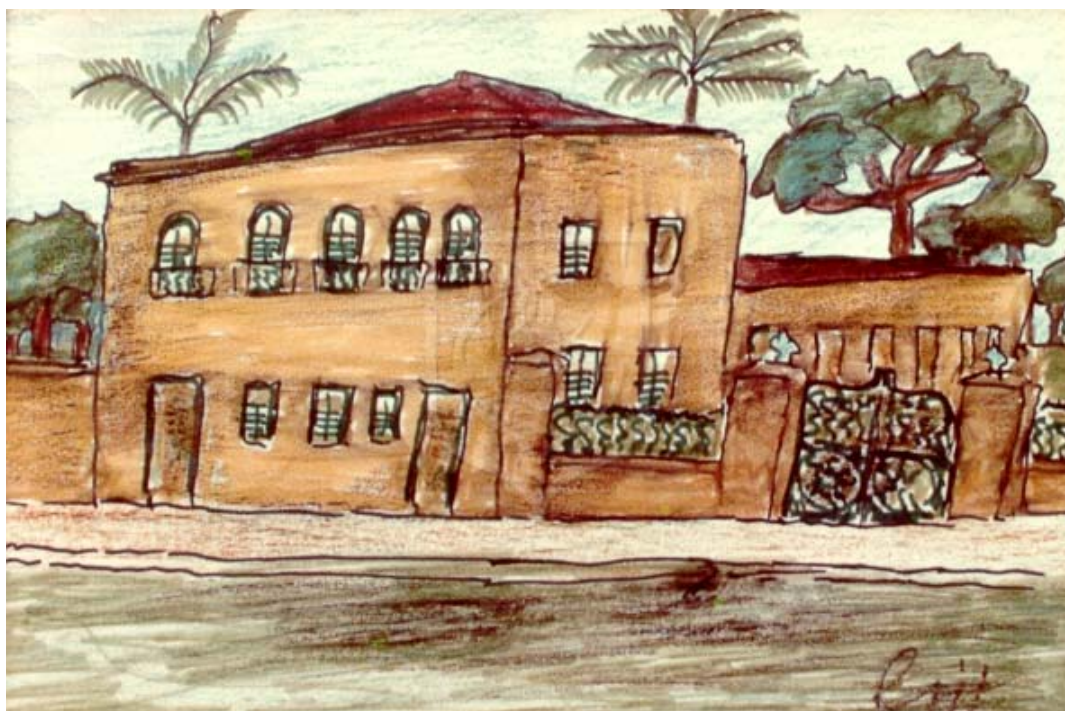
Quarto de solteira - óleo sobre tela



Casa-Grande - óleo sobre tela



Alto da misericórdia - óleo sobre tela



Sobrado amarelo - óleo sobre tela

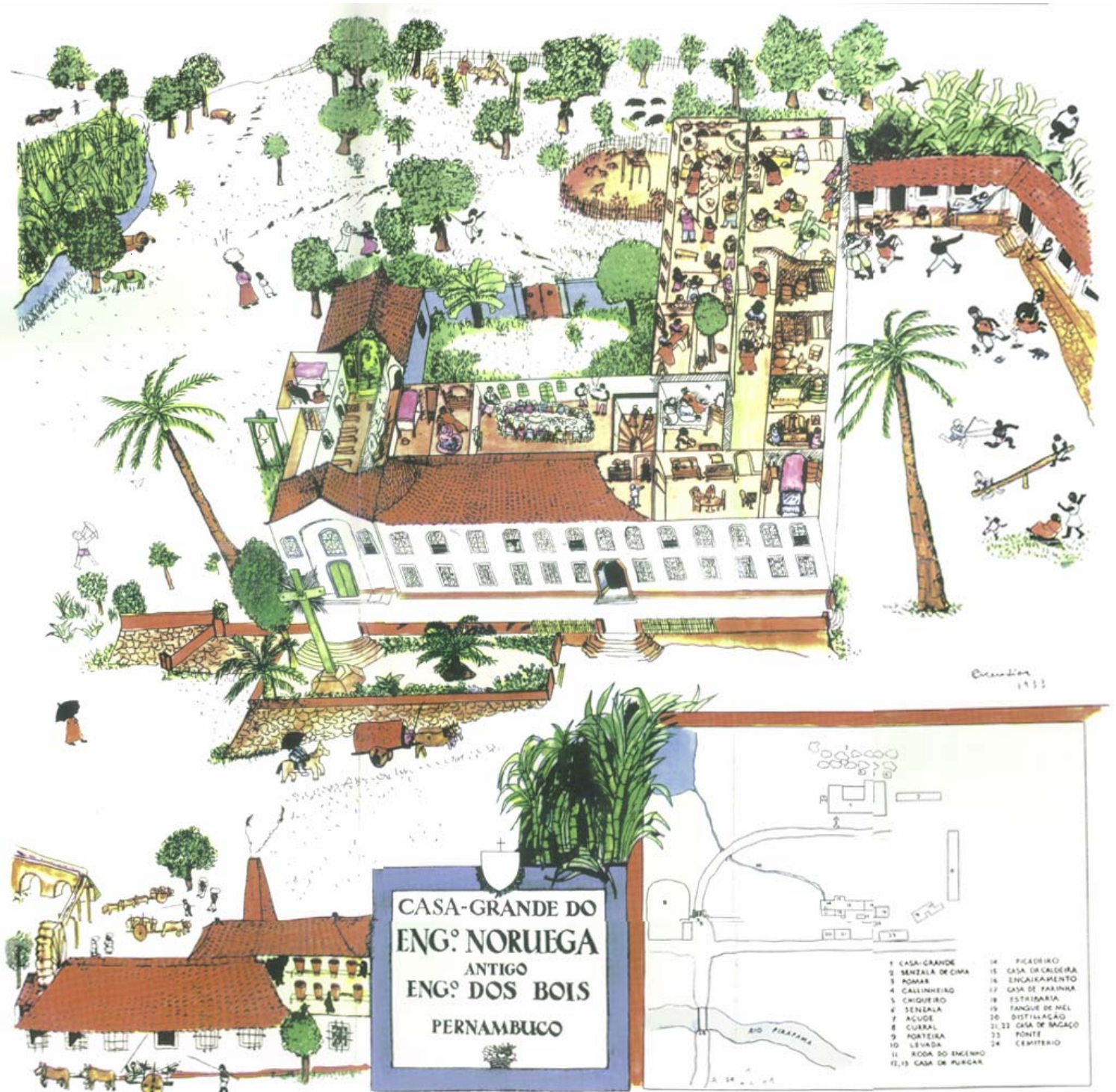


Loura e trópico - óleo sobre tela

Anexo 1

Desenho de Cícero Dias

Ilustração da 1ª edição de *Casa-Grande & Senzala* (1933)



Anexo 2

Casa-Grande & Senzala

Manoel Bandeira (1949)

“Casa-Grande & Senzala”
Grande livro que fala
Desta nossa leseira
Brasileira.

Mas com aquele forte
Cheiro e sabor do Norte
– Dos engenhos de cana
(Massangana!)

Com fuxicos danados
E chamegos safados
De mulecas fulôs
Com sinhôs!

A mania ariana
Do Oliveira Viana
Leva aqui a sua lambada
Bem puxada.

Se nos brasis abunda
Jenipapo na bunda,
Se somos todos uns
Octoruns,

Que importa? É lá desgraça?
Essa história de raça,
Raças más, raça boas
– Diz o Boas –

É coisa que passou
com o franciú Gobineau.
Pois o mal do mestiço
Não está nisso.

Está em causas sociais,
De higiene e outras que tais:
Assim pensa, assim fala
Casa-Grande & Senzala.

Livro que a ciência alia
A profunda poesia
Que o passado revoca
E nos toca.

A alma do brasileiro,
Que o portuga femeeiro
Fez e o mau fado quis
Infeliz!

Anexo 3

“Casa-Grande & Senzala”

Gilberto Freyre - 1933

Depoimentos:

É impossível dar, em poucas linhas, idéia do livro que Gilberto Freyre consagrou a este assunto sob o título da presente nota. Porventura a mais rica e vigorosa das suas obras – em todo caso a mais célebre – é, ao mesmo tempo, um repositório de fatos miudamente averiguados, uma síntese estruturada com solidez e um exemplo do método de investigação. O autor recorreu a processos de pesquisa até aí desdenhados: velhos álbuns de retratos de família, receitas de cozinha e doçaria, reminiscências da casa grande ainda meio patriarcal onde decorreu sua infância, anúncios de jornais esquecidos, miudezas desprezadas pela ciência oficial... Esquadrinhou todos os recessos da vida social, desde o terreiro de trabalho ata a intimidade da vida doméstica dos escravos e senhores, as suas alegrias e os seus sofrimentos, as suas misérias e grandezas [...] esmiuçando o pormenor característico, repisando os dados essenciais em que assenta a construção, aproximando e encadeando uma assombrosa massa de fatos aparentemente desconexos, o autor desenha a estrutura social do seu país...

Orlando Ribeiro - De *A Voz de São Tomé*, de 22 de dezembro de 1951

Casa-Grande & Senzala é um livro não apenas para ler, mas também para ouvir, comer e cheirar como que vicariamente o que os povoadores do Brasil colonial ouviam, comiam e cheiravam, tanto quanto para empaticamente viver, amar e até morrer como eles viviam, amavam e morriam.

Edson Nery da Fonseca, 1983

Casa-Grande & Senzala não foi apenas escrito em brasileiro, ou seja, no português do Brasil que se enriqueceu e se adoçou na mistura com os dialetos indígenas e com os idiomas africanos; foi pensado em brasileiro, concebido em brasileiro. [...] Assim é a escrita do livro de Gilberto: a seriedade científica, a pesquisa apaixonada, o elaborado conteúdo são servidos por uma qualidade literária insuperável, a ser degustada por qualquer leitor.

Jorge Amado, 1983

Casa-Grande & Senzala começa pelo familiar que, segundo Hegel, é o mistério do mistério. Para alcançar o contentamento de si, o conhecimento da subjetividade do pai, da mãe, dos filhos, da criadagem. Na forma de reconstruir a vida dos nossos antepassados quase desaparece da narrativa a visão adulta. É a história da vida de menino no Brasil [...] Quanto ao método, é ele mesmo, pessoal, intransferível.

Gilberto Vasconcellos, 2000

“O tempo poetiza as pessoas e as coisas”

Gilberto Freyre, 1921